

PRÊMIO GOODREADS PARA MELHOR LIVRO DE FICÇÃO

A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE

Uma biblioteca.
Vidas infinitas.



Finalista
British Book Awards
MELHOR LIVRO
DE FICÇÃO
DO ANO

MATT HAIG

TOP
SEL
LER

BESTSELLER NEW YORK TIMES,
SUNDAY TIMES E AMAZON



PRÊMIO GOODREADS PARA MELHOR LIVRO DE FICÇÃO

A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE

Uma biblioteca.
Vidas infinitas.



Finalista
British Book Awards
MELHOR LIVRO
DE FICÇÃO
DO ANO

MATT HAIG

TOP
SEL
LER

BESTSELLER NEW YORK TIMES,
SUNDAY TIMES E AMAZON

«Uma luz de esperança e sabedoria rara e bem-vinda
no meio da escuridão.»

Joanne Harris

«Um livro inteligente e emotivo que dá que pensar.»

Jenny Colgan

«Espantoso e belíssimo, *A Biblioteca da Meia-Noite* é tudo o que se poderia esperar
do genial contador de histórias que é Matt Haig.»

Joanna Cannon

«Uma fábula belíssima, um *Do Céu Caiu Uma Estrela*
dos tempos modernos. Incrivelmente intemporal, numa altura
em que estamos todos encurralados num mundo
que desejaríamos que fosse diferente.»

Jodi Picoult

«Matt Haig é um dos autores mais importantes do nosso tempo.»

Dolly Alderton

«Uma leitura absorvente mas confortável. Uma visão de possibilidades ilimitadas, de
novos caminhos para explorar, de um mundo completamente diferente que, de algum
modo, está à nossa disposição, algures, pode ser exatamente aquilo que desejamos
nestes tempos atribulados e preocupantes.»

The New York Times

«Uma celebração das possibilidades da vida...
Um belo conceito... Encantador.»

The Guardian

«Uma leitura deliciosa, repleta de calor humano e humor, e uma vibrante celebração
do poder que os livros têm de mudar vidas.»

The Sunday Times

«Matt Haig é um dos autores populares mais inspiradores dos nossos tempos. Neste

seu último livro, pegou num conceito inteligente e cativante e criou uma história enternecedora que, do mesmo modo enganadoramente simples, é capaz de rivalizar em termos de sabedoria com as melhores histórias de Mitch Albom.»

The Independent

«Uma protagonista por quem torcemos, capaz de carregar consigo esta fábula fantasiosa mas astuta acerca dos debilitantes efeitos do remorso.»

The Observer

«Uma premissa genial e divertida, com tantas histórias num só livro.»

The Daily Mail

«Um livro altamente original que nos deixa a pensar sobre a importância de dar valor à vida que temos.»

The Independent

«A ficção cruza-se com a terapia numa fábula otimista típica de Matt Haig.»

The Mail on Sunday

«Uma parábola fascinante e evocativa, não muito diferente de uma versão literária de *Instantes Decisivos* ou *Do Céu Caiu Uma Estrela*, acerca do destino e do poder do arrependimento.»

Irish Independent

«Uma história contada com mestria.»

The Sun

«Sem dúvida, a melhor obra de Matt Haig até à data... Extremamente evocativo e maravilhosamente escrito.»

The Herald

«Genial. Vai até ao âmago do que tem importância na vida... e do que não tem.»

Sunday Express

«Uma encantadora história de esperança, destino e segundas oportunidades.»

Waterstones

«Encantador. A agradável voz narrativa e a imaginação de Matt Haig irão recompensar os leitores que tirarem este livro da prateleira.»

Publishers Weekly

«Uma inesperada fantasia acerca do que é importante na vida.»

Kirkus Reviews

«Imprescindível.»

BookRiot

«A *Biblioteca da Meia-Noite* é um livro escrito para amantes de livros.»

The Oprah Magazine

Para todos os profissionais de saúde.

Para todos os cuidadores.

Obrigado.

«Jamais poderei ser todas as pessoas que gostaria de ser e viver todas as vidas que gostaria de viver. Jamais poderei aprender todas as aptidões que gostaria de dominar. E porque desejo tudo isto? Quero viver e sentir todas as gradações, tons e variações de todas as experiências mentais e físicas possíveis na minha vida.»

Sylvia Plath

— Entre a vida e a morte existe uma biblioteca — começou ela. — E, nessa biblioteca, as estantes estendem-se até ao infinito. Cada um dos livros oferece-te a possibilidade de viveres outra vida que podias ter vivido. Permitem-te ver como as coisas podiam ter sido diferentes se tivesses feito outras escolhas... Se tivesses a oportunidade de voltar atrás nos teus arrependimentos, farias alguma coisa de modo diferente?

Uma Conversa sobre Chuva

Dezanove anos antes de decidir morrer, Nora Seed encontrava-se sentada na pequena biblioteca da escola de Hazeldene, na cidade de Bedford. Fitava um tabuleiro de xadrez na mesa baixa à sua frente.

— Nora, querida, é muito natural que te preocupes com o teu futuro — disse a bibliotecária, a Sra. Elm, com os olhos a brilhar como gelo ao sol. Então, fez a sua primeira jogada. Um cavalo a saltar sobre a aprumada fileira de peões. — É claro que tens de te preocupar com os exames. Mas podes ser aquilo que quiseres, Nora. Pensa em todas as possibilidades que tens pela frente. É entusiasmante.

— Sim, penso que seja.

— Tens uma vida inteira à tua frente.

— Uma vida inteira.

— Podes fazer aquilo que quiseres, viver onde quiseres. Talvez num sítio um pouco menos frio e húmido.

Nora empurrou um peão duas casas para a frente.

Era difícil não comparar a Sra. Elm à sua própria mãe, que tratava Nora como se ela fosse um erro que precisava de ser corrigido. Por exemplo, quando Nora era bebé, a mãe andava preocupadíssima com a possibilidade de a sua orelha esquerda vir

a ficar mais saliente do que a direita, por isso recorreu a fita adesiva para controlar a situação e usava um gorro de malha para o disfarçar.

— Eu *detesto* o tempo frio e húmido — acrescentou a Sra. Elm, para dar mais ênfase à questão.

A Sra. Elm tinha o cabelo grisalho curto e um rosto oval bondoso, um tanto enrugado; vestia uma camisola verde-tartaruga de gola alta. Era uma senhora bastante idosa. Mas, de toda a gente na escola, era a pessoa que mais estava em sintonia com Nora, por isso, mesmo quando não chovia, ela gostava de passar o intervalo da tarde na pequena biblioteca.

— O frio e a humidade nem sempre ocorrem ao mesmo tempo — disse-lhe Nora. — A Antártida é o continente mais seco da Terra. Tecnicamente, é um deserto.

— Bem, parece ser mesmo o lugar ideal para ti.

— Acho que não é suficientemente longe.

— Então talvez devesses ser astronauta. Viajar pela galáxia.

Nora sorriu.

— A chuva nos outros planetas ainda é pior.

— Pior do que em Bedfordshire?

— Em Vénus chove ácido puro.

A Sra. Elm tirou um lenço de papel do interior da manga e assoou delicadamente o nariz.

— Estás a ver? Com um cérebro como o teu, podes fazer o que quiseses.

Pela janela salpicada de chuva, Nora viu passar a correr um

rapaz louro que reconheceu de uma turma dois anos abaixo da sua. Andava a perseguir alguém ou a ser perseguido. Desde que o irmão tinha saído da escola, Nora sentia-se um pouco desprotegida. A biblioteca representava um pequeno abrigo da civilização.

— O meu pai acha que eu deitei tudo a perder. Agora que parei de nadar.

— Bem, longe de mim estar a criticar, mas há coisas mais interessantes neste mundo do que nadar muito depressa. Tens muitas vidas possíveis à tua frente. Como te disse na semana passada, podes ser glacióloga. Andei a fazer alguma pesquisa e...

Foi nesse momento que o telefone tocou.

— Um minuto — disse suavemente a Sra. Elm. — Vou só atender o telefone.

Um instante depois, Nora virou-se para observar a Sra. Elm ao ouvi-la dizer:

— Sim. Ela está aqui comigo. — O rosto da bibliotecária assumiu uma expressão de choque. Voltou-se de costas para Nora, mas as suas palavras eram audíveis do outro lado da sala silenciosa: — Oh, não. Não. Oh, meu Deus. É claro que sim...

DEZANOVE ANOS DEPOIS

O Homem à Porta

Vinte e sete horas antes de decidir morrer, Nora Seed estava sentada no seu sofá velho a ver fotografias das vidas felizes das outras pessoas, à espera de que algo acontecesse. Até que algo aconteceu, vindo do nada.

Alguém lhe tocou à campainha, fossem quais fossem os seus motivos peculiares.

Por momentos, ainda se questionou se devia ignorar e não abrir a porta. Afinal, já estava com a roupa de dormir, embora ainda só fossem nove da noite. Sentia-se constrangida com a sua t-shirt larga em que se lia «ECO GUERREIRA» e as suas calças de pijama axadrezadas.

Calçou os chinelos, para se apresentar ligeiramente mais civilizada, e descobriu que a pessoa que estava à porta era um homem, e ela sabia quem ele era.

Era alto, magro e meio desajeitado, de ar jovial e rosto bondoso, mas os seus olhos tinham um brilho e uma vivacidade especiais, como se pudessem ver através dos objetos.

Foi bom vê-lo, ainda que um pouco surpreendente, principalmente porque ele encontrava-se equipado para fazer desporto e estava corado e transpirado, apesar do tempo frio e chuvoso. A justaposição entre os dois fê-la sentir-se ainda mais

andrajosa do que cinco segundos antes.

No entanto, Nora andava a sentir-se muito sozinha. E embora tivesse estudado o suficiente de filosofia existencial para acreditar que a solidão era um aspeto fundamental no ser humano enquadrado num universo essencialmente desprovido de significado, foi muito agradável vê-lo.

— Ash — disse ela, com um sorriso. — Chamas-te Ash, não é?

— Sim. Chamo-me Ash.

— O que estás aqui a fazer? É bom ver-te.

Algumas semanas antes, ela estava sentada a tocar no seu piano elétrico quando ele desceu a Bancroft Avenue a correr e, ao vê-la pela janela da sua casa no 33A, acenou-lhe timidamente. Em certa ocasião, já alguns anos antes, ele convidara-a para beber café. Talvez estivesse prestes a fazê-lo novamente.

— É bom ver-te também — disse ele, mas a sua testa tensa não corroborava as suas palavras.

Quando Nora se lhe dirigia na loja, ele parecia sempre uma pessoa descontraída, porém agora a sua voz carregava qualquer coisa pesada. Coçou a testa. Fez outro som estranho, mas não chegou a conseguir pronunciar uma palavra inteira.

— Estiveste a correr? — Que pergunta inútil. Era evidente que tinha saído para correr. Mas ele pareceu ficar momentaneamente aliviado por ter qualquer coisa trivial para dizer.

— Sim. Vou fazer a meia-maratona de Bedford. É este domingo.

— Ah, muito bem. Que bom. Eu também pensei em fazer uma meia-maratona, mas depois lembrei-me de que detesto correr.

Isto parecera-lhe mais engraçado quando o pensara do que

agora, com as palavras verbalizadas e libertas no ar. E ela nem sequer detestava correr. Ainda assim, sentiu-se perturbada ao ver a seriedade da expressão dele.

— Disseste-me que tinhas um gato — acabou ele por afirmar.

— Sim. Tenho um gato.

— Eu lembro-me do nome dele. É *Voltaire*. Um gato ruivo às riscas?

— Sim. Chamo-lhe *Volts*. Ele acha *Voltaire* um pouco pretensioso. Como se veio a revelar, não é grande adepto de filosofia e literatura francesas do século XVIII. É um gato muito terra a terra. Sabes como é... Para um gato.

O Ash baixou os olhos para os chinelos dela.

— Receio que ele tenha morrido...

— O quê?!

— Está ali deitado na beira da estrada, muito quieto. Vi o nome na coleira dele e acho que é capaz de ter sido atropelado por um carro. Lamento muito, Nora.

Nora sentia-se tão assustada com a súbita torrente de emoções que a inundou que continuou a sorrir, como se o sorriso tivesse a capacidade de a manter no mundo em que estava até uns instantes antes, um mundo no qual *Voltaire* estava vivo e aquele homem a quem vendia pautas de música para guitarra lhe tivesse batido à porta por outro motivo qualquer.

Segundo se lembrava, Ash era cirurgião. Não veterinário, mas um cirurgião de pessoas. Se ele dizia que algum ser estava morto, a probabilidade era que, de facto, estivesse.

— Lamento muito.

Nora sentiu uma onda familiar de tristeza. A única coisa que a impedia de chorar era a sertralina que ainda havia no seu corpo.

— Oh, meu Deus.

Saiu para a rua, para as lajes rachadas e molhadas da Bancroft Avenue, mal conseguindo respirar, e viu o pobre bichinho peludo às riscas alaranjadas deitado no alcatrão brilhante molhado da chuva, colado ao passeio. Tinha a cabeça encostada à berma e as patas esticadas numa espécie de galope médio, como se estivesse a perseguir um pássaro imaginário.

— Oh, Volts. Oh, não. Oh, meu Deus.

Sabia que devia sentir pena e desespero pelo seu amigo felino — e sentia —, mas era forçada a reconhecer outra coisa também. Enquanto fitava a expressão calma e pacífica de *Voltaire* — a sua total ausência de dor —, havia um sentimento inescapável a ganhar força na escuridão.

Inveja.

Teoria das Cordas

Quando ela era mais nova, o pai costumava ficar ao lado da piscina, com os maxilares cerrados e os olhos a viajarem entre o cronómetro e a filha, enquanto ela tentava bater os seus recordes pessoais. Agora, ao chegar atrasada e ofegante para o seu turno da tarde na loja Teoria das Cordas, lembrou-se daquele olhar sentenciador, já há tanto tempo desaparecido, que recebia com frequência depois de um grande esforço.

— Desculpa — disse a Neil, que estava no minúsculo caixote sem janelas que lhe servia de escritório. — O meu gato morreu. Ontem à noite. E tive de o enterrar. Bem, alguém me ajudou a enterrá-lo. Mas depois fiquei sozinha no meu apartamento e não conseguia dormir, esqueci-me de ligar o despertador e só acordei ao meio-dia. Depois tive de fazer tudo à pressa.

Era tudo verdade e Nora imaginava que o seu aspeto — incluindo o rosto sem maquilhagem, o rabo de cavalo solto e desmazelado e o mesmo vestido em segunda mão de bombazina verde com peitilho que usara durante toda a semana, combinado com o seu ar generalizado de cansaço e desespero — corroboraria a história.

Neil levantou o olhar do computador e reclinou-se na cadeira. Juntou as mãos e fez um campanário com os indicadores, sobre

os quais apoiou o queixo, como se fosse o próprio Confúcio a meditar sobre uma verdade filosófica profunda acerca do Universo e não o dono de uma loja de equipamentos musicais a lidar com uma funcionária atrasada. Na parede atrás de si havia um cartaz gigantesco dos Fleetwood Mac; o canto superior direito estava descolado e fazia lembrar a orelha descaída de um cão.

— Escuta, Nora, eu gosto de ti. — Neil era inofensivo. Um amante de guitarras com 50 e poucos anos que gostava de contar anedotas pirosas e tocar *covers* do Dylan ao vivo na loja, o que fazia com relativa habilidade. — E sei que tens as tuas cenas de saúde mental.

— Toda a gente tem cenas de saúde mental.

— Sabes o que quero dizer.

— Estou a sentir-me bastante melhor, genericamente falando — mentiu ela. — Não se trata de um caso clínico. O médico diz que é uma depressão situacional. O problema é que continuo a encontrar novas... situações. Mas não tirei dia nenhum por causa disso. A não ser quando a minha mãe... Sim. Essa foi a única vez.

Neil suspirou. Ao soltar o ar, fez um ruído sibilante com o nariz. Um ominoso si bemol maior.

— Há quanto tempo trabalhas aqui, Nora?

— Há 12 anos e... — sabia aquilo bem demais — 11 meses e 3 dias. Mais coisa menos coisa.

— Isso é muito tempo. Sinto que estás destinada a coisas muito melhores. Já estás na reta final dos 30.

— Tenho 35 anos.

— Mas tens tanta coisa a teu favor. Ensinas pessoas a tocar piano...

— Uma pessoa.

Ele sacudiu uma migalha da camisola.

— Imaginaste que o teu futuro seria passado na tua cidade natal, a trabalhar numa loja? Quando tinhas 14 anos, quero eu dizer? Como é que imaginavas o teu futuro nessa altura?

— Aos 14 anos? Imaginava que ia ser nadadora. — Ela tinha sido a adolescente de 14 anos mais rápida do país a nadar bruços e a segunda mais rápida a nadar estilo livre. Lembrava-se de estar no pódio no Campeonato Nacional de Natação.

— Então, o que aconteceu?

Nora fechou os olhos. Recordava-se do cheiro da desilusão, o forte odor do cloro, por ter acabado em segundo lugar.

— Era demasiada pressão.

— Mas é a pressão que nos constrói. Começamos como um pedaço de carvão e a pressão transforma-nos em diamantes.

Ela não corrigiu o seu conhecimento falacioso em relação aos diamantes. Não lhe disse que, embora o carvão e os diamantes sejam ambos carbono, o carvão é demasiado impuro para se tornar um diamante, não importa a pressão a que seja sujeito. De acordo com a ciência, começamos por ser carvão e acabamos a ser carvão. Talvez a verdadeira lição de vida fosse essa.

Alisou uma madeixa do cabelo cor de carvão em direção ao rabo de cavalo.

— O que estás a dizer, Neil?

- Que nunca é tarde para perseguir um sonho.
- Tenho quase a certeza de que é demasiado tarde para perseguir esse sonho.
- Tu és uma pessoa extremamente bem qualificada, Nora. Tens um curso de Filosofia...

Nora fitou um pequeno sinal que tinha na mão esquerda. Aquele sinal passara por tudo o que ela também passara. E estava ali, sossegado, sem se preocupar com nada. Existia apenas como um sinal.

— Se queres que seja sincera, Neil, a procura por filósofos em Bedford não é assim nada de *extraordinário*.

— Tu foste para a faculdade, viveste em Londres durante um ano e depois voltaste para cá.

— Não tinha grandes alternativas.

Nora não queria falar sobre a mãe que já morrera. Nem sequer sobre Dan. Porque Neil descobrira que ela tinha cancelado um casamento dois dias antes da data e achava-a a história de amor mais fascinante desde os tempos do Kurt e da Courtney.

— Todos temos alternativas, Nora... «Livre-arbítrio» diz-te alguma coisa?

— Bem, não exatamente se subscreveres uma visão determinista do Universo.

— Mas porquê vir para *aqui*?

— Porque ou trabalhava aqui ou no Centro de Resgate de Animais. Aqui o ordenado era melhor. Além disso, tenho conhecimentos musicais.

- Tiveste uma banda. Com o teu irmão.
 - Sim, tive. Chamava-se The Labyrinths. Mas era um projeto que não ia a lado nenhum.
 - O teu irmão conta uma história diferente.
- Aquilo apanhou Nora de surpresa.
- O Joe? Como é que...?
 - Ele comprou um amplificador. Um *Marshall DSL40*.
 - Quando?
 - Na sexta-feira.
 - Ele esteve em Bedford?
 - A não ser que fosse um holograma. Como o Tupac.

Ele deve ter vindo visitar o Ravi, pensou Nora. Ravi era o melhor amigo do irmão. Enquanto Joe desistira de tocar guitarra e se mudara para Londres, onde tinha um emprego merdoso, que detestava, em informática, Ravi ficara em Bedford. Agora tocava numa banda de covers, chamada Slaughterhouse Four, que fazia a ronda dos bares da cidade.

- Certo. Isso é interessante.

Nora tinha quase a certeza de que o irmão sabia que sexta-feira era o seu dia de folga. Esse facto provocou-lhe uma pontinha de tristeza.

- Eu sou feliz aqui.
- Só que não és.

Ele tinha razão. Uma tristeza profunda começou a alimentar-se dela. A mente de Nora estava a devorar-se a si mesma. Ela sorriu ainda mais.

— Sou feliz com o meu trabalho, quero eu dizer. Feliz no sentido em que me sinto satisfeita. Neil, eu preciso deste emprego.

— Tu és boa pessoa, Nora. Preocupas-te com o mundo. Com os sem- -abrigo, com o ambiente.

— Preciso de trabalhar.

Ele regressou à sua pose de Confúcio.

— Tu precisas de liberdade.

— Não quero liberdade.

— Isto não é uma organização não-governamental. Embora, deva dizer, esteja a transformar-se rapidamente numa.

— Ouve, Neil, é por causa do que eu disse na outra semana? Sobre precisares de modernizar as coisas? Tenho algumas ideias para chamar os jovens para...

— Não — disse ele, na defensiva. — Esta loja vendia apenas guitarras. Teoria das Cordas, percebes? E eu diversifiquei o negócio. Fiz com que funcionasse. O problema é que quando os tempos estão difíceis, não posso pagar-te um ordenado para afugentares os clientes com a tua cara de enterro.

— O quê?

— Lamento, Nora — parou por um instante, mais ou menos o tempo que demoraria a levantar um machado no ar —, mas vou ter de prescindir dos teus serviços.

Viver É Sofrer

O céu estava inundado de nuvens carregadas, de um cinzento muito escuro, como se quisesse proporcionar um eco celestial do estado de espírito de Nora, que andava às voltas em Bedford à procura de uma razão para viver. Aquela cidade era um verdadeiro tapete rolante de desespero. O centro desportivo forrado a crespido granitado onde o seu pai, já falecido, outrora a observara a nadar piscinas e mais piscinas, o restaurante mexicano onde ela levara Dan para comerem *fajitas*, o hospital onde a mãe tinha feito os tratamentos.

Dan enviara-lhe uma mensagem no dia anterior.

Nora, tenho saudades da tua voz. Podemos conversar? D X

Respondeu-lhe que estava *estupidamente ocupada* (que piada). Mas era impossível responder-lhe qualquer outra coisa. Não porque tivesse deixado de gostar dele, mas porque ainda gostava. E não podia correr o risco de voltar a magoá-lo. Ela já lhe tinha arruinado a vida. «A minha vida está um caos», dissera-lhe ele por mensagens embriagadas, pouco tempo depois do quase casamento de que ela desistira dois dias antes da data.

O Universo tinha tendência a mergulhar no caos e na entropia.

Era um princípio de termodinâmica simples. Talvez também fosse o princípio de uma existência básica.

Perde-se o emprego e a seguir as merdas começam a acontecer.

O vento soprou por entre as árvores.

E começou a chover.

Nora encaminhou-se para o abrigo de um quiosque de jornais, com a profunda — e, como se viria a verificar, *correta* — sensação de que as coisas estavam prestes a piorar.

Portas

No tempo que demorou a pestanejar lentamente, viu o fantasma do pai, com o olho da mente, a olhar para o cronómetro como se estivesse à espera de que ela o alcançasse. Abriu os olhos e entrou no quiosque.

— Está a abrigar-se da chuva? — perguntou a mulher atrás do balcão.

— Sim. — Nora manteve a cabeça baixa. O desespero aumentava como um peso que não conseguia carregar.

A National Geographic estava em exibição no escaparate.

Enquanto fitava a capa da revista, que tinha a imagem de um buraco negro, apercebeu-se de que era exatamente aquilo que ela era. Um buraco negro. Uma estrela a morrer, a colapsar para dentro de si mesma.

O pai costumava assinar aquela revista. Lembrava-se de, em certa ocasião, ter ficado completamente enfeitiçada por um artigo sobre Svalbard, o arquipélago norueguês situado no oceano Ártico. Nunca tinha visto um lugar que parecesse *tão remoto*. Lera sobre cientistas que faziam investigação por entre os glaciares e fiordes congelados sobrevoados por papagaios-domar. Nessa altura, incentivada pela Sra. Elm, decidiu que ia ser glacióloga.

Viu o vulto mal-arranjado e corcunda de Ravi, o amigo do irmão e seu antigo companheiro de banda, junto às revistas de música, absorto na leitura de um artigo qualquer. Ficou ali durante uma fração de segundo a mais, porque, quando se virou para se ir embora, ouviu-o chamar:

— Nora?

— Olá, Ravi. Ouvi dizer que o Joe esteve em Bedford no outro dia.

Um pequeno movimento da cabeça.

— Sim.

— E ele... Hum, viste-o?

— Sim, na verdade, estive com ele.

Seguiu-se um silêncio doloroso para Nora.

— Ele não me disse que vinha cá.

— Acho que passou de fugida.

— E ele está bem?

Ravi hesitou. Nora gostava dele e ele tinha sido um bom amigo para Joe. Mas, como acontecia entre ela e o irmão, havia uma barreira entre os dois. Quando se separaram, não o fizeram nos melhores termos. (Ele atirara com as baquetas para o chão na sala de ensaios e saíra de rompante quando Nora lhe contou que ia abandonar a banda.)

— Acho que ele está deprimido.

O pensamento de Nora ficou ainda mais pesado só de imaginar que o irmão pudesse estar a sentir-se como ela se sentia.

— Ele nem parece o mesmo Joe — continuou Ravi, com raiva na

voz. — Vai ter de sair da caixa de sapatos onde mora em Shepherd's Bush. Já que não consegue tocar guitarra principal numa banda de *rock* bem-sucedida. Eu também não estou propriamente a nadar em dinheiro, repara. Os concertos nos bares atualmente não rendem muito. Nem mesmo quando concordamos em limpar as casas de banho. Alguma vez limpaste casas de banho de bares, Nora?

— Bem, já que estamos a competir nas Olimpíadas da Infelicidade, eu também estou a passar por um mau bocado.

Ravi riu-se e tossiu ao mesmo tempo. Uma dureza toldou-lhe o rosto por instantes.

— Oh, estou cheio de peninha de ti.

Ela não estava com disposição para aquilo.

— Isto é por causa dos The Labyrinths? Ainda?

— A banda era muito importante para mim! E para o teu irmão também. Para todos nós, na verdade. Nós tínhamos um acordo com a Universal. Mesmo ali à mão de semear. Um álbum, *singles*, uma digressão, promoção. Podíamos ser os Coldplay agora.

— Tu detestas os Coldplay.

— Não importa. Podíamos estar em Malibu. Em vez disso, estamos em *Bedford*. Por isso, não, o teu irmão não está preparado para te ver.

— Eu andava a ter *ataques de pânico*. Ia acabar por deixar toda a gente ficar mal. Disse à editora para avançar convosco sem mim. Concordei em escrever as canções. Não tinha culpa de estar noiva naquela altura. Estava com o Dan. E foi o que acabou por

me fazer decidir.

— Ah, pois, porque essa relação correu muito bem, não foi?

— Ravi, isso não é justo.

— Justo. Que palavra maravilhosa.

A mulher atrás do balcão fitava-os boquiaberta, tamanho era o seu interesse.

— As bandas não duram muito tempo. Nós teríamos sido como uma chuva de meteoritos. Íamos acabar antes mesmo de começarmos.

— As chuvas de meteoritos são bonitas, caramba!

— Vá lá. Tu ainda continuas com a Ella, não continuas?

— Podia continuar com a Ella e fazer parte de uma banda de sucesso, *ter* dinheiro. Nós tivemos aquela oportunidade. Estava mesmo *aqui* — apontou para a palma da mão. — As nossas canções eram *fantásticas*.

Nora odiou-se por corrigir silenciosamente o «nossas» por «minhas».

— Eu acho que o teu problema não era medo do palco. Nem medo do casamento. Acho que o teu problema é teres *medo da vida*.

Aquilo doeu-lhe. As palavras sugaram-lhe todo o ar dos pulmões.

— E eu acho que o teu problema — ripostou Nora, com a voz a tremer — é culpare os outros pela vida de merda que tens.

Ele assentiu, como se tivesse acabado de levar uma bofetada. Depois devolveu a revista à banca.

— Vemo-nos por aí, Nora.

— Diz ao Joe que lhe mando cumprimentos — disse ela, enquanto ele se afastava do quiosque e enfrentava a chuva. — Por favor.

Viu de relance a revista *Your Cat*. Na capa estava um gato ruivo às riscas. Nora tinha tanto barulho dentro da cabeça, era como uma sinfonia *Sturm und Drang*, como se o fantasma de um compositor alemão estivesse enclausurado dentro do seu crânio, a conjurar caos e intensidade.

A mulher atrás do balcão disse qualquer coisa que ela não percebeu.

— Desculpe?

— És a Nora Seed?

A mulher — cabelo curto e louro, bronzado falso — tinha um ar feliz e descontraído, relaxado, de uma maneira que Nora já não sabia como podia ser. Estava debruçada com os braços apoiados sobre o balcão, qual lémure em exibição no jardim zoológico.

— Sou.

— Eu sou a Kerry-Anne. Lembro-me de ti da escola. Eras a nadadora. A superinteligente. O diretor qualquer-coisa, Dr. Blandford, não fez uma assembleia sobre ti? Disse que tu ias acabar por chegar aos Jogos Olímpicos?

Nora assentiu.

— E então, chegaste?

— Eu, hum, desisti da natação. Na altura... gostava mais de música. Mas depois a vida aconteceu.

- Então o que fazes agora?
- Estou... entre empregos.
- Tens alguém? Namorado? Filhos?

Nora abanou a cabeça. Quem lhe dera que lhe caísse dos ombros e pronto. A sua própria cabeça. No chão. Para nunca mais precisar de ter uma conversa como aquela com uma desconhecida.

- Bem, já não tens muito tempo. Tiquetaque, tiquetaque.
- Tenho 35 *anos*. — Desejou que Izzy estivesse ali. Izzy nunca aceitava aquele tipo de conversas de merda. — E nem tenho a certeza se quero...

— Eu e o Jake parecíamos dois coelhos, mas acabámos por conseguir. Temos dois pequenos terroristas. Mas vale a pena, sabes? Sinto-me tão *completa*. Posso mostrar-te algumas fotografias.

- Eu fico com dores de cabeça ao olhar para... telemóveis.

Dan queria ter tido filhos. Nora não sabia se queria. A maternidade aterrorizava-a. O medo de cair numa depressão maior. Ela mal conseguia cuidar de si, quanto mais de outras pessoas.

- Ainda vives em Bedford, é?
- Hum-hum.
- Pensei que tinhas conseguido fugir.
- Voltei quando a minha mãe adoeceu.
- Ah, lamento. Espero que ela já esteja bem.
- Tenho de ir andando.

— Mas ainda está a chover.

À medida que Nora fugia do quiosque, desejou não ter mais nada à sua frente senão portas, para poder ir passando por uma e por outra, deixando tudo para trás.

Como Ser um Buraco Negro

Nora estava em queda-livre e não tinha com quem conversar.

A sua última esperança era a antiga melhor amiga, Izzy, que estava a mais de 16 mil quilómetros de distância, na Austrália. E a relação entre as duas também tinha arrefecido.

Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem a Izzy.

Olá, Izzy, há tanto tempo que não falamos. Tenho saudades tuas, amiga.

Seria TÃO BOM pôr a conversa em dia. X

Acrescentou mais um «x», mais um beijo, e enviou a mensagem.

Um minuto depois, Izzy já tinha visto a mensagem. Nora esperou em vão que os três pontinhos aparecessem no ecrã.

Passou pelo cinema, que naquela noite tinha em cartaz um filme do Ryan Bailey. Era uma comédia romântica *western* chamada *Saloon das Últimas Oportunidades*.

O rosto do Ryan Bailey parecia ter sempre conhecimento de coisas profundas e significativas. Nora adorava-o desde que o vira na televisão a fazer de Platão melancólico em *Os Atenienses* e desde que ele disse numa entrevista que estudava Filosofia. Imaginava-se a ter conversas profundas com ele sobre Henry

David Thoreau, por entre um véu de vapor no jacúzi da sua casa em West Hollywood.

«Segue confiante na direção dos teus sonhos», dissera Thoreau. «Vive a vida que imaginaste.»

Thoreau era o filósofo que mais gostava de estudar. Mas quem é que segue com confiança em direção aos seus sonhos? Sem contar com Thoreau, claro. Ele decidira partir e viver na floresta, sem qualquer contacto com o mundo exterior, simplesmente escrevia, cortava lenha e a pescava. No entanto, era provável que a vida há dois séculos, em Concord, no Massachusetts, fosse mais simples do que a vida moderna em Bedford, no Bedfordshire.

Ou talvez não.

Talvez Nora fosse mesmo muito incompetente a fazê-lo. A viver.

As horas passaram por ela. Queria ter um propósito, algo que lhe desse uma razão para existir. Mas não tinha nada. Nem sequer o pequeno propósito de ir buscar a medicação do Sr. Banerjee, porque já o fizera dois dias antes. Tentou dar algum dinheiro a um sem-abrigo que encontrara na rua, mas depois percebeu que não tinha dinheiro para lhe dar.

«Anima-te, querida, pode nunca acontecer», dissera-lhe alguém.

Nunca nada acontecia, pensou para consigo. O problema era exatamente esse.

Antimatéria

Cinco horas antes de Nora decidir morrer, no momento em que começou a encaminhar-se para casa, o telemóvel vibrou-lhe na mão.

Talvez fosse Izzy. Talvez Ravi tivesse dito ao irmão para a contactar.

Não.

— Ah, olá, Doreen.

Ouviu uma voz agitada.

— Onde é que *estava*?

Esquecera-se completamente. *Que horas eram?*

— Tive um dia mesmo horrível. Peço imensa desculpa.

— Esperámos à porta do seu apartamento durante uma hora.

— Ainda consigo dar a aula ao Leo assim que chegar. Demoro cinco minutos.

— Agora já é tarde. Ele vai ficar com o pai nos próximos três dias.

— Oh, desculpe. Peço imensa desculpa.

Nora era uma mera torrente de desculpas. Estava a afogar-se em si mesma.

— Para ser franca, Nora, ele está a pensar em desistir das aulas.

— Mas ele é tão bom.

— E gosta muito de aprender, mas tem andado tão ocupado, com os exames, os amigos, o futebol. Alguma coisa tem de ficar para trás...

— O Leo tem mesmo talento. Já o pus a tocar o maldito Chopin. Por favor...

Ouviu um suspiro profundo, muito profundo.

— Adeus, Nora.

Nora imaginou que o chão se abria e a enviava terra abaixo até à litosfera, depois para o manto terrestre, sempre sem parar até chegar ao núcleo interno e ser comprimida num metal duro completamente desprovido de sentimentos.

Quatro horas antes de decidir morrer, Nora passou pelo seu vizinho idoso, o Sr. Banerjee.

O Sr. Banerjee tinha 84 anos. Era um homem frágil, mas desde que fizera a cirurgia à anca deslocava-se ligeiramente melhor.

— Isto hoje está terrível aqui fora, não está?

— Está — murmurou Nora.

Ele olhou de relance para o seu canteiro.

— Mas as íris já estão a nascer.

Ela olhou para o aglomerado de flores lilases e forçou um sorriso, enquanto se questionava que consolo possível poderiam aquelas flores proporcionar.

Por detrás dos óculos, o Sr. Banerjee tinha os olhos cansados. Estava junto à porta a procurar as chaves e transportava uma garrafa de leite num saco de compras que parecia demasiado pesado para si. Era muito raro vê-lo fora de casa, a mesma casa

que Nora frequentara no primeiro mês que passou ali na rua, para o ajudar a criar uma conta de compras online.

— Oh — recomeçou ele. — Tenho boas notícias. Já não preciso que me vás buscar os comprimidos. O rapaz da farmácia veio morar para uma casa aqui perto e diz que não se importa de mos trazer.

Nora tentou responder, mas não conseguiu deixar sair uma única palavra. Em vez disso, apenas assentiu.

Ele conseguiu abrir a porta, depois fechou-a e retirou-se para junto do altar que erguera em homenagem à sua querida falecida mulher.

Pronto, era assim. Ninguém precisava dela. Era uma pessoa supérflua para todo o Universo.

Quando chegou ao seu apartamento, o silêncio era mais ensurdecador do que o ruído. Cheirava a comida de gato. Uma das taças de *Voltaire* ainda estava no chão, com metade da ração por comer.

Foi buscar um copo de água e tomou dois antidepressivos, mas ficou a olhar para o resto dos comprimidos, enquanto se questionava.

Três horas antes de decidir morrer, todo o seu ser latejava dolorosamente com tantos arrependimentos. Era como se o desespero que lhe inundava a mente se fizesse igualmente sentir de alguma forma no tronco e nos membros. Era como se tivesse colonizado cada parte de si.

Recordava-a de que toda a gente estava melhor sem ela.

Quando nos aproximamos de um buraco negro, a força gravitacional puxa-nos para a sua realidade desolada e negra.

Essa ideia era como uma interminável cãibra mental, algo demasiado desconfortável para suportar, mas demasiado forte para ser evitado.

Nora passou por todas as suas redes sociais. Não tinha mensagens, comentários, novos seguidores nem pedidos de amizade. Ela era antimatéria com uma boa dose de autocomiseração por cima.

Entrou no *Instagram* e viu que toda a gente já tinha percebido a arte de viver, menos ela. Publicou uma atualização confusa no *Facebook*, mas, na verdade, já quase não usava aquela rede.

Duas horas antes de decidir morrer, abriu uma garrafa de vinho.

Os velhos livros de Filosofia fitavam-na com sobranceria, acessórios fantasmagóricos dos seus tempos de faculdade, quando a vida ainda encerrava alguma possibilidade. Tinha uma planta iúca e três gatos minúsculos em vasos. Deu por si a pensar que ter uma forma de vida não senciente que passava os dias no seu vaso provavelmente seria uma existência mais fácil do que a sua.

Sentou-se ao pequeno piano elétrico, mas não tocou nada. Pensou no momento em que, sentada ao lado de Leo, o ensinara a tocar o Prelúdio de Chopin em mi menor. Com o devido tempo, até os momentos de felicidade se podem transformar em dor.

Havia um velho adágio de músicos acerca de não existirem notas erradas num piano. Todavia, a sua vida era uma cacofonia

de sons sem sentido. Uma peça musical que podia ter seguido em tantas direções maravilhosas, mas que agora não se encaminhava para lugar nenhum.

O tempo foi passando e Nora olhou para o vazio.

Depois de beber o vinho, a revelação atingiu-a com uma clareza absoluta. Ela não era talhada para esta vida.

Cada uma das suas ações tinha sido um erro, cada decisão um desastre, cada dia um retrocesso em relação à pessoa que imaginara poder ser.

Nadadora. Música. Filósofa. Esposa. Viajante. *Glacióloga*. Feliz. Amada.

Nada.

Nem sequer conseguira ser bem-sucedida na categoria «dona de um gato». Ou na de «professora de piano uma hora por semana». Nem tão-pouco na de «pessoa capaz de manter uma conversa».

Os comprimidos não estavam a fazer efeito.

Acabou de beber o vinho. A garrafa inteira.

— Tenho saudades vossas — disse para o ar, como se os espíritos de todas as pessoas que amara estivessem ali naquela sala com ela.

Ligou ao irmão e, como ele não atendeu, deixou uma mensagem de voz.

— Eu amo-te, Joe. Queria só que soubesses isso. Não há nada que pudesses ter feito. Isto é um problema só meu. Obrigada por teres sido meu irmão. Amo-te. Adeus.

Começou a chover novamente, por isso ficou ali sentada com as cortinas abertas, a olhar para os pingos a escorrerem pelo vidro.

O relógio marcava 22 minutos depois das 23 horas.

Ela sabia apenas uma coisa com absoluta certeza: não queria chegar à manhã seguinte. Levantou-se. Encontrou uma caneta e uma folha de papel.

Nora decidiu que aquela era uma altura muito boa para morrer.

Querido Sejas Lá Quem Fores,

Tive todas as oportunidades para fazer da minha vida algo de bom e dei cabo de todas elas. Por causa do meu próprio descuido e infortúnio, o mundo afastou-se de mim, pelo que, agora, faz o mais perfeito sentido que também eu me afaste do mundo.

Se sentisse que havia alguma possibilidade de continuar, teria continuado. Mas não sinto. Por esse motivo, não posso continuar.

Eu só dificulto a vida às pessoas.

Não tenho mais nada para dar. Lamento.

Sejam bondosos uns para os outros.

Adeus,

Nora

00:00:00

Inicialmente a neblina era tão densa que não conseguia ver nada em seu redor, até que começou a distinguir uns pilares suaves a aparecer de ambos os lados. Encontrava-se num caminho, uma espécie de colunata. As colunas eram cinzentas com grãos de azul brilhante. Quando os vapores da neblina começaram a levantar-se, como espíritos que não queriam ser vistos, uma forma geométrica surgiu à sua frente.

Uma forma retangular sólida.

O vulto de um edifício. Tinha mais ou menos o tamanho de uma igreja ou de um pequeno supermercado. A fachada era de pedra, da mesma cor dos pilares, com uma enorme porta de madeira ao meio e um telhado com aspirações de grandeza, com detalhes intrincados e um relógio grandioso na empena da frente; a numeração romana estava pintada a preto, e os ponteiros apontavam para a meia-noite. A parede da fachada era pontuada por janelas altas em arco, emolduradas por blocos de pedra e equidistantes umas das outras. Da primeira vez que olhou para elas, eram apenas quatro, mas no instante seguinte eram definitivamente cinco. Pensou que tinha contado mal.

Como não havia mais nada em redor e uma vez que não tinha lugar nenhum para onde ir, Nora caminhou cautelosamente em

direção ao edifício.

Olhou para o seu relógio de pulso digital.

00:00:00

Meia-noite, como o relógio indicava.

Esperou que o próximo segundo aparecesse no mostrador, mas este não chegou. Nem quando se aproximou do edifício e abriu a porta de madeira, nem mesmo quando entrou os algarismos mudaram. Das duas uma: ou alguma coisa estava errada com o seu relógio, ou alguma coisa estava errada com o tempo. Dadas as circunstâncias, podia ser qualquer uma das hipóteses.

O que está a acontecer? Questionou-se. Mas que diabo se passa aqui?

Ao entrar no edifício, pensava que talvez ali pudesse encontrar algumas respostas. O espaço estava bem iluminado e o piso era de uma pedra clara — algures entre o amarelo brilhante e um castanho-claro, como uma folha de um livro antigo —, mas as janelas que vira no exterior não existiam no interior. Na verdade, embora só tivesse dado alguns passos, também já não conseguia ver as paredes. Em vez disso, encontrava-se rodeada de estantes de livros. Eram corredores e corredores de estantes que chegavam ao teto e que se multiplicavam a partir do corredor largo e aberto onde Nora ia caminhando. Virou para uma das fileiras de estantes e parou a olhar com o mais absoluto deslumbramento para a quantidade aparentemente interminável de livros.

Havia livros por toda a parte, em prateleiras tão finas que quase

podiam ser invisíveis. Os livros eram todos verdes. Ou melhor, de todos os tons de verde. Alguns tinham um tom de verde pantanoso e lamacento, outros o tom brilhante e vivo de um licor; alguns brilhavam num verde-esmeralda e outros tinham o tom verdejante de um relvado no verão.

Por falar em relvados de verão: não obstante os livros parecerem muito antigos, o ar da biblioteca era fresco. Tinha aquele cheiro rico a erva, a campo — não se sentia de todo o cheiro empoeirado dos tomos antigos.

As estantes pareciam continuar até ao infinito, muito direitas e compridas, estendendo-se em direção ao horizonte longínquo, como as linhas que se traçam nos projetos de desenho da escola para indicar a perspetiva de um ponto, e eram apenas interrompidas por um ou outro corredor perpendicular.

Nora escolheu um corredor ao acaso e começou a percorrê-lo. Na primeira esquina que encontrou, virou à esquerda e sentiu-se um pouco perdida. Procurou uma forma de sair dali, mas não havia indicações de saída. Tentou refazer os seus passos em direção à entrada, mas percebeu que era impossível.

Até que acabou por concluir que não ia conseguir encontrar a saída.

— Isto é invulgar — disse para consigo, apenas para sentir algum conforto na sua própria voz. — Decididamente invulgar.

Parou de andar e aproximou-se um pouco mais de alguns livros. As lombadas não tinham títulos nem o nome dos autores. Além da diferença no tom de verde, a outra única variação era o tamanho dos livros: tinham mais ou menos a mesma altura, mas

variavam em espessura. Alguns tinham lombadas de cinco centímetros, outros eram significativamente mais estreitos. Um ou dois quase não passavam de panfletos.

Estendeu o braço para pegar num livro e escolheu um de tamanho médio, num tom de azeitona ligeiramente macilento. Parecia um pouco empoeirado e puído.

Antes de o tirar completamente da prateleira, ouviu uma voz atrás de si e deu um salto para trás, sobressaltada.

— Tem cuidado — disse a voz.

Nora virou-se para ver quem estava ali.

A Bibliotecária

— Por favor, tens de ter cuidado.

A mulher surgira aparentemente do nada. Estava vestida de modo elegante, com uma camisola de gola alta verde-tartaruga, e tinha o cabelo grisalho curto. Se tivesse de adivinhar a sua idade, Nora diria que devia ter cerca de 60 anos.

— Quem é a senhora?

No entanto, antes de terminar a pergunta, apercebeu-se de que já sabia a resposta.

— Sou a bibliotecária — respondeu a mulher, com timidez.

O seu rosto tinha uma expressão de sabedoria bondosa, mas firme. Continuava a usar o cabelo grisalho curto e o seu rosto era exatamente igual àquele de que Nora se lembrava.

Porque ali, mesmo à sua frente, encontrava-se a antiga bibliotecária da escola.

— Sra. Elm.

A Sra. Elm sorriu discretamente.

— Talvez.

Nora lembrou-se daquelas tardes de chuva que passavam a jogar xadrez.

Lembrou-se do dia em que o pai morreu, quando a Sra. Elm lhe deu a notícia na biblioteca, com muito cuidado. O pai morrera

subitamente com um ataque cardíaco enquanto estava no campo de rãguebi do colégio interno para rapazes onde dava aulas. Nora ficara como que anestesiada durante meia hora, a fitar inexpressivamente o tabuleiro de xadrez com o jogo inacabado. Inicialmente, a realidade fora demasiado esmagadora para a conseguir absorver, mas depois atingiu-a com força e por todos os lados, desviando-a do caminho que conhecera até então. Abraçara a Sra. Elm com muita força e chorara para cima da sua camisola de gola alta até o rosto estar sensível devido à mistura do sal com o acrílico da malha.

A Sra. Elm abraçara-a também, afagando a parte de trás da sua cabeça como se fosse um bebé, mas sem lhe oferecer banalidades, falsos confortos ou qualquer outra coisa a não ser preocupação. Lembrou-se da voz da Sra. Elm a dizer-lhe:

«As coisas vão melhorar, Nora. Vai ficar tudo bem.»

Passou-se mais de uma hora até a mãe a ir buscar à escola, com o irmão atordoadado e entorpecido no banco de trás do carro. Nora sentou-se no banco da frente, ao lado da mãe muda e trémula, dizendo-lhe que a amava, mas sem ouvir nada em troca.

— Que lugar é este? Onde estou?

A Sra. Elm ofereceu-lhe um sorriso muito formal.

— É uma biblioteca, claro está.

— Mas não é a biblioteca da escola. E não tem saída. Estou morta? Isto é a vida para lá da morte?

— Não exatamente — respondeu a Sra. Elm.

— Não estou a entender.

— Então deixa-me explicar.

A Biblioteca da Meia-Noite

À medida que falava, os olhos da Sra. Elm iluminaram-se, cintilando como poças de água ao luar.

— Entre a vida e a morte existe uma biblioteca — começou ela.
— E, nessa biblioteca, as estantes estendem-se até ao infinito. Cada um dos livros oferece-te a possibilidade de viveres outra vida que podias ter vivido. Permitem-te ver como as coisas poderiam ter sido diferentes se tivesses feito outras escolhas... Se tivesses a oportunidade de voltar atrás nos teus arrependimentos, farias alguma coisa de modo diferente?

— Então, *estou* morta? — perguntou Nora.

A Sra. Elm abanou a cabeça.

— Não. Escuta com atenção. *Entre* a vida e a morte. — Gesticulou vagamente para o corredor, em direção à distância. — A morte está lá fora.

— Então é lá para fora que devo ir. Porque eu quero morrer. — Nora começou a andar.

— A morte não funciona assim — elucidou a Sra. Elm, com um aceno.

— Porque não?

— Porque não és tu que *vais ter* com a morte. A morte é que vem ter contigo.

Aparentemente, nem *morrer* era algo que Nora conseguisse fazer adequadamente.

A sensação era-lhe familiar. A impressão de que era um ser incompleto em todos os sentidos possíveis. Era um puzzle humano onde faltavam peças. Vivera uma vida incompleta e agora teria também uma morte incompleta.

— Então, não estou morta porquê? Por que motivo a morte não veio ter comigo? Fiz-lhe um convite bastante direto. Eu queria morrer. Mas agora aqui estou, ainda a existir. Ainda consciente de todas as coisas.

— Bem, se te serve de algum consolo, é bastante provável que estejas *prestes* a morrer. As pessoas que passam pela biblioteca não costumam cá ficar muito tempo, de uma maneira ou de outra.

Quando pensava nisso — e ao longo do tempo pensara cada vez mais nisso —, Nora só conseguia definir-se em relação às coisas que não era. As coisas em que não conseguira tornar-se. E havia uma quantidade verdadeiramente extensa de coisas que podia ter sido e não era. Os arrependimentos que se repetiam permanentemente na sua cabeça. *Não fui nadadora olímpica. Não me tornei glacióloga. Não cheguei a ser a mulher do Dan. Não me tornei a vocalista dos The Labyrinths. Não fui mãe. Não consegui ser uma pessoa verdadeiramente boa ou genuinamente feliz. Fui incapaz de cuidar do Voltaire.* Agora, para rematar, nem sequer conseguira morrer. Na verdade, era patética a quantidade de oportunidades que ela desperdiçara.

— Enquanto a Biblioteca da Meia-Noite estiver de pé, Nora, tu estás a salvo da morte. Agora só tens de decidir como queres viver.

As Prateleiras Móveis

As prateleiras que ladeavam Nora começaram a mexer-se. Não mudaram exatamente de ângulo, mas começaram a deslizar na horizontal. Era possível que as prateleiras propriamente ditas não se estivessem a mexer de todo, mas os livros estavam, e não era óbvio para Nora porquê ou até *como* o faziam. Não havia um mecanismo visível a movimentá-los, não se ouvia qualquer ruído de livros a cair do fim — ou melhor, do *princípio* — das prateleiras. Os livros deslizavam a diferentes níveis de lentidão, dependendo da prateleira em que se encontravam, mas nenhum deles se movia com rapidez.

— O que está a acontecer?

A expressão da Sra. Elm endureceu, a sua postura endireitou-se e o queixo retrocedeu ligeiramente em direção ao pescoço. Aproximou-se um pouco mais de Nora e juntou as mãos.

— Está na hora de começar, minha querida.

— Se não levar a mal a pergunta... de começar o *quê*?

— Todas as vidas contêm muitos milhões de decisões. Algumas são grandes, outras pequenas. Mas sempre que uma decisão é tomada em detrimento de outra, o resultado difere. Ocorre uma variação irreversível, que por sua vez dá origem a mais variações futuras. Os livros são portais para todas as vidas que podias ter

vivido.

— O quê?

— Cada possibilidade representa uma vida. Há vidas em que podias ter feito escolhas diferentes e essas escolhas conduzem a resultados diferentes também. Se tivesses feito uma única coisa de outra forma, terias vivido uma história diferente. E todas estas histórias existem na Biblioteca da Meia-Noite. São todas tão reais como esta vida que viveste.

— São vidas paralelas?

— Nem sempre são paralelas. Algumas são mais... *perpendiculares*. Por isso, gostavas de viver uma vida que podias ter vivido? Queres fazer alguma coisa de forma diferente? Há alguma coisa que gostasses de mudar? Fizeste algo de errado?

A resposta à última pergunta era fácil.

— Sim. Absolutamente tudo.

A resposta pareceu fazer cócegas no nariz da bibliotecária.

A Sra. Elm pegou rapidamente no lenço de papel que guardava dentro da manga da camisola. Levou-o ao rosto e espirrou.

— Saúde — disse Nora, observando como o lenço de papel desapareceu da mão da bibliotecária assim que ela acabou de o usar, por artes mágicas e muito higiénicas.

— Não te preocupes. Os lenços de papel são como as vidas. Há sempre mais um. — A Sra. Elm regressou ao seu raciocínio. — Fazer uma coisa de forma diferente é muitas vezes o mesmo que fazer *tudo* de uma forma diferente. As ações não podem ser revertidas no espaço de uma *única* vida, por muito que

tentemos... Mas tu já não estás dentro da tua vida. Deste um saltinho para fora dela. Nora, esta é a tua oportunidade para veres como as coisas podiam ter sido.

Isto não pode ser real, pensou Nora para consigo.

A Sra. Elm parecia saber o que ela estava a pensar.

— Oh, é real, sim, Nora Seed. Mas não é bem a realidade conforme a entendes. À falta de melhor palavra, é uma espécie de *espaço intermédio*. Não é a tua vida. Não é a morte. Não é o mundo real no seu sentido convencional. Mas também não é um sonho. Não é uma coisa nem outra. Resumindo, é a Biblioteca da Meia-Noite.

As prateleiras que se moviam lentamente pararam. Nora reparou que numa das prateleiras à sua direita, mais ou menos à altura do ombro, existia um enorme espaço vazio. Todas as restantes prateleiras à sua volta estavam preenchidas com livros encostados uns aos outros, mas ali, deitado na prateleira fina e branca, havia apenas um livro.

Aquele livro não era verde como os outros. Era cinzento. Tão cinzento como a pedra do exterior do edifício que Nora vira através da neblina.

A Sra. Elm tirou o livro da prateleira e entregou-o a Nora. A sua expressão era quase de orgulho antecipado, como se estivesse a dar-lhe um presente de Natal.

Quando a Sra. Elm pegou no livro, este parecia leve, mas era bastante mais pesado do que aparentava. Nora preparou-se para o abrir.

A Sra. Elm abanou a cabeça.

— Tens de esperar sempre que te dê autorização.

— Porquê?

— Todos os livros que estão aqui, todos os livros desta biblioteca, à exceção de um, são uma versão da tua vida. Esta biblioteca é tua. Está aqui para ti. Todas as vidas de toda a gente podiam ter acabado por correr de um número infinito de maneiras, sabes? Estes livros nas prateleiras são a tua vida, começam todos a partir do mesmo ponto no tempo. Agora. À meia-noite de terça-feira, dia 28 de abril. Porém, estas possibilidades da meia-noite não são todas iguais. Algumas são semelhantes, outras são muito diferentes.

— Isto é uma loucura — ripostou Nora. — À exceção de um? Deste aqui? — Inclinou o livro cinzento em direção à Sra. Elm.

A bibliotecária ergueu uma sobrancelha.

— Sim. Esse. É um livro que tu mesma escreveste, sem nunca teres registado uma única palavra.

— Como?

— Este livro é a fonte de todos os teus problemas, e a resposta reside neles também.

— Mas o que é?

— Esse livro, minha querida, chama-se *O Livro dos Arrependimentos*.

O Livro dos Arrependimentos

Nora fitou o livro. Agora já conseguia ver o título gravado em letras pequenas na capa.

O Livro dos Arrependimentos

— Cada arrependimento que já tiveste, desde o dia em que nasceste, está registado nesse livro — disse a Sra. Elm, tocando com o dedo na capa. — Agora dou-te autorização para o abrires.

O livro era tão pesado que Nora se sentou no chão de pernas cruzadas para o conseguir abrir. Começou a folheá-lo.

Estava dividido por capítulos e organizado cronologicamente: 0, 1, 2, 3, até aos 35 anos. À medida que os anos avançavam, os capítulos iam ficando mais longos. Mas os arrependimentos que acumulava não estavam especificamente relacionados com o ano em questão.

— Os arrependimentos ignoram a cronologia. Flutuam livremente. A sequência em que se encontram muda constantemente.

— Pois... acho que faz sentido.

Percebeu rapidamente que os arrependimentos iam desde as coisas mais pequenas e quotidianas («Arrependo-me de não ter

feito exercício hoje») até às mais substanciais («Arrependo-me de não ter dito ao meu pai que o amava antes de ele morrer»).

Havia arrependimentos contínuos, de fundo, repetidos em inúmeras páginas. «Arrependo-me de não ter ficado nos The Labyrinths, porque desiludi o meu irmão.» «Arrependo-me de não ter ficado nos The Labyrinths, porque me desiludi a mim mesma.» «Arrependo-me de não fazer mais pelo ambiente.» «Arrependo-me do tempo que passei nas redes sociais.» «Arrependo-me de não ter ido para a Austrália com a Izzy.» «Arrependo-me de não me ter divertido mais quando era jovem.» «Arrependo-me de ter tido tantas discussões com o meu pai.» «Arrependo-me de não ter trabalhado com animais.» «Arrependo-me de não ter estudado Geologia em vez de Filosofia.» «Arrependo-me de não ter aprendido a ser uma pessoa mais feliz.» «Arrependo-me de sentir sempre tanta culpa.» «Arrependo-me de não ter continuado a estudar Espanhol.» «Arrependo-me de não ter ido para Ciências no secundário.» «Arrependo-me de não me ter tornado glacióloga.» «Arrependo-me de não me ter casado.» «Arrependo-me de não me ter inscrito no mestrado em Filosofia em Cambridge.» «Arrependo-me de não ter continuado a ser saudável.» «Arrependo-me de me ter mudado para Londres.» «Arrependo-me de não ter ido para Paris ensinar Inglês.» «Arrependo-me de não ter acabado de escrever o romance que comecei na faculdade.» «Arrependo-me de ter saído de Londres.» «Arrependo-me de ter aceitado um emprego sem perspectivas.» «Arrependo-me de não ter sido uma irmã melhor.» «Arrependo-me de não ter tirado um ano de pausa

depois da faculdade.» «Arrependo-me de ter desiludido o meu pai.» «Arrependo-me de ensinar mais e tocar menos piano.» «Arrependo-me da minha desorientação financeira.» «Arrependo-me de não ter ido viver para o campo.»

Alguns arrependimentos eram um pouco mais indistintos do que outros. Um dos arrependimentos oscilava entre a quase invisibilidade e as letras grossas, para depois se tornar novamente quase invisível, como se estivesse a piscar enquanto ela olhava para ele. Este arrependimento era: «Arrependo-me de não ter tido filhos.»

— Esse é um arrependimento que às vezes existe e outras não — explicou a Sra. Elm, que, mais uma vez, parecia ler os seus pensamentos. — Há mais alguns como esse.

A partir do ano 34, no capítulo mais longo até ao fim do livro, havia muitos arrependimentos relacionados com Dan. Eram bastante fortes e nítidos, todos a passarem na sua mente como um acorde constante e fortíssimo num concerto de Haydn.

«Arrependo-me de ter sido cruel com o Dan.» «Arrependo-me de ter acabado com o Dan.» «Arrependo-me de não ter ido viver num *pub* no campo com o Dan.»

Enquanto observava agora as páginas, pensava no homem com quem quase se casara.

Sobrecarga de Arrependimentos

Nora conheceu Dan quando vivia com Izzy em Tooting. Sorriso largo, barba curta. Dir-se-ia, olhando para ele, que parecia um veterinário da televisão. Engraçado, curioso. Bebia bastante, mas parecia sempre imune às ressacas.

Dan estudara História da Arte e dera um incrível uso aos seus profundos conhecimentos sobre Rubens e Tintoretto ao tornar-se chefe de Relações Públicas de uma marca de barras proteicas. No entanto, ele tinha um sonho. E o seu sonho era gerir um *pub* no campo. Um sonho que queria partilhar com ela. Com Nora.

E ela deixou-se levar pelo entusiasmo dele. Ficaram noivos, só que subitamente ela percebeu que não queria casar-se com ele.

No fundo, tinha medo de vir a transformar-se na sua mãe. Não queria reproduzir o casamento dos pais.

Ainda a olhar inexpressivamente para *O Livro dos Arrependimentos*, Nora questionou-se se os pais alguma vez teriam estado apaixonados ou se tinham casado porque era o que as pessoas faziam na altura adequada das suas vidas, com a pessoa mais próxima que também estivesse disponível. Uma espécie de jogo em que nos agarramos à primeira pessoa que encontramos no instante em que a música acaba.

E ela nunca quis jogar esse jogo.

Bertrand Russell escreveu que «temer o amor é temer a vida, e aquele que teme a vida já está três quartos morto». Talvez fosse esse o seu problema. Ela tinha simplesmente medo de viver. Mas, na verdade, Bertrand Russell tivera mais casamentos e casos amorosos do que jantares, por isso talvez não fosse a melhor pessoa para dar conselhos.

Quando a sua mãe morreu, três meses antes do casamento, o desgosto de Nora foi imenso. Embora tivesse sugerido que a data fosse protelada, isso nunca chegou a acontecer, e a dor de Nora misturou-se com depressão, ansiedade e a sensação de que a vida estava fora do seu controlo. O casamento parecia-lhe ser um sintoma tão evidente desse sentimento caótico, que se sentia amarrada aos carris de uma linha férrea, e a única maneira que encontrou de cortar as amarras e libertar-se foi desistir do casamento. Se bem que, na verdade, ficar a viver em Bedford, ser solteira, desiludir Izzy em relação aos planos de se mudarem para a Austrália, começar a trabalhar na Teoria das Cordas e arranjar um gato parecia-lhe o extremo oposto da liberdade.

— Oh, não — disse a Sra. Elm, interrompendo os pensamentos de Nora. — Isto é demasiado para ti.

Subitamente voltou a sentir toda a contrição, toda a dor de desiludir as pessoas, de se desiludir a si mesma, a mesma dor da qual tentara fugir há menos de uma hora. Os arrependimentos começaram a misturar-se. Na verdade, ao fitar as páginas abertas do livro, a dor era ainda maior do que a que sentira ao cirandar por Bedford. O poder de todos os arrependimentos que o livro

emanava em simultâneo transformava-se em agonia. O peso da culpa, do remorso e da mágoa era demasiado forte. Inclinou-se para trás, largando o livro pesado, apoiou-se nos cotovelos e fechou os olhos com força. Mal conseguia respirar, como se um par de mãos invisíveis lhe apertasse o pescoço.

— Faça isto parar!

— Fecha-o — instruiu a Sra. Elm. — Fecha o livro. Não feches apenas os olhos. *Fecha-o*. Tens de ser tu a fechá-lo.

E foi assim que Nora, sentindo que estava prestes a desmaiar, voltou a sentar-se e colocou a mão por baixo da capa. Parecia-lhe ainda mais pesada, mas conseguiu fechar o livro e arquejou de alívio.

Todas as Vidas Começam Agora

— Então?

A Sra. Elm estava de braços cruzados. Embora parecesse idêntica à Sra. Elm que Nora conhecia, os seus modos estavam definitivamente mais bruscos. Era a Sra. Elm, mas de certa forma não era a Sra. Elm. Era tudo bastante confuso.

— Então o quê? — perguntou Nora, ainda a respirar com dificuldade, ainda aliviada por já não sentir a intensidade de todos os seus arrependimentos em simultâneo.

— Que arrependimento se destacou mais? Que decisão gostarias de desfazer? Que vida gostarias de experimentar?

Foi precisamente isso que ela disse. *Experimentar*. Como se estivesse numa loja de roupa e Nora pudesse escolher uma vida com a mesma facilidade com que escolhia uma t-shirt. Parecia-lhe um jogo cruel.

— Aquilo foi uma agonia. Senti que estava prestes a ser estrangulada. Qual é o propósito disto?

Quando levantou os olhos, Nora reparou pela primeira vez nas luzes. Eram apenas lâmpadas suspensas em fios presos ao teto, que aparentava ser um teto normal cinzento-claro. Só que aquele teto não tocava nas paredes. E à semelhança do chão, continuava de modo interminável.

— O propósito disto é que há uma possibilidade de a tua vida anterior estar a acabar. Querias morrer e talvez venhas a morrer. E precisas de um lugar para onde ir. Algures onde aterrar. Outra vida. Por isso, tens de pensar bem. Esta biblioteca chama-se Biblioteca da Meia-Noite porque todas as novas vidas que te são oferecidas começam agora. E agora é meia-noite. Começa agora. Todos os futuros. É isso que os teus livros representam. Todos os outros presentes imediatos e futuros que alguma vez podias ter tido.

— Então aqui não há passados?

— Não. Apenas as suas consequências. Mas esses livros também estão escritos. E eu conheço-os a todos. No entanto, não são para leres.

— Como acaba cada uma das vidas?

— Pode demorar segundos. Ou horas. Ou pode demorar dias. Meses. Ou mais. Se encontrares uma vida que queiras verdadeiramente viver, morrerás de idade avançada. Se quiseres mesmo viver determinada vida, não tens de te preocupar com nada. Ficarás nela como se sempre lá tivesses estado. O livro nunca será devolvido à biblioteca, por assim dizer. Deixa de ser uma espécie de empréstimo e passa a ser uma oferta. No instante em que decidires que queres essa vida, que a queres de verdade, então tudo o que existe na tua cabeça, incluindo esta Biblioteca da Meia-Noite, acabará por se tornar uma memória tão vaga que quase não a sentirás presente.

Uma das luzes tremeluziu por cima da sua cabeça.

— O único perigo — continuou a Sra. Elm com um tom de voz

mais sinistro — é quando estás aqui. *Entre vidas*. Se perderes a vontade de continuar, isso vai afetar a raiz da tua vida, a tua vida original. E isso pode conduzir à destruição deste lugar. Tu desaparecerás para sempre. Estarás morta. E também morrerá o acesso que tens a tudo isto.

— Mas é isso que eu quero. Quero morrer. Estaria morta porque era morta que queria estar. Foi por isso que tomei todos os comprimidos. Porque quero morrer.

— Pois, talvez. Mas talvez não. Afinal, ainda aqui estás.

Nora tentou interiorizar tudo aquilo.

— Então, como é que regresso à biblioteca? Se me vir presa numa vida ainda pior do que aquela que acabei de viver?

— Pode ser uma sensação subtil, mas assim que sentires a desilusão nas entranhas, regressarás aqui. Em certas ocasiões, a sensação vai surgindo devagar; noutras, aparece de supetão. Se nunca chegar, ficas onde estás e, por definição, serás feliz onde estiveres. Não podia ser mais simples. Por isso, escolhe uma coisa que terias feito de forma diferente e eu vou procurar o livro adequado. Que é o mesmo que dizer: a vida em questão.

Nora fitou o *Livro de Arrependimentos* que se encontrava fechado sobre os mosaicos amarelo-acastanhados.

Lembrava-se de ficar a conversar com Dan à noite até tarde sobre o seu sonho de ter um pequeno e pitoresco *pub* rural. O entusiasmo dele era contagiante e o seu sonho quase se tornara o sonho de Nora também.

— Gostava de não ter deixado o Dan. De ainda estar numa

relação com ele. Arrependo-me de não termos ficado juntos e trabalhado para concretizar aquele sonho. Há alguma vida em que ainda estejamos juntos?

— É claro que há — disse a Sra. Elm.

Os livros da biblioteca começaram a movimentar-se novamente, como se as prateleiras fossem tapetes rolantes. Porém, dessa vez, ao invés de se movimentarem como se estivessem numa marcha nupcial, avançavam cada vez mais depressa até deixarem de ser vistos como livros individuais. Limitavam-se a passar por ela como uma corrente de água verde.

Depois, tão de repente como tinham começado a mexer-se, os livros pararam.

A Sra. Elm agachou-se e procurou um livro na prateleira mais baixa, à sua esquerda. Esse livro era de um dos tons de verde mais escuro. Entregou-o a Nora. Era bastante mais leve do que o Livro dos Arrependimentos, apesar de ter um tamanho semelhante. Mais uma vez, a lombada não tinha título, porque esse estava gravado na capa, com letras pequenas exatamente no mesmo tom de verde do resto do livro.

Nela se lia: *A Minha Vida*.

— Mas esta não é a minha vida...

— Oh, Nora, todos os livros são a tua vida.

— O que faço agora?

— Abres o livro na primeira página.

Nora obedeceu.

— Muito bem — disse a Sra. Elm num tom de voz claro e

cuidadoso. — Agora, lê a primeira linha.

Nora baixou os olhos e começou a ler.

Ela saiu do *pub* para o ar fresco da noite...

E Nora só teve tempo para pensar: *Do pub?* Depois disso, já estava a acontecer. O texto começou a rodopiar à sua frente e rapidamente se tornou indecifrável, muito acelerado, à medida que ela se sentia a enfraquecer. Nunca largou o livro de forma consciente, mas houve um momento em que já não era a pessoa que o estava a ler, e, passado um instante, já não havia livro — ou biblioteca — ou o que quer que fosse.

As Três Ferraduras

Nora deu por si na rua, a apanhar ar fresco e limpo. Mas, ao contrário de Bedford, ali não estava a chover.

— Onde é que estou? — murmurou para consigo.

Do outro lado da curva ligeira da estrada, avistou uma pequena fila de pitorescas casas em pedra. Eram casas antigas, discretas, com as luzes apagadas, aninhadas na extremidade de uma aldeia antes de esta se desvanecer na quietude do campo. O céu estava limpo, salpicado por estrelas, e a lua em quarto minguante. Cheirava a campo. Ouviu-se o piar das corujas e o silêncio voltou a instalar-se. Era um silêncio que tinha presença, sentia-se uma força no ar.

Que estranho.

Ela estivera em Bedford, depois naquela biblioteca estranha, e agora estava ali, no caminho que ia dar a uma aldeia bonita. E tudo isso sem sequer se mexer.

O lado da estrada onde se encontrava era banhado por uma luz dourada que jorrava da janela de um rés do chão. Nora olhou para cima e viu uma placa de um *pub* elegantemente pintada que abanava e guinchava com suavidade ao sabor do vento. O desenho mostrava ferraduras sobrepostas por baixo de três palavras cuidadosamente desenhadas numa fonte manuscrita: As

Três Ferraduras.

À sua frente estava um cartaz de ardósia no passeio. Reconheceu a sua caligrafia, feita com todo o cuidado.

AS TRÊS FERRADURAS

Terça-feira — Noite de Concurso

20h30

«O verdadeiro conhecimento consiste em saber que nada sei.»

Sócrates (depois de perder o nosso concurso!!!!)

Aquela era uma vida em que ela usava quatro pontos de exclamação seguidos. Seria provavelmente o que as pessoas felizes e menos reprimidas faziam.

Era um indício promissor.

Baixou os olhos para ver o que tinha vestido. Uma camisa de ganga com as mangas arregaçadas quase até aos cotovelos, calças de ganga e sapatos de cunha, tudo o que não usava na sua vida atual. Estava arrepiada com o frio, porque aquela roupa não era claramente para usar na rua durante muito tempo.

O dedo anular tinha dois anéis. O antigo anel de noivado com uma safira — o mesmo que tirara há mais de um ano entre tremores e lágrimas — e uma aliança de casamento simples de prata.

Caraças.

Estava a usar relógio de pulso. Naquela vida não usava um relógio digital, mas sim um analógico, muito elegante, com

numeração romana. Passava cerca de um minuto da meia-noite.

Como é que isto está a acontecer?

Naquela vida, as suas mãos eram mais macias. Talvez usasse creme hidratante para as mãos. As unhas brilhavam com um verniz transparente. Sentiu algum conforto ao ver o sinal familiar na sua mão esquerda.

Ouviu passos sobre a gravilha. Alguém se aproximava dela pelo caminho de acesso. Auxiliada pela luz das janelas do *pub* e do solitário candeeiro de rua, viu que era um homem. Tinha o rosto rosado e um bigode grisalho próprios de uma personagem de Dickens, e vestia um casaco impermeável. Parecia a personificação de uma daquelas canecas de cerveja com a forma de um velhote. A avaliar pelo passo demasiado cuidadoso, devia estar ligeiramente embriagado.

— Boa noite, Nora. Volto na sexta-feira para ouvir o cantor de música *folk*. O Dan diz que ele é dos bons.

Naquela vida, o mais certo era saber o nome do homem.

— Pois, muito bem, claro. Sexta-feira. Deve ser uma noite excelente.

Pelo menos a voz parecia ser a sua. Ficou a observar à medida que o homem atravessava a estrada, olhando repetidamente para a esquerda e para a direita, não obstante a ausência de trânsito, para depois desaparecer por uma viela entre as casas.

Aquilo estava mesmo a acontecer. Era realmente outra vida. Era a vida do *pub*. Era o sonho tornado realidade.

— Isto é tão estranho — disse para a noite. — Tão.

Completamente. Estranho.

Um grupo de três pessoas saiu do *pub* nesse momento. Duas mulheres e um homem. Quando passaram por Nora, sorriram-lhe.

— Para a próxima ganhamos nós — disse uma das mulheres.

— Sim — comentou Nora. — Há sempre uma próxima vez.

Caminhou até ao *pub* e espreitou pela janela. Parecia estar vazio, mas as luzes ainda estavam ligadas. Aquele grupo devia ter sido o último a sair.

O *pub* tinha um ar muito convidativo. Aconchegante e cheio de carácter. Tinha mesas pequenas, vigas de madeira no teto e uma roda de carroça pendurada numa das paredes. Um tapete vermelho bonito e um balcão forrado a madeira com uma quantidade impressionante de torneiras de cerveja.

Nora desviou-se da janela e avistou uma placa ligeiramente afastada do *pub*, onde o passeio dava lugar ao ajardinado.

Aproximou-se rapidamente e leu o que estava escrito na placa.

LITTLEWORTH

Dá as Boas-Vindas aos Condutores Cuidadosos

Depois reparou que na margem superior da placa havia um pequeno brasão circundado com as palavras: Conselho de Oxfordshire.

— Nós fizemos isto — murmurou para o ar campestre. — Fizemos mesmo isto.

Aquele era o sonho de que Dan lhe falava quando andavam a passear ao longo do rio Sena, em Paris, a comer *macarons* que haviam comprado no Boulevard Saint-Michel.

No entanto, o sonho não se realizaria em Paris, mas na Inglaterra rural onde iriam construir uma vida juntos.

Um *pub* rural em Oxfordshire.

Quando o cancro da mãe de Nora recidivou ainda com maior agressividade, chegando aos nódulos linfáticos e colonizando rapidamente todo o seu corpo, aquele sonho foi posto em espera e Dan mudou-se com ela de Londres para Bedford. A mãe sabia do noivado deles e planeara viver o suficiente para assistir ao casamento. Porém, morreu quatro meses antes da data.

Talvez fosse isso. Talvez aquela fosse a vida. Talvez fosse sorte de principiante, ou pelo menos sorte à segunda tentativa.

Nora permitiu-se um sorriso apreensivo.

Voltou a percorrer o caminho pisando a gravilha, encaminhando-se para a porta lateral por onde saíra recentemente o homem embriagado do impermeável. Inspirou profundamente e entrou.

O *pub* estava quente.

E silencioso.

Encontrava-se numa espécie de átrio ou corredor. O piso era de tijoleira. As paredes estavam revestidas por lambrim de madeira até meia altura, com a outra metade forrada por um papel de parede cheio de ilustrações de folhas de sicómoro.

Percorreu o pequeno corredor e entrou na sala principal do *pub*

para onde tinha espreitado pela janela. Quando um gato apareceu vindo do nada, ela deu um salto.

Um gato birmanês elegante e ossudo cor de chocolate ronronava junto a si. Nora curvou-se para o acariciar e viu o nome gravado na placa da coleira. *Voltaire*.

O gato era diferente, mas o nome era o mesmo. Ao contrário do seu defunto e amado ruivo às riscas, duvidava que aquele *Voltaire* fosse um rafeiro. O gato continuou a ronronar.

— Olá, *Volts Número Dois*. Pareces muito feliz aqui. Somos todos tão felizes como tu?

Como que confirmando a teoria, o gato ronronou mais ainda e roçou a cabeça na perna de Nora. Ela pegou nele ao colo e foi até ao balcão. Havia uma fileira de torneiras de cervejas artesanais, cervejas pretas, cidras, cerveja leve e cerveja IPA. *Vicar's Favourite. Lost and Found. Miss Marple. Sleeping Lemons. Broken Dream.*

No balcão havia também uma lata de donativos para a Conservação das Borboletas.

Ouviu o som do vidro a tilintar, como se alguém estivesse a encher uma máquina de lavar louça. Nora sentiu a ansiedade a comprimir-lhe o peito. Era uma sensação familiar. A seguir, um rapaz desengonçado de 20 e poucos anos com uma camisola de rãguebi larga saiu de trás do balcão e começou a reunir os últimos copos sujos e a pô-los na máquina, quase sem prestar atenção a Nora. Ligou a máquina e pegou no casaco que estava no cabide, vestiu-o e tirou as chaves de um carro.

— Adeus, Nora. Já levantei as cadeiras e limpei as mesas todas. A máquina está ligada.

— Ah, obrigada.

— Até quinta.

— Sim — respondeu ela, sentindo-se como uma espia prestes a ver o seu disfarce descoberto. — Adeus.

Um instante depois de o homem se ter ido embora, ouviu passos a subir uns degraus vindos algures de baixo, a atravessar os mosaicos que ela acabara de atravessar e a entrar pelas traseiras do *pub*. E de repente, ele estava ali.

Estava diferente.

Já não tinha barba e os olhos eram vincados por mais rugas e olheiras escuras. Segurava um copo grande de cerveja quase vazio. Ainda parecia um pouco o veterinário da televisão, mas talvez algumas temporadas mais à frente.

— Dan — disse ela, como se ele fosse alguma coisa que precisasse de ser identificada. Como um coelho à beira da estrada. — Queria apenas dizer-te que estou tão orgulhosa de ti. De nós.

Ele olhou para ela inexpressivamente.

— Fui só desligar as câmaras frigoríficas. Amanhã é preciso limpar as condutas. Já adiámos duas semanas.

Nora não fazia a menor ideia do que ele estava a falar. Fez festas ao gato.

— Pois, sim. Claro. As condutas.

O marido — porque naquela vida era isso que Dan era — olhou

em redor para as mesas e cadeiras viradas. Estava a usar uma t-shirt desbotada do *Tubarão*.

— O Blake e a Sophie já foram para casa?

Nora hesitou. Pressentiu que ele estava a falar de pessoas que trabalhavam para eles. O rapaz da t-shirt de râguebi devia ser o Blake. Não parecia haver mais ninguém por ali.

— Sim — respondeu, tentando parecer muito natural, não obstante a absoluta bizarria da situação. — Acho que sim. Tinham tudo mais do que controlado.

— Boa.

Ela lembrava-se de lhe ter comprado aquela t-shirt quando ele fez 26 anos. Dez anos antes.

— As respostas esta noite foram qualquer coisa. Uma das equipas, aquela onde o Pete e a Jolie estavam, pensava que o Maradona tinha pintado o teto da Capela Sistina.

Nora assentiu e fez festas a *Volts Número Dois*. Como se ela fizesse a mais pequena ideia de quem eram o Pete e a Jolie.

— Para ser honesto, as perguntas esta noite eram um pouco puxadas. Para a próxima, experimenta ir buscá-las a outro site qualquer. Afinal, quem é que sabe o nome da montanha mais alta da cordilheira Kara-sei-lá-o-quê?

— Karakoram? — perguntou Nora. — É a K2.

— Bem, é óbvio que tu sabes — disse ele de modo um pouco abrupto demais. Um pouco ébrio demais. — É o tipo de coisa que saberias. Porque enquanto a maior parte das pessoas gosta de música rock, tu gostas de rochas, de pedras e dessas coisas todas.

— Ei — disse ela. — Eu fiz literalmente parte de uma banda de rock.

Só então se lembrou de que Dan detestava que ela fizesse parte da banda.

Ele soltou uma gargalhada. Ela reconheceu o som, mas não gostou particularmente dele. Já se tinha esquecido de como era frequente, enquanto a sua relação durou, o humor de Dan se centrar em fazer pouco das outras pessoas, especificamente dela. Quando estavam juntos, ela tentava não pensar demasiado nesse aspeto da sua personalidade. Ele tinha tantas outras coisas boas — tinha sido encantador com a mãe dela enquanto ela esteve doente, e conseguia falar com facilidade sobre qualquer coisa, era uma pessoa cheia de sonhos para o futuro, era atraente e de convivência fácil, era apaixonado por arte e parava sempre para falar com os sem-abrigo. Ele preocupava-se com o mundo. Uma pessoa é como uma cidade. Não podemos deixar que as partes menos boas nos impeçam de gostar do todo. Pode haver detalhes de que não gostemos, ruas ou bairros mais manhosos, mas as partes boas compensam tudo o resto.

Ele ouvira muitos *podcasts* aborrecidos que, no seu entender, Nora devia ouvir, ria-se de uma maneira que lhe feria os ouvidos e gargarejava alto quando usava o elixir bucal. E, sim, açambarcava o edredão e por vezes conseguia ser muito arrogante nas suas opiniões sobre arte, filmes e música, mas não havia nada de fundamentalmente *errado* com ele. Bem, agora que pensava nisso, ele nunca a apoiara na sua carreira musical, e

avisara-a de que fazer parte dos The Labyrinths e assinar um contrato com a editora não ia ser bom para a sua saúde mental e que o irmão estava a ser um pouco egoísta. Mas na altura ela não encarara isso como um sinal de alerta, pelo contrário, considerara-o um sinal de preocupação. O seu raciocínio fora: ele preocupava-se com ela e era bom ter alguém a olhar por ela, alguém que não quisesse saber da fama e das coisas superficiais, alguém que a ajudasse a navegar as águas da vida. Por isso, quando ele a pediu em casamento, no bar do último piso da Torre Oxo, ela disse que sim, e talvez sempre tivesse estado certa em dizer que sim.

Dan entrou na sala, pousou o copo de cerveja por momentos e pôs-se a olhar para o telemóvel, à procura de perguntas melhores para o próximo concurso.

Nora questionou-se quanto teria ele já bebido naquela noite. Pôs-se a pensar se o sonho de ter um *pub* seria realmente o sonho de ter um fornecimento inesgotável de álcool.

— Como se chama um polígono de 20 lados?

— Não sei — mentiu Nora, sem querer arriscar uma reação semelhante à que recebera ainda há instantes.

Ele guardou o telemóvel no bolso.

— Mas saímos-nos bem à mesma. Eles esta noite beberam que se fartaram. Nada mau para uma terça-feira. As coisas estão a animar. Assim, sempre temos alguma coisa para dizer amanhã no banco. Pode ser que eles nos concedam o prolongamento do empréstimo...

Dan fitou o copo de cerveja, girou-o um pouco e a seguir bebeu o resto.

— Pensei em dizer ao A. J. para mudar o menu de almoço. Em Littleworth ninguém quer comer beterraba cristalizada e salada de favas com bolos de milho. Não estamos propriamente em Fitzrovia. E sei que estão a vender bem, mas aqueles vinhos que escolheste não valem o dinheiro. Principalmente os da Califórnia.

— Está bem.

Ele virou-se e olhou para trás.

— Onde está o quadro?

— O quê?

— O quadro de ardósia. Pensei que tinhas ido buscá-lo à rua. Então era isso que ela tinha ido fazer.

— Não. Não. Vou buscá-lo agora.

— Parecia-me que te tinha visto sair.

Nora sorriu para afastar os nervos.

— Sim, bem... e saí. Tive de... estava preocupada com o nosso gato. O *Volts. Voltaire*. Não conseguia encontrá-lo e fui lá fora à procura dele, mas depois encontrei-o, não encontrei?

Dan estava de regresso ao bar, a servir-se de um whisky.

Pareceu pressentir que ela o estava a julgar.

— É só o meu terceiro. O quarto, talvez. É noite de concurso. Sabes que fico nervoso quando faço de apresentador. E isto ajuda-me a ser engraçado. Hoje fui engraçado, não achaste?

— Sim. Muito engraçado. Diversão total.

Uma expressão séria instalou-se no rosto dele.

— Vi-te a falar com a Erin. O que é que ela te disse?

Nora não sabia ao certo o que responder àquilo.

— Oh, nada de mais. As coisas do costume. Sabes como é a Erin.

— As coisas do costume? Não sabia que já tinhas falado com ela antes.

— Quero dizer, as coisas que as pessoas costumam dizer. Não o que a Erin diz. As coisas normais das pessoas...

— Como está o Will?

— Hum... bastante bem — foi o palpite de Nora. — Ele manda cumprimentos.

Os olhos de Dan arregalaram-se com surpresa.

— A sério?

Ela não fazia a menor ideia do que devia dizer. Talvez Will fosse um bebé. Talvez estivesse em coma.

— Desculpa, não, não mandou nada. Desculpa, não estou a raciocinar. Bem... vou lá fora buscar o quadro.

Pousou o gato no chão e encaminhou-se para a porta. Dessa vez reparou numa coisa que não vira ao entrar.

Era um artigo do jornal *Oxford Times* emoldurado, com a fotografia dela e de Dan no exterior do *pub* As Três Ferraduras. Dan tinha o braço à sua volta. Estava com um fato que ela nunca lhe vira antes e ela vestia um vestido elegante que jamais teria usado (raramente usava vestidos) na sua vida original.

DONOS DE PUB REALIZAM SONHO

De acordo com o artigo, tinham comprado o *pub* por um preço baixo devido ao estado degradado em que se encontrava o espaço e haviam-no renovado recorrendo à ajuda de uma herança modesta (que Dan recebera) e empréstimos bancários. O artigo apresentava uma história de sucesso, embora já tivesse dois anos.

Nora saiu para a rua e questionou-se se uma vida podia ser avaliada em poucos minutos depois da meia-noite de uma terça-feira. Talvez não precisasse de mais nada.

O vento estava a aumentar de intensidade. Naquela rua silenciosa da aldeia, as rajadas fizeram-se notar e arrastaram o quadro um pouco mais para a frente, quase o derrubando. Antes de pegar nele, sentiu o telemóvel a vibrar no bolso. Nem se tinha apercebido de que o tinha consigo. Pegou nele. Era uma mensagem de Izzy.

Reparou que a imagem de fundo do telemóvel era uma fotografia sua e de Dan num destino qualquer cheio de sol.

Desbloqueou o telemóvel usando o reconhecimento facial e abriu a mensagem. Era uma fotografia de uma baleia a erguer-se do mar, os salpicos brancos da água a jorrarem como uma explosão de champanhe. Era uma fotografia maravilhosa, que a deixou a sorrir.

Izzy estava a escrever.

Apareceu outra mensagem:

Esta foi uma das fotos que tirei ontem do barco.

E depois outra:

Baleia-jubarte.

Depois enviou outra fotografia: dessa vez, mostrava duas baleias, com os dorsos de ambas a furar as águas.

Com uma cria.

A última mensagem também incluía uma série de *emojis* de baleias e ondas.

Nora sentiu uma alegria calorosa. Não só por causa das fotografias, que eram indiscutivelmente amorosas, mas pelo contacto com Izzy.

Quando Nora desistiu do casamento com Dan, Izzy insistira para que fosse para a Austrália com ela.

Planearam tudo, iriam viver perto de Byron Bay e arranjar empregos num dos cruzeiros que organizavam expedições para a observação de baleias.

Partilharam muitos vídeos de baleias-jubarte enquanto se preparavam para a nova aventura. Mas depois Nora vacilou e recuou. Da mesma forma que recuara de uma carreira na natação, de fazer parte da banda e de se casar. No entanto, ao contrário do que acontecera em relação a essas coisas, dessa vez não havia sequer uma razão *plausível*. Sim, tinha começado a trabalhar na Teoria das Cordas e, sim, sentia que precisava de

cuidar das campas dos pais, mas sabia que ficar em Bedford era a pior opção de todas. No entanto, foi a opção que escolheu. Por causa de uma estranha e profética sensação de saudade que crescia dentro de si ao mesmo tempo que uma depressão lhe dizia que, em última análise, ela não *merecia* ser feliz. Uma vez que tinha magoado Dan, uma vida inteira de chuva miudinha e depressão na sua cidade natal era o castigo que merecia. Na altura não teve a força de vontade, a clareza ou — caramba! — a *energia* para fazer mais nada.

Por isso, a verdade é que trocara a sua melhor amiga por um gato.

Na sua vida verdadeira, a amizade com Izzy mantinha-se. Não acontecera nada assim tão dramático. Mas depois de Izzy ter ido para a Austrália, as coisas entre as duas tinham começado a esmorecer, até a amizade se tornar apenas uma corrente débil de gostos no *Facebook* e no *Instagram*, com mensagens de aniversário cheias de *emojis*.

Leu as mensagens anteriores que tinha trocado com Izzy e percebeu que, embora estivessem separadas por 16 mil quilómetros, naquela versão da vida tinham uma amizade muito melhor.

Quando regressou ao *pub*, já com o quadro de lousa, Dan não estava em lado nenhum, por isso Nora fechou a porta das traseiras e esperou um instante, no corredor, enquanto tentava perceber onde seriam as escadas e sem saber ao certo se queria

realmente seguir o marido já ligeiramente tocado até ao andar de cima.

Encontrou as escadas nas traseiras do edifício, atrás de uma porta com a tabuleta: «Apenas para Pessoal Autorizado». Quando pisou o tapete de ráfia bege a caminho das escadas, viu uma pequena fotografia pousada no parapeito de uma janela amorosa — mesmo ao lado de um cartaz emoldurado de *As Coisas que Aprendemos no Escuro*, um dos seus filmes favoritos do Ryan Bailey, que tinha ido ver com Dan ao cinema Odeon, em Bedford.

A fotografia representava uma cena do seu casamento. A preto-e-branco, num estilo muito descontraído e natural. Iam a sair da igreja sob uma chuva de *confetti*. Era difícil distinguir bem os rostos de ambos, mas estavam os dois a rir, uma gargalhada partilhada, e, tanto quanto se podia perceber pela fotografia, pareciam estar apaixonados. Lembrava-se de a mãe falar de Dan. («Ele é um bom homem. Tens tanta sorte. Estima-o bem.»)

Viu também o irmão, Joe, de cabeça rapada e com um ar genuinamente feliz, de copo de champanhe na mão, ao lado do (breve) namorado Lewis, que era um desastroso investidor da banca. Izzy estava ali e Ravi também, mas este último tinha mais ar de contabilista do que de baterista. Estava acompanhado por uma mulher de óculos que ela nunca tinha visto.

Enquanto Dan estava na casa de banho, Nora encontrou o quarto. Embora fosse evidente que tinham preocupações monetárias — a reunião com o banco que inspirava tantos nervos confirmava-o —, o quarto estava mobilado de forma requintada.

As cortinas eram bonitas. A cama era grande e tinha um aspeto confortável. O edredão era branco, limpo e parecia imaculado.

Havia livros de ambos os lados da cama. Na sua vida de verdade, há pelo menos seis meses que não tinha um livro na mesa de cabeceira. Há seis meses que não lia absolutamente *nada*. Talvez naquela vida tivesse maior capacidade de concentração.

Pegou num dos livros, *Meditação para Principiantes*. Por baixo desse estava um exemplar de uma biografia do seu filósofo favorito, Henry David Thoreau. Na mesa de cabeceira de Dan também havia livros. O último livro que se lembrava de o ver ler era uma biografia de Toulouse-Lautrec — *Minúsculo Gigante* —, mas naquela vida ele estava a ler um livro de negócios intitulado *De Zero a Herói: Alcançar o Sucesso no Trabalho, no Lazer e na Vida*, assim como a última edição do guia dos melhores *pubs*.

Nora sentia o seu corpo diferente. Um pouco mais saudável, mais forte, mas tenso. Tocou no abdómen e descobriu que naquela vida fazia mais exercício físico. O cabelo também lhe parecia diferente. Tinha uma franja pesada e, quando lhe tocou, percebeu que o cabelo que lhe caía pelas costas era mais comprido. Sentia a cabeça meio zozza. Devia ter bebido pelo menos dois copos de vinho.

Uns instantes depois, ouviu o autoclismo. A seguir ouviu Dan gargarejar. Parecia-lhe um pouco mais ruidoso do que seria necessário.

— Estás a sentir-te bem? — perguntou Dan ao entrar no quarto. Nora apercebeu-se então de que a voz dele não era como se

lembrava. Soava-lhe mais vazia. Ligeiramente mais fria. Talvez fosse o cansaço. Talvez fosse o stress. Talvez fosse a cerveja. Talvez fosse o casamento.

Talvez fosse outra coisa qualquer.

Tinha dificuldade em lembrar-se exatamente de como a voz dele soava antes. Como ele era, precisamente. Mas aquela era a natureza da memória. Quando andava na faculdade, tinha escrito um ensaio friamente intitulado «Os Princípios da Memória e Imaginação Hobbesiana». Thomas Hobbes encarara a memória e a imaginação como sendo praticamente a mesma coisa e, desde então, Nora descobrira que nunca mais poderia confiar inteiramente nas suas memórias.

Lá fora, a luz amarela do candeeiro de rua iluminava a estrada desolada da pequena aldeia.

— Nora? Estás um bocadinho estranha. Porque é que estás aí parada no meio do quarto? Vais preparar-te para vir para a cama ou estás a fazer uma espécie de meditação em pé?

E riu-se. Ele achava que tinha graça.

Ele aproximou-se da janela e fechou as cortinas. Depois despiu as calças de ganga e pousou-as nas costas de uma cadeira. Ela olhou para ele e tentou sentir a atração que outrora sentira tão profundamente. Parecia requerer um esforço verdadeiramente hercúleo. Nora não estava à espera disso.

Todas as vidas de toda a gente podiam ter acabado por correr de um número infinito de maneiras.

Ele deixou-se cair pesadamente em cima da cama, uma baleia a

deixar-se cair no mar. Pegou no livro *De Zero a Herói*. Tentou concentrar-se. Pousou o livro. Pegou num portátil que estava ao lado da cama, enfiou um auscultador no ouvido. Talvez fosse ouvir um *podcast* qualquer.

— Estou só aqui a pensar numa coisa.

Começou a sentir-se fraca. Como se só uma parte de si ali estivesse. Lembrava-se de a Sra. Elm lhe dizer que a desilusão numa das vidas a levaria de volta à biblioteca. Percebeu, então, que para ela era demasiado estranho entrar na cama de um homem que não via há dois anos.

Reparou nas horas que o relógio digital marcava: 00h23.

Ainda com o auscultador no ouvido, ele olhou novamente para ela.

— Certo, ouve, se não queres fazer bebés esta noite, basta dizeres, sabes?

— O quê?

— Quero dizer, sei que temos de esperar mais um mês até voltares a ovular...

— Estamos a tentar ter um filho? Eu quero ter um filho?

— Mas o que é que se passa contigo, Nora? Porque é que estás tão estranha hoje?

Ela descalçou os sapatos.

— Não estou.

Uma memória relacionada com a t-shirt do *Tubarão* regressou à sua mente.

Na verdade, era uma música. *O Céu Está Lindo*.

No dia em que comprara aquela t-shirt para Dan, tinha escrito também a canção *O Céu Está Lindo*, para os The Labyrinths. Estava convencida de que era a melhor canção que já escrevera. Mais do que isso, era uma canção feliz que refletia o seu otimismo sobre o ponto da vida em que se encontrava. Era uma canção inspirada pela sua nova vida com Dan. E ele escutara-a com uma indiferença indolente que a magoara muito na altura; se não fosse o aniversário dele, ter-lhe-ia falado disso.

— Pois, está bem — retrucou ele.

Nora questionou-se por que motivo aquela memória ficara enterrada durante tanto tempo, para agora lhe aflorar ao pensamento, como se fosse o grande tubarão-branco da t-shirt gasta.

Havia mais coisas que só agora lhe ocorriam. A reação exagerada dele quando ela em tempos lhe falara de um dos clientes — Ash, um cirurgião e guitarrista amador que ia de vez em quando à Teoria das Cordas comprar pautas e que um dia perguntara casualmente a Nora se ela aceitaria ir beber café com ele.

(«É claro que eu disse que não, para de gritar!»)

Mas o pior foi quando um representante da divisão de Artistas e Repertórios de uma grande editora (ou melhor, uma editora *indie* com a Universal por trás) quis assinar contrato com os The Labyrinths. Dan dissera-lhe que era provável que não sobrevivessem enquanto casal. Também tinha ouvido uma história horrível de um dos seus amigos da faculdade que fazia

parte de uma banda que tinha assinado um contrato com uma editora que lhes roubara o dinheiro todo e acabaram por ficar todos desempregados, alcoólicos e sabe-se lá mais o quê.

«Eu podia levar-te comigo», dissera-lhe ela. «Incluía a cláusula no contrato. Podíamos ir juntos para todo o lado.»

«Desculpa, Nora, mas isso é o *teu* sonho. Não é o meu.»

Agora, com a devida distância, aquilo magoava-a ainda mais, sabendo como antes do casamento se esforçara tanto em transformar o sonho dele — de ter um *pub* numa zona rural de Oxfordshire — no seu sonho também.

Dan sempre dissera que a sua preocupação se centrava nela: Nora tinha ataques de pânico sempre que estava com a banda, principalmente quando se aproximava de um palco. Mas agora que pensava nisso, percebia que essa preocupação tinha sido pelo menos um pouco manipuladora.

— Pensei que já estavas a começar a confiar em mim outra vez — dizia ele agora.

— A confiar em ti? Dan, porque é que não havia de confiar em ti?

— Sabes bem porquê.

— É claro que sei — mentiu ela. — Só quero ouvir-te dizê-lo.

— Bem, desde as cenas com a Erin.

Nora ficou especada a olhar para ele como se Dan fosse um borrão de Rorschach no qual não conseguia distinguir uma figura distinta.

— A Erin? A mesma com quem eu estava a falar hoje à noite?

— Vou ser vergastado para sempre por causa de um erro estúpido num momento de bebedeira?

O vento aumentava de intensidade na rua, uivava por entre as árvores como se estivesse a tentar formar uma língua.

Era aquela a vida que chorara durante tanto tempo. Era aquela a vida que se recriminara tanto por não estar a viver. Era aquela linha temporal que se arrependera de não ter vivido.

— Um erro estúpido? — ecoou ela.

— Pronto, está bem, dois erros.

Os erros estavam a multiplicar-se.

— Dois?

— Eu estava mal. Sabes bem porquê. A pressão. A pressão deste lugar. E eu estava muito bêbedo.

— Fizeste sexo com outra pessoa e não me parece que desde então tenhas procurado grande... expiação.

— A sério, porque é que vamos arrastar novamente este assunto? Já passámos por isto. Lembra-te do que disse o psicólogo. Temos sempre de nos concentrar no ponto para onde queremos ir no futuro e não onde estivemos no passado.

— Alguma vez te ocorreu que podemos não ser a pessoa indicada um para o outro?

— O quê?

— Eu amo-te, Dan. E tu consegues ser uma pessoa muito bondosa. Foste ótimo com a minha mãe. E nós tínhamos, quero dizer, temos conversas ótimas. Mas não sentes que o nosso tempo já passou? Que ambos mudámos?

Sentou-se na beira da cama. No canto mais afastado dele.

— Alguma vez te sentes um sortudo por me teres na tua vida? Tens noção de como estive perto de te deixar quando só faltavam dois dias para o casamento? Fazes ideia de como terias ficado destruído quando eu não aparecesse no dia do casamento?

— Uau... A sério? Tu realmente tens-te em grande estima, Nora.

— E não devia? Quero dizer, não devíamos todos? O que há de errado em ter autoestima? Além de que é verdade. Existe todo um outro universo em que me envias mensagens de *WhatsApp* a dizer que estás uma lástima sem mim. Viraste-te para o álcool, embora aparentemente também o tenhas feito *comigo* aqui. Envias-me mensagens a dizer que tens saudade da minha voz.

Ele fez um ruído de desvalorização, algures entre uma gargalhada e um grunhido.

— Pois olha que, neste preciso instante, não estou com saudades nenhuma da tua voz.

Nora não conseguiu passar dos sapatos. Percebeu que era difícil — talvez impossível — tirar uma única peça de roupa à frente dele.

— E deixa de falar do que eu bebo ou não bebo.

— Se estás a usar a bebida como desculpa para ires para a cama com outra pessoa, posso falar do que bebes até me apetecer.

— Eu sou um proprietário rural — resfolegou Dan. — É o que os proprietários rurais fazem. São alegres e joviais e não se importam de partilhar as muitas e deliciosas bebidas que vendem. *Chiça*.

Desde quando é que ele fala assim? Ele sempre falou assim?

— Que diabo, Dan.

Ele nem sequer parecia incomodado. Não demonstrava a menor gratidão por aquele universo onde vivia. O universo cuja existência Nora se culpava tanto por ter impedido. Ele pegou no telemóvel, ainda com o portátil em cima da cama. Nora ficou a observá-lo enquanto ele ia vendo coisas.

— Foi isto que imaginaste? O teu sonho está a correr bem?

— Não vamos falar agora de merdas pesadas, Nora. Anda, vem para a cama e pronto.

— És feliz, Dan?

— Ninguém é feliz, Nora.

— Algumas pessoas são. Tu eras. Costumavas ganhar vida quando falavas disto. De ter um *pub* no campo, sabes? Antes de o teres. Esta é a vida que tu sonhaste. Querias ter-me e querias ter um *pub*, e agora que tens as duas coisas, és-me infiel e bebes como um peixe. Acho que só me dás valor quando não me tens, o que não é uma coisa muito agradável. Então e os *meus* sonhos?

Ele quase não a estava a ouvir. Ou pelo menos queria aparentar que não a ouvia.

— Há uns incêndios imensos na Califórnia — disse ele, quase para consigo. — Bem, pelo menos não estamos lá.

Ele pousou o telemóvel. Fechou o portátil.

— Vens para a cama ou quê?

Nora tinha-se encolhido por ele, mas mesmo assim Dan não encontrou o espaço de que precisava. Mas não o faria mais.

— Icoságono — disse-lhe.

— O quê?

— A pergunta do concurso de hoje. Um polígono de 20 lados. Pois bem, um polígono com 20 lados chama-se icoságono. Eu sabia a resposta, mas não te disse porque não queria que fizesses troça de mim. Agora já não quero saber, porque acho que não te devia incomodar o facto de eu saber coisas que tu não sabes. Além disso, agora vou à casa de banho.

Deixando Dan de cara à banda, atravessou suavemente as tábuas largas do soalho e saiu do quarto.

Chegou à casa de banho. Acendeu a luz. Sentiu um formigueiro nos braços, nas pernas e no tronco. Uma espécie de eletricidade estática à procura de libertação. Estava a desvanecer-se, tinha a certeza. Não lhe restava muito tempo ali. A desilusão era completa.

A casa de banho era impressionante. Nora arquejou ao ver a sua imagem refletida no espelho. Tinha um aspeto mais saudável, mas também mais velho. O cabelo fazia-a sentir-se uma desconhecida.

Esta não era a vida que ela tinha imaginado.

E Nora desejou boa sorte à outra Nora que estava no espelho.

No instante seguinte, estava de volta, algures no interior da Biblioteca da Meia-Noite, e a Sra. Elm fitava-a um pouco ao longe, com um sorriso curioso.

— Então, como correu?

A Penúltima Atualização

Publicada por Nora Antes de Se Encontrar Entre a Vida e a Morte

Alguma vez pensam: «Como é que cheguei a este ponto?» Como se estivessem num labirinto, completamente perdidos, mas a culpa é toda vossa porque foram vocês que viraram na direção errada? Sabem que há imensos caminhos que vos podiam ter ajudado, porque conseguem ouvir no exterior do labirinto todas as pessoas que de lá saíram, e estas estão a sorrir e a rir. Por vezes, têm um vislumbre dessas pessoas através das sebes. Um vulto fugaz por entre as folhas. Elas parecem tremendamente felizes por terem conseguido e vocês não têm ressentimentos em relação a elas; o que têm são ressentimentos em relação a vocês mesmo, por não terem a sua capacidade para encontrarem a saída.

Já vos aconteceu? Ou este labirinto só existe para mim?

P. S.: O meu gato morreu.

O Tabuleiro de Xadrez

Todas as prateleiras da Biblioteca da Meia-Noite estavam paradas mais uma vez, como se o seu movimento jamais tivesse sido uma possibilidade.

Nora pressentiu que agora se encontravam numa parte diferente da biblioteca — não tanto numa sala diferente, já que parecia existir apenas uma enorme sala infinita. Era difícil dizer se estava de facto numa parte diferente da biblioteca, porque os livros continuavam a ser verdes, embora lhe parecesse estar mais próxima de um corredor do que antes. Dali conseguia ter um vislumbre de qualquer coisa nova por entre as estantes — uma secretária e um computador, uma espécie de escritório aberto posicionado no corredor que separava as estantes de livros.

A Sra. Elm não se encontrava na secretária. Estava sentada a uma mesa de madeira baixa mesmo em frente a Nora; e estava a jogar xadrez.

— Foi diferente do que imaginei — disse Nora.

A Sra. Elm parecia já ir a meio da partida.

— É difícil prever, não é? — perguntou, olhando para a frente com uma expressão vazia enquanto movia o bispo preto pelo tabuleiro para derrubar um peão branco. — As coisas que nos vão fazer felizes.

A Sra. Elm rodou o tabuleiro 180 graus. Segundo parecia, estava a jogar contra si mesma.

— Sim — respondeu Nora. — É difícil. Mas o que lhe vai acontecer? A *mim*? Como é que ela vai acabar?

— Como hei de saber? Eu só conheço o hoje. Sei muito sobre hoje. Mas não sei o que acontece amanhã.

— Mas ela vai dar por si naquela casa de banho e não vai saber como ali foi parar.

— Tu nunca entraste numa divisão e, de repente, ficaste a pensar no que terias ido ali fazer? Nunca te esqueceste de alguma coisa que acabaste de fazer? Nunca tiveste uma branca ou te enganaste em relação a alguma coisa que estivesses a fazer?

— Sim, mas eu estive naquela vida durante meia hora.

— E a outra Nora não vai saber disso. Ela vai lembrar-se do que acabou de dizer e de fazer. Mas como se tivesse sido ela a dizer e a fazer as coisas.

Nora soltou um suspiro profundo.

— O Dan não era assim.

— As pessoas mudam — disse a Sra. Elm, ainda de olhos postos no tabuleiro de xadrez. A mão pairou sobre um bispo.

Nora refez o seu pensamento.

— Ou talvez ele sempre tenha sido assim e eu não o conseguia ver.

— Então, e o que estás a sentir? — perguntou-lhe a Sra. Elm, agora a olhar para ela.

— Que ainda quero morrer. Há já algum tempo que quero

morrer. Calculei cuidadosamente que a dor de continuar a viver como o maldito desastre ambulante que sou é superior à eventual dor que alguém possa sentir se eu morrer. Na verdade, acho que seria um alívio. Não sou útil para ninguém. Era uma má funcionária no meu trabalho. Desiludi toda a gente. Para ser muito honesta, sou um desperdício de pegada ecológica. Eu magoo as pessoas. Não me resta ninguém. Nem sequer o pobre do Volts, que morreu porque eu nem de um gato consigo cuidar decentemente. Eu quero morrer. A minha vida é um desastre. E quero acabar com ela. Não fui talhada para viver. E também não vale a pena passar por isto tudo. Porque estou claramente fadada a ser infeliz nas minhas outras vidas também. É quem eu sou. Não acrescento nada. Vivo numa bolha de autocomiseração. Anseio por morrer.

A Sra. Elm olhou duramente para Nora, como se estivesse a ler uma passagem de um livro que já lera, mas agora lhe encontrasse um novo significado.

— «Anseio» — disse-lhe num tom ponderado — é uma palavra interessante. Implica a ausência de qualquer coisa. Por vezes, quando preenchemos essa ausência com outra coisa qualquer, a necessidade original desaparece inteiramente. Talvez o teu problema seja mais de ausência do que de necessidade. Talvez exista uma vida que tu queiras realmente viver.

— Pensei que era aquela. A vida com o Dan. Mas não era.

— Pois não, não era. Mas aquela foi apenas uma das tuas vidas possíveis. E uma vida no infinito é uma fração mesmo muito

pequena.

— Todas as vidas que eu possa viver têm-me a mim no seu interior. Por isso, não se trata realmente de todas as vidas possíveis.

A Sra. Elm não a estava a ouvir.

— Então, diz-me, onde queres ir agora?

— A lado nenhum, por favor.

— Queres ver novamente o *Livro dos Arrependimentos*?

Nora enrugou o nariz e abanou ligeiramente a cabeça. Lembrava-se da sensação de sufocar com tanto arrependimento.

— Não.

— E o teu gato? Como é que se chama?

— *Voltaire*. É um nome um bocadinho pretensioso, mas ele não era um gato verdadeiramente pretensioso, por isso chamava-lhe só *Volts*. Às vezes *Voltsy*, se estivesse a sentir-me jovial. O que era raro, obviamente. Nem quanto ao nome do gato me conseguia decidir.

— Bem, disseste que não tinhas jeito para a cuidar do gato. O que terias feito de diferente?

Nora pensou durante uns instantes. Tinha uma sensação bastante real de que a Sra. Elm estava a jogar um jogo qualquer com ela, mas por outro lado também queria voltar a ver o seu gato, não apenas outro gato com o mesmo nome. Na verdade, queria vê-lo mais do que qualquer outra coisa.

— Está bem. Gostava de ver uma vida na qual eu mantivesse o *Voltaire* dentro de casa. O meu *Voltaire*. Gostava de uma vida em

que eu não tentasse suicidar-me e onde fosse uma boa dona para o meu gato, uma vida em que não o deixasse ir para a rua de noite. Gostava de ver essa vida, durante um bocadinho. Essa vida existe, não existe?

Viver É a Única Forma de Aprender

Nora olhou em redor e deu por si deitada na sua própria cama. Olhou para as horas, passava um minuto da meia-noite. Ligou o candeeiro. Aquela era *exatamente* a sua vida, mas ia ser melhor, porque *Voltaire* ia estar vivo. O seu verdadeiro *Voltaire*.

Mas onde andava ele?

— Volts?

Saiu da cama.

— Volts?

Procurou por todo o apartamento, mas não o conseguiu encontrar em lado nenhum. A chuva batia contra as janelas — essa parte não mudara. A caixa nova de antidepressivos estava em cima da bancada da cozinha. O piano elétrico, encostado à parede, silencioso.

— Voltsy?

Ali estava a sua iúca e os três gatos minúsculos nos vasilhinhos, ali estavam as estantes com a mesmíssima mistura de livros de filosofia e romances, manuais de yoga ainda por abrir e biografias de estrelas de *rock* e livros de ciências desdobráveis. Uma *National Geographic* antiga com um tubarão na capa e um

exemplar com cinco meses da *Elle*, que ela comprara principalmente por causa da entrevista ao Ryan Bailey. Há muito tempo que não comprava nada.

E ali estava o prato do gato, cheio de comida.

Procurou por todo o lado, chamando pelo nome dele. Só quando regressou ao quarto e espreitou para debaixo da cama é que o viu.

— Volts!

O gato não se mexia.

Os braços de Nora não eram suficientemente compridos para o alcançar, por isso afastou a cama.

— Voltsy. Vá lá, Voltsy — murmurou.

Mas assim que tocou no seu corpo frio percebeu o que acontecera e sentiu-se inundada por uma onda de tristeza e confusão. Deu por si imediatamente de regresso à Biblioteca da Meia-Noite, diante da Sra. Elm, que dessa vez se encontrava sentada numa poltrona confortável, profundamente absorvida num livro.

— Não entendo — disse Nora.

A Sra. Elm manteve os olhos na página que estava a ler.

— Serão muitas as coisas que não vais entender.

— Mas eu pedi uma vida em que o *Voltaire* estivesse vivo.

— Na verdade, não foi isso que pediste.

— O quê?

A bibliotecária pousou o livro.

— Pediste uma vida em que mantivesses o teu gato dentro de

casa. É uma coisa inteiramente diferente.

— É?

— Sim. Inteiramente. É que se tivesses pedido uma vida em que ele ainda estivesse vivo, eu teria dito que não.

— Porquê?

— Porque essa vida não existe.

— Pensei que todas as vidas existiam.

— Todas as vidas possíveis. Como se descobriu, o *Voltaire* tinha um problema de saúde chamado — leu cuidadosamente no livro — cardiomiopatia restritiva, que no seu caso era muito severa, mas era algo congénito; por isso, o seu coração estava fadado a parar ainda muito jovem.

— Mas ele foi atropelado por um carro.

— Nora, há uma diferença entre morrer numa estrada e ser atropelado por um carro. Na tua vida de base, o *Voltaire* viveu durante mais tempo do que em quase todas as restantes vidas, à exceção daquela de onde acabaste de regressar, em que morreu há apenas três horas. Embora ele tivesse tido alguns anos difíceis no início da sua vida, o ano que passou contigo foi o melhor de todos. Acredita em mim, o *Voltaire* teve vidas bem piores do que essa.

— Ainda há um instante nem sequer sabia o nome dele. Agora até sabe que ele tinha uma cardio-não-sei-quê?

— Eu sabia o nome dele. E não foi há um instante. Foi no mesmo instante, vê as horas.

— Porque me mentiu?

— Eu não menti. Perguntei como se chamava o teu gato, o que não quer dizer que não soubesse o nome dele. Entendes a diferença? Só queria que dissesse o nome dele, para sentires alguma coisa.

Nora estava incandescente de agitação.

— Mas isso ainda é pior! Enviou-me para aquela vida *sabendo* que o Volts estaria morto. E o Volts *estava* morto. Por isso, nada mudou.

Os olhos da Sra. Elm voltaram a brilhar.

— Exceto tu.

— O que quer dizer com isso?

— Bem, agora já não te vês como uma má cuidadora de gatos. Cuidaste tão bem do *Voltaire* quanto seria possível. Ele amava-te tanto como tu a ele, e talvez ele não quisesse que o visses a morrer. Os gatos *sabem* coisas, entendes? Eles percebem quando o seu tempo chega ao fim. Ele foi para a rua *porque* ia morrer e sabia disso.

Nora tentou interiorizar tudo aquilo. Agora que pensava melhor, realmente não vira sinais de atropelamento no corpo do gato. Ela limitara-se a tirar a mesma conclusão precipitada que Ash. Que um gato morto na estrada teria provavelmente morrido *por causa* da estrada. E se um cirurgião podia pensar uma coisa assim, uma leiga como ela não pensaria de forma diferente. Dois mais dois era igual a atropelamento por um carro.

— Pobre Volts — murmurou Nora, com pesar.

A Sra. Elm sorriu como uma professora que vê o aluno a

entender a lição.

— Ele amava-te, Nora. Cuidaste dele tão bem quanto qualquer pessoa poderia cuidar. Agora, vai lá ler a última página do *Livro dos Arrependimentos*.

Nora viu que o livro estava caído no chão. Ajoelhou-se ao lado dele.

— Não quero tornar a abri-lo.

— Não te preocupes. Desta vez vai ser mais seguro. Mas abre só na última página.

Assim que abriu a última página, viu um dos seus últimos arrependimentos — «Arrependo-me de não ter cuidado bem do *Voltaire*» — a desaparecer lentamente da página. As letras desvaneciam-se como se estivessem a mergulhar num nevoeiro.

Nora fechou o livro antes que sentisse alguma coisa má a acontecer dentro de si.

— Pronto, estás a ver? Às vezes, os arrependimentos não são nem um pouco baseados em factos reais. Às vezes, os arrependimentos são só... — procurou pelo termo adequado e encontrou-o. — Um monte de *tretas*.

Nora pôs-se a pensar nos tempos de escola e tentou lembrar-se se a Sra. Elm alguma vez dissera a palavra «tretas», mas tinha quase a certeza de que não.

— Mas continuo sem entender por que motivo me deixou ir para aquela vida quando sabia que o *Volts* estava morto. Podia ter-me dito. Podia ter-me explicado simplesmente que eu não era uma má dona de gatos. Porque não o fez?

— Porque, por vezes, viver é a única forma de aprender, Nora.

— Parece-me difícil.

— Senta-te um bocadinho — disse a Sra. Elm. — Mas numa cadeira. Não está certo ficares aí ajoelhada no chão. — Quando Nora se virou, viu atrás de si uma poltrona em que não reparara antes. Era uma poltrona antiga, de mogno e couro estofado, talvez de estilo eduardino, com um apoio para livro em latão preso a um dos braços. — Concede-te um momento.

Nora sentou-se.

Olhou para o relógio. Não importava quantos momentos se concedesse, continuava a ser meia-noite.

— Continuo sem gostar disto. Uma vida de tristeza foi o suficiente. De que serve arriscar-me a viver outras vidas tristes?

— Está bem — disse a Sra. Elm, encolhendo os ombros.

— O que foi?

— Então, não vamos fazer nada. Podes ficar aqui na biblioteca com todas estas vidas à espera nas prateleiras e não escolher nenhuma.

Nora sentia que a Sra. Elm estava a jogar um jogo qualquer consigo. Mas decidiu alinhar.

— Está bem.

Por isso, deixou-se ficar sentada onde estava e a Sra. Elm voltou a pegar no seu livro.

Parecia-lhe injusto que a Sra. Elm conseguisse ler as vidas sem entrar dentro delas.

O tempo foi passando.

Embora tecnicamente não passasse de todo, claro.

Nora podia ficar ali para sempre sem nunca voltar a sentir fome, sede ou cansaço. Mas, segundo parecia, podia sentir tédio.

Com o tempo a permanecer parado, a curiosidade de Nora em relação a outras vidas foi aumentando lentamente. Afinal, era praticamente impossível estar numa biblioteca e não ter vontade de tirar livros das prateleiras.

— Porque não me pode dar uma vida que saiba que é boa? — perguntou subitamente.

— Porque não é assim que esta biblioteca funciona.

Nora tinha outra pergunta.

— De certeza que na maior parte das vidas a esta hora já estou a dormir, não estou?

— Em muitas delas, sim.

— Então, o que acontece se lá for?

— Dormes. Depois acordas na nova vida. Não é nada com que devas preocupar-te. Mas se isso te deixa nervosa, podes tentar uma vida com outro fuso horário.

— Como assim?

— Bem, não é de noite no mundo inteiro, pois não?

— Como?

— O número de universos possíveis em que podes viver é *infinito*. Estás a dizer-me que achas mesmo que todos se regem pela Hora Média de Greenwich?

— É claro que não — disse Nora, apercebendo-se de que estava prestes a ceder e experimentar uma nova vida. Pensou nas baleias-jubarte. Pensou na mensagem sem resposta. — Quem me

dera ter ido para a Austrália com a Izzy. Gostaria de experimentar essa vida.

— É uma excelente escolha.

— Porquê? É uma excelente vida?

— Oh, eu não disse isso. Sinto apenas que talvez estejas a melhorar a tua capacidade de *escolha* de vidas.

— Então, é uma vida má?

— Eu também não disse isso.

Foi então que as prateleiras começaram a mover-se novamente, parando alguns segundos depois.

— Ah, sim, cá está ela — disse a Sra. Elm, tirando um livro da segunda prateleira a contar de baixo. Reconheceu-o imediatamente, o que era estranho, já que parecia quase idêntico a todos os que o rodeavam.

Entregou afetosamente o livro a Nora, como se fosse um presente de aniversário.

— Aqui tens. Já sabes o que fazer.

Nora hesitou.

— E se eu estiver morta?

— Desculpa?

— Quero dizer, noutra vida. Deve haver vidas em que eu morro antes de hoje.

A Sra. Elm pôs um ar intrigado.

— Era isso que querias?

— Bem, sim, mas...

— Sim, tu morreste um número infinito de vezes antes do dia de

hoje. De acidente de viação, por *overdose*, afogada, com uma intoxicação alimentar, engasgada com uma maçã, engasgada com uma bolacha, engasgada com um cachorro-quente *vegan*, engasgada com um cachorro-quente não *vegan*, de todas as doenças possíveis que podias ter apanhado ou contraído... Morreste de todas as formas que podias ter morrido, a qualquer altura que podia ter acontecido.

— Então eu posso abrir um livro e morrer simplesmente?

— Não. Não instantaneamente. Tal como aconteceu com o *Voltaire*, as únicas vidas que estão disponíveis na biblioteca são as vidas em que estás... bem, *viva*. Quero dizer, podes *morrer* nessa vida, mas não tens de morrer antes de entrares nela, porque esta Biblioteca da Meia-Noite não é uma biblioteca de fantasmas. Não é uma biblioteca de cadáveres. É uma biblioteca de possibilidades. E a morte é o oposto da possibilidade. Compreendes?

— Acho que sim.

Nora fitou o livro que lhe tinha sido oferecido. Era verde-conífero. A textura era suave, e também este tinha o mesmo título abrangente e quase sem significado. *A Minha Vida*.

Abriu e viu uma página em branco, por isso folheou a página seguinte questionando-se o que aconteceria dessa vez. «A piscina estava um pouco mais cheia do que era habitual...»

E de repente estava lá.

Fogo

Arquejou. As sensações eram bruscas. O ruído e a água. Tinha a boca aberta e engasgou-se. Sentiu o sabor acre e salgado da água.

Tentou tocar com os pés no fundo da piscina, mas não tinha pé, por isso começou rapidamente a nadar em estilo bruços.

Estava numa piscina de água salgada. Localizada no exterior, ao lado do mar. Aparentemente, a piscina era esculpida nas rochas da própria orla costeira. Conseguia ver o mar mesmo ali ao lado. O sol brilhava no céu. A água estava fria, mas com o calor a frescura era bem-vinda.

Em determinada altura, ela tinha sido a melhor nadadora de 14 anos de Bedfordshire.

Ganhara duas provas do Campeonato Nacional de Natação Júnior na sua faixa etária. Os 400 metros livres e os 200 metros livres. O pai levava-a todos os dias até à piscina local. Às vezes antes das aulas, mas também depois. No entanto, naquela altura — enquanto o irmão tocava Nirvana na sua guitarra —, ela trocou as piscinas por escalas e aprendeu sozinha a tocar não apenas Chopin mas também clássicos como *Let It Be* e *Rainy Days and Mondays*. Também começou a compor as suas próprias músicas, mesmo antes de o irmão ter sequer começado a idealizar os *The Labyrinths*.

Ainda assim, ela não abandonara de vez a natação, só a pressão que lhe causava.

Chegou ao outro lado da piscina. Parou e olhou em redor. Conseguia ver uma praia mais abaixo, ao longe. A praia desenhava uma curva e acolhia as ondas que rebentavam na areia. Para lá da praia, já em terra, via-se uma extensão relvada. Era um parque, com palmeiras e pessoas a passear cães.

Para lá do parque, havia casas e prédio baixos de apartamentos, e na estrada o trânsito deslizava. Já tinha visto fotografias de Byron Bay e não lhe parecera exatamente assim. Aquele lugar, fosse lá qual fosse, parecia-lhe um pouco mais civilizado. Com um ar surfista, mas também mais urbano.

Quando voltou a concentrar a atenção na piscina, viu um homem a sorrir-lhe enquanto consertava os óculos de natação. Ela conhecia aquele homem? Receberia bem o seu sorriso naquela vida? Como não fazia ideia, respondeu com um sorriso educado. Sentia-se como uma turista com uma moeda desconhecida e sem saber qual era o valor adequado para uma gorjeta.

Depois, uma idosa de touca de natação sorriu-lhe quando deslizou na água na sua direção.

— Bom dia, Nora — disse ela, sem parar de nadar.

Era um cumprimento que sugeria que ela frequentava habitualmente aquela piscina.

— Bom dia — respondeu Nora.

Olhou para o mar para evitar conversas desconfortáveis. Um grupo de surfistas, que dali pareciam do tamanho de partículas

de pó, nadavam nas suas pranchas sobre as enormes ondas azul-safira.

Aquele início da sua vida australiana era bastante promissor. Olhou para o relógio de pulso. Um *Casio* cor de laranja com aspeto baratucho. Era um relógio descontraído e alegre que sugeria, assim esperava, uma vida descontraída e alegre. Passava pouco das 9 horas. Junto ao relógio usava um elástico com uma chave pendurada.

Então aquele era o seu ritual da manhã. Numa piscina exterior ao lado da praia. Questionou-se se estaria ali sozinha. Procurou por sinais de Izzy na piscina, mas não a viu em lado nenhum.

Nadou um pouco mais.

Quando nadava, o que mais lhe agradava era o desaparecimento. Dentro de água, a sua concentração era tão pura que não pensava em mais nada. Todas as preocupações sobre a escola ou a vida em casa desapareciam. A arte de nadar focava-se na pureza — como presumivelmente todos os tipos de arte. Quanto mais uma pessoa se concentrasse na atividade em questão, menos se concentrava em tudo o resto. Uma pessoa quase parava de ser quem era e transformava-se na ação que estava a executar.

Mas, quando começou a sentir os braços e o peito a doer, Nora teve dificuldade em continuar concentrada. Pressentiu que já devia ter nadado muito e que estaria provavelmente na hora de sair da piscina. Viu uma placa: «Piscina de Bronte Beach». Recordava-se vagamente de que Dan, que passara o seu ano de

pausa na Austrália, lhe falara daquele lugar, e o nome ficou-lhe na memória — Bronte Beach — porque era fácil de recordar. Imaginem a Jane Eyre numa prancha de surf.

Mas ali estava a confirmação da sua dúvida.

Bronte Beach ficava em Sydney. Mas, decididamente, não fazia parte de Byron Bay.

Isso significava uma de duas coisas. Ou naquela vida Izzy não estava em Byron Bay, ou Nora não estava com Izzy.

Reparou que a sua pele tinha um bronzeado cor de caramelo.

É claro que teria um problema com que lidar em seguida: não sabia onde estavam as suas roupas. Lembrou-se de que tinha no pulso um elástico com uma chave.

Número 57. O seu cacifo era o 57. Encontrou os balneários e abriu o cacifo pequeno e quadrado para constatar que, naquela vida, o seu gosto em roupa — e em relógios — era definitivamente mais colorido. Deparou com uma t-shirt com a imagem de um ananás. Na verdade, era uma cornucópia inteira formada por ananases. Uns calções de ganga cor-de-rosa e lilases e umas sapatilhas axadrezadas.

Mas quem sou eu? Questionou-se. Uma apresentadora de programas televisivos infantis?

No cacifo encontrou protetor solar. Um batom para o cíeiro colorido com aroma de hibisco, mas nenhum outro artigo de maquilhagem.

Enquanto vestia a t-shirt, reparou que tinha algumas marcas no braço. Eram cicatrizes. Perguntou-se momentaneamente se

teriam sido autoinfligidas. Também tinha uma tatuagem por baixo do ombro. Uma fénix em chamas. Era uma tatuagem terrível. Pareceu-lhe evidente que naquela vida não tinha grande gosto. Mas desde quando o bom gosto tinha alguma coisa que ver com a felicidade?

Vestiu-se e tirou um telemóvel do bolso dos calções. Era um modelo mais antigo do que aquele que tinha na sua vida de casada-dona-de-*pub*. Felizmente, bastava a impressão digital para o desbloquear.

Saiu dos balneários e caminhou ao longo do trilho ao lado da praia. O dia estava quente. Talvez a vida fosse automaticamente melhor quando o sol brilhava com tanta confiança numa manhã de abril. Tudo parecia mais vívido, mais colorido e mais cheio de *vida* do que em Inglaterra.

Viu um papagaio tricolor — uma arara-de-barriga-amarela — empoleirado no cimo de um banco, a ser fotografado por um casal de turistas. Um ciclista com ar de surfista passou por ela com um batido de laranja na mão, sorriu-lhe e cumprimentou-a literalmente com:

— *B'dia!*

Decididamente, não era em Bedford que ela se encontrava.

Nora apercebeu-se então de que algo estava a acontecer ao seu rosto. Estava a *sorrir*. Seria mesmo verdade? E não estava a sorrir só porque alguém esperava que o fizesse.

Depois reparou num *graffiti* que ocupava todo um muro baixo e dizia: O MUNDO ESTÁ EM CHAMAS, e noutro que anunciava:

UMA TERRA = UMA OPORTUNIDADE. Foi então que o sorriso se desvaneceu. Afinal, uma vida diferente não significava um planeta diferente.

Não fazia ideia de onde vivia, do que fazia ou de para onde deveria ir depois de nadar, mas esse desconhecimento transmitia-lhe uma certa sensação de liberdade. Existir sem qualquer expectativa, nem mesmo da sua parte. Enquanto caminhava, procurou no Google pelo seu próprio nome e acrescentou «Sydney», para ver se aparecia algum resultado.

Antes de ver os resultados, levantou os olhos de relance e reparou num homem que se encaminhava para ela, a sorrir. Era baixo e de pele bronzeada, olhar bondoso, o cabelo fino preso num rabo de cavalo descontraído e uma camisa mal abotoada.

— Olá, Nora.

— Olá — disse ela, tentando não parecer confusa.

— A que horas começa hoje?

Como podia responder àquilo?

— Oh. Ai, caramba! Esqueci-me completamente.

Ele riu-se, uma gargalhada simpática de reconhecimento, como se fosse habitual ela esquecer-se das coisas.

— Vi na escala. Acho que é capaz de ser às onze.

— Às onze da manhã?

O Olhar Bondoso riu-se novamente.

— O que é que andaste a fumar? Também quero!

— Ah. Nada — disse ela, sentindo-se tensa. — Não andei a fumar nada, mas não tomei o pequeno-almoço e...

— Bem, vemo-nos logo à tarde...

— Sim. No sítio do costume... Onde é, já agora?

Ele soltou uma gargalhada, franziu o sobrolho e continuou a andar. Talvez ela trabalhasse numa empresa de cruzeiros de observação de baleias que operasse em Sydney. Talvez Izzy também lá trabalhasse.

Nora não fazia a menor ideia de onde ela (ou elas) vivia e o Google também não fora grande ajuda, mas parecia-lhe que a direção certa era a oposta ao mar. Talvez vivesse naquela zona. Talvez costumasse caminhar ali. Talvez uma das bicicletas que viu presa no exterior do café da piscina fosse sua. Procurou na pequena carteira e procurou nos bolsos por algumas chaves, mas só encontrou uma chave de casa. Não tinha chave de um carro nem de uma bicicleta. Então, andava a pé ou de autocarro. A chave de casa não tinha informação absolutamente nenhuma, por isso sentou-se num banco com o sol a bater-lhe feroz na nuca e verificou as mensagens no telemóvel.

Tinha ali nomes de pessoas que não reconhecia.

Amy. Rodhri. Bella. Lucy P. Kemala. Luke. Lucy M.

Quem são estas pessoas?

Depois tinha um contacto inutilmente descrito como «Trabalho». E a única mensagem recente do «Trabalho» era:

Onde estás?

Reconheceu um nome.

Dan.

O seu coração afundou-se no peito quando abriu a mensagem mais recente.

Olá, Nor! Espero que a Austrália te esteja a tratar bem. Isto vai soar piegas ou esquisito, mas vou arriscar na mesma e dizer o que quero dizer. Numa noite destas, sonhei com o nosso *pub*. Foi um sonho tão bom. Éramos tão felizes! Enfim, ignora esta esquisitice toda, o que queria dizer era: adivinha onde vou em maio? À AUSTRÁLIA. Pela primeira vez em mais de uma década. Vou em trabalho. Estou a trabalhar com a MCA. Se estiveres por aí, seria ótimo se nos pudéssemos encontrar, nem que fosse para beber um café. D. X

Aquilo era tão estranho, que ela quase se riu. Ao invés, tossiu. (Agora que pensava nisso, talvez não estivesse assim tão em forma naquela vida.) Questionou-se quantos Dans haveria no mundo a sonharem com coisas que iriam detestar quando as tivessem de verdade. E quantos estariam a pressionar as outras pessoas na direção das suas ideias ilusórias de felicidade?

O *Instagram* parecia ser a única rede social que tinha ali, e aparentemente só publicava fotografias com poemas.

Tirou um instante para ler um deles:

FOGO

Todas as partes dela

Que mudaram
Que foram arrancadas
Com as gargalhadas do pátio
Com os conselhos dos adultos
Todas desapareceram...
Com a dor dos amigos
Que já partiram.
Ela apanhou os pedaços do chão.
Eram como lascas de madeira.
E transformou-os em combustível.
Em **fogo**.
Em chamas
Que ardiam tão brilhantes iluminando a **eternidade**.

Era perturbador, mas a verdade é que era apenas um poema. Ao passar revista aos e-mails, encontrou um para Charlotte — uma flautista de uma banda *folk* com um enorme sentido de humor e que fora a única amiga de Nora na Teoria das Cordas, antes de regressar à Escócia.

Olá, Charl!

Espero que esteja tudo fixe contigo.

Fico contente por a festa de aniversário ter corrido bem. Tenho pena de não ter podido ir. Aqui pela ensolarada Sydney está tudo bem. Mudei-me finalmente para a casa nova. Fica mesmo ao lado de Bronte Beach (que é uma praia linda), perto

de montes de cafés e com muito charme. Também arranjei um emprego novo.

Vou nadar todas as manhãs numa piscina de água salgada e ao entardecer bebo um copo de vinho australiano. A vida corre-me bem!

Aqui fica a minha morada nova:

Darling Street, 2/29

Bronte

NSW 2024

Austrália

Nora

X

Havia qualquer coisa que não lhe soava bem. Aquele tom de alegria vaga e distante, como se estivesse a escrever a uma tia que não via há muito tempo. A parte em que dizia «perto de montes de cafés e com muito charme» parecia retirada de uma crítica do *TripAdvisor*. Ela não falava assim com Charlotte — nem com *ninguém*, verdade seja dita.

Também não havia qualquer menção a Izzy. *Mudei-me finalmente para a casa nova*. Mudou-se sozinha ou acompanhada? Charlotte sabia de Izzy. Por que motivo não a mencionara no e-mail?

Ia descobrir em breve. Na verdade, 20 minutos depois estava parada no *hall* do seu apartamento, a olhar para quatro sacos de

lixo que tinha de levar para o contentor. A sala era pequena e deprimente. O sofá, velho e feio. A casa cheirava um pouco a bafio.

Numa das paredes estava pendurado um cartaz do jogo *Angel* e em cima da mesa de centro encontrava-se um cigarro eletrónico com um autocolante em forma de folha de *marijuana*. Uma mulher olhava para um ecrã, enquanto matava zombies com tiros na cabeça.

A mulher tinha cabelo curto pintado de azul e, por instantes, Nora pensou que pudesse ser Izzy.

— Olá — disse.

A mulher virou-se. Não era Izzy. Tinha uma expressão adormecida nos olhos, meio vazia, como se os zombies que estava a matar a tivessem infetado também. Até podia ser uma pessoa perfeitamente decente, mas Nora nunca a tinha visto na vida. Sorriu.

— Olá. Como está a correr o novo poema?

— Ah, pois. Está a correr mesmo muito bem, obrigada.

Nora andou pelo apartamento um tanto atordoadada. Abriu uma porta ao acaso e viu que era a casa de banho. Não precisava de usar a sanita, mas precisava de um momento para pensar. Fechou a porta e lavou as mãos, depois ficou a olhar para a espiral de água a descer pelo ralo. A água desaparecia em sentido contrário.

Olhou de relance para o duche. A cortina amarelo-clarinha estava suja, como se aquela fosse uma casa de estudantes. Era isso mesmo que o apartamento lhe fazia lembrar: uma casa de

estudantes. Ela tinha 35 anos e, naquela vida, vivia como uma estudante. Viu alguns antidepressivos — fluoxetina — ao lado do lavatório e pegou na caixa. Leu *Receita para N. Seed* no cimo da etiqueta. Voltou a olhar para os braços e viu as cicatrizes. Era estranho que o seu próprio corpo lhe oferecesse pistas para aquele mistério.

No chão, ao lado do balde do lixo, estava um exemplar da *National Geographic*. Aquele com o buraco negro na capa que ela também lera numa outra vida, do outro lado do mundo, um dia antes. Pressentiu que a revista era sua, já que sempre gostara de a ler e, até recentemente, costumava comprá-la de vez em quando na edição em papel, numa espécie de capricho espontâneo, porque a versão online não fazia justiça às fotografias.

Lembrava-se de ter 11 anos, de ver a revista do pai e admirar as fotografias de Svalbard, o arquipélago norueguês no Ártico. Tudo lhe parecera tão vasto e desolado, mas ao mesmo tempo tão poderoso, que se questionara como seria estar ali no meio daquela natureza, como os cientistas exploradores que apareciam no artigo e que passavam o verão a fazer as suas investigações geológicas. Na altura, recortou as fotografias e afixou-as no quadro no seu quarto. Durante muitos anos, esforçou-se muito na escola, nas aulas de Ciências e Geografia, para poder um dia ser como aqueles cientistas e passar os verões entre as montanhas e fiordes gelados, enquanto os papagaios-do-mar voavam bem alto.

Mas depois de o pai de Nora morrer e de ela ler *Para Além de*

Bem e Mal, de Nietzsche, decidiu que a) a Filosofia parecia ser a única disciplina que se adequava à sua súbita intensidade interior, e b) de qualquer maneira, queria mais ser estrela de rock do que cientista.

Depois de sair da casa de banho, regressou para junto da sua misteriosa companheira de casa.

Sentou-se no sofá e esperou alguns instantes, a observar.

O avatar da mulher levou um tiro na cabeça.

— Vai pastar, zombie de merda! — rosnou alegremente a mulher para o ecrã.

Pegou no cigarro eletrónico. Nora questionou-se como teria conhecido aquela mulher. Partia do princípio de que eram colegas de casa.

— Estive a pensar naquilo que tu disseste.

— O que é que eu disse? — perguntou Nora.

— Aquilo de tomarmos conta de gatos. Porque querias ficar com aquele gato, estás a ver?

— Oh, sim. Claro. Já me lembro.

— É uma ideia de merda, pá.

— A sério?

— Os gatos.

— O que é que têm?

— Têm parasitas. Toxo-qualquer-coisa.

Nora sabia do que ela estava a falar. Sabia desde a adolescência, desde que trabalhara no Centro de Resgate de Animais em

Bedford.

— Toxoplasmose.

— Isso! Então, estive a ouvir um *podcast*, estás a ver?... E há uma teoria de que um grupo de multimilionários internacionais infetou os gatos para eles poderem tomar conta do mundo e deixar os humanos cada vez mais burros. Quer dizer, pensa um bocadinho. Os gatos estão por *todo o lado*. Estive a falar com o Jared acerca disto e ele disse: «Jojo, mas o que é que tu andas a fumar?» E eu fiquei, tipo, «Aquilo que tu me deste», e ele disse «Iá, eu sei». Depois falou-me dos gafanhotos.

— Dos gafanhotos?

— Sim. Já ouviste a cena dos gafanhotos? — perguntou Jojo.

— Qual cena?

— Que eles andam a suicidar-se. Porque há um parasita qualquer que cresce dentro deles para os transformar em seres completamente aquáticos e, à medida que cresce e toma conta das funções cerebrais do gafanhoto, ele pensa «Olha, eu gosto mesmo de água», por isso mergulham de cabeça na água e morrem. Está a acontecer constantemente. Procura no *Google*. Procura «suicídio de gafanhotos» no *Google*. Seja como for, o que se passa é que as elites estão a aniquilar-nos através dos gatos, por isso não devíamos sequer aproximar-nos deles.

Nora não conseguiu deixar de pensar como aquela vida era diferente da versão que imaginara. Tinha uma ideia de si e de Izzy num barco perto de Byron Bay, ambas maravilhadas com a magnificência das baleias, e, no entanto, estava ali, em Sydney,

num apartamento pequeno a tresandar a erva com uma teórica da conspiração como sua companheira de casa, que nem sequer a deixava aproximar-se de um gato.

— O que aconteceu à Izzy?

Nora percebeu que tinha feito a pergunta em voz alta.

Jojo parecia confusa.

— A Izzy? A tua antiga amiga Izzy?

— Sim.

— A que morreu?

As palavras surgiram tão rapidamente que Nora quase não as conseguiu interiorizar.

— Hum, o quê?!

— A rapariga que morreu no acidente de carro?

— O quê?!

À medida que as espirais de fumo lhe passavam pelo rosto, Jojo ficava mais confusa.

— Estás bem, Nora? — Ofereceu-lhe o charro. — Queres uma passa?

— Não, obrigada, estou bem.

Jojo soltou uma risada.

— Para variar.

Nora agarrou no telemóvel. Entrou num motor de busca. Digitou «Isabel Hirsh» na caixa de pesquisa. A seguir carregou em «Notícias».

E ali estava. Um cabeçalho. Por cima de uma fotografia do rosto bronzeado e sorridente de Izzy.

MULHER BRITÂNICA MORRE EM COLISÃO NUMA ESTRADA DE NOVA GALES DO SUL

Na noite passada, uma mulher de 33 anos morreu e três pessoas foram hospitalizadas quando o *Toyota Corolla* da vítima colidiu com um carro que viajava na direção oposta, a sul de Coffs Harbour, na Pacific Highway.

A condutora, identificada como Isabel Hirsh, de origem britânica, morreu no local do acidente antes das 9 horas. Era a única ocupante do *Toyota*.

De acordo com a sua colega de casa, Nora Seed, Isabel viajava de Sydney para Byron Bay para ir à festa de aniversário de Nora. Isabel começara recentemente a trabalhar na empresa Cruzeiros de Observação de Baleias de Byron Bay.

«Estou completamente destroçada», comentou Nora. «Viemos para a Austrália há apenas um mês e a Izzy tinha planos para aqui ficar tanto tempo quanto possível. Ela era uma verdadeira força da natureza e parece-me impossível imaginar este mundo sem ela. Estava tão entusiasmada com o seu novo trabalho. É tão insuportavelmente triste e difícil de entender o que aconteceu.»

Os três passageiros do outro veículo sofreram ferimentos, e o condutor, Chris Dale, teve de ser transportado de helicóptero para o hospital de Baringa.

A polícia de Nova Gales do Sul pede a qualquer pessoa que tenha testemunhado a colisão que contacte a esquadra mais próxima para ajudar nas averiguações.

— Oh, meu Deus — murmurou para si mesma, sentindo-se desmaiar. — Oh, Izzy.

Ela sabia que Izzy não estava morta em todas as suas vidas. Nem mesmo na maior parte delas. Mas naquela vida a sua morte era real, e a dor que Nora sentiu também era uma dor verdadeira. A dor era-lhe familiar, aterrorizadora e impregnada de culpa.

Antes de conseguir processar convenientemente o que quer que fosse, o telemóvel tocou. No ecrã apareceu a palavra «Trabalho».

Ouviu a voz de um homem com uma pronúncia lenta e arrastada.

— Onde estás?

— O quê?

— Já devias ter chegado há meia hora.

— Chegado onde?

— Ao terminal do ferry. Estás destacada para a bilheteira. Não me enganei no número, pois não? Estou a falar com a Nora Seed?

— Com uma delas, sim — suspirou Nora, enquanto desaparecia suavemente.

Aquário

A bibliotecária de olhos perspicazes encontrava-se novamente junto do tabuleiro de xadrez e quase nem desviou o olhar quando Nora chegou.

— Bem, isto foi terrível.

A Sra. Elm sorriu de esguelha.

— Mas foi bom para perceberes, não foi?

— Para perceber o quê?

— Então, que podes escolher as possibilidades, mas não os resultados. Mas continuo a defender o que disse antes. Foi uma boa escolha. Só não teve o resultado desejado.

Nora observou o rosto da Sra. Elm. Ela estava a *gostar* daquilo?

— Porque é que fiquei lá? — perguntou Nora. — Porque não vim para casa depois de ela morrer?

A Sra. Elm encolheu os ombros.

— Porque ficaste sem saber o que fazer. Estavas a sofrer. Ficaste deprimida. E sabes bem como é a depressão.

Nora conseguia entender isso. Pensou num estudo que lera algures sobre peixes. Os peixes eram mais parecidos com os humanos do que as pessoas pensavam.

Os peixes também ficam deprimidos. Os investigadores tinham feito testes com peixes-zebra. Desenharam uma linha horizontal

com marcador num dos lados de um aquário, mais ou menos a meio. Os peixes deprimidos ficavam sempre abaixo da linha. Mas se dessem *Prozac* a esses peixes, eles passavam a nadar acima da linha, até ao cimo do aquário, novamente a dar à barbatana com alegria.

Os peixes ficam deprimidos quando têm estímulo insuficiente. Quando têm *tudo* insuficiente. Quando estão simplesmente ali, a flutuar num aquário que não se parece com coisa nenhuma.

Talvez a Austrália tivesse sido o seu aquário vazio, depois da morte de Izzy. Talvez ela não tivesse simplesmente um incentivo para nadar acima da linha. E talvez nem sequer o *Prozac* — ou a fluoxetina — fosse o suficiente para a ajudar a levantar-se. Por isso, limitou-se a ficar por ali, naquele apartamento com Jojo, sem se mexer até ser obrigada a sair do país.

Talvez até o suicídio tivesse sido uma opção demasiado *ativa*. Talvez em algumas vidas, uma pessoa flutuasse apenas sem expectativas e sem a menor vontade de mudar. Talvez a maior parte das vidas fosse assim.

— Sim — articulou Nora em voz alta. — Talvez tenha ficado encalhada. Talvez esteja encalhada em todas as vidas. Quero dizer, se calhar é apenas quem eu sou. Uma estrela-do-mar é uma estrela-do-mar em todas as suas vidas. Não há uma vida em que uma estrela-do-mar seja um professor de Engenharia Aeroespacial. E talvez não exista uma vida em que eu não esteja encalhada.

— Bem, eu acho que estás errada.

— Muito bem, então. Gostava de experimentar uma vida na qual não esteja encalhada. Que vida seria essa?

— Não devias ser tu a dizer-me *a mim* que vida é?

A Sra. Elm avançou com a rainha para derrubar um peão, depois virou o tabuleiro.

— É que eu sou apenas a bibliotecária.

— Mas as bibliotecárias têm conhecimento. Elas conduzem-nos até aos livros certos. Até aos mundos certos. Encontram os melhores lugares para nós. São uma espécie de motor de busca com alma.

— Exatamente, mas tu também tens de saber o que queres. Tens de saber o que queres escrever na caixa de pesquisa metafórica. E, por vezes, é necessário experimentar umas quantas coisas até se tornar clara aquela que desejas de verdade.

— Não tenho energia para isso. Acho que não consigo mais.

— Viver é a única forma de aprender.

— Pois, é o que está sempre a dizer-me.

Nora expirou profundamente. Era interessante perceber que podia expirar na biblioteca. Que sentia todo o seu corpo. Que ele lhe parecia normal. Porque aquele lugar *não* era decididamente um lugar normal. A sua verdadeira forma física não estava ali. Não podia estar. E, contudo, estava ali, para todos os efeitos e propósitos, porque, de certa forma, encontrava-se ali. De pé no piso da biblioteca, como se a gravidade ainda existisse.

— Muito bem — disse. — Gostava de viver uma vida em que eu tenha sucesso.

A Sra. Elm fez um estalido de reprovação com a língua.

— Para alguém que leu tantos livros, não és muito específica na tua escolha de palavras.

— Peço desculpa.

— Sucesso. O que significa isso para ti? Dinheiro?

— Não. Bem, talvez. Mas não seria esse o fator decisivo.

— Pois bem, então o que é o sucesso?

Nora não fazia ideia do que era o sucesso. Sentira-se um fracasso durante tanto tempo.

A Sra. Elm sorriu pacientemente.

— Gostavas de consultar novamente o *Livro dos Arrependimentos*? Gostavas de pensar naquelas decisões que te afastaram daquilo que acreditas ser o sucesso?

Nora abanou agilmente a cabeça, como um cão a sacudir água do pelo. Não queria ver-se confrontada com aquela lista interminável de erros e decisões erradas. Já estava suficientemente deprimida. Além disso, conhecia bem os seus arrependimentos. Eles não se iam embora. Não eram como picadas de mosquitos que acabam por passar. Os arrependimentos fazem comichão para sempre.

— Não fazem, não — comentou a Sra. Elm, lendo-lhe o pensamento. — Não te arrependes pela forma como cuidaste do teu gato. E agora também não te arrependes por não teres ido para a Austrália com a Izzy.

Nora assentiu. A Sra. Elm tinha alguma razão no que dizia.

Pensou na piscina em Bronte Beach. Como lhe soubera bem

estar ali, naquela estranha familiaridade.

— Foste incentivada a nadar desde muito nova — disse a Sra. Elm.

— Sim.

— O teu pai ficava sempre muito feliz quando te levava para a piscina.

— Era uma das poucas coisas que o fazia feliz — matutou Nora.

Ela sempre associara a natação à aprovação do pai, e gostava da sensação de silêncio e ausência de palavras que a água lhe transmitia, porque era o oposto do que ouvia quando os pais gritavam um com o outro.

— Então, porque desististe? — perguntou a Sra. Elm.

— Assim que comecei a ganhar competições, comecei a ser *visível*, e eu não queria que as pessoas me vissem. E não era apenas por me verem, mas por me poderem ver em fato de banho numa idade em que estamos constantemente obcecadas com o nosso corpo. Alguém me disse, um dia, que eu tinha ombros de rapaz. Foi uma coisa estúpida, mas havia muitas coisas estúpidas naquela altura, e com aquela idade sentimo-las todas. Enquanto adolescente, teria permanecido alegremente invisível. As pessoas chamavam-me «O Peixe». Não o diziam como um elogio. Eu era tímida. Era uma das razões pelas quais preferia ir para a biblioteca em vez de estar no campo de jogos. Parece uma coisa pequena, mas ajudou-me mesmo muito ter aquele espaço onde me refugiar.

— Nunca subestimes o poder das pequenas coisas, Nora — disse

a Sra. Elm. — Nunca te esqueças disto.

Nora pensou na adolescência. Aquela combinação de timidez e visibilidade tinha sido uma mistura problemática, mas nunca ninguém implicara muito consigo, provavelmente porque todos conheciam o seu irmão. E Joe, embora não fosse exatamente um durão, sempre fora considerado um rapaz fixe e suficientemente popular para a sua familiar mais chegada ser imune à tirania escolar.

Ela ganhou provas em competições locais e depois nacionais, mas à medida que se aproximou dos 15 anos, tudo começou a ser demasiado para ela. Os treinos diários, piscina atrás de piscina atrás de piscina.

— Tive de desistir.

A Sra. Elm assentiu.

— E a ligação que tinhas estabelecido com o teu pai ficou fragilizada, quase se quebrou.

— Basicamente.

Viu novamente o rosto do pai, no carro, naquela manhã de domingo chuvosa quando, no exterior do Centro de Lazer de Bedford ela lhe dissera que não queria continuar a participar nas competições. A expressão de desilusão e de profunda frustração no rosto dele.

«Mas tu podias ter uma vida bem-sucedida», dissera-lhe o pai. Sim. Agora lembrava-se disso. «Tu nunca vais ser uma estrela da música *pop*, enquanto isto é algo *real*. Está mesmo à tua frente. Se continuares a treinar, vais acabar por chegar aos Jogos Olímpicos.

Eu sei que sim.»

Na altura, ficou zangada com ele por ter dito aquilo. Como se para ter uma vida feliz só existisse um percurso muito estreito e fosse esse o que o pai escolhera para ela. Como se o livre-arbítrio em relação à própria vida estivesse automaticamente errado. Mas o que não percebeu inteiramente aos 15 anos foi quão terrível podia ser o arrependimento, como o pai sentira tão profundamente aquela dor de estar tão perto de realizar um sonho que quase lhe podia tocar.

É verdade que o pai de Nora tinha sido um homem difícil.

A par de ser extremamente crítico em relação a tudo o que Nora fazia, queria ou acreditava, a não ser que estivesse relacionado com a natação, Nora também sentia que o simples facto de estar na sua presença era como cometer uma espécie qualquer de crime invisível. Desde a rotura de ligamentos que destruíra a sua carreira de jogador de râguebi que o pai tinha a profunda convicção de que o Universo conspirava contra ele. E Nora era, ou pelo menos *sentia* que era, considerada por ele como fazendo parte desse mesmo plano universal. Desde aquele momento no parque de estacionamento que ela sentia que era apenas uma extensão da dor que ele sentia no joelho. Uma dor ambulante.

Mas talvez ele já soubesse que aquilo ia acontecer. Talvez ele conseguisse prever a forma como um arrependimento dava origem a outro, até ela, de repente, passar a ser apenas isso. Todo um livro de arrependimentos.

— Muito bem, Sra. Elm, quero saber o que aconteceu na vida em

que fiz o que o meu pai queria. Em que treinei tão arduamente quanto possível. Em que nunca me queixei por começar às cinco da manhã ou acabar às nove da noite. Em que nadei todos os dias e nunca pensei em desistir. Em que não me deixei distrair pela música ou pela escrita de romances inacabados. Em que sacrifiquei tudo no altar do estilo livre. Em que não desisti. Em que fiz tudo na ordem certa para chegar aos Jogos Olímpicos. Leve-me ao sítio onde estou *nessa* vida.

Por instantes, parecia que a Sra. Elm não estava sequer a ouvir o pequeno discurso de Nora, porque continuava a franzir o sobrolho para o tabuleiro de xadrez e a tentar perceber como havia de se derrotar a si mesma.

— A torre é a minha peça favorita — disse ela. — É aquela com a qual achamos que não temos de nos preocupar muito. É simples. Mantemos a rainha debaixo de olho, os cavalos e o bispo também, porque estes são os mais matreiros. Mas quem nos apanha frequentemente é a torre. A simplicidade nunca é bem o que parece.

Nora percebeu que o mais provável era que a Sra. Elm não estivesse a falar de xadrez. Mas as prateleiras estavam novamente em movimento. Rápidas como comboios.

— Esta é a vida que pediste — explicou a Sra. Elm. — É um pouco diferente do sonho do *pub* e da aventura australiana. Essas vidas estavam mais próximas da tua. Esta envolve muitas escolhas diferentes, mesmo no futuro. E por isso o livro está um pouco mais longe, estás a ver?

— Sim.

— As bibliotecas têm de ter um sistema. — Os livros abrandaram. — Ah, cá está ele.

Dessa vez, a Sra. Elm não se levantou. Limitou-se a erguer a mão esquerda e o livro voou para a sua mão.

— Como é que fez isso?

— Não faço ideia. Aqui está a vida que escolheste. Vai lá, então.

Nora pegou no livro. Era leve, fresco, cor de lima. Abriu-o para ir até à primeira página. E notou que, dessa vez, não sentia absolutamente nada.

A Última Atualização Publicada por Nora Antes de se Encontrar Entre a Vida e a Morte

Sinto falta do meu gato. Estou cansada.

A Vida de Sucesso

Estava a dormir.

Um sono profundo e vazio de sonhos, vazio de tudo, e agora — graças ao toque do despertador do telemóvel — tinha acordado e não sabia onde se encontrava.

O telemóvel dizia-lhe que eram 6h30. Graças ao brilho do ecrã, avistou o interruptor ao lado da cama. Ligou-o e percebeu que estava num quarto de hotel. Era bastante elegante, com um estilo executivo, um tanto indistinto e melancólico.

Viu um quadro na parede, um desenho feito com bom gosto ao estilo de Cézanne que retratava uma maçã — ou talvez fosse uma pera.

Ao lado da cama tinha uma garrafa de vidro meio vazia com água mineral sem gás. E um sortido de bolachas ainda por abrir. Também viu algumas folhas impressas agraphadas. Tratava-se de uma espécie de horário.

Nora olhou para ele.

ROTEIRO PARA NORA SEED, AGRACIADA COM A ORDEM DO
IMPÉRIO BRITÂNICO, ORADORA CONVIDADA NA
CONFERÊNCIA DA PRIMAVERA DO CENTRO DE

INVESTIGAÇÃO GULLIVER SOBRE JOVENS INSPIRADORES E BEM-SUCEDIDOS

8h45 — Encontro com Priya Navuluri (Centro de Investigação Gulliver) e Rory Longford (Oradores Famosos) e J no átrio do Hotel InterContinental

9h00 — Teste de som

9h05 — Ensaio técnico

9h30 — Nora aguarda na zona VIP ou assiste ao discurso do primeiro orador (JP Blythe, inventor da aplicação MeTime e autor de *A Tua Vida, os Teus Termos*)

10h15 — Palestra de Nora

10h45 — Sessão de perguntas e respostas

11h00 — Convívio informal

11h30 — Encerramento

Nora Seed, agraciada com a Ordem do Império Britânico.

Jovem inspiradora bem-sucedida.

Então *sempre* havia uma vida em que ela tinha sucesso. Bem, já era alguma coisa.

Questionou-se sobre quem seria «J» e as outras pessoas com quem deveria encontrar-se no átrio, depois pousou as folhas e levantou-se. Ainda tinha muito tempo. Por que motivo estava a levantar-se às 6h30? Talvez nadasse todas as manhãs. Isso faria sentido. Premiu um botão e as cortinas começaram a abrir com

um zumbido discreto para revelar a vista de água e arranha-céus, assim como a cúpula do O2 Arena. Nunca tinha apreciado aquela vista, daquele ponto em particular. Londres. Canary Wharf. Cerca de 20 andares acima do solo.

Foi à casa de banho — azulejos beges, chuveiro grande, toalhas brancas e fofas — e apercebeu-se de que não se sentia tão mal como era habitual de manhã. Havia um espelho que preenchia metade da parede em frente. Quando viu o seu aspeto, arquejou. Depois riu-se. Tinha um ar estupidamente saudável. E forte. Naquela vida, tinha um péssimo gosto em roupa de dormir (no caso, um pijama cor de mostarda e verde, aos quadrados).

A casa de banho era espaçosa. Suficientemente grande para poder fazer flexões sem tocar em nada. Fez dez completas de seguida — sem apoiar os joelhos no chão — e nem sequer ficou ofegante.

A seguir pôs-se em prancha. Depois tentou levantar uma mão. A seguir mudou de mão e quase nem estremeceu. Fez também alguns *burpees*.

Sem problema.

Uau.

Levantou-se e tocou no abdómen rijo como pedra. Lembrou-se de como, tecnicamente no dia anterior, ficara ofegante na sua vida de base só de subir a rua.

Desde a adolescência que não se sentia assim. Na verdade, era possível que estivesse na sua melhor condição física de sempre. Pelo menos estava certamente mais forte.

Foi ao *Facebook* e procurou por «Isabel Hirsh». Descobriu que a antiga melhor amiga estava viva e ainda a viver na Austrália, o que a deixou feliz. Nem sequer se preocupava que não fossem amigas nas redes sociais, já que naquela vida era altamente provável que Nora não tivesse ido para a Universidade de Bristol. E mesmo que tivesse ido, não teria certamente tirado o mesmo curso. Era um pouco desvalorizador perceber que, apesar de *aquela* Isabel Hirsh nunca ter conhecido Nora Seed, continuava a fazer a mesma coisa que fazia na vida de base de Nora.

Em seguida, pesquisou Dan. Ele era (aparentemente) bem casado com uma professora de *spin* chamada Gina. «Gina Lord (nome de solteira Sharpe)». Tinham-se casado na Sicília.

Depois pesquisou «Nora Seed» no *Google*.

A sua página da *Wikipédia* (ela tinha uma página na *Wikipédia*!) informou-a de que realmente conseguira ir aos Jogos Olímpicos — duas vezes. E que se especializara em estilo livre. Ganhara a medalha de ouro nos 800 metros, com um tempo ridículo de oito minutos e cinco segundos, e conquistara a medalha de prata nos 400 metros.

Isso acontecera quando tinha 22 anos. Também recebera outra medalha de prata aos 26 anos, pela participação numa prova de estafetas de 4 × 100 metros. A situação tornou-se ainda *mais* ridícula quando leu que no Campeonato Aquático do Mundo tinha detido brevemente o recorde mundial feminino nos 400 metros em estilo livre. Depois disso, retirara-se das competições internacionais.

Ela reformara-se aos 28 anos.

Aparentemente, agora trabalhava para a BBC durante as coberturas das competições de natação, aparecera num programa de televisão chamado *Uma Questão de Desporto*, escrevera uma autobiografia intitulada *Naufragar ou Nadar*, ocasionalmente desempenhava a função de treinadora-adjunta da Seleção Nacional de Natação Feminina e continuava a nadar duas horas por dia.

Doava muito dinheiro a associações de beneficência — principalmente ao Centro de Apoio a Doentes de Cancro Marie Curie — e organizara uma prova de natação em torno do Pontão de Brighton cujos lucros revertiam para a Sociedade de Conservação Marítima. Desde que se retirara do desporto profissional, já atravessara o Canal da Mancha a nado duas vezes.

Havia um link para uma *TED talk* que ela dera sobre o valor da resistência no desporto, no treino e na vida. Tinha mais de um milhão de visualizações. Quando começou a ver o vídeo, Nora sentiu que estava a ver outra pessoa. Aquela mulher era confiante, dominava o palco, tinha uma postura ótima, sorria naturalmente enquanto falava e conseguia fazer com que o público sorrisse, risse, aplaudisse e assentisse nos momentos certos.

Ela nunca imaginara que podia ser assim e tentou memorizar o que aquela outra Nora estava a fazer, mas percebeu que não tinha qualquer hipótese.

«As pessoas que têm resistência não são feitas de um material

diferente das outras», dizia ela. «A única diferença é que têm um objetivo muito claro em mente e a determinação para o atingir. Ter resistência significa essencialmente continuar focado no meio de uma vida cheia de distrações. É a capacidade de permanecermos dedicados a uma tarefa quando o nosso corpo e a nossa mente estão no seu limite, a capacidade de mergulharmos de cabeça no trabalho, de percorrermos a nossa pista sem olhar para o lado, sem nos preocuparmos com quem nos pode ultrapassar...»

Mas quem era aquela pessoa, que diabo?

Avançou um pouco com o vídeo e viu aquela outra Nora ainda a falar com a confiança de uma Joana d’Arc da autoajuda.

«Se tentarem ser uma coisa que não são, estarão condenados ao fracasso. Tentem ser vocês mesmos. Tentem parecer e agir, pensar como vocês mesmos. Tentem ser a versão mais honesta de vocês mesmos. Acolham a vossa unicidade. Aceitem-na. Amem-na. Trabalhem arduamente para a encontrarem. E não hesitem um segundo que seja quando as pessoas fizerem pouco dela ou a ridicularizarem. A maior parte dos mexericos são apenas inveja disfarçada. Mantenham-se focados. Mantenham a resistência. Continuem a nadar...»

— Continuem a nadar — murmurou Nora, ecoando aquela outra identidade, enquanto se perguntava se o hotel teria piscina.

O vídeo terminou e um instante depois o telemóvel começou a vibrar.

No ecrã apareceu um nome: «Nadia».

Na sua vida original não conhecia nenhuma Nadia. Não fazia

ideia se ver aquele nome inspiraria naquela versão de si uma sensação de feliz expectativa ou de terrível temor.

Só havia uma forma de descobrir.

— Estou?

— Querida — disse uma voz que ela não reconheceu. Uma voz que era próxima, mas não inteiramente calorosa. Tinha sotaque, possivelmente russo. — Espero que estejas bem.

— Olá, Nadia. Estou bem, obrigada. Estou no hotel. A preparar-me para uma conferência. — Tentou soar animada.

— Ah, sim, a conferência. Quinze mil libras por uma palestra. Parece-me bem.

A ela parecia-lhe ridículo, isso sim. Mas também se questionou como é que Nadia — fosse lá quem ela fosse — sabia o valor.

— Oh, pois.

— O Joe contou-nos.

— O Joe?

— Sim. Hum... escuta, mais tarde ou mais cedo vamos ter de falar sobre o aniversário do teu pai.

— O quê?

— Eu sei que ele ia adorar se vocês pudessem vir cá visitar-nos.

Nora sentiu o corpo inteiro a ficar frio e fraco, como se tivesse acabado de ver um fantasma.

Lembrava-se de ter estado no funeral do pai, a abraçar o irmão enquanto choravam nos ombros um do outro.

— O meu pai?

O meu pai. O meu pai morto.

— Ele acabou de entrar, estava no jardim. Queres dar-lhe uma palavrinha?

Aquilo era tão extraordinário, tão devastador, o seu pensamento estava completamente dessincronizado com a voz. Disse as palavras casualmente, como se não tivessem qualquer significado.

— O quê?

— Queres dar uma palavrinha ao teu pai?

Demorou um instante. Sentiu-se subitamente sem chão.

— Eu...

Mal conseguia falar. Ou respirar. Não sabia o que dizer. Tudo lhe parecia tão surreal. Era como se estivesse a viajar pelo tempo. Como se tivesse recuado duas décadas.

Era demasiado tarde para responder, porque o que ouviu a seguir foi a voz de Nadia a dizer:

— Vou passar-lhe o telefone...

Ouviu primeiro a respiração dele.

Depois a voz.

— Olá, Nora, como estás?

Só isso. Uma pergunta casual, de todos os dias. Era ele. Era a voz dele. A voz forte que fora sempre firme. Mas talvez estivesse um pouco mais fina, talvez um pouco mais fraca. Uma voz 15 anos mais velha do que seria suposto.

— Pai — articulou ela. A sua voz parecia um murmúrio atordoadado. — És tu.

— Está tudo bem, Nora? A ligação não está boa? Queres falar por *FaceTime*?

FaceTime. Para ver o rosto dele. Não. Isso seria demasiado. Aquilo já era demasiado. A mera ideia de que havia uma versão viva do seu pai numa altura em que o *FaceTime* já tinha sido inventado... O pai pertencia a um mundo de linhas telefónicas fixas. Quando ele morreu, estava a começar a entender os conceitos radicais de e-mails e SMS.

— Não — disse ela. — Eu é que estava aqui a pensar noutra coisa. Estou um bocadinho distraída. Desculpa. Como estás, pai?

— Estou bem. Ontem levámos a *Sally* ao veterinário.

Presumiu que a *Sally* era um cão. Os pais nunca tinham tido um cão, nem qualquer outro animal de companhia. Quando era pequena, Nora implorara que a deixassem ter um cão ou um gato, mas o pai sempre lhe dissera que os animais são uma prisão.

— O que é que ela tem? — perguntou Nora, tentando parecer muito natural.

— São outra vez os ouvidos. A infeção está sempre a reaparecer.

— Oh, pois — disse ela, como se conhecesse *Sally* e as suas infeções de ouvidos. — Coitadinha da *Sally*. Pai, eu... eu adoro-te. E só queria dizer-te que...

— Sentes-te bem, Nora? Pareces-me um pouco... emotiva.

— Eu nunca te disse... nunca te *digo* isto vezes suficientes. Mas quero que saibas que te adoro. Tu és um bom pai. E numa outra vida, numa vida em que desisti de nadar, arrependo-me muito disso.

— Nora?

Sentia-se constrangida em fazer-lhe perguntas, mas tinha de

saber. As perguntas começaram a jorrar como a água de um géiser.

— Estás bem, pai?

— Porque não havia de estar?

— Por nada. Tu sabes... costumavas andar preocupado com as dores no peito.

— Desde que comecei a ter uma vida mais saudável que não as sinto. Já lá vão uns anos. Tu lembras-te. Aquele impulso na saúde? Conviver com atletas olímpicos faz-nos estas coisas. Voltei a jogar rãguebi e já há 16 anos que deixei de beber. O médico diz que o colesterol e a pressão arterial estão baixos.

— Sim, claro... lembro-me bem da tua decisão. — Depois lembrou-se de outra pergunta. Não fazia ideia de como a podia fazer, por isso decidiu ser direta.

— Há quanto tempo estás com a Nadia mesmo?

— Tu estás com problemas de memória ou algo do género?

— Não. Olha, por acaso, talvez esteja um bocadinho. É que ultimamente tenho pensado muito na vida.

— Então, mas agora és filósofa?

— Bem, eu estudei Filosofia.

— Quando?

— Deixa lá isso agora. Já não me lembro de como é que tu e a Nadia se conheceram.

Ouviu um suspiro estranho ao telefone. Ele parecia tenso.

— Tu sabes como nos conhecemos... Porque é que estás a ir buscar esse assunto agora? É alguma coisa que o tal psicólogo anda a desenterrar? Porque já sabes o que penso sobre isso.

Eu tenho um psicólogo.

— Desculpa, pai.

— Não faz mal.

— Só quero saber se és feliz.

— É claro que sou. A minha filha é campeã olímpica e eu encontrei finalmente o amor da minha vida. Além disso, estás a reerguer-te novamente. Em termos mentais, quero eu dizer. Depois do que se passou em Portugal.

Nora queria saber o que se tinha passado em Portugal, mas primeiro tinha outra pergunta para fazer.

— E a mãe? Ela não era o amor da tua vida?

— A dada altura, sim, era. Mas as coisas mudam, Nora. Vá lá, tu já és crescadinha.

— Eu...

Nora pôs o telefone em alta-voz. Voltou à página da *Wikipédia*. E lá estava, os pais tinham-se divorciado depois de o pai ter tido um caso extraconjugal com Nadia Vanko, mãe do nadador ucraniano Yegor Vanko. E nesta linha temporal a mãe tinha morrido em 2011.

Tudo isso porque Nora nunca estivera no parque de estacionamento em Bedford nem dissera ao pai que já não queria ser nadadora de competição.

Teve novamente aquela sensação estranha, como se estivesse a desvanecer-se. Como se tivesse percebido que aquela vida não era para ela e começasse a regressar à biblioteca. Mas deixou-se ficar onde estava. Despediu-se do pai, desligou o telemóvel e

continuou a ler sobre a sua vida.

Era solteira, mas tinha tido um relacionamento de três anos com Scott Richards, o campeão olímpico norte-americano de saltos para a água. Vivera brevemente com ele na Califórnia, em La Jolla, San Diego. Atualmente vivia no oeste de Londres.

Depois de ler a página toda, pousou o telemóvel e decidiu ir ver se havia uma piscina. Queria fazer o que devia estar a fazer naquela vida, e isso seria nadar. Talvez a água a ajudasse a pensar no que havia de dizer mais tarde.

O tempo que passou a nadar foi excecional, mesmo que não lhe tivesse trazido grande inspiração criativa, e acalmou-a depois de ter tido uma conversa com o pai defunto. Tinha a piscina toda para si, deslizando de um lado para o outro a nadar bruços sem sequer precisar de pensar nos seus movimentos. A sensação de ter tanto controlo sobre a água, de ser forte e estar em forma era tão poderosa que por momentos parou de se preocupar com o pai e com o discurso que tinha de fazer e para o qual não estava preparada.

Mas, enquanto nadava, a sua disposição foi mudando. Pensou nos anos que o pai ganhara e que a mãe perdera. Quanto mais pensava, mais zangada ficava com o pai, o que a fazia nadar ainda mais depressa. Sempre imaginara que os pais eram demasiado orgulhosos para se divorciarem, permitindo que o ressentimento aumentasse dentro de cada um deles e se projetasse nos filhos, particularmente nela. A natação tinha sido a sua única estratégia para receber aprovação.

Na vida em que estava agora, ela perseguira uma carreira na

natação para fazer o pai feliz, enquanto sacrificava as suas próprias relações, o amor pela música, os sonhos que tinha por coisas que não envolviam ganhar medalhas, a sua própria *vida*. E o pai recompensara-a tendo um caso extraconjugal com aquela tal de Nadia, deixando a mãe. E ainda ficava irritado por ela mencionar o assunto. Depois de tudo.

Ele que se lixasse. Ou, pelo menos, aquela versão dele.

Enquanto mudava para estilo livre, apercebeu-se de que não tinha culpa de que os pais nunca a tivessem conseguido amar da forma que deviam: incondicionalmente. Não tinha culpa de que a mãe se concentrasse em cada uma das suas falhas, a começar pela assimetria das orelhas. Não. O problema era anterior a isso. O primeiro problema foi o facto de Nora se ter atrevido, sabe-se lá como, a nascer num momento em que o casamento dos pais estava particularmente frágil. A mãe caíra numa depressão e o pai deixara-se levar pelos copos de whisky de malte.

Nadou mais 30 piscinas e, à medida que se sentia mais livre, a mente sossegava — só existia ela e a água.

Quando saiu finalmente da piscina e voltou para o quarto, vestiu-se com as únicas roupas limpas que encontrou no quarto (um fato elegante de calças e casaco azul-marinho) e olhou para o interior da mala de viagem. Então, sentiu a tristeza profunda que se erguia dela. Ali dentro, tinha um exemplar do seu próprio livro. Na capa, ela olhava para o leitor com uma determinação férrea, vestida com o fato de banho da seleção nacional de natação. Pegou no livro e viu que em letras miudinhas estava escrito «em

colaboração com Amanda Sands».

A Internet disse-lhe que Amanda Sands era uma escritora-fantasma que escrevia livros com uma série de celebridades do desporto.

A seguir olhou para o relógio de pulso. Estava na hora de ir para o átrio.

À sua espera encontravam-se duas pessoas muito bem vestidas que Nora não conhecia e outra que conhecia bastante bem. Naquela vida, ele usava fato e tinha o rosto bem barbeado, o cabelo com risca ao lado e um ar muito sério, mas era o mesmo Joe. As sobrancelhas escuras eram tão farfalhudas como sempre. «É o italiano que há em ti», costumava dizer a mãe.

— Joe?

Ainda para mais, Joe estava a sorrir-lhe. Um sorriso franco, fraternal.

— Olá, mana — disse ele, surpreendido e um pouco constrangido pela duração do abraço que ela lhe deu.

Quando ela o soltou do abraço, ele apresentou-lhe as outras duas pessoas que o acompanhavam.

— Esta é a Priya, do Centro de Investigação Gulliver, a entidade que organizou o evento, claro, e este é o Rory, da Oradores Famosos.

— Olá, Priya! — exclamou Nora. — Olá, Rory, muito gosto em conhecer-vos.

— Sim, é um gosto — disse Priya, a sorrir. — É um prazer tê-la connosco, Nora.

— Diz isso como se nunca nos tivéssemos conhecido! — replicou Rory, com uma gargalhada sonora.

Nora recuou.

— Sim, sei que *já* nos conhecemos, Rory. Estava só a brincar. Vocês já conhecem o meu sentido de humor.

— A Nora tem sentido de humor?

— Boa, Rory!

— Muito bem — disse o irmão, a olhar para ela e a sorrir. — Queres ver o espaço?

Ela não conseguia parar de sorrir. Ali estava o irmão. O seu irmão, que não via há dois anos e com quem não tinha qualquer espécie de relação há mais tempo ainda, estava ali com um aspeto saudável e feliz, e, além disso, parecia *gostar* realmente dela.

— O espaço?

— Sim, a sala. Onde vais fazer a palestra.

— Está tudo pronto — acrescentou Priya, muito solícita.

— É uma sala bastante grande — disse Rory, com ar aprovador, enquanto segurava um copo de café descartável.

Nora concordou e foi conduzida até uma grande sala de conferências azul com um palco largo e cerca de mil cadeiras vazias. Um técnico vestido de preto dirigiu-se a ela e perguntou:

— O que prefere? Lapela, cabeça ou mão?

— Desculpe?

— Que tipo de microfone quer ter quando subir ao palco?

— Ah!

— O de cabeça — respondeu o irmão por ela.

— Sim, cabeça — confirmou Nora.

— Achei que fosse melhor — esclareceu o irmão —, depois daquele pesadelo que tivemos com o microfone em Cardiff.

— Sim, completamente. Que pesadelo.

Priya estava a sorrir-lhe, queria perguntar-lhe qualquer coisa.

— Não tem qualquer apoio multimédia, pois não? Não tem *slides*, nem nada do género?

— Hum, eu...

Tanto o irmão como Rory estavam a olhar para ela com um ar algo preocupado. Era certamente uma pergunta à qual ela deveria saber responder.

— Sim... — disse ela, mas depois viu a expressão do rosto do irmão. — Eu... não, não tenho nada. Não tenho nenhum tipo de apoio multimédia.

Todos a fitaram como se fosse um pouco doida, mas Nora nunca parou de sorrir.

Chá de Menta

Dez minutos depois, estava sentada sozinha com o irmão numa sala chamada «Sala Executiva VIP», que não passava de uma pequena sala sem janelas, com algumas poltronas e uma mesa com vários jornais diários. Dois homens de meia-idade também de fato estavam ocupados a escrever nos seus portáteis.

Nessa altura, já tinha conseguido perceber que o irmão era o seu agente. E que já desempenhava essa função há sete anos, desde que ela deixara de nadar profissionalmente.

— Estás à vontade com isto? — perguntou o irmão, depois de ter ido buscar duas bebidas à máquina de café. Rasgou um pacotinho e retirou uma saqueta de chá. De menta. Mergulhou-a no copo de água quente que trouxera da máquina.

Depois entregou-o a Nora.

Ela nunca tinha bebido chá de menta.

— Isto é para mim?

— Claro. Era o único chá de ervas que tinham.

Ele bebeu um café, que Nora desejou secretamente. Talvez naquela vida ela não consumisse cafeína.

Estás à vontade com isto?

— Estou à vontade com o quê? — perguntou a Nora.

— Com a conferência de hoje.

- Ah, isso, estou. Quanto tempo é que demora?
- Uns 40 minutos.
- Tudo bem.
- É que é muito dinheiro. Eles queriam pagar 10, mas aumentei para 15.
- E fizeste muito bem.
- Bem, eu continuo a receber os meus 20%, não foi exatamente um sacrifício.

Nora tentou pensar numa forma de conseguir que ele partilhasse a história de ambos. Como podia descobrir se, naquela vida, eles se davam bem ou não? Podia ser por dinheiro, mas o irmão nunca fora particularmente focado nisso. Sim, é claro que ficara aborrecido quando Nora abandonara o acordo com a editora discográfica, mas só porque ele queria tocar guitarra nos The Labyrinths para o resto da vida e ser uma estrela de rock.

Depois de mergulhar a saqueta de chá algumas vezes, Nora retirou-a da água.

- Alguma vez pensas como a nossa vida podia ter sido diferente? Sei lá... se eu não tivesse continuado a nadar, por exemplo?
- Nem por isso.
- Quero dizer, o que achas que estarias a fazer se não fosses meu agente?
- Eu também represento outras pessoas, sabes?
- Eu sei, é claro que sei. É óbvio.

— Acho que se não fizesse este trabalho contigo, também não o faria com mais ninguém. Quero dizer, tu foste a primeira. E apresentaste-me à Kai, depois à Natalie. A seguir à Eli, por isso...

Ela assentiu, como se fizesse alguma ideia de quem eram Kai, Natalie e Eli.

— É verdade, mas tu havias de ter encontrado outra coisa qualquer.

— Quem sabe? Se calhar ainda estava em Manchester, sei lá.

— Em Manchester?

— Sim. Não te lembras de que eu adorava lá estar? Na faculdade. Era realmente difícil não agir com surpresa depois de tudo aquilo: o facto de se dar bem com o irmão, de trabalharem juntos e de ele ter frequentado a faculdade. Na sua vida de base, o irmão tinha feito os exames e candidatara-se ao curso de História em Manchester, mas não chegara a ter notas suficientemente altas para entrar, provavelmente porque andava demasiado ocupado a fumar charros com Ravi todas as noites. Depois decidiu que não queria ir para a faculdade, de todo.

Conversaram um pouco mais.

A certa altura, ele distraiu-se a olhar para o telemóvel.

Nora reparou que a imagem de fundo era a fotografia de um homem radiante, bonito e sorridente que ela nunca tinha visto na vida. Depois reparou que o irmão tinha uma aliança de casamento e fingiu uma expressão neutra.

— Então, que tal é a vida de casado?

Joe sorriu. Era um sorriso genuinamente feliz. Há anos que não o via sorrir assim. Na sua vida de base, Joe nunca tivera sorte no

amor. Embora soubesse que o irmão era gay desde que era adolescente, ele só se assumira oficialmente aos 22 anos. E nunca tinha tido um relacionamento feliz ou prolongado. Ela sentia-se culpada por a sua vida ter tido o poder de moldar também a vida do irmão de forma tão significativa.

— Oh, tu conheces o Ewan. O Ewan é o Ewan.

Nora sorriu como se soubesse quem era Ewan e porque é que ele era exatamente como era.

— Sim. Ele é ótimo. Fico tão feliz por vocês os dois.

Joe soltou uma gargalhada.

— Bem, já somos casados há cinco anos. Estás a falar como se tivéssemos acabado de nos conhecer.

— Não é isso, tu sabes, às vezes acho que és mesmo um felizardo. Por estares tão apaixonado. E seres feliz.

— Ele quer um cão. — Joe sorriu. — É o nosso debate atual. Quero dizer, não me importava de ter um cão, mas gostava que fosse adotado. E não quero cá um maldito *maltipoo* ou um *bichon*. Quero um lobo. Sabes, um cão a sério.

Nora pensou em *Voltaire*.

— Os animais são uma boa companhia...

— Pois são. Tu ainda queres um cão?

— Quero. Ou um gato.

— Os gatos são demasiado desobedientes — disse ele, parecendo mais o irmão de quem ela se lembrava. — Os cães conhecem o seu lugar.

— A desobediência é o verdadeiro alicerce da liberdade. Os

obedientes serão escravizados.

Ele ficou com um ar perplexo.

— De onde é que isso veio? É uma citação?

— É, de Henry David Thoreau. Sabes, o meu filósofo favorito.

— Desde quando te interessas por filosofia?

Pois. Naquela vida ela nunca tinha tirado um curso de Filosofia. Enquanto a Nora da vida de base andava a ler Thoreau, Lao Tzu e Sartre num apartamento fedorento de estudantes em Bristol, a Nora daquela vida estava nos pódios dos Jogos Olímpicos de Pequim. Estranhamente, sentia-se igualmente triste por aquela versão de si nunca ter tido oportunidade de se apaixonar pela beleza simples do *Walden* de Thoreau, ou pelas meditações estoicas de Marco Aurélio, da mesma forma que sentia tristeza pela versão de Nora que nunca atingira o seu potencial olímpico.

— Oh, sei lá... Encontrei alguns textos dele na Internet.

— Ah. Fixe. Vou dar uma vista de olhos. Podias incluir algumas dessas coisas na tua palestra.

Nora sentiu-se empalidecer.

— Hum, hoje estava a pensar fazer uma coisa um pouco diferente. Talvez possa... improvisar um pouco.

Afinal, ela andava a aperfeiçoar tremendamente a arte do improviso.

— Numa noite destas, vi um documentário fantástico sobre a Gronelândia. Fez-me lembrar de quando eras obcecada com o Ártico e recortaste aquelas imagens todas dos ursos-polares e sei lá mais o quê.

— Sim. A Sra. Elm disse-me que a melhor maneira de ser uma exploradora no Ártico era ser glacióloga. Por isso era o que eu queria ser.

— Sra. Elm... — murmurou Joe. — O nome não me é estranho.

— A bibliotecária da escola.

— É isso. Tu costumavas viver na biblioteca, não era?

— Quase.

— Pensa bem, se não tivesses continuado a nadar, por esta altura o mais certo era estares na Gronelândia.

— Em Svalbard — disse ela.

— Desculpa?

— É um arquipélago norueguês. Mesmo lá em cima, no oceano Ártico.

— Muito bem, na Noruega, então. Era lá que estarias.

— Talvez. Ou talvez continuasse em Bedford. A arrastar os pés de um lado para o outro. Desempregada. Com dificuldade em pagar até a renda.

— Não sejas parva. Tu terias sempre feito qualquer coisa grandiosa.

Ela sorriu perante a inocência do irmão mais velho.

— Em algumas vidas, eu e tu podemos nem sequer nos dar bem.

— Que disparate!

— Espero que seja mesmo.

Joe parecia um pouco desconfortável com a conversa e era notório que queria mudar de assunto.

— Olha, adivinha quem eu vi no outro dia.

Nora encolheu os ombros, desejando que não fosse alguém de

quem ela nunca tivesse ouvido falar.

— O Ravi. Lembras-te do Ravi?

Pensou em Ravi, que ainda no dia anterior ralhara com ela no quiosque.

— Ah, sim, o Ravi.

— Pois, dei de caras com ele.

— Em Bedford?

— Credo, não! Já não vou lá há anos. Não, foi na estação de Blackfriars. Assim mesmo por acaso. Tipo, não o via há mais de uma década. Pelo menos. Ele queria ir a um bar, mas expliquei-lhe que agora sou abastémio, e logo a seguir tive de lhe explicar que tinha sido alcoólico. E essas coisas todas. Que há anos que não bebia um copo de vinho nem fumava um charro. — Nora assentiu como se ouvir aquilo não fosse uma verdadeira bomba para si. — Desde que fiquei um farrapo com a morte da mãe. Acho que ele ficou um pouco «Mas quem é este gajo?», mas depois foi impecável. Agora trabalha como *cameraman*. Ainda faz alguma música por fora. Não são cenas de rock. Trabalha como DJ, ao que parece. Lembras-te da banda que eu e ele tivemos há anos? Os The Labyrinths?

Estava a tornar-se mais fácil fingir alguma incerteza.

— Ah, sim, os The Labyrinths. Claro. Bolas, que viagem ao passado.

— Podes crer. Fiquei com a sensação de que ele tem saudades desses tempos. Apesar de sermos uma bosta e de eu não saber cantar.

— E tu? Alguma vez pensaste no que a vida poderia ter sido se os The Labyrinths tivessem tido muito sucesso?

Ele soltou uma gargalhada um pouco triste.

— Não sei se *poderia ter sido* alguma coisa.

— Talvez precisassem de mais uma pessoa. Eu costumava tocar naquele teclado que a mãe e o pai te ofereceram.

— A sério? Onde é que arranjavas tempo para isso?

Uma vida sem música. Uma vida sem ler os livros que tanto amava.

Mas, por outro lado, uma vida na qual se dava bem com o irmão. Uma vida em que não tivera de o desiludir.

— Seja como for, o Ravi mandou-te cumprimentos. E quer pôr a conversa em dia. Ele trabalha a uma paragem de metro de distância daqui. Por isso vai tentar aparecer para conversarmos um pouco.

— O quê? Oh, isso é... Quem me dera que não o fizesse.

— Porquê?

— Nunca gostei muito dele.

Joe franziu o sobrolho.

— A sério? Não me lembro de te ouvir dizer isso... Ele é porreiro. É bom rapaz. Talvez fosse um bocado mandrião quando éramos mais novos, mas agora parece estar bem orientado na vida...

Nora estava perturbada.

— Joe?

— Sim?

— Sabes quando a mãe morreu?

— Sim.

— Onde é que eu estava?

— Como assim? Estás a sentir-te bem, mana? Os comprimidos novos não estão a fazer efeito?

— Comprimidos?

Verificou a sua mala e começou a procurar. Viu uma pequena caixa de antidepressivos. O coração afundou-lhe no peito.

— Queria só saber. Eu estive muito com a mãe antes de ela morrer?

Joe franziu o sobrolho. Continuava a ser o mesmo Joe. Continuava sem conseguir entender a irmã. Continuava a querer fugir da realidade.

— Sabes que não. Aconteceu tudo tão depressa. Ela não nos contou que estava doente. Para nos proteger. Ou talvez porque não queria que lhe disséssemos que tinha de parar de beber.

— Beber? A mãe andava a beber?

Joe ficou ainda mais preocupado.

— Estás com amnésia, mana? Desde que a Nadia entrou na nossa vida que a mãe bebia uma garrafa de gin por dia.

— Sim. É claro que me lembro disso.

— Além de que tu tinhas o Campeonato Europeu à porta e ela não queria interferir com isso...

— Céus! Eu devia ter estado ao lado dela. Um de nós devia ter lá estado, Joe. Nós os dois...

A expressão dele gelou subitamente.

— Tu nunca foste assim tão próxima da mãe, pois não? Porque é que agora de repente te lembraste...

— Eu aproximei-me mais dela. Ou melhor, ter-me-ia aproximado mais...

— Estás a deixar-me assustado. Estás a agir de forma tão estranha, nem pareces tu.

Nora assentiu.

— Sim, eu... é só que... sim, acho que tens razão... acho que deve ser dos comprimidos...

Lembrava-se de que, nos seus últimos meses de vida, a mãe lhe dissera: «Não sei o que teria feito sem ti.» Era provável que também o tivesse dito a Joe. Mas, naquela vida, ela não tinha tido nenhum dos dois com ela.

Instantes depois, Priya entrou na sala. A sorrir, agarrada ao seu microfone e com uma espécie de pasta na mão.

— Está na hora — disse.

A Árvore Que É a Nossa Vida

Cinco minutos depois, Nora estava de regresso à enorme sala de conferências do hotel. Pelo menos mil pessoas assistiam ao primeiro orador a concluir a sua apresentação. Era o autor *De Zero a Herói*. O livro que Dan tinha na mesa de cabeceira, numa outra vida. Porém, enquanto aguardava sentada no seu lugar na fila da frente, Nora não estava a ouvir com atenção. Sentia-se demasiado perturbada em relação à mãe, demasiado nervosa com a palestra, por isso só foi apanhando uma palavra ou outra, uma ou outra frase, que flutuavam até ao interior da sua mente como *croutons* a boiar numa sopa *minestrone*. «Facto pouco conhecido», «ambição», «podem ficar surpreendidos por ouvir que», «se eu consigo», «reveses difíceis».

Era difícil respirar naquela sala. Cheirava a perfume almiscarado e a alcatifa nova.

Tentou permanecer calma.

Inclinou-se para o irmão e murmurou.

— Acho que não consigo fazer isto.

— O quê?

— Acho que estou a ter um ataque de pânico.

Ele olhou para ela e sorriu, mas com uma dureza no olhar, que ela se recordava de uma outra vida, quando também tivera um

ataque de pânico antes de um dos primeiros concertos dos The Labyrinths, num bar em Bedford.

— Vais ficar bem.

— Não sei se consigo fazer isto. Estou com uma brancura.

— Estás a pensar demasiado.

— Eu sofro de ansiedade. Não sei pensar de outra forma.

— Vá lá. Não nos desiludas.

Não nos desiludas.

— Mas...

Tentou pensar em música.

Pensar em música sempre a acalmara.

Ocorreu-lhe uma canção. Sentiu-se um pouco embaraçada, mesmo interiormente, ao perceber que a música que lhe ocorrera era *O Céu Está Lindo*. Uma canção feliz e esperançosa que não cantava há muito tempo. *O céu escurece / O preto sobre o azul / Mas as estrelas ainda se atrevem / A brilhar para...*

Mas depois a pessoa que estava sentada ao seu lado — uma mulher de negócios elegantemente vestida, na casa dos 50, que era a origem do perfume enjoativo — inclinou-se para ela e murmurou:

— Lamento imenso o que lhe aconteceu. Sabe, aquelas coisas em Portugal...

— Que coisas?

A resposta da mulher foi abafada pela salva de palmas que rebentou na sala no mesmíssimo instante.

— Que coisas? — repetiu.

Mas já era tarde demais. Nora estava a ser chamada ao palco e o irmão a dar-lhe cotoveladas.

Só ouviu a voz de Joe, que quase lhe gritava:

— Eles estão a chamar por ti. Vai lá.

Dirigiu-se com hesitação para o pequeno leitoril no centro do palco, em direção a uma fotografia gigante do seu rosto a sorrir de forma triunfante, com uma medalha de ouro ao pescoço, projetada no ecrã enorme.

Ela sempre detestara ser observada.

— Olá — disse para o microfone, com nervosismo. — É muito bom estar aqui convosco...

Um milhar de rostos ficou a olhar para ela, à espera.

Nunca tinha falado para tanta gente ao mesmo tempo. Nem mesmo os The Labyrinths haviam tocado para mais do que 100 pessoas, e já nessa altura ela reduzia o discurso entre as canções ao mínimo possível. No entanto, enquanto trabalhava na Teoria das Cordas, sentia-se perfeitamente à vontade para conversar com os clientes, mas raramente abria a boca nas reuniões de equipa, que nunca tinham mais de cinco pessoas na sala. Quando andava na faculdade, enquanto Izzy fazia as apresentações com uma facilidade extrema, ela preocupava-se com as suas com semanas de antecedência.

Joe e Rory estavam a olhar fixamente para ela com expressões espantadas.

A Nora que vira na *TED talk* não era aquela Nora, e duvidava que alguma vez conseguisse transformar-se naquela pessoa. Não sem

antes fazer tudo o que ela tinha feito.

— Olá, o meu nome é Nora Seed.

Não o dissera com intenção de ser engraçada, mas a sala inteira desatou a rir. Não havia, claramente, necessidade de se apresentar.

— A vida é estranha — continuou ela. — A forma como vivemos tudo de uma vez. Como se fosse em linha reta. Mas essa não é a realidade completa. Porque a vida não é simplesmente feita das coisas que fazemos, mas também das que não fazemos. E cada instante nas nossas vidas é uma espécie de... ponto de viragem.

Ainda nada.

— Pensem um pouco nisto. Pensem como começamos... como uma entidade fixa. Como a semente de uma árvore que é plantada no solo. Depois crescemos... crescemos... e inicialmente somos apenas um tronco...

Absolutamente nada.

— Mas depois a árvore, esta árvore que é a nossa vida, começa a desenvolver ramos. Agora pensem em todos esses ramos que brotam do tronco em alturas diferentes. Depois pensem nesses ramos que, por sua vez, se ramificam também, cada um numa direção oposta. Pensem nesses ramos que se tornam noutros ramos que se tornam em galhos. E pensem nas extremidades desses galhos, cada uma apontando para uma direção diferente, apesar de terem começado todos no mesmo sítio. Uma vida é exatamente assim, mas numa escala muito maior. Formam-se ramos novos a cada novo segundo do dia. E a partir do nosso ponto de vista, do ponto de vista de toda a gente, a vida parece...

um contínuo. Cada galho fez apenas uma única viagem. Mas continuam a existir outros galhos. E também há outros dias. Outras vidas que teriam sido diferentes se tivéssemos tomado direções diferentes no início da nossa vida. A árvore da vida é assim. Muitas foram as religiões e mitologias que falaram da árvore da vida. Ela existe no budismo, no judaísmo, no cristianismo. Muitos filósofos e autores também falaram do sentido metafórico das árvores. Para Sylvia Plath, a existência era uma figueira, e cada vida possível que ela podia viver, aquela em que era casada e feliz, aquela em que era uma poetisa bem-sucedida, era um doce e sumarento figo, mas ela não conseguia saborear os figos doces e sumarentos, que apodreciam mesmo à sua frente. Pensar em todas as vidas que não vivemos pode dar connosco em doidos.

» Por exemplo, na maior parte das minhas vidas, eu não estou aqui neste leitoril a falar-vos sobre sucesso... Na maior parte das minhas vidas, não sou uma atleta olímpica com uma medalha de ouro. — Lembrou-se de uma coisa que a Sra. Elm lhe dissera na Biblioteca da Meia-Noite. — Fazer uma coisa de forma diferente é muitas vezes o mesmo que fazer *tudo* de uma forma diferente. As ações não podem ser revertidas no espaço de uma *única* vida, por muito que tentemos...

A audiência começava a prestar atenção. Era evidente que precisavam de uma Sra. Elm nas suas vidas.

— Viver é a única forma de aprender.

Continuou a falar deste modo durante os 20 minutos seguintes,

recordando-se o mais possível das coisas que a Sra. Elm lhe dissera, até que olhou para baixo e viu as mãos a brilharem num tom branco devido à luz do leitoril.

Enquanto absorvia a visão de uma linha rosada que sobressaía na sua pele, percebeu que a cicatriz tinha sido autoinfligida, o que lhe interrompeu a linha de raciocínio. Ou por outra, levou-a para um raciocínio diferente.

— E... o que se passa é que... que... aquele que consideramos o caminho mais bem-sucedido que podemos percorrer, na verdade não o é. Porque muitas vezes a nossa noção de sucesso é apenas uma ideia externa qualquer sobre aquilo que podemos alcançar, uma medalha olímpica, o marido ideal, um bom salário. E temos todas estas métricas que tentamos alcançar. Quando na realidade o sucesso não é uma coisa mensurável e a vida não é uma corrida que possamos ganhar. É apenas um monte de tretas, na verdade...

Nessa altura, o público sentia-se definitivamente desconfortável. Aquela não era a palestra de que estavam à espera. Nora passou os olhos pela multidão e viu um único rosto a sorrir. Demorou um instante a reconhecê-lo, porque estava vestido de forma elegante com uma camisa azul e o cabelo bastante mais curto do que na sua antiga vida em Bedford, mas era Ravi. Aquele Ravi tinha um aspeto amistoso, mas ela não conseguia afastar a imagem do outro Ravi, aquele que saíra de rompante do quiosque, danado por não ter dinheiro para comprar uma revista e a culpá-la por isso.

— Eu sei que estavam à espera da minha *TED talk* sobre o

caminho para o sucesso. Mas a verdade é que o sucesso é uma ilusão. É tudo uma ilusão. Quero dizer, sim, há coisas que podemos ultrapassar. Por exemplo, eu sou uma pessoa que tem medo de entrar num palco e, no entanto, estou aqui, num palco. Olhem bem para mim... num palco! Recentemente, uma pessoa disse-me que o meu problema não era ter medo do palco. O meu problema era ter *medo da vida*. E sabem que mais? Tinha toda a razão. Porque a vida é assustadora, e é assim por um motivo. O motivo é que não importa em que ramo da árvore possamos viver, somos sempre a mesma árvore apodrecida. Eu queria ser muitas coisas na minha vida. Todo o tipo de coisas. Mas quando a nossa vida está apodrecida, ela continuará assim, não importa o que façamos. A humidade faz com que tudo, absolutamente tudo, apodreça...

Joe passava desesperadamente a mão pelo pescoço, fazendo um gesto de «corta».

— Adiante, sejam bondosos e... Sejam bondosos, apenas isso. Tenho a sensação de que estou prestes a partir, por isso, gostava apenas de dizer que amo o meu irmão Joe. Adoro-te, mano, e adoro todas as pessoas que estão nesta sala; foi muito agradável estar aqui.

E o instante em que ela dissera que tinha sido agradável estar ali, foi o momento em que deixou de lá estar.

Erro no Sistema

Regressou à Biblioteca da Meia-Noite.

Mas dessa vez estava um pouco afastada das estantes. Encontrava-se na zona de escritório aberto que tinha vislumbrado anteriormente, num dos corredores mais largos. A secretária estava coberta com tabuleiros de documentos, que mal aguentavam toda a papelada que ali se acumulava, e um computador.

O computador era um daqueles antigos, quadrados e beges. Era o tipo de computador que a Sra. Elm teria na biblioteca da escola. Era diante do computador que a Sra. Elm se encontrava agora, digitando no teclado de forma urgente enquanto fitava o monitor, com Nora posicionada atrás de si.

As luzes do teto — as mesmas lâmpadas despidas que estavam penduradas nos fios — tremeluziam freneticamente.

— O meu pai estava vivo por minha causa. Mas também tinha tido um caso extraconjugal, e a minha mãe morreu mais cedo e eu estava com o meu irmão porque nunca o desiludi, mas ele era o mesmo irmão, na verdade, e só não se importava de me ter na sua vida porque eu estava a ajudá-lo a ganhar dinheiro e... e... Não era aquele o sonho olímpico que eu imaginava. Eu era a mesma Nora. E tinha acontecido qualquer coisa em Portugal. O mais

provável era ter tentado matar-me, ou algo do género... Há realmente outras vidas diferentes, ou são só as mobílias que mudam?

Mas a Sra. Elm não a estava a ouvir. Nora reparou em qualquer coisa em cima da secretária. Uma caneta antiga de tinta permanente, de plástico cor de laranja. Precisamente o mesmo tipo de caneta que Nora usava quando andava na escola.

— Olá? Sra. Elm, consegue ouvir-me?

Algo de muito errado se passava ali.

O rosto da bibliotecária estava toldado com preocupação. Estava a ler do ecrã, mas para consigo.

— Erro no sistema.

— Sra. Elm? Olá? Cucu! Consegue ver-me?

Deu-lhe uma pancadinha no ombro, o que pareceu resultar.

O rosto da Sra. Elm abriu-se numa enorme expressão de alívio enquanto se afastava do computador.

— Oh, Nora, conseguiste cá chegar?

— Não estava à espera de que conseguisse? Achou que aquela seria a vida que eu queria viver?

Abanou a cabeça sem realmente a mover. Como se isso fosse possível.

— Não, não é isso. É que parecia frágil.

— O que é que parecia frágil?

— A transferência.

— A transferência?

— Do livro para aqui. Da *vida que escolheste* para a biblioteca.

Parece que há um problema. Um problema com todo o sistema. Algo que está para lá do meu controlo imediato. Algo *externo*.

— Quer dizer, na minha vida de verdade?

A bibliotecária fitou o monitor.

— Sim. A Biblioteca da Meia-Noite só existe porque tu existes, sabes? Na tua vida de base.

— Então, eu estou a morrer?

A Sra. Elm estava com um ar exasperado.

— É uma possibilidade. Ou seja, há uma hipótese de estarmos a chegar ao fim das possibilidades.

Nora pensou em como lhe soubera bem nadar na piscina. Em como se sentira viva e cheia de força. E depois alguma coisa aconteceu dentro de si. Uma pontada no estômago. Uma mudança *física*. Uma mudança dentro de si. Subitamente, a ideia da morte perturbava-a. Ao mesmo tempo, as luzes do teto pararam de tremeluzir e começaram a brilhar intensamente.

A Sra. Elm juntou as mãos enquanto absorvia a nova informação que o monitor lhe transmitia.

— Oh, está de volta. Oh, que bom. O problema desapareceu. Estamos novamente operacionais. Graças a ti, segundo creio.

— Como?

— Bem, o computador diz que a causa de base dentro da hospedeira foi provisoriamente resolvida. E a causa de base és tu. Tu és a hospedeira. — Sorriu. Nora pestanejou e, quando abriu os olhos, já ela e a Sra. Elm estavam numa parte diferente da biblioteca. Novamente entre as filas de estantes. Paradas,

estranhamente viradas uma para a outra.

— Muito bem. Agora vamos acalmar — disse a Sra. Elm, antes de soltar um suspiro profundo e significativo. Estava claramente a falar com os seus botões.

— A minha mãe morreu em datas diferentes em vidas diferentes. Eu gostava de viver uma vida em que ela ainda cá estivesse. Essa vida existe?

A atenção da Sra. Elm concentrou-se em Nora.

— Talvez exista.

— Ótimo.

— Mas não podes lá ir.

— Porque não?

— Porque esta é a biblioteca das *tuas* decisões. Não há escolha que pudesses ter feito que permitisse que a tua mãe estivesse viva para lá do dia de ontem. Lamento.

Uma das lâmpadas tremeluziu por cima da cabeça de Nora, mas as restantes continuaram estáveis.

— Tens de pensar noutra coisa, Nora. Que coisas eram boas na vida anterior?

Ela assentiu.

— Nadar. Gostei de nadar. Mas acho que não era feliz naquela vida. Não sei se sou verdadeiramente feliz em alguma das vidas.

— O objetivo é a felicidade?

— Não sei bem. Acho que quero que a minha vida tenha algum significado. Quero fazer alguma coisa de bom.

— Houve um tempo em que querias ser glacióloga — lembrou-a

a Sra. Elm.

— Pois era.

— Costumavas falar sobre isso. Dizias que o Ártico te interessava muito e eu sugeri que te tornasses glacióloga.

— Lembro-me disso. Assim que mo disse, gostei imediatamente da ideia. Mas os meus pais nunca acharam uma boa opção.

— Porquê?

— Não sei muito bem. Eles encorajaram-me a nadar. Bem, pelo menos o meu pai. Tiveram sempre algumas reservas em relação a tudo o que envolvesse trabalho académico.

Nora sentiu uma tristeza profunda que se alojou no fundo do estômago. Desde o seu nascimento, que os pais pensavam nela em termos diferentes dos do irmão.

— Tirando a natação, era o Joe que eles esperavam que concretizasse coisas — disse à Sra. Elm. — A minha mãe tentava desencorajar-me de qualquer atividade que me pudesse afastar de casa. Ao contrário do meu pai, nem sequer me incentivava a nadar. Mas certamente deve haver uma vida em que não dei ouvidos à minha mãe e fui uma investigadora no Ártico. Longe de tudo. Com um objetivo. Em que estou a ajudar o planeta. A investigar o impacto das alterações climáticas. Uma vida em que estou na linha da frente.

— Então, queres que encontre essa vida para ti?

Nora suspirou. Ainda não fazia ideia do que queria. Mas pelo menos o Círculo Polar Ártico seria diferente de tudo o resto.

— Está bem. Quero.

Svalbard

Acordou numa cama estreita na pequena cabina de um barco. Sabia que estava num barco por causa da ondulação, que, apesar de ser bastante suave, fora o que a acordara. A cabina era simples e básica e ela estava a usar uma camisola polar e ceroulas. Ao empurrar o cobertor para trás, reparou que estava com dor de cabeça. Tinha a boca tão seca que sentia o interior das bochechas coladas aos dentes. Tossiu de forma profunda, uma tosse que lhe vinha do peito, e sentiu-se a um milhão de piscinas de distância do corpo de uma atleta olímpica. Os dedos cheiravam a tabaco. Sentou-se e viu uma mulher de cabelo muito louro, robusta, de rosto endurecido pelo tempo, sentada na cama do lado, a olhar para ela.

— *God morgen*, Nora.

Sorriu. Teve a esperança de naquela vida não ser fluente na língua escandinava que aquela mulher falava, fosse lá que língua fosse.

— Bom dia.

Reparou na garrafa de vodca vazia e na caneca que se encontravam no chão ao lado da cama da mulher. Por cima da cómoda que existia entre as duas camas havia um calendário com imagens de cães pendurado na parede. (Abril: mês do *springer*

spaniel.) Viu que os três livros pousados em cima da cómoda eram todos em inglês. O que estava mais próximo da mulher intitulava-se *Princípios de Mecânica Glaciar*. Os dois do lado de Nora eram *O Guia Naturalista do Ártico* e uma edição da Penguin Classic de *A Saga dos Volsungs: O Épico Nórdico de Sigurd, o Caçador de Dragões*¹. Também reparou noutra coisa. Estava frio. Bastante frio. Daquele frio que quase queimava, que magoava os dedos das mãos e dos pés e que deixava o rosto retesado. Mesmo por dentro. Mesmo com camadas e camadas de roupa térmica. E camisolas. Com dois aquecedores elétricos ligados. Cada exalação produzia uma nuvem.

— Porque estás aqui, Nora? — perguntou a mulher, com uma pronúncia carregada.

Era uma pergunta com rasteira, já que ela não sabia onde era «aqui».

— É um pouco cedo demais para filosofia, não é? — respondeu Nora, com uma gargalhada nervosa.

Pela vigia do barco, viu uma parede de gelo que se erguia no mar. Estava ou muito a norte ou muito a sul do planeta. Estava muito longe.

A mulher continuava a olhar intensamente para ela. Nora não fazia ideia se eram amigas ou não. Ela parecia ser dura, direta, rude, mas seria provavelmente uma companhia interessante.

— Não estou a falar de filosofia. Nem sequer sobre o que te levou até à investigação dos glaciares. Embora possa ser a mesma coisa, na verdade. O que queria perguntar é por que motivo

escolheste estar o mais longe da civilização quanto te foi possível. Nunca me contaste.

— Não sei — disse ela. — Gosto do frio.

— Ninguém gosta *deste* frio. A não ser que seja sadomasoquista.

Quanto a isso tinha razão. Nora pegou na camisola que estava aos pés da cama e vestiu-a por cima da camisola que já tinha. Quando o fez, viu no chão, ao lado da garrafa de vodca, um cartão laminado:

Ingrid Skirbekk

Professora de Geociência

Instituto Internacional de Investigação Polar

— Não sei, Ingrid. Acho que gosto de glaciares, só isso. Quero entendê-los. Perceber por que razão estão... a derreter.

A avaliar pelas sobrancelhas levantadas de Ingrid, não estava a soar como uma grande especialista em glaciares.

— Então e tu? — perguntou, esperançosamente.

Ingrid suspirou. Esfregou a palma da mão com o polegar.

— Depois de o Per morrer, já não conseguia estar em Oslo. Aquelas pessoas todas que não eram ele, sabes? Nós costumávamos ir a um café quando andávamos na faculdade. Ficávamos ali sentados muitas vezes em silêncio, mas juntos. Era um silêncio feliz. A ler jornais, a beber café. Era difícil evitar esse tipo de sítios, porque nós andávamos por todo o lado. A sua alma perturbada permanecia em cada rua por onde eu passava... Eu

bem dizia à memória dele para ir dar uma curva, mas ela não ia. O luto é um sacana! Se tivesse ficado ali mais tempo, acabaria por odiar toda a humanidade. Por isso, quando abriu uma vaga em Svalbard, eu pensei logo que era a minha salvação... Queria ir para um lugar onde ele nunca tivesse estado. Queria ir para um lugar onde não sentisse o fantasma dele. Mas a verdade é que isto só funciona parcialmente, sabes? Os lugares são os lugares, as memórias são as memórias, e a vida é apenas a merda da vida.

Nora interiorizou as palavras dela. Era evidente que Ingrid estava a contar aquilo a alguém que julgava conhecer relativamente bem, no entanto, ela não passava de uma desconhecida. Parecia estranho. Errado. Aquela devia ser a pior faceta da vida de um espião, pensou. As emoções que as pessoas depositavam em nós, como um mau investimento. Ela sentia que estava a roubar alguma coisa àquelas pessoas.

Ingrid sorriu, interrompendo-lhe o pensamento.

— De qualquer maneira, obrigada pela noite de ontem... Foi uma boa conversa. Há muitos idiotas neste barco, mas tu não és uma idiota.

— Oh, obrigada. Tu também não.

Foi nesse instante que Nora reparou na arma, uma enorme espingarda com um cabo castanho grosso, encostada à parede do fundo da cabina, por baixo do cabide dos casacos.

Não o saberia explicar, mas ficou feliz ao ver a arma. Sentiu que a Nora de 11 anos ficaria orgulhosa. Segundo parecia, ela estava a *viver uma aventura*.

¹Tradução livre dos títulos *Principles of Glacier Mechanics*, *A Naturalist's Guide to the Arctic* e *The Saga of the Volsungs: The Norse Epic of Sigurd the Dragon Slayer*, sem edição portuguesa. [N. T.]

Hugo Lefèvre

Acompanhada da sua dor de cabeça e obviamente de uma ressaca, Nora atravessou o espartano corredor de madeira até chegar a uma pequena sala de refeições que cheirava a arenques de conserva e onde alguns cientistas de investigação se encontravam a tomar o pequeno-almoço.

Serviu-se de café simples e de um pouco de pão de centeio já rijo e sentou-se.

À sua volta, do lado de fora das janelas, a paisagem era a mais sinistramente deslumbrante que já vira. Por entre o nevoeiro viam-se ilhas de gelo, como rochedos feitos do mais puro tom de branco. Nora contou mais 17 pessoas na sala de refeições. Onze homens, seis mulheres. Ela sentou-se sozinha, mas cinco minutos depois um homem de cabelo curto e barba a dois dias de se tornar uma barba completa sentou-se à mesa dela. Envergava uma *parka*, como a maior parte das pessoas na sala, mas não parecia combinar muito com o casaco, como se estivesse mais à vontade na Riviera com calções de marca e um polo cor-de-rosa. O homem sorriu-lhe. Ela tentou traduzir o sorriso e entender o tipo de relação que havia entre ambos. Ele observou-a durante um instante, depois chegou a cadeira para o lado de modo a ficar mesmo em frente a ela. Nora procurou um cartão, mas ele não

trazia nenhum ao pescoço. Questionou-se sobre se deveria saber o nome dele.

— Sou o Hugo — disse ele, para seu grande alívio. — Hugo Lefèvre. Tu és a Nora, certo?

— Sim.

— Eu vi-te em Svalbard, no centro de investigação, mas nunca chegámos a falar. De qualquer maneira, só queria dizer que li o teu artigo sobre o pulsar dos glaciares e achei-o fascinante.

— A sério?

— Sim. Quero dizer, sempre me fascinou o motivo pelo qual fazem isso aqui e em mais lugar nenhum. É um fenómeno tão estranho.

— A vida é cheia de fenómenos estranhos.

A conversa era tentadora, mas perigosa. Nora dirigiu-lhe um sorriso tímido e educado e depois voltou a olhar pela janela. As ilhas de gelo transformaram-se em ilhas de verdade. Pequenas ilhas com colinas cobertas de neve, como os cumes dos montes, ou com partes mais planas e escarpadas. E para lá delas, o glaciar que ela avistara da janela da cabina. Agora podia ter uma noção melhor da sua dimensão, embora a parte de cima estivesse escondida por um manto de nuvens. Outras partes estavam inteiramente livres de nevoeiro. Era incrível.

Quando vemos uma imagem de um glaciar na televisão ou numa revista, imaginamos uma superfície suave de branco. Mas aquele glaciar tinha tanta textura como uma montanha. Tons pretos, castanhos e brancos. Havia uma variedade infinita de brancos, uma panóplia imensa de variações — branco com branco, azul

com branco, turquesa com branco, dourado com branco, prateado com branco, transparente com branco —, todas representadas com uma vida e brilho impressionantes. Era certamente mais impressionante do que o pequeno-almoço.

— É deprimente, não é? — perguntou Hugo.

— O quê?

— O facto de o dia nunca acabar.

Nora sentiu-se desconfortável com aquela observação.

— Em que sentido?

Ele esperou um segundo antes de responder.

— Então, a luz interminável — disse, antes de dar uma trinca numa bolacha — a partir de abril. É como estar a viver um único dia que nunca acaba... Detesto essa sensação.

— Nem me digas nada.

— Uma pessoa a pensar que no mínimo haveria cortinas nas janelas. Desde que entrei neste barco que quase não durmo.

Nora assentiu.

— E isso foi há quanto tempo?

Ele soltou uma gargalhada. Era uma gargalhada agradável. De boca fechada. Civilizada. Quase não chegava a ser uma gargalhada.

— Na noite passada bebi muito com a Ingrid. A vodca roubou-me a memória.

— Tens a certeza de que foi a vodca?

— O que mais podia ser?

Os olhos dele eram inquiridores e fizeram com que ela se sentisse automaticamente culpada.

Olhou para Ingrid, que estava a beber café e a escrever no seu portátil. Desejou estar sentada junto dela naquele momento.

— Bem, esta foi a nossa terceira noite — disse Hugo. — Temos andado a cirandar pelo arquipélago desde domingo. Sim, domingo. Que foi o dia em que saímos de Longyearbyen.

Nora fez uma cara como se já soubesse daquilo tudo.

— Parece que domingo já foi há tanto tempo.

Ambos sentiram o barco a virar. Nora teve de se inclinar um pouco.

— Há 20 anos, não havia praticamente águas abertas em Svalbard durante o mês de abril. Olha para isto agora. Parece que estamos a fazer um cruzeiro no Mediterrâneo.

Nora tentou fazer um sorriso descontraído.

— Não é bem a mesma coisa.

— Adiante... Ouvi dizer que hoje te calhou a fava...

Ela tentou fazer uma expressão vaga, o que não era difícil.

— Não me digas?

— Sim, és tu a vigia, não és?

Não fazia ideia do que ele estava a falar, mas temeu o brilho dos seus olhos.

— Sim — respondeu. — Sim, sou eu. Sou a vigia.

Os olhos de Hugo arregalaram-se com choque. Ou choque fingido. Era difícil perceber a diferença entre um e o outro.

— A vigia?

— Sim?

Nora queria saber desesperadamente o que fazia uma vigia, mas

não lhe podia perguntar.

— Bem, *bonne chance* — disse Hugo, com um olhar ensaiado.

— *Merci* — respondeu Nora, olhando para a fresca luz do Ártico e para a paisagem que só vira em revistas. — Estou preparada para um desafio.

Caminhar em Círculos

Uma hora depois, Nora estava numa extensão de rocha coberta de neve. Era mais um rochedo do que uma ilha. Um lugar tão pequeno e desabitado que nem sequer nome tinha, embora de lá se avistasse, do outro lado da água gelada, uma ilha um pouco maior ominosamente chamada de Ilha dos Ursos. Estava ao lado de um barco. Não do *Lance*, o barco grande onde tomara o pequeno-almoço — esse estava ancorado em segurança no mar —, mas num pequeno barco a motor que tinha sido arrastado para fora da água quase exclusivamente por um homem enorme chamado Rune, que, não obstante o seu nome escandinavo, falava o inglês lânguido da costa oeste americana.

Aos seus pés tinha uma mochila amarelo-fluorescente. E pousada no chão estava a espingarda *Winchester* que tinha visto encostada à parede da cabina. Era a *sua* espingarda. Naquela vida, Nora tinha uma arma. Ao lado da espingarda estava uma caçarola com uma concha. Nas mãos dela encontrava-se outra arma, essa menos letal — uma pistola de sinalização pronta a disparar um foguete.

Entretanto, tinha descoberto que tipo de «vigilância» ia fazer. Enquanto nove dos cientistas faziam trabalhos de seguimento do clima no terreno daquela minúscula ilha, ela ia ficar de vigia aos

ursos-polares. Aparentemente, a possibilidade de aparecerem por ali era bastante real. Se visse algum, a primeira coisa que devia fazer era disparar o foguete. Isto serviria dois propósitos: a) afugentar o urso e b) avisar os colegas.

Mas não era uma estratégia isenta de erro. Os humanos eram uma saborosa fonte proteica e os ursos não eram conhecidos por terem medo, principalmente nos últimos anos em que a perda do seu habitat e das fontes de alimentação os haviam tornado mais vulneráveis e forçado a ser mais imprudentes.

— Assim que disparares o foguete — disse o elemento mais velho do grupo, um homem sem barba e de feições austeras chamado Peter, que era o líder de campo e falava num tom constante de fortíssimo —, começa a bater com a concha na caçarola. Bate como uma louca e grita. Eles têm ouvidos sensíveis, são como os gatos. Nove vezes em cada dez, os barulhos afugentam-nos.

— E na décima?

Ele apontou para a espingarda.

— Tens de o matar. Antes que ele te mate a ti.

Nora não era a única pessoa que tinha uma arma. Todos tinham. Eram cientistas armados. De qualquer maneira, Peter soltou uma gargalhada e Ingrid deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Espero honestamente que não sejas comida por um urso — disse Ingrid com uma voz rouca. — Ia sentir a tua falta. Desde que não estejas a menstruar, não deve haver problema.

— Jesus. O quê?

— Eles cheiram o sangue a mais de um quilómetro de distância.

Outro colega desejou-lhe boa sorte numa voz abafada e distante. Não saberia dizer quem tinha sido, mesmo que os conhecesse a todos, pois estava terrivelmente embrulhado em roupas.

— Voltamos daqui a cinco horas... — informou-a Peter. Riu-se novamente e Nora esperou que ele estivesse a brincar. — Caminha em círculos, para te manteres quente.

E ali a deixaram, afastando-se sobre o solo rochoso até desaparecerem no meio do nevoeiro.

Durante uma hora, não aconteceu nada. Nora caminhou em círculos. Saltou do pé esquerdo para o pé direito. O nevoeiro levantou um pouco e ela pôde contemplar a paisagem. Questionou-se por que motivo ainda não tinha voltado para a biblioteca. Afinal, aquilo era definitivamente um pouco *merdoso*. Havia certamente outras vidas nas quais poderia estar sentada à beira de uma piscina, a apanhar banhos de sol. Vidas onde estava a tocar música, ou a relaxar num banho quente aromatizado com alfazema, ou a fazer sexo incrível de terceiro encontro, ou a ler numa praia no México, ou a comer num restaurante com estrelas Michelin, ou a passear descontraidamente pelas ruas de Paris, ou a perder-se em Roma, ou a contemplar tranquilamente um templo perto de Quioto, ou aninhada no casulo caloroso de uma relação feliz.

Na maior parte das vidas, ela devia estar a sentir-se pelo menos fisicamente *confortável*. Porém, ali sentia qualquer coisa nova. Ou qualquer coisa antiga que enterrara há muito tempo. A paisagem

glaciar recordava-a de que, acima de qualquer outra coisa, ela era um ser humano que habitava este planeta. Percebeu que quase tudo o que fizera na vida — quase tudo aquilo que comprara, por que trabalhara e que consumira — a afastara cada vez mais do entendimento de que ela, e todos os restantes humanos, era apenas um exemplar de uma das nove milhões de espécies que existiam no planeta.

«Se uma pessoa avançar com confiança», escrevera Thoreau em *Walden*, «na direção dos seus sonhos, e se se dedicar a viver a vida que imaginou, encontrará um sucesso inesperado nas horas mais comuns». Também observou que uma parte do seu sucesso era o produto da sua solidão. «Nunca encontrei uma companhia que fosse tão boa companheira como a solidão.»

Naquele momento, Nora sentia a mesma coisa. Embora ainda só a tivessem deixado ali sozinha há uma hora, nunca experimentara aquele nível de solidão, no meio da natureza tão pouco povoada.

Nas suas horas noturnas e suicidas, dava por si a pensar que a solidão era o problema. Mas isso era porque a solidão que sentia não era a verdadeira solidão. A mente solitária no meio da multidão anseia por estabelecer ligações, porque acredita que a ligação entre seres humanos é o principal objetivo de toda a existência. Todavia, ali, no meio da natureza pura (ou do «tónico da natureza selvagem», como Thoreau a descrevera), a solidão assumia um carácter diferente. Tornava-se, ela mesma, uma espécie de ligação. Uma ligação entre a pessoa e o mundo. Entre Nora e ela própria.

Lembrou-se de uma conversa que tivera com Ash. Ele era alto, ligeiramente estranho, giro e sentia uma necessidade permanente de um novo caderno de pautas para a sua guitarra.

A conversa não tinha ocorrido na loja, mas sim no hospital, quando a mãe dela estivera doente. Pouco depois de descobrir que tinha cancro nos ovários, a mãe precisara de ser operada. Nora levava-a a consultar todos os especialistas do Hospital Geral de Bedford e naquelas poucas semanas segurara na mão da mãe mais vezes do que durante toda a vida que haviam passado juntas.

Enquanto a mãe estava a ser operada, Nora esperou na cantina do hospital. E Ash, que estava de bata e a reconheceu como a rapariga com quem conversava tantas vezes na Teoria das Cordas, ao ver que ela estava com ar preocupado, foi ter com ela para a cumprimentar.

Ele trabalhava no hospital como cirurgião e ela acabou por lhe fazer muitas perguntas sobre o tipo de coisas que ele fazia (naquele dia em particular, tinha extraído um apêndice e uma vesícula). Também lhe perguntou sobre o tempo normal de recuperação de uma cirurgia e acerca dos procedimentos, e ele foi muito reconfortante. Acabaram por ficar a conversar durante muito tempo sobre uma série de coisas, porque ele parecia pressentir que ela precisava de falar. Alertou-a para não pesquisar demasiado no *Google* sobre os sintomas das doenças. E isso levou-os a falar das redes sociais — ele acreditava que quanto mais as pessoas estavam ligadas às redes sociais, mais solitária a sociedade se tornava.

«É por isso que atualmente as pessoas se detestam todas», opinara ele. «Porque estão sobrecarregadas por amigos que não são amigos. Já alguma vez ouviste falar do número de Dunbar?»

Falou-lhe então de um homem chamado Roger Dunbar, da Universidade de Oxford, que descobrira que os seres humanos estavam biologicamente preparados para conhecerem apenas 150 pessoas, já que era esse o número médio das comunidades caçadoras-recoletoras.

«E no Livro do Apocalipse», dissera-lhe ele também, sob a luz fria da cantina do hospital, «se fores lá ver, o tamanho médio das comunidades inglesas naquele tempo também era de 150 pessoas. Exceto em Kent, onde era apenas de 100 pessoas. Eu sou de Kent, nós temos ADN antissocial.»

«Eu já estive em Kent», comentara Nora. «E reparei nisso. Mas gosto dessa teoria. Consigo conhecer esse número de pessoas através do *Instagram*... numa hora.»

«Exatamente. Não é saudável! Os nossos cérebros não conseguem lidar com isso. Motivo pelo qual cada vez ansiamos mais por comunicação cara a cara. E... é por isso também que eu jamais compraria as minhas pautas de coros de Simon & Garfunkel online!»

Ela sorriu com aquela memória, depois regressou à realidade da paisagem do Ártico ao ouvir o ruído de algo a cair na água.

Alguns metros à sua frente, entre os rochedos onde se encontrava e a Ilha dos Ursos, havia outro pequeno rochedo, ou conjunto de rochas, que se projetava para fora da água. Alguma

coisa estava a subir vinda do mar. Era algo pesado, que embateu contra a rocha com um baque pesado e molhado. O corpo de Nora começou a tremer, e ela preparou a pistola de sinalização, mas não se tratava de um urso. Era uma morsa. A criatura gorda e castanha de pele enrugada arrastou-se através do gelo, depois parou e fitou-a. Ela (ou ele) aparentava ser velha, mesmo para uma morsa. A morsa não conhecia o conceito de vergonha e era capaz de aguentar um olhar fixo durante um tempo interminável. Nora teve medo. Só sabia duas coisas sobre morsas: podiam ser violentas e nunca estavam sozinhas durante muito tempo.

Devia haver por ali mais morsas preparadas para saltar da água.

Questionou-se sobre se deveria disparar o foguete ou não.

A morsa ficou onde estava, como um fantasma de si mesma sob a luz granulosa, mas a desaparecer lentamente por detrás de um véu de nevoeiro. Os minutos passaram. Nora tinha sete camadas de roupa, mas as pálpebras pareciam estar a entesar e podiam congelar, se as fechasse durante muito tempo. De vez em quando, ouvia as vozes dos outros cientistas que chegavam até si com o vento e, por instantes, os colegas aproximaram-se o suficiente para conseguir ver alguns deles. Eram apenas silhuetas no nevoeiro, debruçadas sobre o solo, a ler amostras de gelo com equipamentos que ela não iria entender. Mas depois voltaram a desaparecer. Nora comeu uma das barras proteicas que tinha na mochila. Estava fria e rija como um caramelo. Verificou o telemóvel, mas não tinha rede.

Estava tudo muito silencioso.

O silêncio fê-la perceber quanto ruído havia no resto do mundo.

Ali, o ruído tinha significado. Quando se ouvia alguma coisa, tinha de se prestar atenção.

Enquanto mastigava, ouviu outro ruído de água a chapinhar, mas dessa vez vindo de uma outra direção. A combinação do nevoeiro com a luz difusa tornava a visão difícil, mas conseguia perceber que não era uma morsa. Isso tornou-se muito claro quando viu que a silhueta que avançava na sua direção era grande. Maior do que uma morsa e muito maior do que qualquer ser humano.

Um Momento de Crise Extrema no Meio do Nada

Oh, merda, comentou Nora consigo mesma, libertando um sopro para o ar frio ao arquejar.

A Frustração de Não Encontrar uma Biblioteca Quando Precisamos Mesmo Dela

O nevoeiro levantou-se e revelou um enorme urso branco apoiado nas patas traseiras. Depois, baixou as patas da frente e continuou a movimentar-se na direção de Nora a uma velocidade surpreendente e com uma graciosidade pesada e aterrorizadora. Ela nem se mexeu. A sua mente estava completamente toldada pelo pânico. Ficou tão quieta como o pergelíssimo onde se encontrava.

Merda.

Merda, merda.

Merda, merda, ai que merda.

Merda, merda, merda, merda, merda.

Até que o instinto de sobrevivência entrou em ação. Nora levantou a pistola de sinalização no ar, disparou-a e fez subir o foguete no céu como um minúsculo cometa que depois desapareceu na água, o seu brilho a desvanecer à mesma velocidade da esperança que ela sentia. A criatura continuava a caminhar na sua direção. Nora caiu de joelhos e desatou a bater com a concha na caçarola e a gritar a plenos pulmões.

— URSO! URSO! URSO!

O urso parou de caminhar por um instante.

— URSO! URSO! URSO!

Estava novamente a avançar.

O barulho não estava a fazer efeito. O urso estava muito próximo. Perguntou-se se conseguiria alcançar a espingarda, caída no gelo, mas demasiado afastada da sua mão. Via as patas gigantes e almofadadas do urso, armadas com garras pressionadas contra a rocha coberta de neve. A cabeça estava baixa e os olhos negros fitavam-na diretamente.

— BIBLIOTECA! — gritou Nora. — SRA. ELM! POR FAVOR, LEVE-ME DE VOLTA! ESTA VIDA NÃO É A CERTA! É MESMO, MESMO, MESMO MUITO ERRADA! LEVE-ME DE VOLTA! NÃO QUERO VIVER UMA AVENTURA! ONDE É QUE ESTÁ A BIBLIOTECA?! QUERO A BIBLIOTECA!

Não havia ódio no olhar do urso. Para ele, Nora era apenas comida. Carne. E isso era uma espécie de terror que carregava consigo uma enorme humildade. O coração dela batia como um baterista a aproximar-se em crescendo. Era o fim da canção. Naquele momento, tornou-se, por fim, espantosamente claro para ela.

Ela não queria morrer.

E isso era um problema. Perante a morte, a vida parecia ser mais atraente, e se a vida era mais atraente, como podia regressar à Biblioteca da Meia-Noite? Para poder tentar viver a vida de outro livro, ela tinha de estar desiludida com aquela vida, não apenas assustada.

Ali havia morte. Uma morte violenta e absorta, em forma de urso, que a fitava com olhos negros. Foi então que percebeu, melhor do que alguma vez percebera qualquer outra coisa na sua vida, que não estava preparada para morrer. Esse entendimento tornou-se maior do que o próprio medo enquanto estava ali, frente a frente com um urso-polar, também ele esfomeado e desesperado por existir. Começou a bater novamente com a concha na caçarola, com mais força. Num *staccato* veloz: bang, bang, bang.

Eu. Não. Tenho. Medo.

Eu. Não. Tenho. Medo.

Eu. Não. Tenho. Medo.

Eu. Não. Tenho. Medo.

Eu. Não. Tenho. Medo.

Eu. Não. Tenho. Medo.

O urso ergueu novamente as patas e fitou-a, como fizera a morsa. Ela olhou de relance para a espingarda. Sim. Estava demasiado afastada. Quando conseguisse apanhá-la e perceber como dispará-la, já seria tarde demais. De qualquer maneira, duvidava que fosse capaz de matar um urso-polar. Por isso continuou a bater com a concha.

Então, fechou os olhos, desejando que a biblioteca chegasse enquanto continuava a fazer barulho. Quando voltou a abri-los, o urso estava a mergulhar de cabeça na água. Ela continuou a bater na caçarola mesmo depois de a criatura desaparecer. Cerca de um minuto depois, ouviu os humanos a chamarem pelo seu nome

através do nevoeiro.

Ilha

Estava em choque. Mas era um choque diferente daquele que os restantes ocupantes do barco presumiam que tomara conta dela. Não era o choque de ter estado tão próxima da morte, mas sim o choque de perceber que afinal queria continuar a viver.

Passaram por uma pequena ilha a fervilhar de vida. Líquenes verdes espalhavam-se pelas rochas. Aves como pequenas alcas e papagaios-do-mar aninhavam-se umas às outras para se protegerem dos ventos do Ártico. Era a sobrevivência da vida contra todas as probabilidades.

Nora bebericou o café que Hugo lhe deu, acabado de servir da sua garrafa térmica. Segurou-o com as mãos frias, apesar dos três pares de luvas.

Fazer parte da natureza era fazer parte da vontade de viver.

Quando nos deixamos ficar demasiado tempo no mesmo sítio, esquecemo-nos de como o mundo é vasto. Perdemos a noção da extensão das latitudes e longitudes. Da mesma forma que, pensou ela, se torna difícil termos uma noção da vastidão existente no interior de cada pessoa.

Mas, assim que se consegue sentir essa vastidão, assim que algo a revela, a esperança emerge, quer se queira quer não, e agarra-se a nós com a mesma teimosia com que os líquenes se fixam à

rocha.

Pergelissolo

As temperaturas do ar em Svalbard estavam a subir ao dobro do ritmo do resto do planeta. As alterações climáticas estavam a acontecer mais depressa ali do que em qualquer outra parte da Terra.

Uma mulher de gorro de lã lilás puxado até às sobrancelhas estava a descrever a experiência que tinha tido ao ver um icebergue a virar-se de borco — algo que aparentemente acontecia porque a água aquecia e dissolvia a parte submersa do icebergue, fazendo com que a parte exposta se tornasse mais pesada.

Outro problema era que o pergelissolo estava a derreter, amolecendo o solo, o que provocava derrocadas e avalanches que podiam destruir as casas de madeira de Longyearbyen, a maior povoação de Svalbard. Também havia o risco de os corpos enterrados no cemitério local subirem à superfície.

Era inspirador estar no meio de cientistas que estavam a tentar descobrir exatamente o que se passava com o planeta, que tentavam observar a atividade glacial e climática e, ao fazê-lo, informavam e protegiam a vida na Terra.

De regresso ao barco principal, Nora estava calmamente sentada na sala de refeições enquanto toda a gente lhe oferecia

palavras de consolo pelo encontro com o urso-polar. Sentiu-se incapaz de lhes dizer que, na verdade, ficara muito grata por ter tido aquela experiência. Assim, limitou-se a sorrir com educação e a fazer o seu melhor para evitar as conversas sobre o assunto.

Aquela vida era muito intensa, não oferecia quaisquer cedências. Naquele momento, estavam 17 graus negativos e quase fora devorada por um urso-polar, mas mesmo assim Nora concluiu que talvez o problema com a sua vida de base fosse em parte a sua brandura.

De alguma forma, ela começara a assumir a mediocridade e a desilusão como fazendo parte do seu destino.

Na verdade, ela sempre tivera a estranha sensação de que tinha origem numa longa linha de arrependimentos e esperanças esmagadas que pareciam ecoar em todas as gerações.

Por exemplo, o avô materno chamava-se Lorenzo Conte. Ele saíra de Puglia — a parte bonita que forma o calcanhar da Itália — para ir viver na agitada Londres da década de 1960.

À semelhança do que acontecera com outros homens da desolada cidade portuária de Brindisi, ele emigrara para Inglaterra, trocando uma vida no Adriático por um emprego na Companhia de Tijolos de Londres. Na sua ingenuidade, Lorenzo imaginara uma vida maravilhosa — fazer tijolos todo o dia e à noite frequentar os mesmos bares que os Beatles e passear em Carnaby Street de braço dado com Jean Shrimpton ou Marianne Faithful. O único problema era que, não obstante o seu nome, a Companhia de Tijolos de Londres não se situava em Londres. Ficava, sim, 96 quilómetros para norte, em Bedford, que, apesar

de todos os modestos encantos, se veio a revelar uma cidade bastante menos animada para os gostos de Lorenzo. Mas ele acabou por fazer uma cedência em relação aos seus sonhos e instalou-se ali. O trabalho podia não ser muito glamoroso, mas era bem pago.

Lorenzo casou-se com uma rapariga inglesa chamada Patricia Brown, que também se estava a habituar às desilusões da vida, já que trocara o seu sonho de ser atriz pelo palco mundano e quotidiano de uma vida de dona de casa suburbana cujas capacidades culinárias estariam eternamente abaixo da fantasmagórica sombra da sogra, entretanto falecida, e dos lendários pratos de esparguete, que, aos olhos de Lorenzo, jamais poderiam ser suplantados.

Um ano depois de se casarem, tiveram uma menina — a mãe de Nora — a quem deram o nome de Donna.

Donna cresceu a ver os pais a discutirem quase constantemente e, em virtude disso, começara a acreditar que o casamento era uma coisa não só inevitável mas também inevitavelmente infeliz. Começou a trabalhar como secretária numa firma de advogados e depois como agente de comunicações na Câmara de Bedford, mas, a determinada altura, passara por uma experiência de que nunca falava muito, pelo menos com Nora. Sofrera uma espécie de esgotamento — o primeiro de vários — que a obrigou a ficar em casa e, embora tenha conseguido recuperar, nunca regressou ao trabalho.

Havia uma invisível batuta de fracasso que a mãe lhe tinha passado e Nora agarrara-se a ela durante muito tempo. Talvez

por isso tivesse desistido de tantas coisas. Porque no seu ADN estava escrito que ela tinha de fracassar.

Nora ponderava nisso enquanto o barco avançava por entre as águas com as gaivotas do Ártico — gaivotas-tridáctilas de patas negras, segundo Ingrid — que sobrevoavam a embarcação.

Em ambos os lados da família de Nora, existira sempre uma crença implícita de que a vida tinha como propósito lixar as pessoas. É certo que o pai de Nora, Geoff, tinha vivido uma vida que lhe passara ao lado.

Geoff crescera só com a mãe, porque o pai morrera de ataque cardíaco quando ele tinha apenas 2 anos; o facto estava cruelmente escondido algures nas suas primeiras memórias. A avó paterna de Nora nascera na Irlanda rural, mas emigrara para Inglaterra para trabalhar como empregada de limpeza numa escola. Já tinha dificuldade em conseguir ganhar dinheiro suficiente para comer, quanto mais para fazer alguma coisa que se aproximasse minimamente de diversão.

Nos primeiros anos de vida, Geoff tinha sido acossado pelas outras crianças, mas viera a ficar suficientemente corpulento para pôr os rufias no sítio com facilidade. Trabalhava arduamente e revelara talento para o futebol, para o lançamento do peso e, em particular, para o râguebi. Jogava na equipa de juvenis de Bedford e tornou-se o seu melhor jogador, tendo até jogado nas ligas principais antes de uma rotura de ligamento colateral o impedir de continuar a dedicar-se ao desporto. Tornou-se então professor de Educação Física e passou a viver com um ressentimento em lume brando no peito, dirigido a todo o

Universo. Sempre sonhou viajar, mas nunca conseguiu viajar muito a não ser nas páginas da *National Geographic* e nas férias ocasionais algures nas Ilhas Cíclades — Nora lembrava-se do pai em Naxos, a tirar fotografias ao Templo de Apolo ao pôr do sol.

Mas talvez todas as vidas fossem assim. Talvez até a vida aparentemente mais perfeita e intensa acabasse por transmitir a mesma sensação. Quilos e quilos de desilusões, monotonia, mágoas e rivalidades com breves instantes de deslumbramento e beleza. Talvez fosse esse o único significado que importava. Ser o mundo, testemunhar-se a si mesmo. Talvez nem fosse a falta de objetivos cumpridos que fizera dos seus pais pessoas tão infelizes, mas sim a expectativa que ambos haviam criado dos objetivos que conseguiriam cumprir. A verdade é que não fazia a menor ideia. No entanto, percebeu uma coisa naquele barco: ela amara os pais mais do que imaginara, e ali, naquele instante, perdoou-os completamente.

Uma Noite em Longyearbyen

Demoraram duas horas até conseguirem regressar ao minúsculo porto de Longyearbyen — a cidade mais setentrional da Noruega e do mundo, com uma população de cerca de duas mil pessoas.

Nora sabia estas coisas básicas por causa da sua vida de base. Afinal, desde os 11 anos que aquela parte do mundo a fascinava, mas o seu conhecimento não ia muito além dos artigos de revista que lia, e, por isso, ainda se sentia nervosa ao falar com as outras pessoas.

Mesmo assim, a viagem de regresso de barco correria bem, porque a sua incapacidade de discutir as amostras de rocha, gelo e plantas que os colegas haviam recolhido, ou de entender frases como «leito rochoso de basalto estriado» e «isótopos pós-glaciais» fora encarada por todos como o resultado do choque de ter estado frente a frente com um urso-polar.

E ela *estava mesmo* mais ou menos em choque. Só não era o choque que os colegas supunham. O choque não resultava do facto de poder estar prestes a morrer. Ela já estava prestes a morrer desde que entrara na Biblioteca da Meia-Noite. Não, o choque era por sentir que estava prestes a *viver*. Ou, pelo menos, por se poder imaginar a querer estar novamente viva. E ela queria fazer alguma coisa boa com a sua vida.

De acordo com o filósofo escocês David Hume, para o Universo, a vida de um humano não era mais importante do que a vida de uma ostra.

Todavia, se a vida era suficientemente importante para que David Hume escrevesse sobre ela, então talvez fosse também suficientemente importante para Nora querer fazer alguma coisa boa. Ajudar a preservar a vida, em todas as suas formas.

Tanto quanto Nora entendia, o trabalho que aquela outra Nora e os seus colegas estavam a fazer pretendia determinar a velocidade a que o gelo e os glaciares estavam a derreter na região, para assim poderem avaliar a taxa de aceleração das alterações climáticas. Havia outros pormenores a ter em consideração, claro, mas pelo que Nora conseguia perceber, esse era o objetivo fulcral.

Então, naquela vida, ela estava a fazer a sua parte para salvar o planeta. Ou pelo menos para monitorizar a devastação estável do planeta e depois alertar as pessoas para os factos da crise ambiental. Pensou que isso era potencialmente deprimente, mas também algo bom e, em última análise, muito recompensador de se fazer. Havia um propósito. Um significado.

Os outros colegas também estavam impressionados. Com a história do urso-polar. Nora tornara-se uma espécie de heroína — não ao nível de uma campeã olímpica medalhada, mas de um modo diferente e igualmente satisfatório.

Ingrid tinha o braço à volta dela.

— Tu és a guerreira da caçarola. E acho que precisamos de assinalar a tua coragem destemida, bem como as nossas

descobertas potencialmente inovadoras, com uma refeição. Uma boa refeição. E um pouco de vodca. O que dizes, Peter?

— Uma boa refeição? Em Longyearbyen? Eles têm disso?

Como se veio a revelar: tinham, sim.

De regresso a terra seca, foram ao Gruvelageret, um restaurante numa elegante cabana de madeira sobranceira a uma estrada isolada num vale austero coberto de neve. Nora bebeu cerveja do Ártico e surpreendeu os colegas ao escolher a única opção *vegan* num menu que incluía bife de rena e hambúrguer de alce. Ela devia estar com um ar cansado, porque vários colegas lho disseram, mas talvez fosse apenas porque não havia muitas partes da conversa em que pudesse participar com confiança. Sentia-se como alguém que estava a aprender a conduzir num cruzamento congestionado, nervosamente à espera de um troço de estrada vazio e seguro.

Hugo também estava lá com eles. Para Nora, ele continuava com ar de quem preferia estar nas Antibes ou em St. Tropez. Ao perceber que ele a fitava, Nora sentiu-se algo desconfortável, um pouco observada demais.

Quando caminhavam de regresso à base terrestre onde estavam acomodados — cujas instalações faziam recordar as residências universitárias, embora a uma escala bastante menor e mais nórdica, com mais madeira e mais minimalista —, Hugo correu para a alcançar e caminhar ao seu lado.

— É interessante — disse ele.

— O quê?

— Como hoje de manhã, durante o pequeno-almoço, tu não sabias quem eu era.

— Porquê? Tu também não sabias quem eu era.

— É claro que sabia. Ainda ontem estivemos a conversar durante quase duas horas.

Nora sentiu que estava a entrar numa espécie de armadilha.

— Estivemos?

— Estive a observar-te antes de me aproximar de ti ao pequeno-almoço, e percebi que hoje estavas diferente.

— Isso é sinistro, Hugo. A observar mulheres durante o pequeno-almoço.

— E reparei nalgumas coisas.

Nora levantou o cachecol para tapar o rosto.

— Está demasiado frio. Podemos falar sobre isto amanhã?

— Reparei que estavas a improvisar. Ao longo de todo o dia de hoje, tentaste não te comprometer demasiado com nada do que dizias.

— Isso não é verdade. Só estou um pouco abalada. Tu sabes, por causa do urso...

— *Non. Ce n'est pas ça.* Refiro-me a antes do urso. Seria capaz de reconhecer esse comportamento em qualquer lugar.

— Não faço a menor ideia do que estás a falar.

— Por que motivo pulsam os glaciares?

— O quê?

— É a tua área de investigação. É por isso que estás aqui, não é?

— A ciência ainda não está inteiramente de acordo em relação a

esse assunto

— Certo. *Bien*. Diz-me o nome de um dos glaciares mais próximos. Os glaciares têm nomes. Diz-me só um... Kongsbreen? Nathorsbreen? Estes nomes dizem-te alguma coisa?

— Não quero ter esta conversa.

— Porque tu não és a mesma pessoa que eras ontem, pois não?

— Nenhum de nós é — disse Nora bruscamente. — Os nossos cérebros mudam. Chama-se neuroplasticidade. Por favor. Para de explicar glaciares a uma glacióloga, Hugo. É mesmo o tipo de coisa que os homens gostam de fazer.

Hugo pareceu retrair-se um pouco e ela sentiu-se ligeiramente culpada. Caminharam um minuto em silêncio. Só se ouvia o barulho dos pés a esmagar a neve. Estavam de regresso ao centro e os outros não vinham muito atrás.

Foi então que ele assumiu.

— Eu sou como tu, Nora. Visito vidas que não são a minha. Estou nesta há cinco dias. Mas já estive em muitas outras. Deram-me uma oportunidade, uma oportunidade muito rara, para poder experimentar isto. Há muito tempo que ando a viajar de uma vida para outra.

Ingrid agarrou o braço de Nora.

— Ainda tenho um pouco de vodca — anunciou, quando chegaram à porta. Segurou o cartão junto ao leitor da porta e esta abriu-se.

— Ouve, Nora — murmurou Hugo em tom de conspiração —, se quiseres saber mais sobre isto, vem ter comigo à cozinha

comunitária daqui a cinco minutos.

E Nora sentiu o coração a bater mais depressa, mas dessa vez não tinha uma concha nem uma caçarola onde bater. Não *gostava* particularmente daquele tal de Hugo, mas estava demasiado intrigada para não querer ouvir o que ele tinha para dizer. E também queria saber se ele era de confiança.

— Está bem — disse ela. — Lá estarei.

Expetativas

Nora sempre tivera dificuldade em aceitar-se. Desde que conseguia lembrar-se de si que tinha a sensação de que não era suficiente. Os pais, ambos com as suas inseguranças individuais, haviam fomentado muito a ideia.

Por isso, agora dava por si a imaginar como seria aceitar-se inteiramente. Aceitar cada erro que cometera. Aceitar cada marca no seu corpo. Aceitar todos os sonhos que não alcançara e todas as dores que sentira. Todos os desejos ou ânsias que reprimira.

Imaginou que os aceitava a todos da mesma forma que aceitava a natureza. Da mesma forma que aceitava um glaciar ou um papagaio-do-mar ou uma baleia a saltar na água.

Imaginou que olhava para si mesma como apenas mais uma brilhante aberração da natureza. Mais um animal senciente que estava a tentar fazer o seu melhor.

E ao fazê-lo, imaginou como seria ser livre.

A Vida e a Morte e a Função de Onda Quântica

No caso de Hugo, não era uma biblioteca.

— É um videoclub — disse ele, encostando-se ao armário de aspeto barato onde se guardava o café. — É exatamente igual ao videoclub dos arredores de Lyon, onde cresci, e onde eu costumava ir, o Vidéo Lumière. Os irmãos Lumière são uns heróis em Lyon e há muitas lojas com o nome deles. Eles inventaram o cinema lá. Adiante, não é isso que importa: o que importa é que cada uma das vidas que escolho vem numa cassete VHS que começo a visualizar ali mesmo na loja, e assim que começa, assim que o filme começa, eu desapareço.

Nora reprimiu um risinho.

— Qual é a graça? — questionou-se Hugo, um pouco magoado.

— Nada. Não é nada. Parece-me levemente divertido, só isso. Um videoclub.

— Ah, sim? E uma biblioteca é bastante mais razoável?

— Sim, é mais razoável, porque pelo menos os livros ainda se podem usar. Quem é que vê cassetes de vídeo hoje em dia?

— Interessante. Não fazia ideia de que o snobismo também existia entre vidas. Tu és uma fonte de sabedoria.

— Desculpa, Hugo. Pronto, vou fazer uma pergunta sensata. Há mais alguém na loja? Tens alguém que te ajuda a escolher a próxima vida?

Ele assentiu com a cabeça.

— Há, pois. O meu tio Philippe. Ele já morreu há anos e nem sequer trabalhou num videoclube. Não tem lógica absolutamente nenhuma.

Nora contou-lhe da Sra. Elm.

— A bibliotecária da escola? — troçou Hugo. — Também é bastante engraçado.

Ela ignorou-o.

— Achas que são fantasmas? Espíritos guias? Anjos da guarda? O que são eles?

Parecia-lhe tão ridículo estar num centro de estudos científicos a usar aqueles termos.

— Eles são — disse Hugo, tentando encontrar o termo certo no meio do vazio — uma interpretação.

— Uma interpretação?

— Já conheci outras pessoas como nós — explicou Hugo. — Sabes, já estou neste estado intermédio há muito tempo. Já me cruzei com outros planadores. É o que lhes chamo. O que nos chamo. Planadores. Temos uma vida de base, em que estamos deitados algures, inconscientes, suspensos entre a vida e a morte, até que chegamos a um local. É sempre um sítio diferente. Uma biblioteca, um videoclube, uma galeria de arte, um casino, um restaurante... O que é que isso te diz?

Nora encolheu os ombros. E pôs-se a pensar. Concentrou-se

em ouvir o zumbido do aquecimento central.

— Que é tudo uma treta? Que nada disto é real?

— Não. Porque o modelo é sempre o mesmo. Por exemplo: há sempre outra pessoa no lugar em questão, um guia. E é sempre só uma pessoa. É sempre alguém que ajudou o planador numa altura importante da sua vida. O local é sempre um espaço que tem significado emocional. E há habitualmente uma conversa sobre a raiz das vidas e as suas ramificações.

Nora pensou na Sra. Elm a consolá-la quando o pai morreu. Ficou com ela, ofereceu-lhe conforto. Devia ter sido o momento de maior bondade que alguma vez alguém lhe dedicara.

— E há sempre uma panóplia infinita de escolhas — continuou Hugo. — Um número infinito de cassetes, de livros, de quadros ou de refeições... Agora... sou um cientista. E já vivi muitas vidas científicas. Na minha vida de base, tenho um curso de Biologia. Noutra vida, também fui um químico laureado com o prémio Nobel. Já fui biólogo marinho com a missão de proteger a Grande Barreira de Coral. Mas o meu ponto fraco é sempre a mecânica da coisa. Inicialmente, não fazia ideia de como descobrir o que me estava a acontecer. Até que numa das vidas conheci uma mulher que estava a passar pelo mesmo que nós e que na sua vida de base era especialista em física quântica. A professora Dominique Bisset, da Universidade de Montpellier. Ela explicou-me tudo. As interpretações da física quântica dos universos múltiplos. Isso quer dizer que nós...

Um homem de rosto bondoso, pele rosada e barba castanha, cujo nome Nora não sabia, entrou na cozinha, lavou uma chávena

de café e a seguir sorriu-lhes.

— Até amanhã — disse ele, com um sotaque suave americano (ou canadiano), antes de se ir embora a arrastar os chinelos.

— Sim — disse Nora.

— Até amanhã — respondeu Hugo, antes de regressar à conversa inicial, mas agora num tom mais sussurrado. — A função de onda universal é real, Nora. Foi isso que a professora Bisset me disse.

— O quê?

Hugo levantou um dedo. Era um gesto um pouco irritante, como quem diz «espera um pouco». Nora resistiu ao forte impulso de lhe agarrar o dedo e torcê-lo.

— Erwin Schrödinger...

— O do gato.

— Sim. O tipo do gato. Ele disse que na física quântica todas as possibilidades alternativas podem ocorrer em *simultâneo*. Ao mesmo tempo. No mesmo lugar. Chama-se a isso sobreposição quântica. O gato na caixa está vivo e morto. Podias abrir a caixa e ver que o gato estava vivo ou estava morto, é assim que funciona, mas, de certo modo, mesmo que a caixa esteja aberta, o gato continua a estar vivo e também morto. Cada universo existe em cima de outro universo. Como milhões de fotografias em papel vegetal, cada uma delas com ligeiras variações dentro do mesmo enquadramento. A interpretação dos múltiplos universos da física quântica sugere que existe um número infinito de universos paralelos divergentes. Entras num novo universo a cada instante

da tua vida. Com cada decisão que tomas. E tradicionalmente pensava-se que não podia existir comunicação ou transferência entre estes universos, apesar de ocorrerem no mesmo espaço, apesar de acontecerem literalmente a milímetros de nós.

— Mas então e nós os dois? Estamos a fazer isso.

— Exatamente. Eu estou aqui, mas também sei que não estou. Também estou deitado numa cama de hospital, em Paris, com um aneurisma. E também estou a saltar de paraquedas no Arizona. E a viajar pelo sul de Itália. E a fazer uma prova de vinhos em Lyon. E deitado num iate na Côte d'Azur.

— Eu sabia!

— *Vraiment?*

Nora depreendeu, nesse instante, que ele era um homem bastante bonito.

— Pareces mais adequado para estar a passear pela Croisette em Cannes do que a viver uma aventura no Ártico.

Ele abriu a mão direita como se fosse uma estrela-do-mar.

— Cinco dias! Estou nesta vida há cinco dias. É o meu recorde, talvez esta seja a vida para mim...

— Interessante. Vais ter uma vida muito fria.

— E quem sabe... Talvez tu também tenhas... Quero dizer, se o urso não te fez regressar à biblioteca, talvez nada faça. — Começou a encher a chaleira. — A ciência diz-nos que a «zona cinzenta» entre a vida e a morte é um lugar misterioso. Há um único ponto em que não somos nem uma coisa nem a outra. Ou melhor, em que somos ambas. Vivos e mortos. E nesse momento

entre os dois binários, às vezes, mas só às vezes, tornamo-nos no gato de Schrödinger, que pode não só estar vivo ou morto mas pode ser todas as possibilidades quânticas que existem em linha com a função da onda universal, incluindo a possibilidade em que estamos a conversar numa cozinha comunitária em Longyearbyen à uma da manhã...

Nora estava a interiorizar tudo o que ouvia. Pensou em Volts, sem vida debaixo da cama e a jazer à beira da estrada.

— Mas às vezes, o gato está só morto e morto.

— Desculpa?

— Nada. É que... o meu gato morreu. E eu tentei uma outra vida, mas ele também morreu nessa.

— Isso é triste. Eu tive uma situação semelhante com um labrador. Mas o que importa é: há outros como nós. Eu já vivi tantas vidas, que já me cruzei com alguns. Por vezes, dizer a nossa própria verdade em voz alta é o suficiente para encontrar outros como nós.

— É uma loucura pensar que há por aí outras pessoas que podem ser... como é que nos chamaste?

— Planadores?

— Sim, isso.

— Sim, é claro que é possível, mas eu acredito que somos raros. Uma das coisas em que reparei é que as outras pessoas que encontrei, uma dúzia, mais ou menos, eram todas da nossa idade. Algumas estavam na casa dos 30, outras dos 40 ou 50. Uma delas tinha 29 anos, *en fait*. Todas acalentavam um desejo profundo de

ter feito as coisas de forma diferente. Todas tinham arrependimentos. Havia quem pensasse que talvez estivesse melhor morto, mas também tinham o desejo de viver numa outra versão de si mesmos.

— A vida de Schrödinger. Na nossa cabeça, estamos ao mesmo tempo vivos e mortos.

— *Exactement!* E o que quer que esses arrependimentos tenham feito aos nossos cérebros, qualquer que fosse o... como se diz? O evento neuroquímico que ocorreu, esse desejo confuso pela morte e pela vida foi de alguma forma suficiente para nos enviar para este total estado intermédio.

A chaleira estava a fazer mais barulho, a água começara a ferver tanto quanto os pensamentos de Nora.

— Porque é que vemos sempre só uma pessoa? No tal sítio. Na biblioteca, ou onde for?

Hugo encolheu os ombros.

— Se eu fosse uma pessoa religiosa, diria que era Deus. E como Deus é provavelmente uma entidade que não podemos ver nem compreender, então Ele, ou Ela, seja lá qual for o pronome que Deus prefira, transforma-se na imagem de alguém que conhecemos nas nossas vidas. Se não fosse uma pessoa religiosa, que não sou, diria que o cérebro humano não consegue conceber a complexidade de uma função de onda quântica aberta, por isso organiza, ou traduz, esta complexidade para algo que possamos entender. A bibliotecária na biblioteca. Um tio amigo num videoclub. *Et cetera.*

Nora já tinha lido algumas coisas sobre a multiplicidade de universos e tinha alguns conhecimentos sobre a psicologia de Gestalt. Esta debruçava-se sobre a forma como o cérebro humano pega em informações complexas acerca do mundo e as simplifica, de modo a que, quando um humano olha para uma árvore, o cérebro traduza a intrincada complexidade da profusão de folhas e ramos num conceito a que chamamos «árvore». Ser humano era estar continuamente a estupidificar o mundo e a transformá-lo numa história compreensível que não complica as coisas.

Ela sabia que *tudo* o que os humanos veem é uma simplificação. Um ser humano vê o mundo a três dimensões. Isso é uma simplificação. Os humanos são criaturas essencialmente limitadas que gostam de generalizar e de viver em piloto automático, que nas suas mentes endireitam estradas curvas, o que explica o facto de se perderem tantas vezes.

— É a mesma coisa que a incapacidade humana de ver o ponteiro dos segundos de um relógio a meio do tique — disse Nora.

— O quê?

Reparou que o relógio de Hugo era analógico.

— Experimenta. Não o consegues ver. A mente não consegue ver aquilo que não consegue entender.

Hugo assentiu, enquanto observava o seu próprio relógio.

— Então — continuou Nora —, é provável que o que existe entre os universos não seja uma biblioteca, mas essa é a melhor forma

de eu entender. Essa seria a minha hipótese. Eu vejo uma versão simplificada da verdade. A bibliotecária é apenas uma espécie de metáfora cognitiva. Toda esta situação o é.

— Não é fascinante? — perguntou Hugo.

Nora suspirou.

— Na minha última vida, falei com o meu pai, que está morto.

Hugo abriu um frasco de café e deitou colheradas de pó em duas canecas.

— E não bebia café. Só bebia chá de menta.

— Isso parece-me terrível.

— Era tolerável.

— Outra coisa que é estranha — comentou Hugo — é que tanto eu como tu podemos desaparecer a qualquer altura desta conversa.

— Já te aconteceu? — Nora aceitou a caneca que ele lhe deu.

— Já. Algumas vezes. É estranho. Mas mais ninguém iria reparar. As pessoas ficam com uma memória um pouco confusa sobre o último dia, mas ficarias surpreendida. Se regressasses agora mesmo à tua biblioteca e eu ainda aqui estivesse a falar contigo, irias dizer qualquer coisa do tipo «Acabei de ter uma branca, estávamos a falar de quê?» Eu iria perceber o que acabara de acontecer, dizia-te que estávamos a falar de glaciares e tu começavas a bombardear-me com factos sobre eles. O teu cérebro iria acabar por preencher os espaços em branco e construir uma narrativa sobre o que acabara de acontecer.

— Está bem, mas então e o urso-polar? E a refeição que comemos esta noite? Eu, ou esta outra Nora, iria lembrar-me do

que comi?

— Não necessariamente. Mas já o vi a acontecer. A capacidade que o cérebro tem para preencher lacunas é extraordinária. E também não se importa de esquecer muitas coisas.

— Então, como era eu? Ontem, quero eu dizer.

Ele cruzou o olhar com o dela. Tinha uns olhos bonitos. Nora sentiu-se por instantes atraída para a órbita dele como um satélite para a Terra.

— Deslumbrante, encantadora, inteligente, linda. Muito parecida com o que és hoje.

Ela soltou uma gargalhada.

— Deixa de ser tão francês.

Seguiu-se uma pausa embaraçosa.

— Quantas vidas já viveste, Hugo? — acabou por perguntar Nora.

— Quantas já experimentaste?

— Demasiadas. Quase trezentas.

— Trezentas vidas?

— Já fui tantas coisas. Já estive em todos os continentes da Terra. E nem assim consegui encontrar a vida ideal para mim. Estou destinado a ser assim para sempre. Nunca vai haver uma vida que eu queira verdadeiramente viver até ao fim. Fico demasiado curioso. Começo a sentir uma ânsia de experimentar viver de outra maneira. E não precisas de fazer essa cara, porque isto não é triste. Eu vivo alegremente no limbo.

— Mas e se um dia o videoclube já não existir? — Nora lembrou-se da Sra. Elm, em pânico de volta do computador, e das luzes da biblioteca a tremeluzir.

Ele encolheu os ombros.

— Nessa altura, morrerei. O que significa que teria morrido de qualquer maneira. Na vida que vivi antes. É um pouco como ser planador. Gosto da imperfeição. Gosto de manter a morte como uma das opções. Gosto de não precisar de me fixar em nenhuma vida.

— Eu acho que a minha situação é diferente. Acho que a minha morte está mais iminente. Se não encontrar uma boa vida daqui a muito pouco tempo, acho que vou morrer de vez.

Explicou-lhe o problema que tivera da última vez que se transferira para a biblioteca.

— Oh. Pois, isso é capaz de ser mau. Mas é capaz de não ser. Tens a noção de que até aqui as possibilidades são infinitas? Quero dizer, a noção de universos múltiplos não engloba apenas alguns universos. Não se trata só de um punhado deles. Nem sequer de uma enorme quantidade de universos. Não se centra num milhão ou em mil milhões de universos. Mas sim num número *infinito* de universos. Mesmo que faças parte deles. Tu podias ser tu em cada uma das versões do mundo, por muito pouco provável que esse mundo pudesse ser. A única coisa que te limita é a tua imaginação. Podes ser bastante criativa com os arrependimentos que queres desfazer. Em certa ocasião, voltei atrás num arrependimento que tinha por não ter feito uma coisa que pensara fazer quando era adolescente, que era estudar Engenharia Aeroespacial e ser astronauta e, por isso, nessa vida era astronauta. Não fui ao espaço, mas tornei-me alguém que lá

esteve durante algum tempo. A única coisa que precisas de te recordar é que isto é uma oportunidade, raríssima, que nos permite desfazer qualquer erro que tenhamos cometido e viver qualquer vida que gostássemos de ter vivido. Qualquer vida. Por isso, sonha alto... Podes ser aquilo que quiseses. Porque numa das tuas vidas, és mesmo.

Ela bebeu um gole de café.

— Compreendo.

— Mas nunca chegarás a viver, se continuares à procura do sentido da vida — disse ele, sabiamente.

— Estás a citar Camus.

— Apanhaste-me.

Hugo fitou-a. Nora já não se importava com a intensidade dele, mas estava a ficar um pouco preocupada com a sua.

— Eu estudei Filosofia — disse, tão inexpressivamente quanto foi capaz e evitando o olhar dele.

Ele estava mais perto. Havia qualquer coisa simultaneamente irritante e atraente em Hugo. Ele emanava uma amoralidade arrogante que lhe dava vontade de o esbofetear ou de o beijar, dependendo das circunstâncias.

— Numa das vidas, conhecemo-nos há vários anos e somos casados... — disse ele.

— Na maior parte das vidas, nem sequer te conheço — contrariou ela, agora a olhar diretamente para ele.

— Isso é tão triste.

— Não acho.

— Não?

— Não — disse, com um sorriso.

— Tu és especial, Nora. Nós somos os escolhidos. Ninguém nos entende.

— Ninguém entende ninguém. E nós não somos os escolhidos.

— A única razão por que continuo nesta vida és tu...

Então, Nora debruçou-se ligeiramente e beijou-o.

Se Está a Acontecer-me Alguma Coisa, Quero Estar Aqui

A sensação foi muito agradável. Tanto o beijo como o reconhecimento de que conseguia ser tão atrevida. Ter consciência de que tudo o que lhe podia acontecer estava provavelmente a acontecer-lhe algures, numa outra vida, absolvía-a um pouco das decisões que tomava. Aquela era apenas a realidade da função de onda universal. O que quer que estivesse a acontecer podia ser atribuído à física quântica, raciocinou Nora.

— Eu não partilho quarto — disse-lhe ele.

Nora fitou-o ferozmente, como se o facto de ter enfrentado o urso-polar lhe tivesse conferido uma certa capacidade de domínio que ela não sabia que tinha.

— Bem, Hugo, talvez possas quebrar esse hábito.

Mas o sexo veio a revelar-se uma desilusão. Quando estava em pleno ato, ocorreu-lhe uma citação de Camus.

Posso não ter tido a certeza do que realmente me interessava, mas estava absolutamente certo quanto ao que não me interessava.

Provavelmente não abonava muito a favor do seu encontro noturno estar agora a pensar em filosofia existencialista, ou que fosse esta a citação em particular que lhe ocorreu. Mas não foi

também Camus que disse «se alguma coisa me acontecer, quero estar lá»?

Hugo era uma pessoa estranha, concluiu ela. Para um homem que conseguia ser tão profundo e intimista nas suas conversas, mostrara-se muito distanciado do momento. Se uma pessoa vivesse tantas vidas como ele tinha vivido, talvez a única pessoa com quem conseguisse estabelecer algum tipo de relação íntima fosse consigo mesma. Ela sentiu que até podia nem ter ali estado.

E, instantes depois, já não estava.

Deus e Outros Bibliotecários

— Quem é a senhora?

— Tu sabes quem eu sou, Nora. Sou a Sra. Elm. Louise Isabel Elm.

— É Deus?

Ela sorriu.

— Eu sou quem sou.

— E quem é?

— A bibliotecária.

— Mas não é uma pessoa de verdade. É apenas... *um mecanismo*.

— Não somos todos?

— Não assim. A senhora é o produto de uma estranha interação entre a minha consciência e os múltiplos universos; uma espécie de simplificação da função de onda quântica, ou algo do género.

A Sra. Elm parecia perturbada pela sugestão.

— O que é que aconteceu?

Nora pensou no urso-polar enquanto fitava o chão de pedra amarelo-acastanhada da biblioteca.

— Quase morri.

— Lembra-te de que, se morreres numa das vidas, não tens maneira de regressar para aqui.

— Isso não é justo.

— A biblioteca tem regras muito austeras. Os livros são preciosos. Tens de os tratar com cuidado.

— Mas isto são outras vidas. Outras variantes de mim. Não são exatamente *eu*.

— Sim, mas enquanto as estás a experienciar, és *tu* quem tem de arcar com as consequências.

— Bem, se quer que seja muito honesta, acho que isso é uma regra da treta.

O sorriso da bibliotecária enroscou-se nos cantos, como uma folha caída.

— Bem, isto é interessante.

— O quê?

— O facto de teres mudado radicalmente de atitude em relação à morte.

— Como?

— Querias morrer e agora já não queres.

Nora apercebeu-se de que a Sra. Elm estava muito perto de ter razão, embora não completamente.

— Então, eu acho que a minha vida atual não vale a pena ser vivida. Na verdade, esta experiência acabou de mo confirmar.

A bibliotecária abanou a cabeça.

— Não me parece que penses mesmo assim.

— Penso assim, sim. Por isso o disse.

— Não. O *Livro dos Arrependimentos* está a ficar mais leve. Agora tem muito espaço em branco... Parece que passaste a tua vida inteira a dizer coisas em que na realidade não estavas a pensar.

Esta é uma das tuas barreiras.

— Barreiras?

— Sim, tens muitas. E elas impedem-te de veres a verdade.

— Sobre o quê?

— Sobre ti mesma. E tens mesmo de começar a esforçar-te. Para veres a verdade. Porque ela é importante.

— Pensei que havia um número infinito de vidas que podia escolher.

— Tens de escolher a vida onde poderias ser mais feliz. Ou em breve não haverá mais escolha possível...

— Conheci alguém que já faz isto há muito tempo e mesmo assim ainda não encontrou uma vida com a qual se sinta satisfeito...

— Bem, mas tu não podes ter o privilégio que o Hugo tem.

— O Hugo? Mas como é que... — Foi então que se lembrou que a Sra. Elm sabia muito mais do que devia.

— Tens de escolher criteriosamente — continuou a bibliotecária. — Porque um dia a biblioteca pode não estar aqui e tu desaparecerás para sempre.

— Quantas vidas ainda tenho?

— Isto não é uma lâmpada mágica e eu não sou um génio. Não há um número determinado. Podes ter uma vida. Podes ter cem. Mas só tens um número ilimitado de vidas de entre as quais escolher enquanto o tempo da Biblioteca da Meia-Noite permanecer fixo na *meia-noite*, como o próprio nome indica. Porque enquanto se mantiver na meia-noite, a tua vida, a tua vida

de base, está algures entre a vida e a morte. Se o tempo da biblioteca avançar, isso quer dizer que algo de muito... — procurou uma palavra delicada — *decisivo* aconteceu. Algo que derrube a Biblioteca da Meia-Noite, que a faça desmoronar e que nos leve com ela. Por isso, aconselho-te a teres cautela. Tenta pensar muito intensamente para onde queres ir a seguir. É evidente que já fizeste alguns progressos, consigo percebê-lo bem. Pareces ter entendido que vale a pena viver a vida, se pelo menos conseguires encontrar a vida certa para ser vivida. Mas não queres que essa porta se feche antes de teres oportunidade de entrar.

Ficaram as duas em silêncio durante muito tempo, enquanto Nora observava os livros à sua volta. Todas as possibilidades. Calma e lentamente, caminhou ao longo do corredor, questionando-se sobre o que havia para lá das capas de cada livro e desejando que as lombadas verdes lhe pudessem oferecer algumas pistas.

— Então, que livro te agrada mais? — As palavras da Sra. Elm surgiram mesmo atrás de si.

Nora lembrou-se do que Hugo lhe dissera na cozinha.

Sonha alto.

O olhar da bibliotecária era penetrante.

— Quem é a Nora Seed? E o que deseja ela?

Quando Nora pensava nos momentos que mais se haviam aproximado da felicidade, percebeu que todos envolviam música. Sim, às vezes ainda tocava piano e teclado, mas desistira de *criar*.

Desistira de cantar. Recordou os tempos felizes em que deram os primeiros concertos nos bares, a tocar *O Céu Está Lindo*. Pensou no irmão a brincar no palco com ela, com Ravi e com Ella.

Por isso, agora sabia exatamente que livro pedir a seguir.

Fama

Estava a transpirar. Era essa a primeira observação. A adrenalina percorria-lhe o corpo e as roupas colavam-se a ela. Tinha pessoas à sua volta, algumas com guitarras na mão. Conseguia ouvir o ruído. Um ruído humano vasto e poderoso — o rugir da vida a encontrar lentamente um ritmo e uma forma. A tornar-se um cântico.

À sua frente, uma mulher limpava-lhe o rosto com uma toalha.

— Obrigada — disse Nora, a sorrir.

A mulher ficou com um ar espantado, como se uma deusa tivesse acabado de lhe dirigir a palavra.

Reconheceu o homem que segurava as baquetas. Era Ravi. Tinha o cabelo pintado de louro quase branco. Vestia um fato azul-escuro de bom corte, mas onde devia estar uma camisa havia apenas o peito despido. Ele parecia uma pessoa completamente diferente daquela que Nora encontrara apenas um dia antes no quiosque de Bedford a ver revistas de música, ou do tipo de ar profissional e sério que assistira à sua catastrófica palestra no Hotel InterContinental.

— Ravi, tu estás espantoso! — exclamou ela.

— O quê?

Ele não a conseguia ouvir com tanto barulho, mas Nora queria

fazer-lhe uma pergunta.

— Onde está o Joe? — perguntou, quase a gritar.

Ravi pareceu momentaneamente confuso, ou assustado, e Nora preparou-se para alguma verdade terrível. Mas isso não aconteceu.

— Acho que deve estar a fazer o que costuma fazer. A bajular a imprensa estrangeira.

Nora não fazia ideia do que estava a acontecer ali. Ele parecia ainda fazer parte da banda, mas não o suficiente para atuar no palco com eles. E se ele *não* estava na banda, então o que o fizera sair não fora o suficiente para se afastar completamente. Pelo que Ravi dissera e pela forma como o dissera, ele ainda devia fazer parte. Mas Ella, por exemplo, não estava ali. A tocar baixo estava um homem enorme e musculado, de cabeça rapada e tatuagens no corpo. Ela queria saber mais, mas aquela não era claramente a altura indicada.

Ravi agitou a mão no ar, apontando para o que Nora agora conseguia ver que era um palco muito grande.

Ficou assoberbada. Não sabia sequer o que devia sentir.

— Está na hora do *encore* — disse ele.

Nora tentou pensar. Há muito tempo que não cantava *nada*. E mesmo quando cantava, era só para uma dúzia de pessoas desinteressadas, numa cave de um bar manhoso qualquer.

Ravi inclinou-se na direção dela.

— Estás a sentir-te bem, Nora?

Pareceu-lhe um pouco quebradiça, a forma como ele

pronunciara o nome dela no fim da pergunta, com o mesmo tipo de ressentimento que lhe ouvira no dia anterior quando se encontraram no quiosque, numa vida tão diferente daquela.

— Sim — disse, já a gritar. — É claro que sim. É só que... não faço ideia do que devemos tocar para o *encore*.

— O mesmo de sempre — respondeu Ravi, com um encolher de ombros.

— Hum. Pois. Certo. — Nora tentou pensar, olhou para lá do palco. Viu um ecrã de vídeo gigante com as palavras THE LABYRINTHS a piscar e a rodar para gáudio da multidão extasiada. *Uau*, pensou ela. *Nós somos grandes*. Mesmo grandes, daquelas bandas que encham estádios. Viu o teclado e o banco onde estivera sentada. Os seus colegas de banda, cujos nomes não sabia, estavam prestes a entrar em palco novamente.

— Diz-me lá outra vez onde é que estamos? — perguntou, por cima do barulho da multidão. — Deu-me uma branca.

O rapaz grande da cabeça rapada que segurava o baixo respondeu.

— Estamos em São Paulo.

— Estamos no Brasil?

Todos olharam para ela como se fosse maluca.

— Onde é que andaste nos últimos quatro dias?

— O Céu Está Lindo — disse ela, percebendo que talvez ainda se recordasse da maior parte da letra. — Vamos tocar essa.

— Outra vez? — Ravi riu-se, com o rosto a brilhar com o suor. — Ainda há dez minutos a tocámos.

— Está bem. Escutem — disse Nora, com a voz agora a gritar por cima dos pedidos de *encore* do público. — Estava a pensar fazer qualquer coisa diferente. Misturar um pouco as coisas. Estava a pensar se podíamos tocar uma canção diferente do habitual.

— Temos de tocar a *Uiva* — disse a outra rapariga da banda. Tinha a guitarra principal à volta do corpo, presa com uma fita azul-turquesa. — Nós tocamos sempre a *Uiva*.

Nora nunca tinha ouvido falar dessa música.

— Sim, eu sei — mentiu —, mas vamos agitar um pouco as coisas. Vamos fazer algo inesperado. Vamos surpreendê-los.

— Estás a pensar demais nisto, Nora — disse Ravi.

— Não consigo pensar de outra forma.

Ravi encolheu os ombros.

— Então, queres fazer o quê?

Nora esforçou-se para sugerir alguma coisa. Pensou em Ash, com o seu livro de pautas para guitarra de Simon & Garfunkel.

— Vamos tocar a *Bridge Over Troubled Water*.

— O quê? — Ravi estava incrédulo.

— Acho que devíamos tocar essa música. Vai surpreender as pessoas.

— Eu adoro essa canção — disse a colega de banda. — E sei tocá-la.

— Toda a gente a sabe tocar, Imani — retorquiu Ravi de modo displicente.

— Exatamente — concordou Nora, dando o seu melhor para parecer uma estrela de rock. — Vamos a isso.

Via Láctea

Nora entrou em palco.

Inicialmente, não conseguia distinguir os rostos das pessoas, porque os holofotes estavam apontados para si e, para lá do seu brilho, tudo parecia envolto em escuridão. À exceção de uma hipnotizante via láctea de *flashes* de máquinas fotográficas e lanternas de telemóveis.

Conseguia ouvir as pessoas.

Quando um número de seres humanos suficientemente grande age de modo completamente uníssono, torna-se uma entidade diferente. O rugido coletivo fê-la pensar num tipo de animal totalmente oposto. Primeiro era um pouco ameaçador, como se ela fosse Hércules a enfrentar uma Hidra de múltiplas cabeças que a queria matar, mas aquele era um rugido de apoio absoluto, e o poder que transmitia deu-lhe uma espécie de força.

Naquele momento, percebeu que era capaz de fazer muito mais do que julgava.

Selvagem e Livre

Aproximou-se do teclado, sentou-se no banco e puxou o microfone para perto da boca.

— Obrigada, São Paulo — disse ela. — Nós adoramos-vos.

E o Brasil rugiu de volta.

Aparentemente, aquilo era poder. O poder da fama. Como aqueles ícones *pop* que ela seguia nas redes sociais, que bastava dizerem uma palavra para terem um milhão de gostos e partilhas. A fama absoluta era atingir um ponto em que nos assemelhávamos a um herói, a um génio ou a um deus, com o mínimo de esforço. Mas o reverso dessa medalha era a fragilidade da fama. Podia ser igualmente fácil cair em desgraça e parecer um demónio, um vilão ou, simplesmente, um idiota.

O coração dela batia de modo desenfreado, como se estivesse prestes a pisar uma corda entre dois penhascos.

Agora já conseguia distinguir alguns dos rostos por entre a multidão a emergir da escuridão, e eram milhares. Minúsculos e estranhos, os corpos vestidos quase invisíveis. Estava a fitar 20 mil rostos sem corpo.

Tinha a boca seca. Mal conseguia falar, por isso questionou-se sobre como iria conseguir cantar. Lembrou-se de Dan a fingir que estremecia ao ouvi-la cantar.

O barulho da multidão acalmou.

Estava na hora.

— Certo — disse. — Aqui vai uma canção que talvez já tenham ouvido. — Percebeu que era uma coisa parva de se dizer. As pessoas tinham comprado bilhete para assistir àquele concerto, logo seria fácil presumir que conheciam muitas das canções. — É uma canção que tem um grande significado para mim.

O público estava a entrar em erupção. Cantava, rugia, aplaudia e entoava cânticos. A resposta era fenomenal. Por um instante, Nora sentiu-se como Cleópatra. Uma Cleópatra profundamente aterrorizada.

Ajustando as mãos numa posição de mi bemol maior, distraiu-se por instantes com tatuagem que tinha no antebraço estranhamente sem pelos, escrita com uma caligrafia bonita e angulosa, muito bem desenhada. Era uma citação de Henry David Thoreau. *Todas as coisas boas são selvagens e livres*. Fechou os olhos e jurou não os abrir até acabar de cantar aquela canção.

Entendeu por que motivo Chopin gostava tanto de tocar no escuro. Era muito mais fácil.

Selvagem, pensou para consigo. *Livre*.

Enquanto cantava, sentiu-se viva. Ainda mais viva do que se sentira quando estava a nadar com o corpo de campeã olímpica.

Questionou-se por que motivo tivera tanto medo daquilo, de cantar diante de uma multidão. Era uma sensação ótima.

Ravi foi ter com ela no fim da canção, quando ainda todos estavam em palco.

— Isto foi especial como o caraças, pá! — gritou-lhe ao ouvido.

— Oh, ainda bem — disse ela.

— Agora vamos matar isto e tocar a Uiva.

Nora abanou a cabeça e a seguir falou para o microfone, apressadamente, antes que alguém tivesse oportunidade de o fazer.

— Muito obrigada por terem vindo, pessoal! Espero mesmo que se tenham divertido esta noite. Façam boa viagem até casa!

— «Façam boa viagem até casa»? — repetiu Ravi, no autocarro que os levava de regresso ao hotel. Ela não se lembrava de ele ser tão parvo. Parecia uma pessoa infeliz.

— E qual é o problema? — perguntou ela

— Não é bem o teu estilo normal.

— O quê?

— Bem, é um pouco diferente de Chicago.

— Porquê? O que é que eu fiz em Chicago?

Ravi soltou uma gargalhada.

— Mas fizeram-te alguma lobotomia, ou quê?

Ela olhou para o telemóvel. Ali tinha um modelo topo de gama.

Uma mensagem de Izzy.

Era a mesma mensagem que recebera na sua vida com Dan, no pub. Não tinha texto, apenas a fotografia de uma baleia. Na verdade, a fotografia da baleia talvez fosse ligeiramente diferente. Era interessante. Por que motivo continuava a ser amiga de Izzy naquela vida e não na sua vida de base? Afinal, tinha quase a

certeza de que naquela vida não era casada com Dan. Olhou para a mão e ficou aliviada por constatar que não tinha qualquer aliança no dedo.

Nora presumiu que devia ser por ela já ser superfamosa com os The Labyrinths *antes* de Izzy ter decidido ir para a Austrália, o que tornava a decisão de não acompanhar a amiga nessa aventura mais do que compreensível. Ou talvez Izzy apenas gostasse da ideia de ter uma amiga famosa.

Izzy escreveu qualquer coisa por baixo da fotografia da baleia.

Todas as coisas boas são selvagens e livres.

Ela devia saber da tatuagem.

A seguir surgiu uma nova mensagem da amiga.

Espero que o Brasil tenha sido um estrondo. Tenho a certeza de que arrasaste! E mil obrigadas por teres arranjado os bilhetes para Brisbane. Estou em pulgas! Como nós, pessoal da Costa Dourada, gostamos de dizer.

Seguiram-se alguns *emojis* de baleias, corações e mãos a agradecer, um microfone e algumas notas musicais.

Nora entrou na sua conta de *Instagram*. Naquela vida, tinha 11,3 milhões de seguidores.

E — *cum caraças!* — estava com muito bom aspeto. O cabelo naturalmente preto tinha uma madeixa branca. A maquilhagem era meio vampírica. E tinha um *piercing* no lábio. Parecia de facto um pouco cansada, mas achou que devia ser devido ao desgaste

normal de viver em digressão. Era uma espécie de cansaço glamoroso. Como se ela fosse a tia fixe da Billie Eilish.

Tirou uma *selfie* e viu que, embora não fosse exatamente igual às fotografias excessivamente estilizadas e trabalhadas que tinha no *feed*, provavelmente tiradas para revistas, tinha um aspeto mais *cool* do que alguma vez pudera imaginar. À semelhança do que acontecia na sua vida australiana, naquela também publicava poemas. A diferença era que naquela vida cada publicação tinha cerca de meio milhão de gostos. Um dos poemas até se chamava «Fogo», mas era diferente do outro.

Ela tinha fogo dentro de si

Não sabia se para a aquecer ou para a destruir.

Até que percebeu.

O fogo não tinha motivo.

Só ela podia ter.

Porque o poder era seu.

Ao seu lado ia sentada uma mulher. Não fazia parte da banda, mas toda ela resumava importância. Devia ter cerca de 50 anos. Talvez fosse a *manager*. Talvez trabalhasse para a editora discográfica. Tinha um certo ar de mãe austera. Mas começou a falar com um sorriso.

— Aquilo foi um golpe de génio — disse. — A canção de Simon & Garfunkel. Estás nas tendências por toda a América do Sul.

— Fixe.

— Já publiquei nas tuas plataformas. — Disse-o como se fosse uma coisa absolutamente normal.

— Oh. Certo. Obrigada.

— Temos umas coisinhas de última hora com a imprensa que ainda temos de fazer esta noite no hotel. E amanhã começamos bem cedo... Vamos voar para o Rio e temos oito horas de imprensa. Tudo no hotel.

— Para o Rio?

— Estás a par da agenda desta semana, não estás?

— Hum, mais ou menos. Podes relembrar-me?

A mulher suspirou, mas de um modo bem-disposto, como se fosse completamente normal que Nora não estivesse a par da agenda da banda em digressão.

— Claro. Então, amanhã vamos para o Rio. Ficamos duas noites. Depois temos a última noite no Brasil, em Porto Alegre, e seguimos para Santiago, no Chile, Buenos Aires e depois Lima. É a última parte da América do Sul. Na semana que vem começamos a jornada pela Ásia: Japão, Hong Kong, Filipinas e Taiwan.

— Peru? Somos famosos no Peru?

— Tu já foste ao Peru, Nora, não te lembras? No ano passado. Eles ficaram completamente doidos convosco. As 15 mil pessoas que lá estavam. Este ano é no mesmo local, na pista de corridas.

— A pista de corridas. Claro. Pois, já me lembro. Foi uma noite boa. Mesmo... boa.

Percebeu que aquilo era provavelmente o que a sua vida lhe parecia. Uma grande pista de corridas. Mas não fazia a menor ideia se nessa analogia seria o cavaleiro ou o cavalo.

Ravi tocou no ombro da mulher.

— Joanna, a que horas é o *podcast* amanhã?

— Oh, caramba. Na verdade, é hoje à noite. O fuso horário... Desculpa. Esqueci-me de avisar. Mas eles também só querem falar com a Nora. Por isso, se quiseres, podes deitar-te mais cedo.

Ravi encolheu os ombros, derrotado.

— Claro. Está bem.

Joanna suspirou.

— Não mates o mensageiro. Embora isso nunca te tenha impedido antes.

Nora voltou a questionar-se sobre onde estaria o irmão, mas a tensão entre Joanna e Ravi fê-la sentir que era errado perguntar uma coisa que devia obviamente saber. Por isso, pôs-se a olhar pela janela, à medida que o autocarro avançava pela autoestrada de quatro faixas. O brilho dos faróis traseiros dos carros, camiões e motos a cintilar na escuridão assemelhava-se a olhos vermelhos que a observavam. Viu arranha-céus distantes com pequenos quadrados de luz contra o pano de fundo húmido do céu negro e das nuvens mais negras ainda. Um exército sombrio de árvores ladeava as laterais e o meio da autoestrada, separando o trânsito em duas direções.

Se no dia seguinte ainda estivesse naquela vida, era esperado que conseguisse fazer um concerto inteiro, que cantasse canções que nem sequer sabia que existiam. Questionou-se quão rapidamente seria capaz de aprender toda a lista de músicas do espetáculo.

O seu telemóvel tocou. Era uma videochamada. No ecrã apareceu o nome «Ryan».

Joanna viu o nome e fez um pequeno sorriso trocista.

— É melhor atenderes.

E ela atendeu, sem fazer a menor ideia de quem seria Ryan, cuja imagem no ecrã estava demasiado desfocada para ser perceptível.

Mas, depois, ali estava ele. Um rosto que ela já vira muitas vezes nos filmes e na sua imaginação.

— Olá, querida. Estava só a ver como está a minha amiga. Ainda somos amigos, não somos?

Também reconheceu a voz.

Americana, rouca, encantadora. Famosa.

Ouviu Joanna a murmurar para mais alguém no autocarro:

— Ela está ao telefone com o Ryan Bailey.

Ryan Bailey

Ryan Bailey.

Para que não restem dúvidas, o Ryan Bailey. Ou seja, o Ryan Bailey das suas fantasias, aquelas onde conversavam sobre Platão e Heidegger por entre véus de vapor no seu jacúzi em West Hollywood.

— Nora? Estás aí? Pareces assustada.

— Hã, pois. Estou... sim... estou... É que estou aqui... Num autocarro... Um grande... de digressão... pois... Olá.

— Adivinha onde eu estou.

Ela não fazia a menor ideia do que devia responder. «Jacúzi» parecia-lhe completamente desadequado.

— Honestamente, não sei.

Ele virou o telemóvel para mostrar uma enorme e opulenta *villa*, decorada com mobílias claras, mosaicos de terracota e uma cama de dossel.

— Nayarit, México. — Pronunciou o nome do país com uma falsa pronúncia espanhola, substituindo o «x» por «rr». Parecia e soava um pouco diferente do Ryan Bailey dos filmes. Um pouco mais inchado. Um pouco mais lento. Mais bêbedo, talvez. — Estou a filmar. Convenceram-me a fazer o *Saloon 2*.

— O *Saloon das Últimas Oportunidades 2*? Quero tanto ver o

primeiro!

Ele riu-se como se ela tivesse contado a anedota mais hilariante de sempre.

— Cáustica como sempre, Nono.

Nono?

— Estou alojado na Casa de Míta — prosseguiu ele. — Lembras-te? Do fim de semana que passámos aqui? Eles puseram-me na mesmíssima *villa*. Lembras-te? Estou a beber uma margarita de mescal em tua homenagem. Onde estás?

— No Brasil. Acabámos agora um concerto em São Paulo.

— Uau. Estamos na mesma massa terrestre. Que fixe. Isso é mesmo... fixe.

— Foi muito bom — disse ela.

— Estás a falar de maneira tão formal.

Nora estava consciente de que metade do autocarro estava a ouvir a conversa. Enquanto bebia uma cerveja, Ravi fitava-a intensamente.

— É que... estou no autocarro... sabes... Estão aqui algumas pessoas.

— Pessoas — suspirou ele, como se fosse um palavrão. — Há sempre pessoas. É esse o maldito problema. Mas olha uma coisa, ultimamente tenho andado a pensar muito. Sobre aquilo que tu disseste no programa do Jimmy Fallon...

Nora tentou agir como se cada frase que ele dizia não a alarmasse tanto como ver um animal a atravessar-se na estrada.

— O que é que eu disse?

— Tu sabes. Que isto chegou naturalmente ao fim da linha. Eu e tu. Que não ficaram ressentimentos entre nós. Só queria agradecer-te por teres dito isso. Porque sei que sou uma pessoa difícil como a merda. Eu sei disso. Mas estou a trabalhar para me resolver. O psicólogo com quem estou a ter consultas é mesmo bom.

— Isso é... ótimo.

— Tenho saudades tuas, Nora. Nós divertimo-nos muito. Mas a vida é mais do que sexo fantástico.

— Sim — retrucou Nora, esforçando-se por controlar a imaginação. — Completamente.

— Nós tivemos todos os tipos de coisas ótimas. Mas fizeste bem em acabar tudo. Tendo em conta a ordem cósmica das coisas, fizeste o que era mais acertado. Não existe *rejeição*, apenas *redireção*. Sabes, tenho pensado muito. Sobre o cosmos. Tenho estado a pôr-me em sintonia. E o cosmos tem-me dito que preciso de atinar. Que tudo é uma questão de equilíbrio, pá. O que nós tínhamos era demasiado intenso, as nossas vidas são demasiado intensas e isto parece a terceira lei do movimento de Darwin. Aquela que fala de uma ação que provoca uma reação. Alguma coisa tem de ficar para trás. E foste tu quem percebeu isso, e agora somos apenas partículas a flutuar no Universo e que um dia se podem voltar a ligar no Chateau Marmont...

Ela não fazia ideia do que havia de dizer.

— Acho que era Newton.

— O quê?

— A terceira lei do movimento.

Ele inclinou a cabeça, como um cão confuso.

— O quê?

— Deixa lá. Não tem importância.

Ele suspirou.

— Adiante, vou acabar de beber esta margarita, porque amanhã tenho uma sessão de treino bem cedo. Mescal, sabes? Não é tequila. Temos de nos manter puros. Tenho um treinador novo. Um tipo do MMA. Ele é intenso.

— Está bem.

— E... Nono...

— Sim?

— Podes chamar-me o meu nome especial mais uma vez?

— Hum...

— Sabes qual é.

— Obviamente. Sim, claro. — Tentou pensar no que poderia ser.

Ry-ry. *Rai-o de sol? Platão?*

— Não posso.

— As pessoas?

Ela fingiu estar a olhar em volta.

— Exatamente. As pessoas. E sabes, agora que já avançámos com as nossas vidas, parece-me um pouco... inadequado.

Ele sorriu, um sorriso melancólico.

— Escuta, vou estar no vosso último espetáculo em Los Angeles. O do Staples Center. Não me vais impedir, estás a entender?

— Isso é querido da tua parte.

— Amigos para sempre?

— Amigos para sempre.

Pressentindo que o fim da conversa se aproximava, Nora teve de fazer uma pergunta súbita.

— Tu gostavas mesmo de filosofia?

Ele arrotou. Era muito estranho perceber que o Ryan Bailey era um ser humano num corpo humano que também gerava gases.

— O quê?

— Filosofia. Há uns anos, quando estavas a fazer de Platão n'Os Atenienses, deste uma entrevista em que dizias que lias muita filosofia.

— Eu leio a *vida*. E a vida é filosofia.

Nora não fazia ideia do que ele queria dizer, mas no fundo estava orgulhosa daquela versão de si que tinha dado com os pés a uma estrela de Hollywood.

— Acho que na altura disseste que lias Martin Heidegger.

— Quem é o Martin Hot Dog? Oh, devia ser provavelmente uma daquelas tretas que se dizem à imprensa. Sabes como é, um gajo diz montes de merdas.

— Sim. Claro.

— Adios, amiga.

— Adios, Ryan.

Nora deixou de ver a imagem dele. Joanna estava a sorrir-lhe, mas não lhe disse nada.

Havia qualquer coisa de professoral e reconfortante em Joanna. Gostava de acreditar que aquela versão de Nora gostava de

Joanna. Mas depois lembrou-se de que devia fazer um *podcast* em nome da banda e nem sequer sabia o nome de metade dos membros. Nem do título do seu último álbum. Nem de *nenhum* dos álbuns.

O autocarro parou em frente a um hotel de aspeto grandioso nos arredores da cidade. Estacionados à porta encontravam-se carros elegantes com janelas de vidros fumados. Havia também palmeiras decoradas com fiadas de luzes minúsculas. Uma arquitetura de outro planeta.

— Antigamente era um palácio — comentou Joanna. — Foi projetado por um arquiteto brasileiro muito famoso. Esqueci-me do nome dele. — Foi procurar. — Oscar Niemeyer — disse, um instante depois. — Modernista. Mas isto é mais opulento do que o seu estilo habitual. É o melhor hotel do Brasil...

A seguir, Nora viu uma pequena multidão de pessoas a segurar nos telemóveis com os braços estendidos, como se fossem mendigos com tigelas na mão, mas estavam apenas a filmar a sua chegada.

Uma pessoa pode ter tudo e não sentir nada.

@NoraLabyrinth, 78,4 mil Retweets, 485,3 mil Gostos.

Uma Travessa de Prata com Bolos de Mel

Era uma loucura pensar que aquela vida coexistia com as suas outras vidas nos universos múltiplos, como se fosse só mais uma nota num acorde.

Nora descobriu que era quase impossível acreditar que enquanto numa vida estava a ter dificuldades em pagar a renda, noutra causava aquele tipo de entusiasmo um pouco por todo o mundo.

Os fãs que estavam a filmar a chegada do autocarro ao hotel esperavam agora pelos autógrafos. Não pareciam importar-se muito com os outros membros da banda, mas estavam desesperados por interagir com Nora.

Ela olhou para uma rapariga enquanto atravessava a gravilha em direção aos fãs. A rapariga tinha tatuagens e usava uma roupa que a fazia parecer uma adolescente que fora apanhada numa versão *cyberpunk* de uma guerra pós-apocalíptica. O cabelo estava exatamente igual ao de Nora, com a madeixa branca e tudo.

— Nora! Noraaaa! Olá! Nós amamos-te, rainha! Obrigada por vires ao Brasil! Tu és o máximo! — E depois começou o coro: — Nora! Nora! Nora!

Enquanto estava a dar autógrafos numa caligrafia ilegível, um homem com 20 e poucos anos tirou a t-shirt e pediu-lhe que assinasse o seu ombro.

— É para fazer uma tatuagem — explicou ele.

— A sério? — perguntou, escrevendo o nome no corpo do rapaz.

— Este é o ponto alto da minha vida — disse ele. — O meu nome é Francisco.

Nora questionou-se como era possível que o ato de escrever o seu nome com um marcador na pele de alguém pudesse ser o pináculo da sua existência.

— Tu salvaste-me a vida. O *Céu Está Lindo* salvou-me a vida. Aquela canção é tão poderosa.

— Oh, uau. O *Céu Está Lindo*? Conheces essa música?

Os fãs desataram a rir histericamente.

— Tu és tão engraçada! É por isso que és o meu ídolo! Amo-te tanto! Conheces O *Céu Está Lindo*? Ah! Ah! Ah! Brilhante!

Nora não sabia o que dizer. Aquela simples canção que escrevera aos 19 anos, quando andava na faculdade em Bristol, tinha mudado a vida de alguém no Brasil. Era impressionante.

Aquela era claramente a vida para a qual estava fadada. Duvidava que tivesse de regressar à biblioteca. Conseguia lidar bem com o facto de ser adorada. Era melhor do que estar em Bedford, sentada no autocarro 77 a cantarolar músicas tristes enquanto via a paisagem a passar.

Posou para algumas *selfies*.

Uma rapariga nova parecia estar à beira das lágrimas. Tinha

uma foto enorme de Nora a beijar o Ryan Bailey.

— Fiquei tão triste quando tu acabaste com ele!

— Pois é, sim, foi triste. Mas sabes... as coisas acontecem. Isto é tudo... uma curva de aprendizagem.

Joanna apareceu junto a ela e, tocando-lhe no braço, conduziu-a calmamente em direção ao hotel, para longe das pessoas.

Quando chegou ao átrio elegante (de mármore, com lustres e arranjos florais) a cheirar a jasmim, viu que o resto da banda já estava no bar. Mas onde estaria o irmão? Talvez estivesse a bajular a imprensa noutro sítio qualquer.

Quando começou a encaminhar-se para o bar, reparou que todos — o *concierge*, os rececionistas, os hóspedes — a observavam.

Nora estava prestes a aproveitar para perguntar sobre o paradeiro do irmão, quando Joanna chamou um homem que usava uma t-shirt com THE LABYRINTHS impresso numa letra de filme de ficção científica *rétro*. O tipo devia ter uns 40 anos, com barba grisalha e cabelo ralo, mas parecia intimidado com a presença de Nora. Quando se cumprimentaram com um aperto de mão, ele fez uma ligeira vénia.

— Sou o Marcelo — disse ele. — Muito obrigado por concordar com a entrevista.

Nora reparou que atrás de Marcelo estava outro homem — mais novo, com *piercings*, tatuagens e um sorriso enorme — que segurava no equipamento de gravação.

— Reservámos um espaço mais sossegado no bar — disse

Joanna. — Mas estão lá... pessoas. Acho que é melhor fazermos a entrevista na suite da Nora.

— Ótimo — disse Marcelo. — Ótimo, ótimo.

Enquanto se encaminhavam para o elevador, Nora olhou para trás e viu os restantes membros da banda.

— Sabe... talvez também gostasse de falar com os outros membros — sugeriu a Marcelo. — Eles lembram-se de imensas coisas de que eu não me lembro. Mesmo muitas.

Marcelo sorriu e abanou a cabeça, enquanto dizia delicadamente:

— Acho que assim é melhor...

— Oh, está bem — disse ela.

Enquanto esperavam pela chegada do elevador, sentiram todos os olhos postos neles. Joanna inclinou-se para Nora.

— Estás bem?

— É claro que sim. Estou. Porquê?

— Não sei. Esta noite pareces diferente, é só isso.

— Diferente como?

— Só... diferente.

Quando entraram no elevador, Joanna pediu a outra mulher, que Nora reconheceu do autocarro, para ir buscar algumas bebidas ao bar — duas cervejas para os *podcasters*, uma água mineral com gás para Nora e uma caipirinha para ela.

— Leva-as para a suite, Maya.

Talvez seja abstinência nesta vida, pensou Nora, enquanto saía do elevador e percorria a alcatifa luxuosa cor de salmão até à sua

suite.

Depois, ao entrar, tentou agir como se aquilo fosse tudo perfeitamente normal. Estavam numa sala gigantesca, que dava acesso a um quarto gigantesco, que por sua vez dava acesso a uma casa de banho gigantesca. Viu um enorme ramo de flores endereçado a si, com um bilhete assinado pelo gerente do hotel.

Uau, conseguiu não dizer em voz alta, enquanto olhava em redor para as mobílias requintadas, os cortinados de cima a baixo, a imaculada cama branca do tamanho de um campo de futebol, a televisão que parecia um pequeno ecrã de cinema, o champanhe no gelo, a travessa de prata com «bolos de mel brasileiros», como informava o cartão.

— Acho que não vais comer nenhum destes — disse Joanna, tirando uma das pequenas delícias do tabuleiro. — Agora que estás a fazer a dieta nova. A Harley disse que tinha de te manter debaixo de olho.

Nora viu Joanna a trincar um dos bolos e questionou-se sobre que vantagem poderia ter uma dieta que não envolvia comer bolos tão evidentemente deliciosos como os bolos de mel brasileiros. Não fazia ideia de quem era Harley, mas tinha a certeza de que não gostava dela.

— E já agora... só para ficares a saber, os fogos ainda estão a devastar LA e as autoridades estão a evacuar metade de Calabasas, mas esperemos que as chamas não cheguem até lá acima, à tua casa...

Nora não sabia se devia ficar satisfeita com a ideia de ter uma

casa em LA ou preocupada por esta se encontrar na iminência de arder.

Os dois brasileiros do *podcast* demoraram um instante a montar o equipamento. Nora deixou-se cair no sofá confortável da sala enquanto Joanna — limpando com uma unha bem arranjada algumas migalhas rebeldes que tinham ficado em redor da boca — explicava que aquele *podcast* de música, O Som, era o mais popular no Brasil.

— O perfil demográfico é ótimo — disse ela, com entusiasmo na voz. — E os números são estratosféricos. Vale mesmo a pena fazer isto.

E ali se deixou ficar, a observar como uma mãe-coruja enquanto o *podcast* começava.

O Podcast das Revelações

— Então, tem sido um ano louco para si — começou Marcelo, com o seu inglês bastante bom.

— Oh, sim, tem sido uma viagem e tanto — disse Nora, tentando parecer uma estrela de *rock* a falar.

— Agora, posso perguntar-lhe sobre o álbum... *Pottersville*. Escreveu todas as letras, não foi?

— A maior parte delas, sim — adivinhou Nora, olhando para o pequeno e familiar sinal da sua mão esquerda.

— Ela escreveu todas as letras — interrompeu Joanna.

Marcelo assentiu enquanto o outro rapaz, ainda a sorrir e a mostrar os dentes grandes, ajustava os níveis de som no portátil.

— Acho que *Penas* é a minha faixa favorita — disse Marcelo, quando as bebidas chegaram.

— Ainda bem que gosta.

Nora tentou imaginar uma maneira de se escapar àquela entrevista. Uma dor de cabeça? Uma indisposição?

— Mas aquela de que gostava de falar primeiro é a primeira que decidiu lançar. *Fica Fora da Minha Vida*. Parece ser uma declaração tão pessoal.

Ela forçou um sorriso.

— Acho que a letra diz tudo.

— Como é óbvio, especulou-se muito sobre se a letra se refere à... como se diz em inglês?

— Ordem de restrição? — ofereceu Joanna, prestável.

— Isso! Ordem de restrição.

— Hum... — Nora hesitou, apanhada de surpresa. — Bem. Prefiro exprimir-me através das canções. Tenho dificuldade em falar desse tipo de coisas.

— Sim, compreendo. É que, recentemente, na entrevista que deu para a *Rolling Stone*, falou um pouco do seu antigo namorado, o Dan Lord, e mencionou como tinha sido difícil conseguir a... a... ordem de restrição contra ele, depois de ele a perseguir... Ele não tentou entrar à força na sua casa? E depois andou a dizer aos jornalistas que foi ele quem escreveu a letra de *O Céu Está Lindo*?

— Céus!

Nora sentia-se a pairar algures entre as lágrimas e as gargalhadas, mas conseguiu, sem saber como, não ceder a nenhuma das duas.

— Eu escrevi a canção quando ainda estava com ele. Mas ele não gostava dela. Ele nunca gostou que eu fizesse parte da banda. Ele detestava a banda. Detestava o meu irmão. Detestava o Ravi. Detestava a Ella, que fazia parte da formação original. Enfim, o Dan era extremamente ciumento.

Aquilo era tão surreal. Numa vida, naquela que supostamente ele tinha desejado, Dan estava tão entediado com o casamento com Nora que andava a ter um caso amoroso, ao passo que *naquela* vida andava a invadir a casa dela porque não suportava o

seu sucesso.

— Ele é um parvalhão — desabafou Nora. — Não conheço o palavrão em português para descrever uma pessoa horrível.

— Cabrão. Quer dizer que uma pessoa é sacana.

— Ou um filho da mãe — acrescentou o rapaz mais novo, com uma expressão muito séria.

— Então, sim, ele é um cabrão. Ele acabou por se revelar uma pessoa completamente diferente. É estranho. A forma como, quando a nossa vida muda, as pessoas começam a agir de maneira diferente. Presumo que seja o preço da fama.

— E escreveu uma canção intitulada *Henry David Thoreau*. Não há muitas canções com nomes de filósofos...

— Pois não. Bem, eu estudei Filosofia na faculdade e ele era o meu filósofo favorito. Daí a tatuagem. E sempre era um título melhor do que *Immanuel Kant*.

Agora já estava a apanhar o jeito. Não era muito difícil fingir uma vida quando se tratava da que nos estava destinada.

— E, claro, a *Uiva*. É uma canção tão poderosa. Chegou ao primeiro lugar do top em 22 países. O videoclipe com um elenco de luxo de Hollywood ganhou um Grammy. Já deve estar farta de falar sobre ela.

— Sim, acho que sim...

Joanna foi buscar outro bolo de mel.

Marcelo sorriu gentilmente e insistiu.

— A mim parece-me tão primitiva. A canção, quero eu dizer. Como se estivesse a deitar tudo cá para fora. Depois descobri que

a escreveu na mesma noite em que despediu o seu *manager*. Antes da Joanna. Depois de descobrir que ele lhe andava a roubar dinheiro...

— Sim. Isso não foi agradável — improvisou. — Foi uma enorme traição.

— Eu era um grande fã dos The Labyrinths antes da *Uiva*. Mas essa foi a música que me conquistou definitivamente, essa e a *Rapariga do Farol*. A *Uiva* foi quando dei por mim a pensar «A Nora Seed é um génio». A letra é bastante abstrata, mas a forma como deixa sair a raiva é tão suave e tão cheia de alma, mas ao mesmo tempo tão poderosa. É uma espécie de fusão entre a fase inicial de The Cure e Frank Ocean, misturada com The Carpenters e Tame Impala.

Nora tentou, sem sucesso, imaginar como poderia soar uma canção assim.

Para surpresa de todos, ele começou a cantar:

— «Silencia a música para melhorar a afinação / Acaba com os sorrisos falsos e uiva para a lua.»

Nora sorriu e assentiu, como se soubesse a letra.

— Sim, sim, eu estava só a... uivar.

O rosto de Marcelo tornou-se sério. Parecia genuinamente preocupado com ela.

— Nestes últimos anos, teve de lidar com tantas merdas. Perseguidores, maus *managers*, as disputas simuladas, o caso em tribunal, as questões de direitos de autor, a separação feia do Ryan Bailey, a receção que o último álbum teve, a reabilitação,

aquele incidente em Toronto... aquela vez que desmaiou de cansaço em Paris, as tragédias pessoais, dramas, dramas e mais dramas. Além disto tudo, a intrusão dos *media*. Porque acha que a imprensa a odeia tanto?

Nora começou a sentir-se um pouco desconfortável. Então a fama era assim? Como um cocktail permanente agri-doce entre a adoração e o ataque? Não admirava que tantas pessoas famosas descarrilassem quando os carris pareciam virar em todas as direções possíveis. Era como levar bofetadas e ser beijada ao mesmo tempo.

— Eu... pois, não sei... é uma enorme loucura...

— Quero dizer, alguma vez se pergunta como teria sido a sua vida se tivesse decidido seguir por um caminho diferente?

Nora ouviu estas palavras enquanto fitava as bolhas de gás da água que subiam até à superfície.

— Acho que é fácil imaginar que há caminhos mais simples — disse, apercebendo-se de uma coisa pela primeira vez. — Mas talvez não existam caminhos simples. Numa vida, posso ser casada. Na outra, posso estar a trabalhar numa loja. Posso ter dito que sim ao tipo que me convidou para beber café. Noutra, posso andar a investigar os glaciares do Círculo Polar Ártico. Noutra ainda, posso ser campeã olímpica de natação. Quem sabe? Nós entramos num universo novo a cada segundo de cada dia. E passamos tanto tempo a desejar que as nossas vidas fossem diferentes, a comparar-nos com as outras pessoas e com outras versões de nós mesmos, quando, na verdade, a maior parte das

vidas contém algumas variações de bom e outras variações de mau.

Marcelo, Joanna e o outro rapaz brasileiro fitavam-na, de olhos arregalados, mas ela estava imparável. Desgovernada.

— A vida tem padrões... ritmos. É muito fácil, quando estamos encurralados numa vida apenas, imaginar que as alturas de tristeza ou tragédia, de fracasso ou de medo são o resultado de uma existência em particular. Este é o produto de vivermos de uma certa maneira, em vez de simplesmente *vivermos*. Quero dizer, facilitaria muito as coisas se entendêssemos que não há uma forma de viver que nos possa tornar imunes à tristeza. E que a tristeza é uma parte intrínseca do tecido da felicidade. Não se consegue ter uma sem ter a outra. É claro que elas ocorrem em vários níveis e intensidades diferentes. Mas não existe uma vida em que possamos estar eternamente num estado de felicidade pura. E imaginar que essa vida pode existir é criar ainda mais infelicidade na vida que vivemos.

— Essa resposta é extraordinária — disse Marcelo, depois de se certificar de que ela já tinha acabado. — Mas hoje, no concerto, eu diria que estava feliz. Ao tocar *Bridge Over Troubled Water* em vez de *Uiva* fez uma declaração poderosa. Foi como se estivesse a dizer: *Eu sou forte*. Parecia que nos estava a dizer, a nós, fãs, que está tudo bem consigo. Por isso, que tal está a correr a digressão?

— Bem, está a correr lindamente. E, sim, pensei em enviar a mensagem de que... sabe, estou realmente a viver a minha melhor vida, mas passado um certo tempo tenho saudades da minha

casa.

— De qual delas? — perguntou Marcelo, com um sorriso brincalhão. — Quero dizer, sente-se mais em casa em Londres, em Los Angeles ou na Costa Amalfitana?

Aparentemente, aquela era a vida com a maior pegada ecológica.

— Não sei ao certo. Acho que em Londres.

Marcelo inspirou profundamente, como se a pergunta seguinte fosse algo obrigatório mas difícil. Coçou a barba.

— Muito bem, mas presumo que fosse difícil para si, uma vez que partilhava aquele apartamento com o seu irmão...

— Porque haveria de ser difícil?

Joanna olhou para ela com uma expressão curiosa por cima do cocktail.

Marcelo fitou-a com uma ternura sentimental. Os olhos pareciam vidrados.

— Quero dizer — continuou ele, depois de um delicado gole de cerveja —, o seu irmão foi uma parte tão importante da sua vida, uma peça tão importante na banda...

Foi.

Tanto medo numa palavra tão pequena. Era como uma pedra a cair dentro de água.

Lembrava-se de ter perguntado a Ravi pelo irmão antes do *encore*. Recordou a reação do público quando estava em palco e mencionou o irmão.

— Ele continua por aqui. Esteve aqui esta noite.

— Ela quer dizer que sente a sua presença — disse Joanna. — Todos sentem. Ele tinha um espírito tão forte. Perturbado, mas forte... E foi uma tragédia, a maneira como a bebida, as drogas e toda a vida que ele levava acabaram por o derrotar...

— Mas estás a falar de quê? — perguntou Nora. Já não estava a fingir viver aquela vida. Agora precisava genuinamente de saber.

Marcelo parecia triste por ela.

— Sabe, ainda só passaram dois anos desde a morte dele... desde a *overdose*...

Nora arquejou.

Não regressou imediatamente à biblioteca porque não interiorizou bem o que acabara de ouvir. Levantou-se, atordoada, e cambaleou para fora da suite.

— Nora? — chamou Joanna, com um riso nervoso. — Nora?

Nora meteu-se ao elevador e desceu até ao bar. Foi ter com Ravi.

— Disseste que o Joe estava a bajular a imprensa.

— O quê?

— Disseste! Quando te perguntei o que estava o Joe a fazer, tu disseste que estava «a bajular a imprensa».

Ele pousou a cerveja e fitou Nora como se ela fosse um enigma.

— E estava certo. Ela estava a bajular a imprensa.

— Ela?

Ele apontou para Joanna, que atravessava o átrio vinda do elevador com um ar estarrecido.

— Sim, a Jo. Ela estava com a imprensa.

E Nora sentiu o embate da tristeza — um verdadeiro murro.

— Oh, não — articulou Nora. — Oh, Joe... oh, Joe... oh...

E o bar do grandioso hotel desapareceu. A mesa, as bebidas, Joanna, Marcelo, o tipo do som, os hóspedes do hotel, Ravi e os outros, o piso de mármore, o barman, os empregados, os lustres, as flores — tudo se transformou em absolutamente nada.

Uiva

Para a floresta de inverno
Sem ter para onde ir
Esta miúda foge
De tudo o que conhece

A pressão aumenta
A pressão aumenta (sem parar)

Eles querem o teu corpo
Eles querem a tua alma
Querem sorrisos falsos
É isso o *rock and roll*
Os lobos rodeiam-te
Num sonho febril
Os lobos rodeiam-te
Começa a gritar

Uiva para a noite,
Uiva para a luz,
Uiva, é a tua vez de lutar,
Uiva, para tudo bem ficar

Uiva, uiva, uiva, uiva.

(Filho da mãe)

Não podes lutar para sempre

Tens de obedecer

A tua vida não funciona

Pergunta-te porquê

(falado)

Lembra-te

Quando éramos suficientemente novos

Para não temer o futuro

Ou para chorar o passado

E éramos só

Nós

O tempo era só

Nosso

E nós éramos

Vida

Não conseguimos subir

Como os braços numa manga

Porque tivemos tempo

Tivemos tempo para respirar

Os tempos maus estão aqui

Os tempos maus chegaram

Mas a vida não pode ter acabado
Quando nem sequer começou
O lago brilha quando a água está fria
E tudo o que brilha pode ser ouro
Silencia a música para melhorar a afinação
Acaba com os sorrisos falsos e uiva para a lua
Uiva para a noite,
Uiva para a luz,
Uiva, é a tua vez de lutar,
Uiva, para tudo bem ficar

Uiva, uiva, uiva, uiva.

(repetir até ao *fade out*)

Amor e Dor

— Eu odeio este... processo — disse Nora à Sra. Elm com muita força na voz. — Quero que PARE!

— Mais baixo, por favor — disse a Sra. Elm, com um cavalo branco na mão, concentrada na sua jogada. — Estamos numa biblioteca.

— Não está cá mais ninguém!

— Isso não importa. Continua a ser uma biblioteca. Se estiveres numa catedral, estás em silêncio porque é uma catedral, não porque estão lá mais pessoas. Com as bibliotecas é a mesma coisa.

— Muito bem — disse Nora, numa voz mais baixa. — Eu não gosto disto. Quero que pare. Quero cancelar a minha subscrição desta biblioteca. Gostaria que me devolvesse o cartão de requisições.

— Tu és o cartão de requisições.

Nora regressou ao seu argumento original.

— Quero que isto acabe.

— Não queres nada.

— Quero, sim.

— Confia em mim, Nora. Se não quisesses verdadeiramente estar aqui, não estarias. Disse-te isto logo ao início.

— Eu não gosto disto.

— Porquê?

— Porque é demasiado doloroso.

— É doloroso porquê?

— Porque é real. Numa das vidas, o meu irmão está morto.

O rosto da bibliotecária tornou-se novamente austero.

— E numa das vidas dele, és tu que estás morta. Achas que isso é doloroso para ele?

— Duvido. Ele ultimamente não quer ter nada que ver comigo. Tem lá a vida dele e culpa-me pela sua falta de sucesso.

— Então isto é tudo por causa do teu irmão?

— Não. É tudo por causa de tudo. Parece ser impossível viver sem magoar as pessoas.

— Isso é porque é.

— Então porquê viver, sequer?

— Bem, para ser justa, morrer também magoa as pessoas. Agora, que vida queres escolher a seguir?

— Não quero.

— O quê?

— Não quero mais livro nenhum. Não quero mais vida nenhuma.

O rosto da Sra. Elm empalideceu, como acontecera há muitos anos, quando recebeu o telefonema sobre a morte do pai de Nora.

Nora sentiu um tremor por baixo dos pés. Um pequeno terramoto. À medida que os livros começavam a cair para o chão, ela e a Sra. Elm agarraram-se às estantes. As lâmpadas tremeluziram e apagaram-se completamente. O tabuleiro de

xadrez caiu ao chão.

— Oh, não — disse a Sra. Elm. — Outra vez, não.

— Qual é o problema?

— Sabes bem qual é o problema. Este lugar só existe por tua causa. Tu és a sua fonte de alimentação. Quando há uma perturbação severa na fonte de alimentação, a biblioteca fica em perigo. És tu, Nora. Estás a desistir no pior momento possível. Não podes desistir, Nora. Tens mais para oferecer. Mais oportunidades para viver. Há tantas versões tuas por aí. Lembra-te de como te sentiste depois do urso-polar. Recorda-te de como querias tanto viver.

O urso-polar.

O urso-polar.

— Até estas experiências más servem um propósito, não entendes?

Entendia. Os arrependimentos com que vivera durante a maior parte da sua vida eram um desperdício.

— Entendo.

O pequeno terramoto acalmou.

No entanto, deixara livros espalhados por toda a parte, ao longo do corredor.

As lâmpadas acenderam-se, mas ainda a piscar.

— Desculpe — lamentou-se Nora. Começou a tentar apanhar os livros para os pôr nos seus lugares.

— Não! — ralhou de repente a Sra. Elm. — Não lhes toques. Pousa-os.

— Desculpe.

— E para de pedir desculpa. Anda mas é ajudar-me com isto. É mais seguro.

Ajudou a Sra. Elm a apanhar as peças de xadrez e a montar novamente o tabuleiro para um jogo novo, depois de pôr a mesa também no seu lugar.

— Então e aqueles livros todos no chão? Vamos deixá-los ficar assim espalhados?

— O que te importam os livros? Pensei que querias que desaparecessem todos.

A Sra. Elm até podia ser apenas um mecanismo para simplificar a complexidade intrincada do *quantum* universal, mas naquele momento, sentada entre as estantes meio vazias perto do seu tabuleiro de xadrez preparado para um novo jogo, tinha um ar triste, sábio e infinitamente humano.

— Não quis ser tão brusca — acabou por dizer a Sra. Elm.

— Não faz mal.

— Lembro-me de quando começámos a jogar xadrez na biblioteca da escola; tu estavas sempre a perder as melhores peças logo ao início — disse ela. — Avançavas imediatamente com a rainha ou com as torres e, pouco depois, já eram. Depois disso, agias como se o jogo estivesse perdido, porque só te restavam os peões e um ou dois cavalos.

— Porque é que está a falar disso agora?

A Sra. Elm viu um fio solto na sua camisola e puxou-o para dentro da manga, depois decidiu que não se importava e deixou-

o solto.

— Se alguma vez quiseses alcançar sucesso no xadrez, tens de perceber uma coisa — disse ela, como se Nora não tivesse nada mais importante em que pensar. — E o que precisas de perceber é isto: o jogo só acaba quando chega ao fim. Não acaba enquanto houver um único peão no tabuleiro. Se um dos lados só tiver um peão e o rei, e o outro ainda tiver as peças todas, o jogo continua a ser jogado. E mesmo que sejas um peão, e talvez sejamos todos, tens de te lembrar de que o peão é a peça mais mágica de todas. Pode parecer pequeno e vulgar, mas não é. Porque um peão nunca é apenas um peão. O peão é uma rainha em potência. A única coisa que tens de fazer é encontrar uma maneira de continuar em frente. Um quadrado a seguir ao outro. Depois podes chegar ao outro lado e desbloquear todos os tipos de poder.

Nora fitou os livros que a rodeavam.

— O que me estás a dizer é que eu só tenho peões para jogar?

— O que estou a dizer é que a coisa que parece mais vulgar pode acabar por ser a que te vai conduzir à vitória. Tens de continuar. Como naquele dia no rio. Lembras-te?

É claro que se lembrava.

Quantos anos tinha? Devia ter 17, porque já não participava nas competições de natação. Foi um período difícil, em que o pai andava sempre zangado com ela e a mãe se debatia com um dos seus episódios de depressão quase muda. O irmão tinha vindo da faculdade com Ravi para passar o fim de semana em casa. Ia mostrar ao seu amigo as gloriosas paisagens de Bedford. Joe

decidiu fazer uma festa improvisada junto ao rio, com música, cerveja e erva com fartura, assim como raparigas frustradas por Joe não mostrar interesse nelas. Nora também foi convidada, mas bebeu demasiado e, sem saber bem como, começou a conversar com Ravi sobre natação.

«Então, conseguias atravessar o rio a nado?», perguntou ele.

«Claro!»

«Não conseguias nada», disse outra pessoa qualquer.

E foi assim que, num momento de estupidez, decidiu provar-lhes que estavam errados. E quando o irmão mais velho, pedrado e profundamente embriagado, percebeu o que ela estava a fazer, já era tarde demais. A travessia já estava em curso.

Enquanto recordava esse episódio, um dos corredores ao fundo da biblioteca passou de pedra a água corrente. E, apesar de as prateleiras à sua volta terem ficado onde estavam, os mosaicos por baixo dos seus pés deram origem a folhas e o teto passou a ser o céu. Mas ao contrário do que acontecia quando ela desaparecia para outra versão do presente, a Sra. Elm e os livros permaneceram com ela. Ela estava parcialmente na biblioteca e parcialmente na sua memória.

Estava a fitar alguém no corredor transformado em rio. Era a versão mais nova de si mesma dentro de água, à medida que os últimos raios de luz de verão se dissolviam em escuridão.

Equidistância

O rio estava frio, a corrente era forte.

Enquanto se via a si mesma, lembrava-se das dores que sentira nos ombros e nos braços. Na rigidez pesada que adquiriram, como se estivesse a usar uma armadura. Lembrava-se de não entender por que motivo as silhuetas dos teimosos sicómoros continuavam do mesmo tamanho, apesar de todo o seu esforço; era como se a margem estivesse sempre à mesma distância. Lembrava-se de ter engolido alguma água poluída e de olhar para a outra margem, aquela de onde partira, o mesmo lugar de onde agora se observava a si mesma, ao lado de uma versão mais nova do irmão, que não tinha noção da presença dela. Via também as estantes de ambos os lados do rio.

Lembrava-se de como, no seu delírio, pensara na palavra «equidistante». Era uma palavra que pertencia à segurança clínica de uma sala de aulas. Era uma palavra tão neutra, tão matemática, mas que se transformava numa ideia fixa, repetindo-se a si mesma como uma meditação maníaca enquanto Nora usava toda a sua força e continuava quase no ponto exato em que se encontrava. Equidistante. Equidistante. Equidistante. Não se encontrava mais perto de uma margem nem da outra.

Fora assim que se sentira durante quase toda a sua vida.

Apanhada algures a meio das coisas. A debater-se, a esbracejar, meramente a tentar sobreviver sem saber para onde devia ir. Que caminho devia escolher sem arrependimentos.

Olhou para a margem do outro lado — que agora também tinha estantes, mas ainda ali estava a enorme silhueta do sicómoro debruçado sobre a água como um pai ou uma mãe preocupados, enquanto o vento lhe agitava as folhas.

— Mas deste tudo por tudo — disse a Sra. Elm, ouvindo, evidentemente, os pensamentos de Nora. — E sobreviveste.

O Sonho de Outra Pessoa

— A vida é sempre uma atuação — disse a Sra. Elm, enquanto viam o irmão de Nora a ser arrastado da beira do rio pelos seus amigos. Enquanto ele observava uma rapariga cujo nome ela já esquecera há muito a chamar a ambulância. — E quando foi mais importante que atuasses, tu atuaste. Nadaste até à margem. Ergueste-te sozinha da água. Tossiste que te fartaste e ficaste em hipotermia, mas atravessaste o rio, contra probabilidades incríveis. Encontraste alguma coisa dentro de ti.

— Sim. Bactérias. Fiquei doente durante semanas. Engoli tanta água suja!

— Mas sobreviveste. Tinhas esperança.

— Sim, tinha, mas estava a perdê-la de dia para dia.

Ao baixar os olhos, viu que a relva voltava a encolher-se para dar lugar à pedra e olhou para a frente para ter o último vislumbre da água antes que esta se desvanecesse com um brilho e que o sicómoro se dissolvesse no ar, juntamente com o seu irmão, os amigos e ela própria, ainda jovem.

A biblioteca parecia novamente a biblioteca, sem tirar nem pôr. Mas agora os livros estavam outra vez arrumados nas prateleiras e as luzes tinham parado de tremeluzir.

— Fui tão estúpida em fazer aquela travessia só para

impressionar as pessoas. Sempre achei que o Joe era melhor do que eu. Queria muito impressioná-lo.

— Porque é que pensavas que ele era melhor do que tu? Porque os teus pais também pensavam isso?

Nora sentiu-se zangada com a honestidade frontal da Sra. Elm. Mas talvez ela tivesse razão.

— Eu sempre tive de fazer aquilo que eles queriam, para conseguir impressioná-los. O Joe tinha os seus problemas, obviamente. E eu só entendi esses problemas quando fiquei a saber que ele era gay, mas dizem que a rivalidade entre os irmãos não é motivada pelos irmãos propriamente ditos, mas sim pelos pais, e eu sempre senti que os meus pais encorajavam um pouco mais os sonhos dele do que os meus.

— Como a música?

— Sim.

— Quando ele e o Ravi decidiram que queriam ser estrelas de rock, os meus pais compraram uma guitarra elétrica ao Joe e depois um piano elétrico.

— E como é que isso correu?

— A parte da guitarra correu bem. Uma semana depois de a receber já sabia tocar *Smoke on The Water*, mas ele não gostava muito de piano e decidiu que não o queria a atafulhar o quarto.

— Foi quando herdaste o piano. — A Sra. Elm disse-o como uma afirmação, não uma pergunta. Ela *sabia*. Evidentemente.

— Sim.

— O piano foi posto no teu quarto e tu acolheste-o como um

amigo, depois começaste a aprender a tocar com uma determinação inabalável. Gastavas a tua semanada em guias de ensino de piano, e *Mozart para Principiantes* e *Os Beatles para Piano*. Porque gostavas de tocar. Mas também porque querias impressionar o teu irmão mais velho.

— Nunca lhe contei nada disso.

— Não te preocupes. Eu li o livro. — A Sr. Elm fez um sorriso travesso.

— Certo. Pois. Claro. Obviamente.

— Nora, talvez precisas de deixar de te preocupar tanto com a aprovação das outras pessoas — disse a Sra. Elm num murmúrio, para acrescentar mais poder e intimidade. — Não precisas da autorização de ninguém para seres a tua...

— Sim. Já percebi.

E percebia mesmo.

Até agora, todas as vidas que experimentara desde que chegara à biblioteca eram, na verdade, o sonho de outra pessoa. A vida de casada dona de um *pub* era o sonho de Dan. A viagem para a Austrália era o sonho de Izzy, e o seu arrependimento por não ter ido devia-se mais à sensação de culpa que tinha por ter desiludido a amiga do que propriamente a si mesma. O sonho de ser campeã olímpica de natação era o do pai. Tudo bem, era verdade que quando era mais nova se interessara pelo Ártico e em ser glacióloga, mas essa vontade fora incentivada de forma bastante significativa pelas conversas com a Sra. Elm, na biblioteca da escola. E quanto aos *The Labyrinths*... Bem, esse

tinha sido sempre o sonho do irmão.

Talvez não existisse uma vida perfeita para ela, mas certamente que, algures, havia uma vida que valia a pena viver. E se queria encontrar uma vida que valesse realmente a pena ser vivida, percebeu que tinha de lançar a rede mais longe.

A Sra. Elm tinha razão. O jogo ainda não acabara. Nenhum jogador devia desistir quando ainda restavam peças no tabuleiro.

Endireitou as costas e empertigou-se em toda a sua altura.

— Precisas de escolher mais vidas das prateleiras de baixo ou das de cima. Tens tentado desfazer os teus arrependimentos mais óbvios. Os livros nas prateleiras mais altas e mais baixas são as vidas que estão um pouco mais afastadas. Vidas que continuas a viver num universo ou no outro, mas não aquelas que tens andado a imaginar, a lamentar ou aquelas em que pensas. São vidas que podias viver, mas com as quais nunca sonhaste.

— Então são vidas infelizes?

— Algumas sim, outras não. Apenas não são as vidas mais *óbvias*. São vidas que podem necessitar de um pouco de mais imaginação para as alcançares. Mas tenho a certeza de que consegues lá chegar...

— Não me pode orientar?

A Sra. Elm sorriu.

— Posso ler-te um poema. As bibliotecárias gostam de poemas.

— E começou a citar Robert Frost. — «Duas estradas divergem na floresta e eu / Fui pela menos viajada, / O que fez toda a diferença...»

— E se existirem mais de duas estradas divergentes na floresta? E se houver mais estradas do que árvores? E se não houver fim para as escolhas que podemos fazer? O que faria Robert Frost, se fosse esse o caso?

Nora lembrou-se de ter estudado Aristóteles no seu primeiro ano como aluna de Filosofia e de ficar um pouco deprimida com a teoria dele de que a excelência nunca é um acidente. Que os resultados excelentes são o produto das «escolhas sábias de entre muitas alternativas». E ali estava ela, na privilegiada posição de poder experimentar muitas alternativas. Era um atalho para a sabedoria e talvez fosse um atalho para a felicidade. Entendia-o agora não como um fardo para ser carregado, mas um dom para ser apreciado.

— Olha para o tabuleiro de xadrez que pusemos no lugar — disse a Sra. Elm suavemente. — Vê como está ordenado, seguro e pacífico agora, antes de o jogo começar. É uma coisa magnífica. Mas é entediante. Porque está morto. Porém, no instante em que moveres uma peça, tudo muda. As coisas começam a ser mais caóticas. E o caos aumenta a cada nova jogada que faças.

Sentou-se em frente à Sra. Elm na mesa de xadrez. Olhou para o tabuleiro e avançou duas casas com um peão.

A Sra. Elm espelhou a jogada do seu lado do tabuleiro.

— É um jogo fácil de se jogar — disse a Sra. Elm. — Mas um jogo difícil de dominar. Cada jogada que fazes abre um novo mundo pleno de possibilidades.

Nora movimentou um dos cavalos. Continuaram a jogar assim durante algum tempo.

A Sra. Elm ia fazendo comentários.

— No início do jogo, não há variações. Só há uma maneira de compor o tabuleiro. Depois das seis primeiras jogadas, há nove milhões de variações. E depois de oito jogadas há 288 milhões de posições possíveis. Essas possibilidades continuam a aumentar. Há mais formas possíveis de jogar um jogo de xadrez do que a quantidade de átomos observáveis no Universo. Por isso, pode tornar-se bastante confuso. E não há uma maneira certa de jogar; há muitas maneiras certas. No xadrez, como na vida, a possibilidade é a base de tudo. Cada esperança, cada sonho, cada arrependimento, cada momento de vida.

Nora acabou por ganhar o jogo. Tinha uma ligeira suspeita de que a Sra. Elm a *deixara* ganhar. Ainda assim, sentia-se um pouco melhor.

— Muito bem — disse a Sra. Elm. — Eu diria que está na hora de pegarmos num livro. O que te parece?

Nora olhou para as estantes. Se pelo menos tivessem títulos mais específicos. Se pelo menos houvesse um que dissesse *A Vida Perfeita Está Aqui*.

O seu instinto inicial tinha sido ignorar a pergunta da Sra. Elm. Mas onde existiam livros, existia também a tentação de os abrir. E Nora percebeu que com as vidas acontecia o mesmo.

A Sra. Elm repetiu qualquer coisa que dissera antes.

— Nunca subestimes o poder das pequenas coisas.

Como se veio a revelar, essa frase foi muito útil.

— Quero viver uma vida tranquila — disse ela. — Uma vida em

que trabalhe com animais. Em que tenha escolhido trabalhar no abrigo de animais onde trabalhei quando andava na faculdade, em vez de trabalhar na Teoria das Cordas. Sim. Mostre-me essa vida, por favor.

Uma Vida Tranquila

Como se veio a revelar, foi bastante fácil passar para essa existência.

Naquela vida ela dormia bem, e só acordou às 7h45, quando o despertador tocou. Foi para o trabalho num *Hyundai* velho que cheirava a cão e a biscoitos porque estava decorado com migalhas; passou pelo hospital e pelo centro de desporto e estacionou o carro num pequeno parque de estacionamento do centro de resgate, o edifício térreo, moderno, de tijolo cinzento.

Passou a manhã a alimentar e a passear os cães. A razão por que tinha sido tão fácil instalar-se naquela vida devia-se pelo menos em parte ao facto de ter sido recebida por uma mulher afável, muito terra a terra, com cabelos castanhos encaracolados e uma pronúncia de Yorkshire. A mulher, Pauline, disse que Nora devia começar a trabalhar no abrigo de cães em vez de no de gatos, por isso ela tinha uma desculpa plausível para ficar atrapalhada e perguntar o que tinha de fazer. E também porque a questão de não saber o nome das pessoas se resolvera facilmente, já que toda a gente usava uma placa com o nome.

Nora foi passear um mastim, um recém-chegado, no campo atrás do centro. Pauline disse-lhe que o cão tinha sido muito maltratado pelo anterior dono. Apontou para algumas cicatrizes

redondas.

— Queimaduras de cigarros.

Nora queria viver num mundo onde a crueldade não existisse, mas os únicos mundos que tinha à sua disposição eram mundos com humanos. O mastim chamava-se Sally, era uma cadela. E tinha medo de tudo. Da própria sombra. Dos arbustos. Dos outros cães. Das pernas de Nora. Da relva. Do ar. Embora fosse evidente que simpatizara com Nora e até cedera a uma (breve) sessão de festas na barriga.

Mais tarde, Nora ajudou a limpar algumas das casotas dos cães mais pequenos. Pressupôs que lhes chamavam casotas porque sempre soava melhor do que jaulas, que era realmente o nome mais adequado. No abrigo vivia um lobo-da-alsácia com três patas chamado Diesel, que parecia já estar ali há algum tempo. Quando jogaram à apanhada, Nora percebeu que ele tinha reflexos muito bons e apanhava quase sempre a bola com a boca. Ela gostava daquela vida — ou mais precisamente, gostava da versão de si naquela vida. Conseguia perceber o tipo de pessoa que era pelo modo como os outros falavam consigo. Era uma boa sensação — reconfortante, revigorante — saber que era uma boa pessoa.

A sua mente também lhe parecia diferente ali. Naquela vida, pensava muito, mas os pensamentos eram suaves.

«A compaixão é a base da moralidade», escrevera o filósofo Arthur Schopenhauer, num dos seus momentos mais gentis. Talvez também fosse a base daquela vida.

No centro trabalhava também um homem chamado Dylan, que tinha um jeito natural para lidar com os cães. Era mais ou menos da idade de Nora, talvez fosse um pouco mais novo. Tinha um ar bondoso, simpático e algo triste. O cabelo era louro e comprido, como o de um *retriever*. À hora do almoço, foi ter com Nora ao campo e sentou-se no banco ao seu lado.

— O que vais comer hoje? — perguntou, com meiguice, fazendo sinal com a cabeça para a marmita do almoço de Nora.

Ela não sabia mesmo — já a encontrara preparada naquela manhã quando abrira o frigorífico cheio de ímanes e de calendários. Tirou a tampa e encontrou uma sanduíche de queijo e *Marmite* e um pacote de batatas fritas com sal e vinagre. O céu escureceu e o vento aumentou de intensidade.

— Oh, caraças, vai chover — disse Nora.

— Talvez, mas os cães ainda estão nas jaulas.

— Desculpa?

— Os cães conseguem cheirar quando a chuva se aproxima, por isso costumam ir para dentro quando pressentem que está quase a chover. É fixe, não é? Eles conseguem prever o futuro com o *nariz*?

— É — respondeu Nora. — É muito fixe.

Nora deu uma dentada na sanduíche. E a seguir Dylan pôs o braço por cima dos seus ombros.

Ela levantou-se de um pulo.

— ... mas que raio? — reclamou.

Dylan ficou com um ar profundamente preocupado. E um

pouco horrorizado consigo mesmo.

— Desculpa. Magoei-te?

— Não... é que... eu... não. Não, não, tudo bem.

Descobriu que Dylan era o seu namorado e que tinha andado na mesma escola secundária que ela. A Escola Secundária de Hazeldene. E que era dois anos mais novo.

Nora lembrava-se de, no dia em que o pai morrera, quando estava na biblioteca, ter visto um rapaz louro a correr do outro lado da janela salpicada de chuva. *Estava a perseguir alguém ou a ser perseguido.* Era ele. Na altura, ao vê-lo ao longe, gostara vagamente dele, mas não o conhecia propriamente nem sabia nada sobre ele.

— Estás bem, Norster? — perguntou Dylan.

Norster?

— Estou. Estava só... Sim. Tudo bem.

Nora voltou a sentar-se e deixou um pouco mais de espaço entre ambos. Não havia nada de fundamentalmente errado com Dylan. Era querido. E tinha a certeza de que naquela vida gostava genuinamente dele. Talvez até o amasse. Mas entrar numa vida nova não era o mesmo que entrar numa emoção nova.

— Já agora, fizeste a reserva no Gino's?

Gino's, o restaurante italiano. Nora ia lá quando era adolescente. Ficou surpreendida por saber que continuava aberto.

— O quê?

— No Gino's? A pizzeria? Fizeste reserva para esta noite? Tinhas dito que conhecias mais ou menos o gerente.

— O meu pai dava-se bem com ele, sim.
— Então e ligaste a marcar?
— Sim, liguei — mentiu. — Mas, na verdade, estão completamente lotados.

— Num dia de semana? Que estranho. É uma pena. Adoro pizza. E massa. E lasanha, e...

— Pronto... já percebi. Já percebi muito bem. Sei que é estranho, mas tiveram algumas reservas grandes.

Dylan já tinha o telemóvel na mão. Estava ansioso.

— Vou tentar o La Cantina. O mexicano, sabes? Têm muitas opções *vegan*. Adoro um bom mexicano, tu não?

Nora não conseguia pensar numa única razão legítima para não fazer aquilo, à exceção da conversa pouco entusiasmante de Dylan; comparando com a sanduíche que estava a comer e com o estado do seu frigorífico, comida mexicana parecia-lhe uma hipótese bastante promissora.

Por isso, Dylan reservou uma mesa. Continuaram a conversar enquanto os cães ladravam no edifício atrás deles. Durante a conversa, surgiu a informação de que estavam a pensar em viver juntos.

— Podíamos ver o *Saloon das Últimas Oportunidades* — disse ele. Ela não estava realmente a ouvir.

— Desculpa, o que é que disseste?

Percebeu que ele era tímido, que tinha dificuldade em olhá-la diretamente nos olhos. Era uma ternura.

— Aquele filme do Ryan Bailey que querias ver, lembras-te?

Vimos a apresentação. Disseste que era capaz de ser divertido e, quando foste pesquisar, viste que tinha 86% no *Rotten Tomatoes* e que está na *Netflix*...

Questionou-se se Dylan iria acreditar se lhe dissesse que numa das suas vidas era vocalista numa banda de *pop-rock* mundialmente famosa, um ícone global e que tinha namorado e *acabado* voluntariamente com o Ryan Bailey.

— Parece-me bem — disse ela, enquanto olhava para o pacote vazio das batatas fritas que flutuava pela relva rala.

Dylan levantou-se rapidamente para ir apanhar o pacote e deitá-lo no caixote do lixo ao lado do banco.

Voltou a sentar-se ao seu lado, a sorrir. Foi então que ela entendeu o que aquela outra Nora via nele. Havia uma certa pureza em Dylan. A mesma pureza que havia nos cães.

Porquê Desejar Outro Universo, Se Este Tem Cães?

O restaurante ficava em Castle Road, do outro lado da esquina da Teoria das Cordas, e para lá chegarem tinham de passar pela loja. A familiaridade daquele lugar parecia-lhe estranha. Quando chegou à loja, viu que alguma coisa não estava bem. Não havia guitarras na montra. Não havia nada na montra a não ser uma folha A4 já desbotada colada ao vidro.

Reconheceu a caligrafia de Neil.

Infelizmente, a Teoria das Cordas não poderá continuar a funcionar nestas instalações. Devido ao aumento da renda, não temos condições para nos mantermos abertos. Obrigado a todos os nossos clientes habituais. Não pensem mais nisso, está tudo bem. Podem seguir o vosso caminho. Só Deus sabe o que será de nós sem vocês.²

Dylan estava divertido.

— Ah... Percebi o trocadilho. — E logo a seguir: — Alguma vez te contei que me chamo assim em homenagem ao Bob Dylan?

— Não me lembro.

— Sabes, o músico?

— Sim, já ouvi falar do Bob Dylan, Dylan.

— A minha irmã mais velha chama-se Suzanne. Por causa da canção do Leonard Cohen.

Nora sorriu.

— Os meus pais adoravam o Leonard Cohen.

— Alguma vez aqui vieste? — perguntou ele. — Parecia ser uma loja espetacular.

— Entrei uma vez ou duas.

— Também pensei que sim, já que és muito musical. Tocavas piano, não era?

Tocavas.

— Teclado. Sim, um pouco.

Nora viu que o aviso já parecia antigo. Lembrava-se do que Neil lhe dissera. «Não posso pagar-te um ordenado para afugentares os clientes com a tua cara de enterro.»

Bem, Neil, afinal talvez a minha cara não fosse o problema.

Continuaram a andar.

— Dylan, tu acreditas em universos paralelos? Achas que este é um bom universo? Ou preferias viver noutra realidade em que deixavas Bedford?

— Não, na verdade, não. Eu sou feliz aqui. Porquê desejar outro universo, se este tem cães? Os cães são cães aqui e são cães em Londres. Eu tinha vaga, sabes? Tinha entrado na Faculdade de Medicina Veterinária em Glasgow. E ainda lá estive durante uma semana, mas sentia demasiado a falta dos meus cães. Depois o

meu pai perdeu o emprego e deixou de haver dinheiro para eu poder voltar. Foi por isso que não cheguei a estudar Veterinária. E eu queria *mesmo* muito ser veterinário. Mas não me arrependo. Tenho uma boa vida. Tenho bons amigos. E tenho os meus cães.

Nora sorriu. Gostava de Dylan, ainda que duvidasse que fosse capaz de se sentir tão atraída por ele como aquela outra Nora. Ele era uma boa pessoa, e as boas pessoas são uma coisa rara.

Quando iam a chegar ao restaurante, viram um homem alto de cabelo escuro com equipamento de corrida a correr na direção deles. Nora passou por um momento de desorientação até perceber que era Ash — o Ash que tinha sido cirurgião e cliente na Teoria das Cordas, que a convidara para beber café, que a confortara no hospital e lhe batera à porta, num outro mundo, na noite anterior, para lhe dizer que *Voltaire* estava morto. Parecia uma memória tão recente, e, no entanto, era uma recordação só sua. Ele estava obviamente a treinar para a meia-maratona de domingo. Não havia qualquer motivo para acreditar que o Ash daquela vida fosse diferente daquele da sua vida de base, a não ser pela possibilidade de não ter encontrado *Voltaire* morto na noite anterior. Ou talvez isso tivesse acontecido, embora *Voltaire* provavelmente não se chamasse *Voltaire*.

— Olá — disse ela, esquecendo-se em que linha temporal estava a viver.

E Ash sorriu-lhe, mas foi um sorriso confuso. Confuso, porém bondoso, o que de certa forma ainda fez com que Nora se sentisse mais constrangida. Porque era evidente que naquela vida

ele não lhe tinha batido à porta, nunca a convidara para beber café nem comprara livros de pautas de Simon & Garfunkel.

— Quem era? — perguntou Dylan.

— Oh, só alguém que conheci numa outra vida.

Dylan ficou confuso, mas sacudiu a confusão como se fosse chuva.

Estavam à porta do restaurante.

²No original, as últimas frases referem-se a canções. *Don't Think Twice, It's All Right*, de Bob Dylan, *You Can Go Your Own Way*, dos Fleetwood Mac, e *God Only Knows*, dos Beach Boys. [N. T.]

Um Jantar com Dylan

O restaurante La Cantina não tinha mudado quase nada.

Nora teve um *flashback* da noite em que ali levou Dan, na sua primeira visita a Bedford, há vários anos. Ficaram sentados numa mesa do canto e beberam margaritas a mais enquanto falavam do seu futuro como casal. Fora a primeira vez que Dan falara do seu sonho de ter um *pub* e viver no campo. Naquela altura, estavam na iminência de começarem a viver juntos, como ela e Dylan aparentemente se preparavam para fazer naquela vida. Agora que se lembrava, Dan tinha sido bastante desagradável com o empregado de mesa, o que Nora compensara com sorrisos em excesso. Era uma das regras da vida — *Nunca confies em alguém que é voluntariamente mal-educado para aqueles que prestam serviços* —, e Dan falhara nessa regra, assim como em tantas outras. Nora era forçada a admitir que a sua primeira escolha de restaurante não teria sido o La Cantina.

— Adoro este lugar — disse Dylan, olhando em redor para a decoração confusa e garrida em tons de vermelho e amarelo. Ela questionou-se silenciosamente se haveria algum sítio que Dylan não adorasse. Ele parecia o tipo de pessoa que se sentaria num campo perto de Chernobyl e ficaria maravilhado com a paisagem tão bonita.

Enquanto comiam tacos de feijão, conversaram sobre cães e sobre a escola. Dylan tinha andado dois anos abaixo de Nora e lembrava-se dela principalmente como «a rapariga que nadava muito bem». Até se lembrava da assembleia-geral — uma recordação que Nora fazia por reprimir há muito tempo —, quando ela tinha sido chamada ao palco para receber um diploma por ser uma representante excecional da escola de Hazeldene. Agora que pensava nisso, esse foi provavelmente o momento em que começou a rejeitar a natação. O momento em que descobriu que era mais difícil estar com os amigos, o mesmo em que se sentiu a resvalar para as margens da vida escolar.

— Eu costumava ver-te na biblioteca durante os intervalos — disse ele, a sorrir com a recordação. — Lembro-me de te ver a jogar xadrez com aquela bibliotecária que lá trabalhava... como é que ela se chamava?

— A Sra. Elm — respondeu Nora.

— Isso! A Sra. Elm! — E a seguir disse uma coisa ainda mais extraordinária. — Ainda no outro dia a vi.

— Viste?

— Vi. Estava em Shakespeare Road. Ia acompanhada por uma pessoa com bata de enfermeiro. Acho que estava a regressar ao lar depois de ter ido dar um passeio. Estava com um aspeto muito frágil. Muito velhinha.

Por qualquer razão, Nora presumira que a Sra. Elm tinha morrido há anos, e a versão que encontrava sempre na biblioteca tornara essa ideia ainda mais provável, já que aquela Sra. Elm era exatamente a mesma que trabalhava na escola e que ficara

preservada na memória de Nora como um mosquito em âmbar.

— Oh, não. Pobre Sra. Elm. Eu adorava-a.

Saloon das Últimas Oportunidades

Depois do jantar, Nora foi para casa de Dylan para verem o tal filme do Ryan Bailey. Tinham uma garrafa de vinho a meio que o restaurante os deixara levar para casa. A justificação que Nora deu a si mesma para ir a casa de Dylan era que ele parecia ser querido e genuíno e provavelmente iria revelar-lhe muito sobre aquela sua vida sem ela precisar de procurar muito fundo.

Ele vivia numa pequena moradia em banda, que herdara da mãe, na Huxley Avenue. A casa tornava-se ainda mais pequena com o número de cães que ali viviam. Nora conseguia contar cinco, mas era provável que estivessem mais alguns no piso de cima. Ela sempre imaginara que gostava do cheiro a cão, mas ali percebeu que havia limites para esse gosto.

Quando se sentou no sofá, sentiu qualquer coisa rija por baixo de si — era um aro de plástico para os cães roerem. Pô-lo na alcatifa ao lado dos outros brinquedos todos. Um osso de mastigar. Uma bola amarela de esponja já com pedaços em falta. Um peluche meio massacrado.

Um *chihuahua* com cataratas tentou copular com a perna direita de Nora.

— Para com isso, *Pedro* — disse Dylan a rir-se, enquanto puxava a pequena criatura para longe dela.

Um outro cão, um terra-nova gigante e gorducho com pelo cor de avelã, estava sentado ao lado de Nora no sofá, a lambe-lhe a orelha com a sua língua do tamanho de um chinelo de quarto, e por isso Dylan teve de se sentar no chão.

— Queres vir para o sofá?

— Não. Estou ótimo no chão.

Nora não insistiu. Na verdade, ficou muito aliviada. Fazia com que fosse menos constrangedor ver o filme. O terra-nova acabou por parar de lhe lambe a orelha e deitou a cabeça no seu colo. Ela sentiu-se... bem, não exatamente feliz, mas também não estava deprimida.

Porém, enquanto via o Ryan Bailey dizer à sua amada televisiva que «A vida é para ser vivida, docinho» e Dylan a informava de que estava a pensar deixar *outro* cão dormir com ele na cama (*Ele chora a noite toda. Quer estar com o seu papá*), Nora percebeu que também não estava muito encantada com aquela vida.

Além disso, Dylan merecia a outra Nora. Aquela que se apaixonara por ele. Esta era uma sensação nova — como se estivesse a tirar o lugar a alguém.

Depois de perceber que naquela vida tinha uma enorme resistência ao álcool, serviu-se de um pouco mais de vinho. Era um *Zinfandel* bastante fraco, da Califórnia. Começou a ler o rótulo, na parte de trás da garrafa. Por algum motivo, tinha uma pequena autobiografia de uma mulher e de um homem, Janine e

Terence Thornton, os donos da vinha que produzira aquele vinho. Nora leu a última frase: *Quando nos casámos, sempre sonhámos um dia ter a nossa própria vinha. E agora realizámos esse sonho. Aqui em Dry Creek Valley, a nossa vida é tão saborosa como um copo de Zinfandel.*

Afagou o pelo do terra-nova e disse-lhe baixinho «Adeus», enquanto deixava Dylan e os seus cães para trás.

Vinha Buena Vista

Na visita seguinte à Biblioteca da Meia-Noite, a Sra. Elm ajudou Nora a encontrar a vida que mais se assemelhava àquela vida descrita no rótulo da garrafa de vinho. Para isso, entregou-lhe um livro que a levou até à América.

Nessa vida, Nora chamava-se Nora Martínez e era casada com um americano de origem mexicana de olhos cintilantes chamado Eduardo, um homem de 40 e poucos anos que conhecera durante o ano de pausa que se arrependia de não ter tirado a seguir à faculdade. Após ler um artigo da *Wine Enthusiast* emoldurado na sala de provas forrada a carvalho, Nora ficou a saber que os pais dele tinham morrido num acidente de barco e que Eduardo recebera uma pequena herança. Com o dinheiro, haviam comprado uma minúscula vinha na Califórnia. Tinham-se saído tão bem — particularmente com as variedades de *Syrah* — que três anos depois haviam conseguido comprar a vinha que um vizinho pusera à venda. O estabelecimento vinícola, localizado no sopé das Montanhas Santa Cruz, chamava-se Vinha Buena Vista, e o casal tinha um filho chamado Alejandro, que frequentava um colégio interno perto de Monterey Bay.

A maior parte dos seus rendimentos provinha dos passeios turísticos. Ao bater de cada hora chegavam autocarros lotados.

Era bastante fácil improvisar, já que os turistas acreditavam praticamente em tudo. Era mais ou menos assim: Eduardo decidia que vinhos ia servir antes de cada autocarro chegar e entregava as garrafas a Nora.

— Uau, Nora, *despacio*, isso é *un poco* de mais — ralhava, bem-disposto, no seu inglês misturado com espanhol, quando ela era um pouco liberal com as medidas.

Depois, quando os turistas chegavam, Nora cheirava os vinhos. Girava-os nos copos e provava-os, tentando imitar Eduardo ao dizer o que era adequado.

«Este vinho tem um bouquet amadeirado» ou «Reparem nos aromas vegetais — nas amoras vivas e robustas e nas nectarinas fragrantes, que se equilibram perfeitamente com os ecos de carvão.»

Cada uma das vidas que ela experimentara transmitia uma sensação diferente, como partes distintas da mesma sinfonia, e aquela parecia-lhe bastante arrojada e animadora. Eduardo tinha uma natureza incrivelmente doce e o casamento dos dois parecia ser muito bem-sucedido. Talvez até o suficiente para rivalizar com o do casal do rótulo da garrafa de vinho fraco que bebera com Dylan, enquanto o cão gigantesco dele lhe lambia a orelha. Até se lembrava dos nomes deles. Janine e Terence Thornton. Sentia que também ela se encontrava agora a viver num rótulo de garrafa. E tinha um aspeto a condizer. Cabelo californiano perfeito, dentes de aspeto caro, bronzeada e saudável, apesar das quantidades substanciais de *Syrah* que presumivelmente

consumia. Tinha um abdómen rijo e plano que sugeria horas de pilates todas as semanas.

No entanto, naquela vida não era apenas fácil fingir conhecimentos vinícolas. Era fácil fingir *tudo*, o que podia ter sido um sinal de que a chave para a sua união aparentemente bem-sucedida com Eduardo era o facto de ele não estar a prestar atenção suficiente.

Depois de os últimos turistas partirem, Eduardo e Nora sentaram-se na rua, sob as estrelas, com um copo do seu próprio vinho na mão.

— Os fogos em LA foram finalmente controlados — disse-lhe ele.

Nora pôs-se a pensar em quem viveria na casa de Los Angeles que tinha na sua vida como estrela de *rock*.

— É um alívio.

— Pois é.

— Não é linda? — perguntou ela, olhando para o céu límpido e cheio de constelações.

— O quê?

— A galáxia.

— É.

Ele estava a mexer no telemóvel e não disse muito mais. A seguir pousou-o e continuou sem dizer grande coisa.

Nora conhecera três tipos de silêncios nas suas relações. Havia o silêncio passivo-agressivo, claro, havia o silêncio de quem já não tem nada para dizer ao outro, e depois aquele silêncio que ela

e Eduardo pareciam ter cultivado. O silêncio de não *precisar* de falar. De estarem simplesmente juntos, de *existirem* juntos. Da mesma forma que podíamos ser felizes e silenciosos connosco mesmos.

Ainda assim, ela queria conversar.

— Nós somos felizes, não somos?

— Porque perguntas?

— Oh, eu sei que somos felizes. Só que às vezes gosto de te ouvir dizê-lo.

— Nós somos felizes, Nora.

Ela bebeu um gole de vinho e olhou para o marido. Ele estava de camisola, apesar de o tempo estar ameno. Ficaram na rua durante mais algum tempo e depois ele foi para a cama antes dela.

— Vou ficar aqui só mais um bocadinho.

Eduardo não pareceu importar-se e foi-se embora depois de lhe dar um beijo leve no cimo da cabeça.

Ela pegou no copo de vinho e caminhou por entre as vinhas iluminadas pelo luar.

Olhou para o céu cheio de estrelas.

Não havia absolutamente nada de errado com aquela vida, mas Nora sentia dentro de si um desejo de outras coisas, outras vidas, outras possibilidades. Sentia que ainda estava a planar no ar, ainda não estava pronta para aterrar. Talvez fosse mais parecida com Hugo Lefèvre do que pensara. Talvez ela pudesse passar pelas vidas com a mesma facilidade com que folheava as páginas de um livro.

Engoliu o resto do vinho, sabendo que no dia seguinte não estaria de ressaca.

— Terra e madeira — disse para si mesma. Fechou os olhos.

Já não faltava muito tempo.

Já não faltava tempo nenhum.

Deixou-se ficar ali, à espera de desaparecer.

As Muitas Vidas de Nora Seed

Nora acabou por entender uma coisa. Algo que Hugo nunca lhe explicara inteiramente naquela cozinha em Svalbard. Não era necessário apreciar todos os aspetos de cada vida para continuar a ter a possibilidade de a experimentar. Bastava nunca desistir da ideia de que algures existiria uma vida que podia ser apreciada. Da mesma forma, apreciar uma vida não implicava que se ficasse obrigatoriamente nela. Só se permaneceria para sempre numa vida se não se conseguisse imaginar uma vida melhor e, paradoxalmente, quantas mais vidas se experimentasse, mais fácil se tornava pensar que podia haver uma melhor, já que a imaginação se ampliava um pouco mais a cada nova vida experimentada.

Por isso, com o tempo e sempre com a ajuda da Sra. Elm, Nora tirou muitos livros das prateleiras e acabou por saborear um pouco de muitas vidas diferentes enquanto procurava pela ideal. Aprendeu que desfazer arrependimentos era, na verdade, uma forma de realizar desejos. Afinal, *quase* todas as vidas que ela podia viver existiam algures no Universo.

Numa das vidas, passara algum tempo sozinha em Paris, dava aulas num colégio em Montparnasse e passeava de bicicleta ao longo do Sena ou lia muitos livros nos bancos dos parques.

Noutra vida, era professora de yoga e tinha tanta flexibilidade de pescoço que parecia uma coruja.

Numa vida continuara a nadar, mas nunca almejara aos Jogos Olímpicos. Nadava apenas por diversão. Nessa vida era salva-vidas num *resort* em Sitges, perto de Barcelona, falava fluentemente catalão e castelhano e tinha uma melhor amiga hilariante que se chamava Gabriela que a ensinara a surfar e com quem partilhava um apartamento a cinco minutos da praia.

Havia uma existência em que Nora perseguira a escrita de ficção, com que brincara ocasionalmente nos tempos de faculdade, tendo os seus livros publicados. O seu romance *A Forma do Arrependimento* recebera críticas maravilhosas e era finalista de um grande prémio literário. Nessa vida, tinha almoçado num restaurante desanimadoramente banal de um clube privado no Soho com dois produtores afáveis e descontraídos da Magic Lantern Productions que queriam comprar os direitos do livro para fazer um filme. Ela acabara por se engasgar com um pedaço de pão azimo, derrubando o copo de vinho tinto por cima das calças de um dos produtores e arruinando a reunião.

Numa outra vida tinha um filho adolescente chamado Henry, que nunca chegou a conhecer como deve ser porque ele estava sempre a fechar-lhe as portas na cara.

Noutra vida era pianista e dava concertos. Estava atualmente em digressão pela Escandinávia e tocava noite após noite para plateias enfeitiçadas (e desvaneceu-se de regresso à Biblioteca da

Meia-Noite enquanto fazia uma interpretação desastrosa do Concerto N.º 2 de Chopin no Finlândia Hall, em Helsínquia).

Numa das vidas só comia torradas.

Numa das vidas estudou em Oxford e tornou-se professora catedrática de Filosofia no Saint Catherine's College, vivia sozinha numa bonita casa de estilo georgiano localizada numa zona nobre e estava rodeada por um ambiente de respeitabilidade serena.

Numa outra vida, Nora era um oceano de emoções. Sentia tudo de forma profunda e direta. Todas as alegrias, todas as mágoas. Um único instante continha em simultâneo um prazer intenso e uma dor imensa, como se ambas as emoções dependessem uma da outra, como um pêndulo em movimento. Bastava dar um simples passeio na rua e podia sentir uma tristeza pesada só porque o sol se escondera atrás de uma nuvem. Porém, no espectro oposto, encontrar um cão que estava claramente grato pela sua atenção fazia-a sentir-se exultante de uma forma que parecia prestes a derreter, tal era a alegria que a inundava. Nessa vida tinha um livro de poemas de Emily Dickinson na mesa de cabeceira e uma lista de músicas chamada «Estados Extremos de Euforia» e outra com o título «A Cola Que Me Conserta Quando Estou Despedaçada».

Numa vida era uma vlogger de viagens com um milhão e 750 mil subscritores no seu canal de *YouTube* e quase tantos seguidores no *Instagram*. O seu vídeo mais popular era um em que caíra de uma gôndola em Veneza. Também tinha outro passado em Roma que se chamava «A Roma Terapia».

Numa vida era mãe solteira de um bebé que literalmente não conseguia dormir.

Numa vida geria a coluna de entretenimento de um tabloide e escrevia histórias sobre os romances do Ryan Bailey.

Numa vida era a editora de fotografia da *National Geographic*.

Numa vida era uma arquiteta ecológica bem-sucedida que tinha uma existência com uma pegada ecológica neutra, porque vivia num *bungalow* que recolhia água da chuva e funcionava a energia solar.

Numa vida fazia trabalho humanitário no Botswana.

Numa vida tomava conta de gatos.

Numa vida era voluntária num centro de acolhimento para pessoas sem-abrigo.

Numa vida dormia no sofá da sua única amiga.

Numa vida ensinava música em Montreal.

Numa vida passava o dia inteiro no *Twitter* a discutir com pessoas que não conhecia e acabava uma boa porção dos seus *tweets* com a mensagem «façam melhor», enquanto se apercebia secretamente de que também dava a si mesma esse conselho.

Numa vida não tinha conta em nenhuma rede social.

Numa vida nunca tinha bebido álcool.

Numa vida era campeã de xadrez, atualmente de visita à Ucrânia para participar num torneio.

Numa vida era casada com um membro pouco importante da Família Real e detestava cada instante.

Numa vida só tinha citações de Rumi e Lao Tzu nas suas contas

de Facebook e Instagram.

Numa vida já ia no terceiro marido e estava novamente aborrecida.

Numa vida era uma halterofilista *vegan*.

Numa vida andava a viajar pela América do Sul e foi apanhada por um terramoto no Chile.

Numa vida tinha uma amiga chamada Becky que, sempre que lhe acontecia alguma coisa boa, dizia «Oh, que baril!».

Numa vida voltou a encontrar Hugo, a mergulhar na costa da Córsega, e falaram de mecânica quântica, embebedaram-se num bar de praia até ele saltar daquela vida a meio de uma frase, deixando-a a falar com um Hugo confuso que nem se lembrava do nome dela.

Nalgumas vidas, Nora atraía muitas atenções. Noutras não atraía atenção alguma. Nalgumas vidas era rica. Noutras era pobre. Nalgumas vidas era saudável. Noutras não conseguia subir um lance de escadas sem ficar ofegante. Nalgumas vidas tinha um relacionamento, noutras estava sozinha, em muitas estava algures a meio. Nalgumas vidas era mãe, mas na maior parte delas, não.

Já tinha sido estrela de rock, campeã olímpica, professora de música, professora primária, diretora executiva, assistente pessoal, *chef* de cozinha, glacióloga, climatóloga, acrobata, plantadora de árvores, responsável de auditorias, cabeleireira, passeadora de cães profissional, escriturária, produtora de software, rececionista, empregada de limpeza num hotel, política,

advogada, já roubara em lojas, fora chefe de uma associação de proteção dos oceanos, empregada numa loja (outra vez), empregada de mesa, supervisora de primeira linha, sopradora de vidro e mil outras coisas. Tinha feito viagens diárias horríveis de carro, de autocarro, de comboio, de *ferry*, de bicicleta e a pé. Recebera e-mails que nunca mais acabavam. Tinha tido um patrão de 53 anos com halitose que lhe tocara na perna por baixo da mesa e lhe enviara uma fotografia do pénis por mensagem. Tinha tido colegas que haviam mentido a seu respeito, colegas que a adoravam e colegas que lhe eram inteiramente indiferentes (a maioria). Em muitas vidas escolheu não trabalhar e noutras não trabalhava porque não conseguia arranjar emprego. Nalgumas vidas ela dava um murro na mesa, noutras sacudia apenas as partículas de poeira. Já tinha tido qualificações a mais — e a menos. Dormira maravilhosamente e terrivelmente. Nalgumas vidas tomava antidepressivos, noutras nem de um ibuprofeno para a dor de cabeça precisava. Nalgumas vidas era uma hipocondríaca fisicamente saudável, noutras era uma hipocondríaca seriamente doente, mas na maior parte das vidas não era hipocondríaca de todo. Havia uma vida em que sofria de fadiga crónica, outra em que tinha cancro, outra ainda em que tivera um acidente de carro que resultara numa hérnia discal e algumas costelas partidas.

Em suma, tinha vivido muitas vidas.

E nessas vidas chorara e rira, sentira-se calma, aterrorizada e todas as emoções que existem entre um estado e o outro.

E entre essas vidas encontrava sempre a Sra. Elm na biblioteca.

Inicialmente, parecia que quantas mais vidas experimentava, menos problemas havia com as transferências. A biblioteca nunca parecia estar na iminência de desabar, de se desmoronar ou de desaparecer completamente. Durante todas as transferências, as lâmpadas nem sequer tremeluziram. Era como se ela tivesse atingido um estado de aceitação sobre a vida — que se existisse uma má experiência, isso não significava que só existiam más experiências. Percebeu que não tentara acabar com a vida porque se sentia infeliz, mas sim porque conseguira de alguma forma convencer-se a si mesma de que não havia outra forma de acabar com a infelicidade.

Presumia que essa era a base da depressão, assim como a diferença entre o medo e o desespero. O medo acontecia quando entrávamos numa cave e nos preocupávamos com a possibilidade de a porta se fechar atrás de nós. O desespero acontecia quando a porta se fechava.

Mas com cada nova vida, Nora via essa porta metafórica a abrir-se um pouco mais, à medida que se tornava melhor a usar a sua imaginação. Por vezes estava numa vida menos de um minuto, enquanto noutras ficava dias ou semanas. Parecia que quantas mais vidas vivia, mais difícil se tornava sentir-se em casa.

O problema é que, a certa altura, Nora começou finalmente a perder a noção de quem era de verdade. Como uma palavra murmurada de ouvido em ouvido, até o seu nome começar a assemelhar-se apenas a um ruído, desprovido de significado.

— Não está a funcionar — disse ela a Hugo, na última conversa decente que teve com ele no bar da Córsega. — Já não é divertido. Eu não sou como tu. Preciso de um sítio onde possa lançar raízes. Mas o solo nunca é suficientemente estável.

— A diversão está em saltar de um lado para o outro, *mon amie*.

— Então e se estiver na aterragem?

Foi nesse instante que ele regressou ao seu purgatório em forma de videoclube.

— Desculpa — disse-lhe o outro Hugo, enquanto bebia vinho de costas viradas para o sol. — Mas esqueci-me de quem tu és.

— Não faz mal — disse ela. — Também eu.

A seguir também ela se desvaneceu, como o sol que acabara de ser engolido pelo horizonte.

Perdida na Biblioteca

— Sra. Elm?

— Sim, Nora, o que foi?

— Está escuro.

— Sim, já tinha reparado.

— Não é bom sinal, pois não?

— Não — respondeu a Sra. Elm com uma voz frustrada. — Sabes perfeitamente que não é bom sinal.

— Não posso continuar.

— Dizes sempre isso.

— Acabaram-se-me as vidas. Já fui tudo. E mesmo assim, acabo por vir parar aqui. Há sempre qualquer coisa que me impede de apreciar. Sempre. Sinto-me uma ingrata.

— Bem, não devias. E não se te acabou nada. — A Sra. Elm fez uma pausa e suspirou. — Sabias que de cada vez que escolhes um livro ele já não regressa à biblioteca?

— Sabia.

— É por isso que não podes regressar à vida que acabaste de experimentar. Tem de haver sempre uma... variação qualquer no tema. Na Biblioteca da Meia-Noite não podes requisitar o mesmo livro duas vezes.

— Não estou a perceber.

— Então, mesmo no meio da escuridão, sabes que estas estantes estão tão cheias como da última vez que olhaste. Toca-lhes, se quiseres.

Nora não lhes tocou.

— Sim, eu sei que sim.

— Estão tão cheias como estavam quando aqui chegaste, não estão?

— Não estou a...

— Isso quer dizer que ainda tens tantas vidas possíveis como sempre tiveste. Na verdade, o número é infinito. As possibilidades nunca se esgotam.

— Mas a nossa vontade de as viver pode esgotar-se.

— Oh, Nora...

— O que foi?

Seguiu-se uma pausa na escuridão. Nora tocou na minúscula luz do relógio para ver as horas.

00:00:00

— Não quero parecer mal-educada, mas acho que és capaz de ter perdido um pouco — disse, finalmente, a Sra. Elm.

— Não foi exatamente por isso que vim parar à Biblioteca da Meia-Noite? Porque estava perdida?

— Bem, sim. Mas agora estás *perdida dentro do teu próprio desnorte*. O que é o mesmo que dizer que estás extremamente perdida. Assim não vais conseguir encontrar a vida que queres viver.

— E se essa vida nunca existir? E se eu estiver... encurralada?

— Enquanto houver livros na biblioteca, jamais ficarás encurralada. Cada livro é uma fuga em potência.

— Eu não entendo mesmo a vida — queixou-se Nora.

— Não precisas de *entender* a vida. Só tens de a *viver*.

Nora abanou a cabeça. Aquilo era um pouco de filosofia a mais para o seu cérebro assimilar.

— Mas eu não quero que seja assim — disse-lhe Nora. — Não quero ser como o Hugo. Não quero andar eternamente a saltitar de uma vida para a outra.

— Muito bem. Então precisas de me ouvir com muita atenção. Queres o meu conselho ou não?

— Sim, é claro que quero. Parece-me um pouco tarde demais, mas sim, Sra. Elm, ficaria muito grata se me desse um conselho para resolver isto.

— Certo. Então, muito bem. Eu acho que chegaste a um ponto em que já consegues distinguir a madeira das árvores.

— Não sei exatamente a que se refere.

— Estás correta quando pensas nessas vidas como um piano no qual estás a tocar músicas que não são exatamente aquilo que tu és. Estás a esquecer-te de quem és. Ao tornares-te toda a gente, estás a transformar-te em ninguém. Estás a esquecer-te da tua vida de base. Estás a esquecer o que funcionava bem para ti e o que não funcionava. Estás a esquecer os teus arrependimentos.

— Mas já percorri os meus arrependimentos.

— Não. Todos, não.

— Bem, não passei por todos, até ao mais ínfimo. É óbvio que

não.

- Tens de olhar novamente para o *Livro dos Arrependimentos*.
- Como posso fazê-lo no meio desta escuridão?
- Podes porque tu já conheces o livro todo. Porque ele está dentro de ti. Exatamente como... eu.

Foi então que se lembrou de que Dylan lhe tinha contado que tinha visto a Sra. Elm perto do lar. Pensou em contar-lhe isso, mas acabou por decidir não o fazer.

- Está bem.
- Nós só conhecemos aquilo que percebemos. Tudo o que experimentamos é, em última análise, apenas a nossa perceção da experiência. «Não importa para onde olhamos, importa o que vemos.»

- Conhece Thoreau?
- É claro que conheço. Se tu conheces.
- O problema é que já não sei do que me arrependo.
- Muito bem, então vamos ver. Dizes que eu sou apenas uma perceção. Então porque pensaste em mim? Porque sou eu, a Sra. Elm, a pessoa que vês agora?

- Não sei. Porque a senhora era alguém em quem eu confiava. Era bondosa para mim.

- A bondade é uma energia muito forte.
- E rara.
- Podes andar a procurar nos sítios errados.
- Talvez.

A escuridão foi perfurada pelo brilho débil das lâmpadas que ia

aumentando de intensidade um pouco por toda a biblioteca.

— Então, em que outro ponto da tua vida de base encontraste essa energia? A bondade?

Nora lembrou-se da noite em que Ash lhe bateu à porta. Talvez apanhar um gato morto da beira da estrada, levá-lo à chuva até ao pequeno jardim das traseiras e enterrá-lo por ela — porque Nora estava a chorar desalmadamente de dor — não fosse o arquétipo do romantismo. Mas prescindir de 40 minutos da sua corrida e ajudar alguém que precisava em troca de um simples copo de água qualificava-se certamente como bondade.

Na altura, não conseguira apreciar devidamente a bondade dele. A dor e o desespero que sentia eram demasiado fortes. Mas agora que pensava nisso, tinha sido verdadeiramente extraordinário da parte dele.

— Acho que já sei — disse ela. — Estava mesmo à minha frente, na noite em que tentei suicidar-me.

— Na noite passada, queres tu dizer?

— Sim, acho que sim. O Ash. O cirurgião. A pessoa que encontrou o Volts. Ele uma vez convidou-me para ir beber café. Há anos. Quando eu ainda estava com o Dan. Disse-lhe que não porque... Bem, porque estava com o Dan. Mas e se não estivesse? E se tivesse acabado a relação com o Dan e aceitado ir beber café com o Ash? E se me tivesse atrevido a aceitar o convite naquele sábado, com a loja toda a olhar para nós? Porque deve haver uma vida em que eu naquele momento era solteira e respondi o que queria realmente responder; em que disse «Sim, gostava muito de

ir beber um café contigo, Ash, seria ótimo.» Uma vida em que eu escolhi o Ash. Gostava de experimentar essa vida. Onde me teria ela levado?

Então, na penumbra, distinguiu o som familiar das prateleiras a começarem a movimentar-se, lentamente, com estalidos, depois mais depressa, com movimentos mais suaves, até que a Sra. Elm encontrou o livro — a vida — em questão.

— *Aqui está.*

Uma Pérola na Concha

Abriu os olhos depois de um sono leve e a primeira coisa em que reparou é que se sentia incrivelmente cansada. Mesmo no escuro, conseguia ver uma moldura na parede. A única coisa que era capaz de distinguir era a forma abstrata de uma árvore. Não era uma árvore alta e ondulante. Era uma espécie mais baixa e florida.

Ao seu lado encontrava-se um homem a dormir. Como ele estava virado de costas para ela e praticamente escondido por baixo do edredão, era impossível perceber se se tratava de Ash ou não.

De certa forma, aquela situação parecia-lhe mais estranha do que era habitual. É claro que estar na mesma cama com um homem com quem a única coisa que fizera fora enterrar um gato e ter algumas conversas interessantes enquanto ela estava atrás do balcão de uma loja de música iria parecer sempre estranho numa vida normal. Mas desde que entrara na Biblioteca da Meia-Noite que Nora se fora habituando ao peculiar.

Do mesmo modo que era possível que aquele homem fosse Ash, era igualmente possível que não fosse. Não havia como prever todos os resultados futuros, depois de tomar uma única decisão. Sair com Ash para beber café podia ter tido como resultado Nora

apaixonar-se, por exemplo, pelo homem que lhes serviu o café. Essa era simplesmente a natureza imprevisível da física quântica.

Sentiu uma aliança no dedo.

Uma aliança e um anel.

O homem virou-se.

Um braço aterrou em cima dela na escuridão e Nora pegou suavemente nele para tornar a pousá-lo sobre o edredão. A seguir levantou-se. O seu plano era descer até ao piso de baixo e deitar-se no sofá, para pesquisar um pouco sobre si no telemóvel.

Era um facto curioso que, não obstante quantas vidas tivesse vivido, e a diferença entre essas mesmas vidas, ter o telemóvel sempre ao seu lado na cama era uma constante. Naquela vida não era diferente, por isso agarrou nele e esgueirou-se sorrateiramente do quarto. Quem quer que fosse o homem, estava a dormir profundamente e nem se mexeu.

Nora observou-o.

— Nora? — murmurou ele, meio adormecido.

Era ele. Tinha quase a certeza de que era Ash.

— Vou só à casa de banho — disse ela.

Ele articulou qualquer coisa que lhe soou a «está bem» e voltou a adormecer.

Então, ela atravessou suavemente as tábuas do soalho. Mas assim que abriu a porta e saiu do quarto, quase morreu de susto.

Porque ali à sua frente, sob a luz difusa do patamar, estava outro ser humano. Pequenino. Em tamanho de criança.

— Mamã, tive um pesadelo.

Com a luz suave da lâmpada do corredor, Nora conseguiu ver

que era uma menina, o seu cabelo fino despenteado do sono com algumas madeixas coladas à testa pegajosa.

Nora não disse nada. Aquela era a sua filha.

Como podia dizer alguma coisa?

A nova e familiar pergunta instalou-se novamente: Como podia ela entrar numa vida à qual chegara com anos de atraso? Nora fechou os olhos. As outras vidas em que ela tinha tido filhos só haviam durado alguns minutos. Aquela já estava a atravessar território desconhecido.

O seu corpo estremecia com o que quer que estivesse a tentar guardar dentro de si. Não a queria ver. Não apenas por si, mas também pela menina. Parecia-lhe quase uma traição. Nora era a mãe dela, porém, na verdade, de uma forma ainda mais importante e significativa: não era. Era apenas uma mulher desconhecida numa casa desconhecida, diante de uma criança desconhecida.

— Mamã, estás a ouvir-me? Tive um pesadelo.

Ouviu o homem a mexer-se na cama. Se ele acordasse completamente, a situação ficaria ainda mais desconfortável. Por isso, Nora decidiu falar com a criança.

— Oh, mas que pena — murmurou. — Sabes que os pesadelos não são reais. São apenas sonhos.

— Mas este era sobre ursos.

Nora fechou a porta do quarto.

— Sobre ursos?

— Por causa da história.

— Ah, pois, a história. Vamos, vou levar-te novamente para a tua

cama... — Apercebeu-se de que as suas palavras soavam estranhas. — Querida — acrescentou, questionando-se sobre o que chamaria à sua filha naquele universo. — Aqui não há ursos.

— Só de peluche.

— Exatamente, só de...

A menina ficou um pouco mais desperta. Os seus olhos brilhavam. Olhou para a mãe e, por um instante, Nora sentiu que era isso que era. A mãe dela. Sentiu a estranheza de estar ligada ao mundo através de outra pessoa.

— Mamã, o que estás a fazer?

Estava a falar mais alto, daquela maneira profundamente séria que as crianças de 4 anos (não podia ser muito mais velha) conseguiam ser.

— Chiu — disse Nora. Precisava mesmo de descobrir o nome da menina. Os nomes tinham poder. Se não soubesse o nome da própria filha, então não tinha controlo absolutamente nenhum sobre aquela vida. — Escuta — murmurou. — Vou só lá abaixo fazer uma coisa. Vai andando para a tua cama.

— Mas os ursos...

— Aqui não há ursos nenhuns.

— Nos meus sonhos há.

Nora lembrou-se do urso-polar a dirigir-se rapidamente a ela por entre o nevoeiro. Lembrou-se do medo que sentiu. Do desejo que a invadiu, naquele momento súbito, de continuar a viver.

— Desta vez já não vai haver, prometo.

— Mamã, porque é que estás a falar assim?

— Assim como?

— Assim.

— A murmurar?

— Não.

Nora não fazia ideia de como a menina achava que ela estava a falar. Não sabia qual era a diferença entre a Nora que era e a Nora mãe. A maternidade afetava a forma como as pessoas falavam?

— Como se estivesse assustada — esclareceu a menina.

— Eu não estou assustada.

— Quero que alguém me segure a mão.

— O quê?

— Quero que alguém me segure a mão.

— Certo.

— Que mamã tontinha!

— Sim, sim, muito tontinha.

— Eu estou mesmo assustada.

Disse isto baixinho, casualmente. Foi então que Nora olhou para ela. Que olhou verdadeiramente para ela. A menina parecia-lhe completamente desconhecida e ao mesmo tempo completamente familiar. Nora sentiu uma onda estranha a surgir dentro de si, algo poderoso e preocupante.

A menina estava a olhar para ela de uma forma que nunca ninguém olhara. Era assustadora, a emoção. Ela tinha a boca de Nora. E aquele olhar ligeiramente perdido que por vezes as pessoas lhe atribuíam. Era linda e era sua — ou mais ou menos sua —, por isso, Nora sentiu uma onda de amor irracional — uma vaga — e percebeu que, se a biblioteca não fosse ter com ela naquele preciso instante (e não foi), então precisava de fugir.

— Mamã, seguras-me na mão?

— Eu...

A menina pousou a mão sobre a sua. Era tão pequenina e quente. Nora entristeceu-se com a forma como aquela mãozinha se descontraiu na sua, com tanta naturalidade como a de uma pérola dentro da sua concha. Puxou Nora na direção do quarto ao lado — o quarto da menina. Nora fechou a porta quase completamente atrás de si e tentou ver as horas no relógio, mas naquela vida tinha um analógico clássico sem luz, por isso demorou algum tempo a ajustar os olhos à escuridão. Verificou também as horas no telemóvel. Eram 2h23. Por isso, dependendo da hora a que tinha ido para a cama naquela vida, aquela versão do seu corpo não dormira muito. Na verdade, o seu corpo dizia-lhe que não tinha dormido.

— O que acontece quando nós morremos, mamã?

O quarto não estava totalmente às escuras. Pela fresta da porta entrava um raio de luz prateada e havia um candeeiro de rua próximo da janela que emanava um pouco de claridade através das cortinas com cãezinhos. Conseguia ver o retângulo baixo que era a cama. Via também a silhueta de um elefante de peluche no chão. Havia mais brinquedos, era um quarto alegremente atulhado.

Os olhos da menina brilharam para Nora.

— Não sei — disse ela. — Acho que ninguém sabe com certeza.

Ela franziu o sobrolho. Aquela resposta não a satisfazia. Não a satisfazia nem um pouco.

— Ouve — disse Nora —, há uma possibilidade de, antes de

morreres de verdade, poderes viver uma outra vida. Uma vida onde podes ter coisas que não tinhas antes. E até podes escolher a vida que quiseses.

— Isso parece muito bom.

— Mas não precisas de andar muito preocupada com isso. Vais ter uma vida cheia de aventuras excitantes. Vais viver coisas muito felizes!

— Como acampar!

Uma onda de calor irradiou dentro de Nora quando sorriu para a menina tão querida.

— Sim. Como acampar!

— Eu adoro quando vamos acampar!

O sorriso de Nora ainda estava nos lábios, mas sentiu os olhos cheios de lágrimas. Aquela parecia uma boa vida. Tinha a sua própria família. E uma filha que adorava acampar nas férias.

— Escuta — disse, quando se apercebeu de que tão depressa não sairia daquele quarto. — Quando tiveres preocupações sobre coisas do futuro que ainda não conheces, é muito boa ideia recordares as coisas que *conheces*.

— Não percebo — disse a menina, aninhada debaixo do edredão, enquanto Nora se sentava no chão ao lado da cama.

— Bem, é uma espécie de jogo.

— Eu gosto de jogos.

— Então, vamos jogar um jogo?

— Sim. — A sua filha sorriu. — Vamos jogar um jogo.

O Jogo

— Eu pergunto-te uma coisa que já sabemos e tu dás-me a resposta. Por exemplo, se eu te perguntar «Como se chama a mamã?», tu respondes «Nora». Percebeste?

— Acho que sim.

— Então, como te chamas?

— Molly.

— Muito bem. Como se chama o papá?

— Papá!

— Mas qual é o nome dele?

— Ash!

Bem, aquele café foi mesmo um sucesso.

— E onde é que nós vivemos?

— Em Cambridge!

Cambridge. Fazia sentido. Nora sempre gostara de Cambridge, e ficava a menos de 50 quilómetros de Bedford. Ash também devia gostar da cidade. E ainda ficava a uma distância aceitável de Londres, para o caso de ele trabalhar lá. Inicialmente, quando acabou a licenciatura em Bristol, Nora candidatara-se a um mestrado em Filosofia e haviam-lhe oferecido uma vaga na Caius College.

— Em que parte de Cambridge? Consegues lembrar-te? Como

se chama a nossa rua?

— Nós vivemos na Bol... Bolton Road.

— Muito bem! E tu tens algum irmão ou irmã?

— Não!

— A mamã e o papá gostam muito um do outro?

Molly soltou uma pequena gargalhada.

— Gostam!

— Alguma vez gritamos?

A gargalhada tornou-se mais atrevida.

— Às vezes! Principalmente a mamã!

— Desculpa!

— Tu só gritas quando estás mesmo, mesmo, mesmo cansada, mas depois pedes desculpa e fica tudo bem. Se pedires desculpa, fica sempre tudo bem. É o que costumavas dizer.

— A mamã sai para ir trabalhar?

— Sim. Às vezes.

— Ainda trabalho na loja onde conheci o papá?

— Não.

— O que é que a mamã faz quando vai trabalhar?

— Dás aulas às pessoas!

— Como é que ela... Como é que eu dou aulas às pessoas? O que é que lhes ensino?

— Filho... fi-lu-zu-fia.

— Filosofia?

— Foi o que eu disse!

— E ensino Filosofia onde? Na universidade?

— Sim!

— Qual universidade? — Depois lembrou-se de onde viviam. — Na Universidade de Cambridge?

— Exatamente!

Tentou preencher os espaços em branco. Talvez naquela vida tivesse voltado a inscrever-se no mestrado e, depois de o terminar com sucesso, a tivessem convidado para dar aulas na universidade.

De qualquer maneira, se ia fazer *bluff* naquela vida, provavelmente teria de ler mais sobre filosofia. Mas depois Molly disse:

— Mas vais parar.

— Vou parar? Vou parar porquê?

— Para fazeres livros!

— Livros para ti?

— Não, tontinha. Livros para os crescidos.

— Eu estou a escrever um livro?

— Sim! Foi o que eu disse.

— Eu sei. Só estou a tentar fazer com que digas algumas coisas duas vezes. Porque duas vezes é mais divertido. E faz com que os ursos sejam ainda menos assustadores. Está bem?

— Está bem.

— O papá trabalha?

— Sim.

— Sabes qual é o trabalho dele?

— Sim. Ele corta pessoas!

Por breves instantes, esqueceu-se de que Ash era cirurgião e

pôs-se a pensar se teria um assassino em série dentro de casa.

— Ele corta pessoas?

— Sim, ele corta os corpos das pessoas para elas depois ficarem melhores!

— Ah, sim. Claro.

— Ele salva pessoas!

— Pois salva.

— Menos quando está triste porque a pessoa morreu.

— Pois é, isso é triste.

— O papá ainda trabalha em Bedford? Ou trabalha em Cambridge?

Ela encolheu os ombros.

— Em Cambridge?

— Ele toca música?

— Sim, sim, ele toca música. Mas toca muito, muito, muito, muito, muito mal! — Começou a rir-se.

Nora também se riu. A gargalhada de Molly era contagiante.

— E... tens alguns tios ou tias?

— Sim, tenho a tia Jaya.

— Quem é a tia Jaya?

— É a irmã do papá.

— E tens mais alguém?

— Sim, tenho o tio Joe e o tio Ewan.

Nora sentiu-se aliviada por o irmão estar vivo naquela vida. E por estar com o mesmo homem que tinha na sua vida olímpica. E se Molly sabia o nome dele, então ele certamente faria parte das suas vidas.

- Quando foi a última vez que vimos o tio Joe?
- No Natal!
- Tu gostas do tio Joe?
- Sim! Ele é muito engraçado! E deu-me o Panda!
- O Panda?
- O meu melhor amigo de peluche!
- Os pandas também são ursos.
- Mas são ursos simpáticos.

Molly bocejou. Estava a ficar com sono.

- A mamã e o tio Joe gostam um do outro?
- Sim! Estão sempre a falar ao telefone!

Aquilo era interessante. Nora presumira que as únicas vidas em que ainda se dava bem com o irmão eram as vidas em que nunca fizera parte dos The Labyrinths (ao contrário da sua decisão de deixar de nadar, o café com Ash era posterior à sua experiência com a banda musical). Mas isso não encaixava bem na sua teoria. Ela não conseguia deixar de pensar se seria aquela adorável Molly o elo que faltava noutras vidas. Talvez aquela menina que ali se apresentava à sua frente tivesse ajudado a sarar a ferida que se tinha aberto entre ela e o irmão.

- Tens avós?
- Só a avó Sal.

Nora queria perguntar mais sobre a morte dos pais, mas aquela não seria provavelmente a melhor altura.

- És feliz? Quero dizer, quando não estás a pensar em ursos?
- Acho que sim.
- A mamã e o papá são felizes?

— Sim — disse ela, mais devagar. — Às vezes. Quando tu não estás cansada!

— E divertimo-nos muito?

Ela esfregou os olhos.

— Sim.

— Temos algum animal de estimação?

— Sim. O *Platão*.

— Quem é o *Platão*?

— É o nosso cão.

— Que tipo de cão é o *Platão*?

Mas já não obteve resposta, porque Molly adormeceu. Nora ficou ali deitada na alcatifa e fechou os olhos.

Acordou com uma língua a lambe-lhe o rosto.

Um labrador com olhos sorridentes e uma cauda frenética parecia muito entusiasmado ou divertido por a ter encontrado.

— *Platão*? — chamou, sonolenta.

Sou eu, parecia dizer a sua cauda.

Já era de manhã. A luz já entrava livremente pelos cortinados. Os bonecos de peluche — incluindo o Panda e o elefante que Nora identificara durante a noite — ocupavam o seu espaço no tapete. Olhou para a cama que estava vazia. Molly não se encontrava no quarto. E ouviu passos — passos mais pesados do que os de Molly — a subir as escadas.

Sentou-se. Tinha a certeza de que devia estar com um aspeto lastimoso depois de ter dormido na alcatifa com uma t-shirt larga dos Cure (que reconheceu) e umas calças de pijama aos

quadrados (que não reconheceu). Tocou no rosto e sentiu os vincos por ter estado deitada; o cabelo parecia desganhado e sujo. Tentou tornar-se o mais apresentável possível nos dois segundos que teve antes da chegada do homem com quem dormia todas as noites, apesar de nunca ter dormido com ele. Era, por assim dizer, um marido Schrödinger.

Subitamente, ali estava ele.

A Vida Perfeita

O ar de adolescente meio desajeitado e bonito de Ash fora apenas modestamente beliscado pela paternidade. Quando muito, ainda parecia mais saudável do que quando lhe batera à porta e — à semelhança desse dia — também estava vestido com roupas de corrida — embora agora lhe parecessem um pouco melhores e mais caras e também usasse um aparelho qualquer de medição do exercício físico à volta do braço.

Com um sorriso nos lábios, segurava duas chávenas de café, uma das quais era para Nora. Ela questionou-se quantos cafés já teriam partilhado depois daquele primeiro.

— Oh, obrigada.

— Oh, não, Nor, dormiste aqui a noite toda? — perguntou ele.

Nor.

— Quase toda. Queria ter voltado para a cama, mas a Molly estava num estado... Fiquei aqui para a acalmar, mas depois estava demasiado cansada para me mexer.

— Oh, não. Desculpa, não a ouvi. — Ele parecia genuinamente triste. — Deve ter sido culpa minha. Ontem, antes de ir para o trabalho, estive a mostrar-lhe alguns ursos no *YouTube*.

— Não faz mal.

— De qualquer maneira, já fui passear o *Platão*. Só tenho de ir

para o hospital ao meio-dia. Hoje vou fazer serão. Ainda estás com ideias de passar pela biblioteca?

— Ah. Olha, sabes que mais? Acho que hoje não vou lá.

— Então está bem. Pronto, já dei o pequeno-almoço à Mol e agora vou levá-la à escola.

— Eu posso levar a Molly — disse Nora. — Se tens um dia cheio pela frente.

— Oh, não vai ser muito complicado. Até agora é só uma vesícula e um pâncreas. São coisas fáceis. Vou correr um bocado.

— Sim. Claro. Pois. Para a meia-maratona de domingo.

— O quê?

— Nada. Não lighes — disse Nora. — Estou só a delirar por ter dormido no chão.

— Na boa. Olha, a minha irmã ligou. Querem que ela faça as ilustrações do calendário dos Jardins de Kew. Montes e montes de plantas. Ela está mesmo contente.

Ash sorriu. Parecia feliz pela irmã que Nora nunca conhecera. Ela queria agradecer-lhe por ter sido tão bom para ela ao ajudá-la com o gato, mas era óbvio que não podia fazê-lo. Por isso, disse só:

— Obrigada.

— Porquê?

— Tu sabes. Por tudo.

— Oh. Está bem. Certo.

— Sim, obrigada.

Ele assentiu.

— Que querida. Bem, vou correr.

Bebeu o resto do café e desapareceu. Nora olhou em redor do quarto, absorvendo todos os pedaços de informação disponíveis. Todos os bonecos de peluche, livros e protetores de tomadas, que eram como peças do puzzle da sua vida.

Uma hora depois, Molly estava a ser deixada na escola e Nora a fazer o que era habitual. A verificar e-mails e redes sociais. Naquela vida, a sua atividade nas redes sociais não era grande coisa, o que era sempre um sinal promissor, mas tinha uma quantidade *absurda* de e-mails. A partir dos e-mails, ficou a saber que não estava apenas a pensar em «deixar» de dar aulas, já tinha deixado oficialmente. Estava de licença sabática para escrever um livro sobre Henry David Thoreau e a sua relevância no movimento ambientalista da era moderna. Mais para o fim do ano, planeava visitar Walden Pond, em Concord, no Massachusetts, uma viagem que seria financiada por uma bolsa de investigação.

Aquilo parecia-lhe muito bom.

Quase *irritantemente* bom.

Uma boa vida, com uma boa filha e um bom marido, uma boa casa numa boa cidade. Era um excesso de coisas boas. Uma vida em que podia ficar sentada durante todo o dia a ler, a investigar e a escrever sobre o seu filósofo favorito de todos os tempos.

— Isto é fixe — disse para o cão. — Não é fixe?

Platão bocejou com indiferença.

A seguir, Nora começou a explorar a casa, sempre observada pelo labrador a partir do seu ponto de vigia no sofá.

A sala de estar era grande. Os pés dela enterravam-se no tapete

fofo.

O chão era de madeira branca, tinha uma televisão, uma lareira, um piano elétrico, dois portáteis novos a carregar, uma arca de mogno sobre a qual se encontrava um bonito estojo de xadrez e estantes cheias de livros bem arrumados. Encostada a um dos cantos estava uma guitarra bonita. Nora reconheceu imediatamente a *Midnight Satin Fender Malibu* eletroacústica. Tinha vendido uma durante a última semana em que trabalhara na Teoria das Cordas.

Havia também fotografias emolduradas um pouco por toda a sala de estar. Crianças que ela não conhecia e que estavam com uma mulher parecida com Ash — devia ser a sua irmã. Uma fotografia antiga dos pais já falecidos no seu dia de casamento e uma do dia em que ela e Ash se casaram. Conseguia ver o irmão em segundo plano. Uma fotografia de Platão. E a fotografia de um bebé, provavelmente Molly.

Olhou de relance para os livros. Havia alguns manuais de yoga, mas não os mesmos em segunda mão que ela tinha na sua vida de base. Alguns livros médicos. Reconheceu a *História de Filosofia Ocidental*, de Bertrand Russel, assim como *Walden*, de Henry David Thoreau, ambos seus desde os tempos da faculdade. Também ali havia o familiar *Princípios de Geologia*. E mais alguns livros de Thoreau, assim como exemplares de *A República*, de Platão, e *As Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt, que ela também tinha na sua vida de base, embora fossem edições diferentes. Viu livros de ar intelectual de autores como Julia

Kristeva, Judith Butler e Chimamanda Ngozi Adichie. Tinha muitos livros sobre filosofia ocidental que nunca tinha lido, e questionou-se se caso ficasse naquela vida poderia voltar a lê-los todos antes de recomeçar a dar aulas em Cambridge — e não lhe ocorreu nenhum motivo para que isso não fosse possível.

Romances, alguns de Dickens, *A Campânula de Vidro*, alguns livros descontraídos sobre ciência, alguns livros sobre música, alguns manuais de parentalidade, *Natureza*, de Ralph Waldo Emerson, e *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, alguns sobre as alterações climáticas e um enorme livro de capa dura intitulado *Sonhos do Ártico: Imaginação e Desejo na Paisagem Nórdica*³.

Ela raramente tinha sido — se é que alguma vez o fora — tão consistentemente intelectual. Aquilo era claramente o que acontecia quando uma pessoa tirava um mestrado em Cambridge e depois uma licença sabática para escrever um livro sobre o seu filósofo favorito.

— Tu sentes-te muito impressionado comigo — disse para o cão.
— Vá lá, podes admitir.

Na sala encontrou ainda uma pilha de livros de pautas, e Nora sorriu quando viu que o de cima era de Simon & Garfunkel, o livro que vendera a Ash no dia em que ele a convidara para sair. Em cima da mesa de centro encontrava-se um livro de capa dura bonito com paisagens de Espanha e, no sofá, estava um que se chamava *A Enciclopédia das Plantas e das Flores*.

O porta-revistas continha a última edição da *National*

Geographic, com a imagem do buraco negro na capa.

Na parede também havia um quadro. Uma reprodução de Miró trazida de um museu de Barcelona.

— Eu e o Ash estivemos em Barcelona juntos, *Platão*? — Imaginou-os aos dois, de mãos dadas, a cirandar pelas ruas do Bairro Gótico, a entrar num bar para comer tapas e beber *Rioja*.

Na parede oposta às estantes havia um espelho. Era largo e tinha uma moldura branca ornamentada. Ela já não ficava surpreendida com as variações do seu aspeto de vida para vida. Já tinha sido de todos os tamanhos e tido todos os cortes de cabelo. Naquela vida tinha um aspeto bastante *agradável*. Gostaria de ser amiga daquela pessoa. Não tinha a aparência de uma atleta olímpica, de uma estrela de *rock* ou de uma acrobata do Cirque du Soleil, mas era alguém que parecia ter uma boa vida, tanto quanto se podia ver. Era uma adulta que tinha uma vaga ideia de quem era e do que andava a fazer. Cabelo curto, mas não dramaticamente curto, pele com um aspeto mais saudável do que na sua vida de base, fosse por causa da dieta, pela ausência de vinho tinto, pela prática de exercício ou pelos tónicos e hidratantes que vira na casa de banho, que eram todos mais caros do que qualquer coisa que ela tinha na outra vida.

— Muito bem... — disse para *Platão*. — Esta é uma vida boa, não é?

Platão parecia concordar.

³Tradução livre de *Arctic Dreams: Imagination and Desire in a Northern Landscape*, livro sem edição portuguesa. [N. T.]

Uma Busca Espiritual para Atingir uma Ligação Mais Profunda com o Universo

Encontrou a gaveta dos medicamentos na cozinha e remexeu por entre as caixas de ibuprofeno, paracetamol, multivitaminas e joelheiras, mas não encontrou sinais de antidepressivos.

Talvez a tivesse encontrado. Talvez aquela fosse, finalmente, a vida onde ela iria ficar. A vida que iria escolher. Aquela que não a faria regressar às prateleiras.

Eu podia ser feliz aqui.

Um pouco mais tarde, no duche, observou o corpo à procura de novas marcas. Não encontrou tatuagens, mas reparou numa cicatriz. Não tinha sido autoinfligida, era a cicatriz de uma operação — tratava-se de uma linha longa e delicada mesmo por baixo do ventre. A cicatriz de uma cesariana não era uma coisa que nunca tivesse visto, e agora passava o polegar sobre a sua, pensando que, mesmo que ficasse naquela vida, teria sempre chegado atrasada.

Ash chegou a casa depois de ter deixado Molly na escola.

Ela apressou-se a vestir-se, para ele não a encontrar nua.

Tomaram o pequeno-almoço juntos. Sentaram-se à mesa da

cozinha a ver as notícias do dia, enquanto comiam torradas de pão ázimo — a imagem perfeita de um casamento.

A seguir, Ash foi para o hospital e ela ficou em casa a ler sobre Thoreau durante o resto do dia. Leu o trabalho que tinha em curso, que já contava com umas impressionantes 42 729 palavras, e sentou-se a comer torradas antes de ir buscar Molly à escola.

Molly queria ir ao parque «como de costume», para dar de comer aos patos, por isso, Nora levou-a, disfarçando o facto de que estava a usar o *Google Maps* para lá chegar.

Nora empurrou a filha no baloiço até lhe doerem os braços, desceu algumas vezes com ela no escorrega e rastejou atrás dela através de grandes túneis metálicos. A seguir, atiraram flocos de aveia para os patos do lago.

Depois sentou-se com Molly em frente à televisão, deu-lhe o jantar e leu-lhe uma história na hora de ir para a cama, tudo antes de Ash chegar a casa.

Depois de Ash chegar, um homem bateu à porta e tentou entrar, mas Nora fechou-lhe a porta na cara.

— Nora?

— Sim?

— Porque é que foste tão esquisita para o Adam?

— O quê?

— Acho que ele ficou um bocadinho aborrecido.

— Como assim?

— Agiste como se ele fosse um desconhecido.

— Oh. — Nora sorriu. — Desculpa.

— Ele é nosso vizinho há mais de três anos. Fomos acampar com ele e com a Hannah para o Lake District.

— Sim. Eu sei. Claro.

— Parece que não o deixaste entrar. Agiste como se ele fosse um intruso ou algo do género.

— Agi?

— Então, fechaste-lhe a porta na cara.

— Eu fechei a porta. Mas não foi na cara dele. Quero dizer, sim, tecnicamente, a cara dele estava perto. Mas não quis que ele pensasse que pode entrar assim sem mais nem menos.

— Ele só vinha devolver a mangueira.

— Oh, está bem. Enfim, não precisamos de mangueiras. As mangueiras fazem mal ao planeta.

— Estás bem?

— Porque não havia de estar?

— Por nada, estou só preocupado contigo...

Porém, em termos gerais, as coisas estavam a correr bastante bem, e de todas as vezes em que se questionava se iria acordar na biblioteca, isso não acontecia. Um dia, depois da aula de yoga, Nora sentou-se num banco na margem do rio Cam a reler Thoreau. No dia a seguir, viu o Ryan Bailey num programa de televisão a dar uma entrevista a respeito do *Saloon das Últimas Oportunidades 2*; entre outras coisas, disse que andava «numa busca espiritual para atingir uma ligação mais profunda com o Universo», em vez de se preocupar em «assentar em contexto romântico».

Recebeu fotografais de baleias enviadas por Izzy e enviou-lhe uma mensagem de *WhatsApp* a dizer que tinha visto a notícia de um terrível acidente de viação na Austrália, obrigando-a a prometer que teria muito cuidado a conduzir.

Nora sentiu-se reconfortada por não ter a menor curiosidade em ver o que Dan estaria a fazer naquela vida. Em vez disso, sentia-se muito grata por estar com Ash. Ou melhor, imaginava que estaria grata, porque ele era amoroso e tinham muitos momentos felizes, de diversão e amor.

Ash fazia turnos muito longos no hospital, mas quando estava em casa era muito fácil conviver com ele, mesmo depois de passar o dia no meio de sangue, stress e vesículas biliares. Ele também era um pouco *nerd*. Dizia «Bom dia» aos velhinhos que passavam por ele na rua quando andava a passear o cão e, por vezes, os velhinhos ignoravam-no. Acompanhava as músicas que passavam no rádio enquanto conduzia. Aparentemente, não precisava de dormir muito. E nunca se importava de fazer o turno da noite para cuidar de Molly, mesmo quando tinha cirurgias marcadas para a manhã seguinte.

Adorava deixar Molly enojada com factos médicos — «O estômago renova todo o seu revestimento interior a cada quatro dias!», «A cera dos ouvidos é uma espécie de suor!», «Tens umas criaturas pequeninas chamadas ácaros a viver nas tuas pestanas!» — e adorava ser inconveniente. Quando estavam no lago dos patos, no primeiro sábado, e ao alcance dos ouvidos de Molly, Ash disse com grande entusiasmo a um perfeito desconhecido que os

patos machos têm um pênis com a forma de um saca-rolhas.

Nas noites em que chegava a casa a tempo de cozinhar, fazia um *dal* de lentilhas maravilhoso e uma *penne arrabbiata* bastante decente, e tinha tendência para exagerar na quantidade de alho que usava. Mas Molly estava mais do que certa: os seus talentos artísticos não se estendiam à habilidade musical. Na verdade, quando ele cantava *The Sound of Silence*, acompanhado pela sua guitarra, Nora dava por si a desejar que ele levasse o título da canção a sério e se calasse, para só se ouvir o som do silêncio.

Ele era, por outras palavras, um pouco cromo — um cromo que salvava vidas todos os dias, mas, ainda assim, um cromo. O que era bom. Nora gostava de cromos e também se sentia como parte do clube, e isso ajudava-a a ultrapassar a *peculiaridade* fundamental que era estar com um marido que, na verdade, só estava a conhecer melhor agora.

Esta é uma boa vida, pensava Nora, vezes sem conta.

Sim, ser mãe era cansativo, mas Molly era fácil de amar, pelo menos durante o dia. Na verdade, Nora preferia frequentemente as horas em que Molly estava em casa depois da escola, porque acrescentava um pouco de desafio ao que de resto era uma existência sem fricções. Não havia stress no relacionamento com Ash, no trabalho ou financeiro.

Tinha muitas coisas pelas quais devia sentir-se grata.

No entanto, também existiam momentos mais tremidos. Por vezes, tinha a familiar sensação de estar no meio de uma peça de teatro sem saber as suas falas.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou a Ash, certa noite.

— É só que... — Ele observou-a com o seu sorriso bondoso e alguma intensidade. — Não sei bem. Tu esqueceste-te de que o nosso aniversário estava à porta. Julgas que não viste filmes que já viste. E vice-versa. Esqueceste-te de que tens uma bicicleta. Não sabias onde estavam arrumados os pratos. E tens andado com os meus chinelos de quarto. Além de que te deitas no meu lado da cama.

— Bolas, Ash — disse ela, um pouco tensa demais. — É como ser interrogada pelos três ursos.

— Só estou preocupado...

— Eu estou bem. Só que... sabes como é... ando meia perdida no mundo da investigação. Ando perdida na floresta. Na floresta de Thoreau.

Naqueles momentos sentia que talvez fosse regressar à Biblioteca da Meia-Noite. Por vezes, lembrava-se das palavras que a Sra. Elm lhe dissera aquando da primeira visita: *Se quiseres mesmo viver determinada vida, não tens de te preocupar com nada... No instante em que decidires que queres essa vida, que a queres de verdade, então tudo o que existe na tua cabeça, incluindo esta Biblioteca da Meia-Noite, acabará por se tornar um sonho, uma memória tão vaga que quase não a sentirás presente.*

O que lhe colocava a questão: se aquela vida era tão perfeita, por que motivo ainda não se esquecera da Biblioteca da Meia-Noite?

Quanto tempo demoraria até a esquecer?

De vez em quando, sentia o toque leve e fugaz da depressão a flutuar à sua volta, sem motivo aparente, mas não se comparava com a sensação terrível que tinha na sua vida de base, ou nalgumas outras vidas que havia experimentado. Era como comparar um fungar leve com uma pneumonia. Quando pensava em quão mal se sentira naquele dia em que perdera o emprego na Teoria das Cordas, no desespero, no desejo solitário e desconsolado de não existir, o que sentia agora era *quase nada*.

Todos os dias ia para a cama a pensar que ia acordar naquela vida no dia seguinte, porque se tivesse tudo em conta, aquela era a melhor vida que ela conhecera. Na verdade, Nora passou progressivamente de ir para a cama a presumir descontraidamente que continuaria naquela vida a passar a ter medo de adormecer, para o caso de não acordar ali.

Contudo, noite após noite, ela adormecia, e dia após dia acordava na mesma cama. Ou de vez em quando na alcatifa, mas partilhava essa dor com Ash; eram mais as vezes que partilhavam a cama, já que Molly estava a melhorar no que a dormir a noite inteira dizia respeito.

É claro que também existiam momentos estranhos. Nora nunca sabia a localização de nada, não sabia onde se guardavam as coisas em casa, e Ash de vez em quando questionava-se em voz alta se ela não devia consultar um médico. Inicialmente, também evitava fazer amor com ele, mas certa noite aconteceu, e Nora acabou por sentir-se culpada pela mentira que estava a viver.

Ficaram no escuro durante algum tempo, no silêncio pós-coito, mas ela sabia que tinha de falar naquilo, de testar as águas.

— Ash?

— Sim?

— Acreditas na teoria dos universos paralelos?

Conseguiu ver o rosto dele a abrir-se num sorriso. Aquele era o tipo de conversa de que ele gostava.

— Sim, acho que acredito.

— Eu também. Quero dizer, é ciência pura, não é? Não é como se um físico marrão qualquer se tivesse lembrado um dia de dizer «Olhem, os universos paralelos são fixos. Vamos teorizar sobre eles.»

— Sim — concordou ele. — A ciência desconfia de tudo o que possa parecer demasiado fixe. Demasiado fictício. Regra geral, os cientistas são céticos.

— Exatamente, mas os físicos acreditam nos universos paralelos.

— É simplesmente onde a ciência nos leva, não é? Tudo na mecânica quântica e na teoria das cordas aponta para a existência dos universos paralelos. Muitos, muitos universos mesmo.

— Bem, e se eu te disser que já visitei outras vidas minhas e que acho que escolhi esta para viver?

— Diria que estás louca. Mas continuava a gostar de ti.

— Pois olha que já o fiz. Já vivi muitas vidas.

Ele soltou uma gargalhada.

— Isso é tão fixe, Nor. Aquilo de que mais gosto em ti é que me

fazes sempre sentir normal.

E foi isso.

Nora percebeu que, por muito honesta que uma pessoa fosse na sua vida, os outros só iriam ver a verdade se esta estivesse suficientemente próxima da sua realidade. Como escreveu Thoreau, «não importa para onde olhamos, importa o que vemos». E Ash só via a Nora por quem se apaixonara, com quem se casara e, por isso, de certa forma, era essa a Nora em que ela se estava a transformar.

Hammersmith

Durante as férias escolares, enquanto Molly estava em casa e numa terça-feira em que Ash não tinha de ir ao hospital, foram de comboio até Londres para visitarem o irmão de Nora e Ewan, no apartamento de ambos em Hammersmith.

Joe estava com bom ar e o marido tinha o mesmo aspeto de quando Nora o vira no ecrã do telemóvel do irmão na sua vida olímpica. Joe e Ewan tinham-se conhecido no ginásio local, na aula de *cross-training*. Naquela vida, Joe trabalhava como engenheiro de som, enquanto Ewan — o Dr. Ewan Langford, mais precisamente — era médico radiologista no Hospital Royal Marsden, por isso ele e Ash tinham muitas coisas relacionadas com os hospitais para se queixarem em conjunto.

Joe e Ewan eram amorosos com Molly, faziam-lhe perguntas detalhadas sobre o que o Panda andava a tramar. Joe cozinhou-lhes uma refeição maravilhosa de massa com brócolos e alho.

— Pelo que sei, é uma receita de Puglia — disse ele a Nora. — Para trazer um pouco da nossa herança italiana para a mesa.

Nora pensou no avô italiano e pôs-se a pensar no que ele teria sentido quando se apercebera de que a Companhia de Tijolos de Londres se localizava, na verdade, em Bedford. Teria ficado verdadeiramente desiludido? Ou teria decidido, mesmo assim, ter

a melhor vida que pudesse ter? Era provável que existisse uma versão do avô que tivesse ido para Londres e que no primeiro dia na cidade tivesse sido atropelado por um autocarro de dois andares em Piccadilly Circus.

Joe e Ewan tinham uma prateleira cheia de garrafas de vinho na cozinha e Nora reparou que uma delas era um *Syrah* da Califórnia, da Vinha Buena Vista. Quando viu as duas assinaturas no fundo do rótulo, começou a sentir um formigueiro na pele: Alicia e Eduardo Martínez. Sorriu, pressentindo que Eduardo devia ser igualmente feliz naquela vida. Questionou-se por um momento quem seria Alicia e como seria ela. Pelo menos na vinha o pôr do sol era bonito.

— Estás bem? — perguntou Ash, enquanto Nora olhava distraidamente para o rótulo.

— Sim, estou. Estava só a ver este vinho... parece ser bom.

— É o meu favorito! — comentou Ewan. — É um vinho tão bom. Abrimos uma garrafa?

— Bem, só se já tivessem ideias de beber um copo — disse Nora.

— Olha, eu não vou beber — disse Joe. — Ultimamente tenho andado a abusar um pouco, por isso agora estou num período de abstinência.

— Sabes como é o teu irmão — acrescentou Ewan, dando um beijo no rosto de Joe. — É tudo ou nada.

— Sim, sei bem como ele é.

Ewan já tinha o saca-rolhas na mão.

— Tive um dia dos diabos no trabalho. Por isso, se mais ninguém

se juntar a mim, não me importo nada de beber tudo diretamente da garrafa.

— Eu acompanho-te — disse Ash.

— Eu passo — disse Nora, recordando-se de que na última vez em que o vira, na sala VIP de um hotel, o irmão lhe confessara que era alcoólico.

Ofereceram um livro a Molly e Nora leu-o com ela no sofá.

A noite foi avançando. Falaram de notícias, de música e de cinema. Joe e Ewan tinham gostado bastante do *Saloon das Últimas Oportunidades*.

Pouco depois, e para surpresa de todos, Nora abandonou radicalmente a conversa segura sobre cultura *pop* e foi diretamente ao assunto que lhe interessava debater com o irmão.

— Alguma vez ficaste zangado comigo? Sabes, quando saí da banda?

— Isso já foi há tantos anos, mana. Já são águas passadas.

— Mas tu querias ser uma estrela de rock.

— Ele ainda é uma estrela de rock — disse Ewan a rir-se. — Mas é a minha estrela.

— Eu sinto sempre que te desiludi, Joe.

— Bem, não sintas... Mas eu sinto que também te desiludi. Porque eu era tão idiota... Durante uns tempos, fui mesmo horrível para ti.

Aquelas palavras pareceram-lhe um bálsamo — as palavras que esperara anos para ouvir.

— Não te preocupes com isso — conseguiu dizer.

— Antes de estar com o Ewan, era tão burro em relação à saúde mental. Achava que os ataques de pânico não eram nada de mais... Sabes, mente sobre a matéria. Enrijece, mana. Mas depois o Ewan começou a ter também ataques de pânico e eu percebi que são mesmo reais.

— Não eram só os ataques de pânico. Aquilo parecia-me tudo tão errado. Não sei... Se servir de algum consolo, acho que és mais feliz nesta vida do que noutra em que estivesses — quase disse «morto» — na banda.

O irmão sorriu e olhou para Ewan. Nora duvidava que ele acreditasse, mas ela tinha de aceitar que — conforme já sabia tão bem — havia verdades que eram simplesmente impossíveis de ver.

Triciclo

À medida que as semanas iam passando, Nora começou a sentir uma coisa extraordinária a acontecer.

Começou a lembrar-se de aspetos da sua vida sem que tivesse passado verdadeiramente por eles.

Por exemplo, certo dia, alguém que ela não conhecia de lado nenhum na sua vida de base — uma amiga que aparentemente conhecera quando estudava e ensinava na faculdade — telefonou-lhe para se encontrarem para almoçar. Quando o nome «Lara» apareceu no ecrã do telemóvel, ocorreu-lhe um nome — «Lara Bryan» — e desenhou-a mentalmente. Também sabia que o companheiro dela se chamava Mo e que tinham um bebé chamado Aldous. Depois, quando se encontrou com ela, todas as informações se confirmaram.

Aquele tipo de *déjà-vu* acontecia cada vez com maior frequência. Sim, ainda cometia alguns deslizes, naturalmente — como «esquecer-se» de que Ash tinha asma (que ele tentava controlar com as corridas):

«Há quanto tempo sofres disso?»

«Desde os 7 anos.»

«Oh, sim, claro. Pensei que tinhas dito eczema.»

«Estás a sentir-te bem, Nora?»

«Sim, estou ótima. É só que ao almoço bebi um pouco de vinho com a Lara e agora estou um bocadinho zonha.»

Mas, lentamente, esses deslizos tornaram-se menos frequentes. Era como se cada dia fosse uma nova peça que se encaixava no puzzle e, com cada peça acrescentada, tornava-se mais fácil saber qual era o aspeto daquelas que faltavam.

Enquanto nas outras vidas todas ela andava constantemente à procura de pistas e a sentir que estava a desempenhar um papel, naquela sentia-se cada vez mais descontraída e ocorriam-lhe mais coisas.

Além disso, adorava passar tempo com Molly.

Gostava da anarquia confortável com que ela brincava no seu quarto, dos elos delicados que se estabeleciam durante as histórias de adormecer, de ler a simples e brilhante história d'O Tigre Que Veio para o Chá, ou de estar com ela no jardim.

— Olha para mim, mamã — disse Molly, enquanto pedalava velozmente no seu triciclo, num domingo de manhã. — Mamã, olha! Estás a ver?

— Muito bem, Molly. Estás a andar muito bem.

— Mamã, olha! Vruum!

— Força, Molly!

Mas, depois, a roda da frente do triciclo saiu do relvado e foi mergulhar no canteiro das flores. Molly caiu e embateu com a cabeça com força numa pedra pequena. Nora foi a correr, pegou nela e olhou para a filha. Molly estava claramente magoada, com um arranhão na testa, a pele esfolada e a sangrar, mas não o

queria demonstrar, mesmo que o queixo lhe tremesse.

— Eu estou bem — disse devagarinho, numa voz tão frágil como porcelana. — Eu estou bem. Eu estou bem. Eu estou bem. — A cada «estou bem» que dizia, aproximava-se mais das lágrimas, mas conseguiu acalmar-se. Apesar de todos os medos noturnos por causa dos ursos, ela tinha uma resiliência inspiradora que Nora admirava. Se aquele pequeno ser humano que tinha saído de si, que era de certa forma uma parte de si, tinha aquela força interior, então talvez Nora também tivesse.

Nora abraçou-a.

— Está tudo bem, querida... Minha menina tão corajosa. Não faz mal. Como te sentes agora, meu amor?

— Está tudo bem. Foi como nas férias.

— Nas férias?

— Sim, mamã... — disse ela, um bocadinho aborrecida por Nora não se lembrar. — No escorrega.

— Oh, pois foi. O escorrega. Sim. Que tontinha. A mamã é tontinha.

Nora sentiu imediatamente qualquer coisa dentro de si. Uma espécie de medo, tão real como o medo que sentira no rochedo do Ártico, quando estivera frente a frente com o urso-polar.

Um medo daquilo que estava a sentir.

Amor.

Uma pessoa podia comer nos melhores restaurantes, podia participar de todos os prazeres sensoriais, podia cantar num palco em São Paulo com 20 mil pessoas a assistir, podia absorver o estrondo trovejante dos aplausos, podia viajar até aos confins

da Terra, podia ter milhões de seguidores na Internet, podia ganhar medalhas olímpicas, mas tudo isso era desprovido de significado se não existisse amor.

Quando pensava na sua vida de base, no problema fundamental que essa vida tinha, aquilo que a deixara vulnerável era, de facto, a ausência de amor. Nem mesmo o irmão a queria naquela vida. Depois de Volts ter morrido, não havia mais ninguém. Ela não amara ninguém, não fora amada. Estava vazia, a sua vida era vazia, não tinha objetivos, fingia uma espécie qualquer de normalidade humana como um manequim senciente de desespero. Fazia o mínimo dos mínimos para continuar a existir.

Porém, ali, ali mesmo num jardim em Cambridge, sob um céu cinzento e sem graça, ela sentia o poder do amor, o poder aterrorizador de gostar profundamente de alguém e de ser amada. Sim, os pais continuavam mortos naquela vida, mas tinha Molly, tinha Ash e tinha Joe. Havia uma rede de amor para lhe amparar a queda.

Mesmo assim, pressentia no seu âmago que aquilo estava prestes a chegar ao fim. Pressentia que, não obstante toda a perfeição daquela vida, havia qualquer coisa de errado no meio de tanta coisa certa. E aquilo que estava errado não podia ser consertado, porque a falha era a perfeição em si. Tudo era perfeito, mas ela não fizera por merecer nada daquilo. Entrara no filme a meio. Ela abrira o livro na biblioteca, mas, na verdade, o livro não lhe pertencia. Estava a observar a sua vida como se estivesse atrás de uma janela. Estava a começar a sentir-se uma

fraude. Queria que aquela fosse a *sua* vida. A sua vida de verdade. Mas não era, e Nora só queria conseguir esquecer esse facto. Queria mesmo.

- Mamã, estás a chorar?
- Não, Molly, não. Estou bem. A mamã está bem.
- Parece que estás a chorar.
- Vamos lá limpar estes arranhões...

Nesse mesmo dia, mais tarde, Molly fez um puzzle dos animais da selva e Nora sentou-se no sofá a fazer festas a *Platão* enquanto a cabeça quente e pesada do cão repousava sobre o seu colo. Olhou para o estojo de xadrez ornamentado que estava em cima da arca de mogno.

Lentamente, ocorreu-lhe uma ideia, mas afastou-a. Só que a ideia voltou.

Assim que Ash chegou a casa, disse-lhe que queria ir visitar uma velha amiga a Bedford e que demorava algumas horas.

Já Não Está Aqui

Assim que Nora entrou no Lar Residencial Oak Leaf, e mesmo antes de chegar à recepção, viu um senhor muito velho e frágil, de óculos, que reconheceu imediatamente. Ele estava a ter uma conversa num tom algo irritado com uma enfermeira de ar exasperado. Como um suspiro em forma de gente.

- Eu gostava mesmo muito de ir para o jardim.
- Lamento, mas o jardim está a ser usado por outras pessoas.
- Só quero sentar-me no banco e ler o jornal...
- Talvez se se tivesse inscrito para a sessão de jardinagem...
- Eu não quero ir a sessão de jardinagem nenhuma. Quero telefonar ao Dhavak. Isto foi tudo um erro.

Não era a primeira vez que Nora ouvia o seu antigo vizinho a falar do filho Dhavak; ele mencionava-o quando ela lhe levava a medicação a casa. Aparentemente, o filho tinha insistido para que ele fosse para um lar, mas o Sr. Banerjee insistira em ficar em casa.

- Não há uma maneira de poder simplesmente...

Nessa altura, apercebeu-se de que estava a ser observado.

- Sr. Banerjee?

Ele fitou Nora, confuso.

- Olá? Quem é você?

— Sou a Nora. Lembra-se de mim, Nora Seed? — Depois, sentindo-se demasiado agitada para pensar, acrescentou: — A sua vizinha. Da Bancroft Avenue.

Ele abanou a cabeça.

— Acho que está enganada, minha querida. Eu já não vivo lá há três anos. E tenho quase a certeza de que a menina não era minha vizinha nessa altura.

A enfermeira inclinou a cabeça para o Sr. Banerjee como se ele fosse um cachorrinho confuso.

— Se calhar esqueceu-se.

— Não — disse Nora rapidamente, percebendo o seu erro. — Ele tem razão. Eu é que fiz confusão. De vez em quando tenho uns problemas de memória. Eu nunca lá vivi. Vivi noutro sítio. E estava a pensar noutra pessoa. Desculpe.

A enfermeira e o Sr. Banerjee continuaram a conversa e Nora pensou no jardim do vizinho, cheio de íris e dedaleiras.

— Posso ajudá-la?

Nora virou-se para o rececionista, um homem gentil, de cabelo ruivo, óculos, pele cheia de marcas e sotaque escocês.

Ela disse-lhe quem era e que tinha telefonado antes.

Ao início, ele ficou um pouco confuso.

— E diz que deixou mensagem?

Ele pôs-se a cantarolar calmamente uma canção enquanto procurava o e-mail dela.

— Sim, mas por telefone. Estava a tentar ligar há uma eternidade e não conseguia que me atendessem, por isso deixei uma mensagem de voz. E também enviei um e-mail.

— Ah, certo, já estou a ver. Bem, lamento muito a confusão. Está aqui para visitar algum familiar?

— Não — explicou Nora. — Não sou da família. Sou só uma pessoa que conhecia a senhora em causa. Ela há de reconhecer-me. Chama-se Sra. Elm. — Tentou lembrar-se do nome completo. — Peço desculpa. Louise Elm. Se lhe disser o meu nome: Nora, Nora Seed. Ela era a minha... Era a bibliotecária da escola, em Hazeldene. Lembrei-me de que talvez gostasse de um pouco de companhia.

O homem parou de procurar no computador e olhou para Nora quase sem conseguir reprimir a surpresa. Inicialmente, Nora pensou que se tinha enganado nalguma coisa. Ou que Dylan se tivesse equivocado naquela noite no La Cantina. Ou talvez a Sra. Elm daquela vida tivesse um destino diferente desta. Embora Nora não entendesse muito bem como a sua decisão de trabalhar no centro de animais poderia afetar a vida da Sra. Elm. Isso não fazia sentido. Já que em nenhuma das vidas estivera em contacto com a bibliotecária desde os tempos da escola.

— O que foi? — perguntou ela ao rececionista.

— Lamento muito dizer-lhe isto, mas a Louise Elm já não está aqui.

— Então está onde?

— Ela... A verdade é que morreu há três semanas.

Primeiro pensou que se tratava de um erro administrativo qualquer.

— Tem a certeza?

— Sim, tenho a certeza absoluta, lamento dizer-lhe.

— Oh — acabou por dizer Nora. Não sabia exatamente o que dizer, ou o que sentir. Olhou para o saco que levava consigo. O saco continha o estojo de xadrez para jogar uma partida com a Sra. Elm, para lhe fazer companhia. — Desculpe. Eu não sabia. Eu não... Sabe, é que não a via há anos. Muitos anos. Mas alguém me disse que ela estava aqui...

— Lamento muito — disse o rececionista.

— Não. Não faz mal. Eu só queria agradecer-lhe. Ela foi sempre muito bondosa comigo.

— Ela morreu pacificamente — disse ele. — Literalmente durante o sono.

Nora sorriu-lhe, fazendo tenção de se retirar educadamente.

— Isso é bom. Obrigada. Obrigada por terem cuidado dela. Agora vou-me embora. Adeus...

Um Incidente com a Polícia

Nora voltou a Shakespeare Road com o saco e o seu tabuleiro de xadrez sem saber muito bem o que fazer. Sentia um formigueiro a percorrer-lhe o corpo todo. Não era propriamente comichão, mas uma sensação mais estranha, como uma estática que já sentira quando se aproximava do fim de alguma existência em particular.

Tentando ignorar a sensação no seu corpo, encaminhou-se de modo vago na direção do parque de estacionamento. Passou pelo seu antigo apartamento com jardim no n.º 33A da Bancroft Avenue. Um homem que nunca vira estava a levar o contentor da reciclagem. Pensou na casa adorável que tinha agora em Cambridge e não pôde evitar a comparação com aquele pequeno e delapidado apartamento numa rua coberta de lixo. O formigueiro acalmou um pouco. Passou pela casa do Sr. Banerjee, ou aquela que um dia fora a casa dele, e viu que era a única casa da rua que não tinha sido subdividida em vários apartamentos, embora agora estivesse com um aspeto completamente diferente. O pequeno relvado à frente da casa estava por aparar e não havia sinais das dedaleiras ou dos vasos atafalhados de íris que ele costumava regar no último verão, enquanto recuperava da cirurgia à anca.

Reparou que no passeio havia algumas latas de cerveja esmagadas.

Viu uma mulher como o cabelo curto e louro e de pele bronzeada a caminhar pelo passeio na sua direção com duas crianças pequenas num carrinho duplo. Estava com um ar exausto. Era a mulher com quem tinha falado no quiosque, no dia em que decidira morrer. Aquela que parecera feliz e descontraída. Kerry-Anne. Não reparou em Nora porque uma das crianças ia a chorar e ela estava a tentar acalmar o menino irritado de rosto corado agitando um dinossauro de plástico à sua frente.

Eu e o Jake parecíamos dois coelhos, mas acabámos por conseguir. Temos dois pequenos terroristas. Mas vale a pena, sabes? Sinto-me tão completa. Posso mostrar-te algumas fotografias...

Depois, Kerry-Anne levantou os olhos e viu Nora.

— Eu conheço-te, não conheço? És a Nora?

— Sim.

— Olá, Nora.

— Olá, Kerry-Anne.

— Lembras-te do meu nome? Oh, uau. Eu estava *encantada* quando andávamos na escola. Tu parecias ter tudo. Chegaste a ir aos Jogos Olímpicos?

— Sim, na verdade, sim. Mais ou menos. Uma de mim chegou, pelo menos. Mas não era o que eu queria ser. Mas, se formos a ver, o que é que quero ser, não é?

Kerry-Anne pareceu ficar momentaneamente confusa. Depois o filho atirou o dinossauro para o passeio e aterrou mesmo ao lado

das latas esmagadas.

— É.

Nora apanhou o dinossauro — um estegossauro, como veio a perceber depois de cuidadosa inspeção — e entregou-o a Kerry-Anne, que agradeceu com um sorriso, já a encaminhar-se para a casa que devia ser do Sr. Banerjee, no preciso instante em que o menino se lançava numa birra épica.

— Adeus — disse Nora.

— Sim. Adeus.

Nora ficou a questionar-se qual teria sido a diferença. O que teria obrigado o Sr. Banerjee a ir para o lar que evitava com tanta determinação? Ela era a única diferença entre aqueles dois Srs. Banerjees, mas que diferença *era* essa? O que teria feito? Tratara do registo para fazer compras online? Fora buscar os seus medicamentos um par de vezes?

Nunca subestimes o poder das pequenas coisas, dissera a Sra. Elm. *Não te esqueças disto*.

Olhou para a sua própria janela. Pensou em si na sua vida de base, no seu quarto a pairar entre a vida e a morte — equidistante, por assim dizer. E, pela primeira vez, Nora preocupou-se consigo como se fosse verdadeiramente outra pessoa. Não apenas uma outra versão de si, mas uma pessoa inteiramente diferente. Como se, finalmente, depois de todas as vidas que tinha experienciado, se tivesse tornado alguém que tinha pena da sua própria pessoa. Não no sentido de autocomiseração, porque, na verdade, ela era uma pessoa

diferente.

Depois alguém apareceu à sua janela. Uma mulher que não era ela, a segurar um gato que não era *Voltaire*.

Aquela era a sua esperança, fosse como fosse, voltando a sentir-se débil e cheia de formigueiro.

Dirigiu-se para a cidade, caminhando pela rua principal.

Sim, ela agora era diferente. Era mais forte. Tinha resolvido as coisas dentro de si. Coisas que talvez nunca viesse a saber se nunca tivesse cantado num grande auditório ou afugentado um urso-polar ou sentido tanto amor, medo e coragem.

À porta da Boots havia alguma agitação. Dois rapazes estavam a ser detidos pela polícia, enquanto um agente que se encontrava por perto falava para um *walkie-talkie*.

Ela reconheceu um dos rapazes e foi ter com ele.

— Leo?

O agente da polícia fez-lhe sinal para se afastar.

— Quem é você? — perguntou Leo.

— Eu... — Nora apercebeu-se de que não podia dizer «sou a tua professora de piano». E também percebia a loucura que era, dadas as circunstâncias, a pergunta que estava prestes a fazer. Mas, mesmo assim, avançou: — Tu tens aulas de música?

Leo baixou os olhos enquanto o algemavam.

— Eu não tenho aulas de música nenhuma...

A voz dele perdera a bravata.

O agente da polícia sentia-se frustrado.

— Por favor, menina, deixe isto connosco.

— Ele é bom miúdo — disse-lhe Nora. — Não seja demasiado duro com ele.

— Bem, este bom miúdo acabou de roubar 200 libras de material naquela loja. E também acabou de ser acusado de porte oculto de arma.

— Uma arma?

— Uma faca.

— Não. Deve haver aqui algum mal-entendido. Ele não é esse tipo de miúdo.

— Ouve bem isto — disse o agente da polícia ao colega —, aqui a senhora diz que o nosso amigo Leo Thompson não é o tipo de miúdo que se mete em sarilhos.

O outro agente da polícia riu-se.

— Ele anda sempre a entrar e a sair da esquadra.

— Agora, por favor — continuou o primeiro agente —, deixe-nos fazer o nosso trabalho...

— Claro — assentiu Nora. — Claro. Faz tudo o que eles te disserem, Leo...

Ele olhou para ela como se aquilo fosse uma piada de mau gosto.

Alguns anos antes, a mãe dele, Doreen, entrara na Teoria das Cordas para comprar um teclado barato ao filho. Andava preocupada com o comportamento dele na escola e, como ele demonstrara algum interesse pela música, ela queria que ele aprendesse a tocar piano. Nora explicara-lhe que tinha um piano elétrico em casa, que sabia tocar, mas que não tinha formação de professora. Doreen tinha-lhe dito que não tinha muito dinheiro,

mas as duas acabaram por chegar a acordo e Nora passara a desfrutar mais das noites de terça-feira, quando ensinava a Leo a diferença entre o tom maior e menor das sete notas musicais; achava que ele era um miúdo ótimo, com muita vontade de aprender.

Doreen tinha percebido que Leo estava a «passar para o lado errado da estrada», mas quando se meteu na música começou a sair-se bem noutras coisas também. E, de repente, deixou de se meter em sarilhos com os professores e começou a tocar de tudo um pouco, desde Chopin a Scott Joplin, de Frank Ocean a John Legend e Rex Orange County, sempre com o mesmo cuidado e empenho.

Uma coisa que a Sra. Elm lhe dissera numa das primeiras visitas à Biblioteca da Meia-Noite ecoava agora nos ouvidos de Nora:

Todas as vidas contêm muitos milhões de decisões. Algumas são grandes, outras pequenas. Mas sempre que uma decisão é tomada em detrimento de outra, o resultado difere. Ocorre uma variação irreversível, que por sua vez dá origem a mais variações futuras...

Naquela linha temporal, aquela em que tirara um mestrado em Cambridge, se casara com Ash e tivera com ele um bebé, ela não trabalhava na Teoria das Cordas naquele dia, quatro anos antes, em que Doreen e Leo lá tinham ido. Naquela linha temporal, Doreen nunca tinha chegado a encontrar um professor de música que fosse suficientemente barato, e Leo nunca tinha aprendido música durante tempo suficiente para se aperceber de que era realmente talentoso. Ele nunca se havia sentado ao lado de Nora

à terça-feira à noite, a perseguir uma paixão que depois levava para casa e o fazia compor as suas próprias músicas. Nora sentiu-se a enfraquecer. Não era apenas o formigueiro e a confusão, mas sim algo mais forte, uma sensação de estar a mergulhar no vazio, acompanhada por um breve obscurecimento da visão. A sensação de outra Nora ali mesmo, nas alas, pronta para arrancar com a vida no ponto em que aquela Nora a ia deixar. O cérebro a postos para preencher as lacunas e arranjar uma desculpa perfeitamente legítima para ter ido a Bedford naquele dia, para preencher cada espaço em branco, cada ausência, como se ela ali tivesse estado o tempo todo.

Com receio de saber o que isso significava, afastou-se de Leo e do amigo enquanto a polícia os levava até ao carro, com os olhos de toda a rua principal de Bedford postos neles, e começou a estugar o passo a caminho do parque de estacionamento.

Esta é uma boa vida... Esta é uma boa vida... Esta é uma boa vida.

Uma Nova Forma de Ver

Aproximou-se da estação, passou pelo ziguezague garrido vermelho e amarelo do La Cantina — que agora lhe parecia uma enxaqueca mexicana —, onde um empregado estava a retirar as cadeiras das mesas. Passou também pela Teoria das Cordas, que tinha um cartaz escrito à mão afixado na porta.

Infelizmente, a Teoria das Cordas não poderá continuar a funcionar nestas instalações. Devido ao aumento da renda, não temos condições para nos mantermos abertos. Obrigado a todos os nossos clientes habituais. Não pensem mais nisso, está tudo bem. Podem seguir o vosso caminho. Só Deus sabe o que será de nós sem vocês.

Era exatamente o mesmo anúncio que vira quando estava com Dylan. A avaliar pela data, escrita com marcador pela caligrafia miudinha de Neil, a loja fechara há quase três meses.

Sentiu-se triste, porque a Teoria das Cordas tinha sido tão importante para tanta gente. No entanto, Nora não trabalhava lá quando a loja passou por dificuldades.

Bem. Presumo que eu vendesse muitos pianos elétricos. E algumas guitarras bastante boas também.

Na sua infância e juventude, ela e Joe sempre tinham feito muita troça da sua terra natal, como os adolescentes costumam fazer, e diziam que o estabelecimento prisional de Bedford era a prisão interior e o resto da cidade era apenas a prisão exterior; e que deviam aproveitar qualquer hipótese que tivessem para fugir.

Mas agora que o sol já se tinha posto e Nora se aproximava da estação, teve a sensação de que tinha passado aqueles anos todos a olhar para a cidade da forma errada. Quando passou pela estátua do reformador do sistema prisional, John Howard, na Praça de São Paulo, com as árvores a toda a volta e o rio mesmo atrás a refletir a luz, ficou maravilhada, como se estivesse a ver a cidade pela primeira vez. *Não importa para onde olhamos, importa o que vemos.*

Ao conduzir de regresso a Cambridge aninhada no seu dispendioso Audi, que cheirava de modo quase enjoativo a vinil, plástico e outros materiais sintéticos, serpenteando por entre o trânsito intenso, com os carros a passarem por ela como vidas esquecidas, Nora desejava profundamente ter conseguido ver a Sra. Elm, a verdadeira, antes de esta ter morrido. Teria sido bom jogar uma última partida de xadrez com ela antes de morrer. Também pensou no pobre Leo, sentado numa pequena cela sem janelas na esquadra de Bedford, à espera de que Doreen o fosse lá buscar.

— Esta é a melhor vida — disse para consigo, agora já um pouco desesperada. — Esta é a melhor vida. Eu vou ficar aqui. Esta é a

vida para mim. Esta é a melhor vida. *Esta* é a melhor vida.

Mas ela sabia que já não lhe restava muito tempo.

As Flores Têm Água

Estacionou em frente a casa e correu para dentro, enquanto *Platão* caminhava calmamente na sua direção, para a receber.

— Olá! — chamou, desesperadamente. — Ash? Molly?

Precisava de os ver. Sabia que já não tinha muito tempo. Sentia a Biblioteca da Meia-Noite à sua espera.

— Estamos cá fora! — disse Ash, animado, do jardim das traseiras.

Nora foi ao encontro deles, para descobrir Molly a andar de triciclo outra vez, sem se deixar amedrontar pelo acidente anterior, enquanto Ash cuidava dos canteiros de flores.

— Como foi a tua viagem?

Molly desceu do triciclo e correu para ela.

— Mamã! Tive saudades tuas! Agora já sei andar mesmo bem de bicicleta!

— Já sabes, querida?

Abraçou a filha com força e fechou os olhos, inalando o cheiro do cabelo dela, do cão, do amaciador de roupa e da infância, na expectativa de que o facto de se sentir maravilhada com tudo aquilo a ajudasse a ficar ali.

— Eu amo-te, Molly, quero que saibas isso. Para sempre e mais além, entendes?

— Sim, mamã. É claro que entendo.

— E amo o papá também. E tudo vai ficar bem, porque não importa o que venha a acontecer, tu vais sempre ter o papá e a mamã. Eu é que posso não estar presente da mesma maneira. Vou estar aqui, mas... — Percebeu que Molly não precisava de saber mais nada a não ser a verdade. — Eu amo-te.

Molly estava com um ar preocupado.

— Esqueceste-te do *Platão*!

— Bem, é óbvio que amo o *Platão* também... Como podia esquecer-me do *Platão*? Ele também sabe que eu o amo, não sabes, *Platão*? *Platão*, eu amo-te.

Nora tentou recompor-se.

Não importa o que venha a acontecer, eles terão sempre quem olhe bem por eles. Serão amados. Têm-se um ao outro e serão felizes.

A seguir, Ash aproximou-se, ainda com as luvas de jardinagem calçadas.

— Está tudo bem, Nor? Pareces-me um pouco pálida. Aconteceu alguma coisa?

— Oh, conto-te depois. Quando a Molly estiver na cama.

— Está bem. Ah, a entrega das compras está a chegar a qualquer instante... por isso, fica atenta à carrinha.

— Está bem. Sim, sim.

Depois Molly perguntou se podia ir buscar o regador e Ash explicou-lhe que tinha chovido bastante ultimamente, logo, não era preciso, porque o céu já cuidara das flores.

— Elas estão bem. Têm quem olhe por elas. As flores têm água.

As palavras ecoaram na mente de Nora. *Elas estão bem. Têm quem olhe por elas...* Foi então que Ash disse qualquer coisa sobre ir ao cinema naquela noite e que já tinha tratado de tudo com a *babysitter*, mas Nora esquecera-se completamente. No entanto, limitou-se a sorrir e esforçou-se muito para se agarrar a eles, para ficar, porque já estava a acontecer, estava a acontecer, e ela sabia-o em cada recanto e câmara escondida do seu ser e não havia absolutamente nada que pudesse fazer para o evitar.

Sem Lugar para Aterrar

— NÃO!

Tinha acontecido, indiscutivelmente.

Estava de regresso à Biblioteca da Meia-Noite.

A Sra. Elm estava ao computador. As lâmpadas estremeciam, abanavam e tremeluziam por cima das suas cabeças numa arritmia veloz.

— Nora, para com isso. Acalma-te. Sê uma boa menina. Preciso de resolver isto.

O pó caía em suaves fiapos do teto, de brechas que se abriam e espalhavam como teias de aranha tecidas a uma velocidade sobrenatural. Ouviu-se o som de destruição súbita e ativa que, na sua fúria triste, Nora percebeu que conseguia ignorar.

— A senhora não é a Sra. Elm. A Sra. Elm está morta... E eu? Eu estou morta?

— Já conversámos sobre isso. Mas agora que falas no assunto, talvez estejas prestes a morrer...

— Porque é que já não estou lá? Porque é que não estou lá? Consegui pressentir que estava a acontecer, mas não queria que acontecesse. A senhora disse que se eu encontrasse uma vida que quisesse viver, que quisesse *mesmo* viver, então podia lá ficar. Disse que ia acabar por me esquecer deste lugar estúpido. Disse

que eu podia encontrar a vida que queria. Aquela era a vida que eu queria. Era aquela vida!

Ainda há instantes estava no jardim com Ash e Molly e *Platão*, num jardim cheio de vida e amor, e agora estava ali.

— Leve-me de volta...

— Sabes que isto não funciona assim.

— Então, leve-me para a variação mais próxima. Dê-me a vida o mais próximo possível daquela. Por favor, Sra. Elm, deve ser possível. Deve haver uma vida em que eu fui beber café com o Ash e em que tivemos a Molly e o *Platão*, mas em que... eu fiz qualquer coisa diferente. Por isso, seria tecnicamente outra vida. Como se tivesse escolhido uma coleira diferente para o *Platão*. Ou... ou... onde eu... sei lá, fizesse pilates em vez de yoga? Ou em que tivesse andado numa faculdade diferente em Cambridge? Ou se tiver de ser um pouco mais para trás, em que saímos para beber chá em vez de café? Essa vida. Leve-me para a vida em que fiz isso. Vá lá. Por favor. Ajude-me. Eu gostava de experimentar uma dessas vidas, por favor...

O computador começou a deitar fumo. O ecrã ficou preto. Todo o monitor se estilhaçou em mil pedaços.

— Não estás a entender — disse a Sra. Elm, derrotada, enquanto se deixava cair para trás na cadeira de escritório.

— Mas é isso que acontece, não é? Eu escolho um arrependimento. Alguma coisa que gostava de ter feito de forma diferente... E a seguir a senhora encontra o livro. Eu abro o livro e vivo o livro. É assim que esta biblioteca funciona, não é?

— Não é assim tão simples.

— Porquê? Há algum problema de transferência? Como já aconteceu antes?

A Sra. Elm olhou para ela com tristeza.

— É mais do que isso. Sempre houve uma forte probabilidade de a tua vida antiga acabar. Eu disse-te isso, não disse? Querias morrer e talvez tenhas morrido.

— Mas a senhora disse que eu só precisava de um sítio para onde ir. «Algures onde aterrar», foi isso que disse. «Outra vida.» Foram estas as suas palavras exatas. E tudo o que precisava de fazer era pensar arduamente, escolher a vida certa e...

— Eu sei, eu sei. Mas as coisas não resultaram dessa forma.

O teto estava a desabar, as placas iam caindo, como se o gesso não fosse mais estável do que a cobertura de açúcar de um bolo de noiva.

Nora reparou numa coisa ainda mais perturbadora. Uma fagulha saltou de uma das lâmpadas e pousou num dos livros, que a seguir começou a arder e se transformou numa explosão de chamas. Não tardou a que o fogo se espalhasse por toda a prateleira, com os livros a arder tão depressa como se estivessem ensopados em gasolina. Era uma corrente quente e furiosa de âmbar que rugia. Depois outra fagulha viajou até uma estante diferente e também essa se incendiou. Mais ou menos no mesmo instante, um enorme pedaço do teto poeirento caiu aos pés de Nora.

— Para debaixo da mesa! — ordenou a Sra. Elm. — Já!

Nora curvou-se e seguiu a Sra. Elm — agora de gatas — para

debaixo da mesa, onde se sentou sobre os joelhos e foi forçada a manter a cabeça baixa, como a bibliotecária.

— Porque é que não consegue impedir isto?

— Porque agora é uma reação em cadeia. Aquelas fagulhas não são aleatórias. Os livros vão ser destruídos. E depois, com a mesma inevitabilidade, todo este lugar vai desabar.

— Porquê? Não entendo. Eu estive lá. Encontrei a vida que era certa para mim. A única vida certa para mim. A melhor que podia haver...

— Mas o problema foi mesmo esse — redarguiu a Sra. Elm, olhando com nervosismo por baixo das pernas de madeira da mesa à medida que mais estantes se incendiavam e os destroços caíam à sua volta. — Mesmo assim, não foi o suficiente. Olha!

— Para onde?

— Para o teu relógio. Vai acontecer a qualquer instante.

Então, Nora olhou, mas inicialmente não viu nada de estranho — até que tudo começou a acontecer. Subitamente, o relógio começou a comportar-se como um relógio. Os algarismos no mostrador começaram a avançar.

00:00:00

00:00:01

00:00:02

— O que é que está a acontecer? — perguntou ela, percebendo que fosse lá o que fosse não devia ser muito bom.

— O tempo. É isso que está a acontecer.

— Como é que nós vamos sair daqui?

00:00:09

00:00:10

— Nós, não — retorquiu a Sra. Elm. — O *nós* não existe. Eu não posso sair da biblioteca. Quando a biblioteca desaparecer, eu também desapareço. Mas tu ainda tens uma hipótese de sair, embora já não tenhas muito tempo. Não te resta mais de um minuto...

Nora tinha acabado de perder uma Sra. Elm, não queria perder esta também. A Sra. Elm apercebeu-se da sua agitação.

— Escuta. Eu faço parte da biblioteca, mas esta biblioteca inteira faz parte de ti. Compreendes? Não és tu que existes por causa da biblioteca, é esta biblioteca que existe por tua causa. Lembras-te da tua conversa com o Hugo? Ele disse-te que esta foi a forma mais simples que o teu cérebro encontrou para traduzir a estranha e multifacetada realidade do Universo. Então, isto é apenas o teu cérebro a traduzir qualquer coisa. Algo significativo e perigoso.

— Até aí já tinha entendido.

— Mas uma coisa é muito clara: tu não querias aquela vida.

— Era a vida perfeita.

— Sentiste isso? O tempo todo?

— Sim. Quero dizer... queria sentir. Ou seja, eu amava a Molly. Podia ter amado o Ash. Mas presumo que... talvez sentisse que não era a *minha* vida. Que não fui eu quem a construiu. Eu entrei numa outra versão de mim. Era uma fotocópia introduzida na vida perfeita. Mas não era eu de verdade.

00:00:15

— Não quero morrer — disse Nora, com a voz a erguer-se subitamente, mas ao mesmo tempo frágil. Todo o seu ser estremecia profundamente. — *Eu não quero morrer.*

A Sra. Elm olhou para ela com os olhos arregalados. Nos seus olhos brilhava uma pequena centelha de uma ideia.

— Tens de sair daqui.

— Não consigo! A biblioteca continua até ao infinito, que diabo! Assim que cá entrei, a porta desapareceu.

— Então, tens de a encontrar novamente.

— Como? Não há portas.

— Quem é que precisa de uma porta quando tem um livro?

— Os livros estão todos a arder.

— Há um que não está. É esse que precisas de encontrar.

— O *Livro dos Arrependimentos*?

A Sra. Elm quase se riu.

— Não. Esse é o último livro de que precisas agora. Por esta altura, já estará reduzido a cinzas. Deve ter sido o primeiro livro a arder. Tens de ir por ali! — Apontou para a esquerda, para o caos de fogo e destroços. — É a décima primeira fila para aquele lado. Terceira prateleira a contar de baixo.

— Mas a biblioteca está prestes a desmoronar-se completamente!

00:00:21

00:00:22

00:00:23

— Não percebes, Nora?

— Não percebo o quê?

— Tudo faz sentido. Desta vez, tu regressaste à Biblioteca não porque querias morrer, mas porque *querias viver*. Esta biblioteca não está a desmoronar-se porque te quer matar. Está a desmoronar-se para te dar uma oportunidade de voltares. Algo de decisivo aconteceu, finalmente. Tu decidiste que queres estar viva. Agora, vai e vive, enquanto ainda tens essa possibilidade.

— Mas... então e a senhora? O que lhe vai acontecer?

— Não te preocupes. Prometo-te que não vou sentir absolutamente nada. — E foi então que lhe contou o que a verdadeira Sra. Elm lhe tinha dito quando a abraçara na biblioteca da escola, no dia da morte do pai. — As coisas vão melhorar, Nora. Vai ficar tudo bem.

A Sra. Elm levou a mão ao tampo da secretária e procurou apressadamente por qualquer coisa. Um segundo depois, entregou a Nora uma caneta de tinta permanente, de plástico cor de laranja. Como a que ela tinha na escola. Aquela em que reparara há séculos.

— Vais precisar disto.

— Porquê?

— Porque este livro ainda não está escrito. Tens de o começar.

Nora aceitou a caneta.

— Adeus, Sra. Elm.

Um segundo depois, um pedaço enorme do teto caiu em cima da mesa. Uma espessa nuvem de pó envolveu-as, deixando-as asfixiadas.

00:00:34

00:00:35

— Vai — tossiu a Sra. Elm. — *Vive.*

Não Te Atrevas a Desistir, Nora Seed!

Nora foi caminhando por entre a névoa de poeira e fumo, seguindo na direção que a Sra. Elm apontara, enquanto o teto continuava a desabar.

Tinha dificuldade em respirar, e em ver, mas conseguira contar as filas de estantes. As fagulhas iam caindo em cima da sua cabeça.

O pó instalava-se na sua garganta provocando-lhe vômitos. Mas mesmo no meio do nevoeiro empoeirado conseguia ver que a maior parte dos livros estava a arder. Na verdade, nenhuma das estantes parecia estar intacta, e o calor era perturbador. Algumas das primeiras estantes e livros a arder estavam agora reduzidos a cinzas.

Quando chegou à décima primeira fila, foi atingida por um enorme pedaço de gesso do teto que a atirou ao chão.

Comprimida por baixo dos destroços, sentiu a caneta a fugir-lhe da mão e a afastar-se.

A sua primeira tentativa para se libertar não foi bem-sucedida.

É agora. É aqui que eu vou morrer, mesmo que não queira. Vou morrer.

A biblioteca era um palco de destruição.

00:00:41

00:00:42

Estava tudo acabado.

Nora tinha novamente certeza disso. Ia morrer ali, enquanto todas as vidas que podia eventualmente ter vivido eram consumidas pelas chamas que a rodeavam.

Mas foi então que o viu, por entre uma brecha aberta nas nuvens de pó. Ali, na décima primeira fila. Terceira prateleira a contar de baixo.

Um hiato no fogo que consumia os restantes livros da prateleira.

Eu não quero morrer.

Tinha de tentar com mais afinco. Tinha de desejar a vida que sempre pensara que não queria. Porque, na mesma medida que aquela biblioteca fazia parte dela, o mesmo acontecia com as outras vidas todas. Ela podia não ter sentido tudo o que sentira naquelas vidas, mas tinha essa capacidade. Podia ter deixado escapar algumas oportunidades que a levariam a ser nadadora olímpica, ou viajante, ou dona de uma vinha, ou estrela de *rock*, ou a glacióloga que ia salvar o planeta, ou licenciada em Cambridge, ou mãe, ou um milhão de outras coisas, mas, de certa forma, ela continuava a ser *todas* aquelas pessoas. Todas eram Nora. Ela podia ter tido todas aquelas vidas extraordinárias e, como se apercebeu de imediato, isso não era nem um pouco deprimente. Era inspirador. Porque agora tinha visto o tipo de coisas que era capaz de fazer quando se dedicava seriamente.

Tinha visto que, na realidade, a vida que vivera até então tinha a sua lógica. O irmão estava vivo. Izzy também. E ajudara um jovem a manter-se longe de sarilhos. O que por vezes nos parece um beco sem saída é apenas uma ilusão da mente. Ela não precisava de ter uma vinha ou um pôr do sol na Califórnia para ser feliz. Nem sequer precisava de uma casa enorme e de uma família perfeita. Só precisava de saber que tinha potencial. E ela não era nada a não ser potencial. Questionou-se por que motivo nunca percebera isso.

Ouviu a voz da Sra. Elm algures ao longe, debaixo da mesa, a trespassar o ruído.

— Não desistas! Não te *atrevas* a desistir, Nora Seed!

Ela não queria morrer. Mas também não queria viver nenhuma outra vida que não fosse a sua. Às vezes, podia ser uma luta algo confusa, mas era a sua luta confusa. Era uma luta confusa e maravilhosa.

00:00:52

00:00:53

Enquanto se contorcia, empurrava e resistia ao peso que a esmagava, e à medida que os segundos passavam, lá conseguiu — depois de um grande esforço que lhe queimou e asfixiou os pulmões — levantar-se novamente.

Tateou no chão ao seu redor e encontrou a caneta, coberta por uma espessa camada de pó. A seguir, correu por entre o fumo e chegou à décima primeira fila.

Lá estava ele.

O único livro que não estava a arder. Ainda se encontrava ali, perfeitamente verde.

Estremecendo com o calor, pousou o indicador com muito cuidado e puxou o cimo da lombada do livro até este sair da estante. Depois, fez o que sempre fazia. Abriu o livro e tentou encontrar a primeira página. Porém, aquele livro não tinha uma primeira página. Não havia uma única palavra em todo o livro. Estava completamente em branco. À semelhança dos outros livros, aquele era o livro do seu futuro. Mas ao contrário dos outros, naquele o futuro ainda não estava escrito.

Então era isso. Aquela era a *sua* vida. A vida de base.

E era uma página em branco.

Nora deixou-se ficar ali durante uns instantes, com a velha caneta da escola na mão. Passava quase um minuto da meia-noite.

Os restantes livros nas prateleiras tinham sido transformados em cinza e a lâmpada que ainda estava suspensa do teto tremeluzia por entre o pó, iluminando vagamente o teto fraturado. Um enorme pedaço à volta da lâmpada — mais ou menos com a forma de França — parecia prestes a cair-lhe em cima.

Nora tirou a tampa da caneta e encostou o livro aberto às pilhas de estantes chamuscadas.

O teto gemeu.

Já não tinha muito tempo.

Começou a escrever. *Nora ansiava por viver.*

Assim que acabou a frase, esperou uns segundos. Era frustrante, mas não tinha acontecido nada. Depois lembrou-se de que, a certa altura, a Sra. Elm lhe dissera: «“Anseio” é uma palavra interessante. Implica a ausência de qualquer coisa.» Por isso, riscou a primeira frase e tentou novamente.

Nora decidiu viver.

Nada. Tentou mais uma vez.

Nora estava preparada para viver.

Ainda nada, nem mesmo quando sublinhou a palavra «viver». À sua volta, via apenas desmoronamentos e escombros. O teto estava a cair, arrastando tudo consigo, abafando cada uma das estantes e transformando-as em pilhas de pó. Nora arquejou e conseguiu distinguir o vulto da Sra. Elm debaixo da secretária onde também se abrigara; ali estava ela, sem medo algum, até que desapareceu por completo quando o teto cedeu, estrangulando os restos de camas e estantes empilhadas.

Engasgada com o fumo, Nora já não conseguia ver o que quer que fosse.

Todavia, aquela parte da biblioteca estava a aguentar-se e ela ainda ali estava.

Ela sabia que a qualquer instante tudo podia desaparecer.

Por isso, parou de tentar pensar em alguma coisa para escrever e, num ato de desespero puro, escreveu a primeira coisa que lhe ocorreu, a única coisa que sentia dentro de si — um rugido desafiador que podia derrotar toda aquela destruição exterior. A única verdade que possuía, uma verdade da qual agora se

orgulhava e que a deixava feliz, uma verdade que não só entendera finalmente, mas que acolhera de braços abertos, com cada feroz molécula do seu ser. Uma verdade que rabiscou de modo rápido mas firme, pressionando a ponta da caneta com força sobre o papel, desenhando todas as letras em maiúsculas, na primeira pessoa do presente do indicativo.

Uma verdade que era o início e a semente de tudo o que era possível. Uma antiga maldição e uma atual bênção.

Três palavras simples que continham todo o poder e potencial de universos múltiplos:

EU ESTOU VIVA.

E foi então que o chão tremeu furiosamente e todos os pedaços que restavam da Biblioteca da Meia-Noite se transformaram em pó.

Despertar

Um minuto e vinte e sete segundos depois da meia-noite, Nora Seed assinalou o seu regresso à vida vomitando para cima do edredão.

Estava viva, mas por pouco.

Sufocada, exausta, desidratada, a debater-se, a tremer, pesada, em delírio, com dores fortes no peito e ainda mais fortes na cabeça — eram das piores sensações que se podia ter em vida, mas não deixava de ser vida, que era exatamente o que Nora queria.

De tão difícil, estava a revelar-se quase impossível levantar-se da cama, mas ela sabia que precisava de se erguer.

Conseguiu levantar-se sem saber como e pegou no telemóvel, mas este parecia demasiado pesado e escorregadio para o conseguir agarrar, por isso fugiu-lhe da mão e caiu no chão, onde ela deixou de o ver.

— Socorro — crocitou, cambaleando para fora do quarto.

O corredor parecia inclinar-se como um barco no meio de uma tempestade. Conseguiu chegar à porta sem desmaiar, a seguir puxou a corrente de segurança e, com grande esforço, abriu a porta.

— Por favor, ajudem-me.

Nem deu por estar a chover quando chegou à rua no seu pijama sujo de vômito; passou pelo degrau onde Ash estivera há pouco mais de um dia para lhe dar a notícia da morte do seu gato.

Não havia ninguém por perto.

Ninguém que conseguisse ver. Por isso, Nora caminhou de modo vacilante em direção à casa do Sr. Banerjee numa série de tropeções e desequilíbrios, até que conseguiu finalmente tocar à campainha.

Um quadrado súbito de luz apareceu do outro lado da janela da frente.

A porta abriu-se.

Ele não trazia os óculos e ficou confuso, talvez com o estado lastimável de Nora àquela hora da noite.

— Peço imensa desculpa, Sr. Banerjee. Fiz uma coisa muito estúpida. É melhor chamar uma ambulância...

— Oh, meu Deus. Mas que diabo aconteceu?

— Por favor.

— Sim. Vou chamar já. Agora mesmo...

00:03:48

Só então é que se permitiu desmaiar, caindo para a frente com uma velocidade considerável, aterrando em cheio no capacho do Sr. Banerjee.

O céu escurece

Preto sobre azul

Mas as estrelas ainda se atrevem

A brilhar para ti

Do Outro Lado do Desespero

Sartre escreveu em certa ocasião que «a vida começa do outro lado do desespero».

Já não estava a chover.

Nora já não estava na rua, mas sentada numa cama de hospital. Tinha sido levada para a enfermaria, tinha comido e já se sentia muito melhor. Depois do seu exame físico, o pessoal médico ficou muito satisfeito com ela. Aparentemente, era expetável que sentisse o abdómen dorido. Tentou impressionar o médico contando-lhe um facto que Ash lhe explicara acerca de o revestimento do estômago se renovar com regularidade.

Depois chegou uma enfermeira que se sentou na beira da cama dela com uma prancheta na mão, e Nora respondeu a uma resma de perguntas sobre o seu estado mental. Decidiu guardar a experiência na Biblioteca da Meia-Noite só para si, porque imaginava que não ficaria muito bem no relatório de avaliação psiquiátrica. Era seguro presumir que as pouco conhecidas realidades dos universos múltiplos ainda não teriam sido incorporadas nos planos de cuidados do Serviço Nacional de Saúde.

As perguntas e respostas continuaram durante o que lhe pareceu uma hora. Falaram de medicação, da morte da mãe, de

Volts, de ter ficado sem emprego, das preocupações monetárias, do diagnóstico de depressão situacional.

— Já alguma vez tinha tentado fazer uma coisa assim? — perguntou a enfermeira.

— Nesta vida, não.

— E como se sente agora?

— Não sei bem. Sinto-me um pouco estranha. Mas já não tenho vontade de morrer.

A enfermeira escreveu no formulário.

Depois de a enfermeira se ir embora, Nora observou através da janela o suave movimento das árvores com a brisa da tarde e ouviu o ruído distante do trânsito da hora de ponta que avançava lentamente na estrada que contornava Bedford. Não era mais do que árvores, trânsito e arquitetura medíocre, mas ao mesmo tempo era tudo.

Era a vida.

Pouco tempo depois, apagou a pequena mensagem suicida que publicara nas suas redes sociais e — num momento de sentimentalismo sincero — escreveu outra coisa. Intitulou-o «Uma Coisa Que Aprendi (Escrita por uma Ninguém Que Já Foi Toda a Gente).»

Uma Coisa Que Aprendi (Escrita por uma Ninguém Que Já Foi Toda a Gente)

É fácil lamentar as vidas que não estamos a viver. É fácil desejar termos desenvolvido outros talentos, termos dito que sim a ofertas diferentes. É fácil desejar que tivéssemos trabalhado mais, amado melhor, cuidado das nossas finanças com maior astúcia, sido mais populares, permanecido na banda, ido para a Austrália, aceitado aquele convite para café e feito muito mais aulas de yoga.

Não implica muito esforço sentir falta dos amigos que não conhecemos, do trabalho que não fizemos e das pessoas com quem não casámos, dos filhos que não tivemos. Não é difícil olharmos para nós através dos olhos das outras pessoas e desejarmos que pudéssemos ser todas as versões caleidoscópicas que eles querem que sejamos. É fácil termos arrependimentos, continuarmos a acumulá-los, *ad infinitum*, até o nosso tempo se acabar.

Mas o verdadeiro problema não são as vidas que nos arrependemos de não ter vivido. É o arrependimento em si. É o arrependimento que nos faz mirrar e murchar, que faz com que

sintamos que somos o pior inimigo — nosso e de toda a gente.

Não sabemos se alguma das outras versões de nós teria sido melhor ou pior. Essas vidas ainda estão a acontecer, é verdade, mas nós acontecemos com elas, e é neste último acontecimento que devemos concentrar-nos.

É claro que não podemos visitar todos os lugares e conhecer todas as pessoas nem ter todos os empregos, mas a maior parte daquilo que sentiríamos em qualquer uma dessas vidas está disponível para nós. Não precisamos de jogar todos os jogos para sabermos ao que sabe a vitória. Não precisamos de ouvir todas as peças musicais do mundo para entendermos a música. Não precisamos de ter provado todas as variedades de uvas de todas as vinhas para conhecermos o prazer do vinho. O amor, o riso, o medo e a dor são moedas universais.

Basta-nos fechar os olhos e saborear a bebida à nossa frente, ouvir a música enquanto ela está a tocar. Aqui estamos vivos de uma forma tão completa e definitiva como estaríamos em qualquer outra vida em que tivéssemos acesso ao mesmo espectro emocional.

Basta-nos ser uma pessoa.

Basta-nos sentir uma existência.

Não precisamos de *fazer* tudo para podermos ser tudo, porque já somos infinitos. Enquanto estivermos vivos, existirá sempre em nós um futuro de possibilidades múltiplas e diversas.

Por isso, vamos ser bondosos para as pessoas que povoam a nossa existência. Vamos levantar os olhos de vez em quando

do ponto em que nos encontramos, porque, não importa onde estivermos, o céu estende-se eternamente por cima de nós.

Ontem, eu sabia que não tinha futuro e que era impossível aceitar a minha vida como ela é agora. No entanto, hoje, aquela mesmíssima vida complicada de ontem parece-me plena de esperança. De potencial.

Acho que o impossível acontece através da vivência.

Será a minha vida milagrosamente isenta de dor, desespero, mágoa, desgosto, dificuldades, solidão, depressão? Não.

Mas quero continuar a vivê-la?

Sim. *Sim.*

Mil vezes sim.

Viver *Versus* Entender

Passados alguns minutos, o irmão entrou na enfermaria para a ver. Tinha ouvido a mensagem que ela lhe deixara e respondera com uma mensagem de texto sete minutos depois da meia-noite. «Tudo bem, mana?» Depois, quando o hospital entrou em contacto com ele, apanhou o primeiro comboio para Londres. Enquanto esperava na estação de St. Pancras, comprou a última edição da *National Geographic* para a irmã.

— Dantes adoravas esta revista — disse-lhe ele, ao pousá-la ao lado da cama do hospital.

— Continuo a gostar.

Era bom vê-lo. As sobrancelhas hirsutas e o sorriso relutante ainda eram os mesmos. Joe caminhava de uma forma meio estranha, de cabeça curvada, o cabelo mais comprido do que nas duas vidas anteriores em que Nora o vira.

— Desculpa ter estado tão ausente ultimamente — disse ele. — Não teve nada que ver com o que o Ravi te disse. Eu já nem sequer penso nos The Labyrinths. Estou só a passar por uma fase estranha. Depois de a mãe morrer, andava com um tipo, e a nossa separação foi muito difícil, feia mesmo, e eu não tinha grande vontade de falar contigo sobre isso. Nem contigo nem com ninguém. Só me apetecia beber. E andava a beber demasiado.

Estava a tornar-se um problema sério. Mas também já fui procurar ajuda para isso. Há semanas que não bebo nada. E agora até vou ao ginásio e tudo. Comecei a fazer treino de *crossfit*.

— Oh, Joe, coitado de ti. Lamento pela separação. E por tudo o resto.

— Eu só te tenho a ti, mana — disse ele, com a voz ligeiramente embargada. — Sei que não te dei o devido valor. Sei que nem sempre fui o melhor irmão, quando éramos miúdos. Mas eu tinha de tentar lidar com as minhas próprias merdas. Tinha de ser de uma certa forma por causa do pai. De esconder a minha sexualidade. Sei que a vida não foi fácil para ti, mas para mim também não foi. Tu eras boa em *tudo*. Na escola, na nataçã, na música. Eu não te chegava aos calcanhares... Além disso, o pai era o pai, e eu tinha de ser uma versão falsificada daquilo que ele achava que um homem devia ser. — Suspirou. — É esquisito. É provável que nós os dois recordemos tudo isto de formas diferentes. Mas não me abandones, está bem? Deixar a banda foi uma coisa. Mas não deixes a existência. Com isso eu não consigo lidar.

— Eu não deixo, se tu não deixares — disse ela.

— Confia em mim, eu não vou a lado nenhum.

Pensou na dor que a engolira quando estava em São Paulo e ficara a saber da morte de Joe por *overdose*; agora, pediu-lhe que a abraçasse. Ele fez-lhe a vontade, delicadamente, e Nora sentiu o calor de vida que o seu corpo emanava.

— Obrigada por teres saltado para o rio atrás de mim — disse

ela.

— O quê?

— Eu sempre pensei que não tinhas saltado. Mas tu tentaste. Eles é que te tiraram de lá. Obrigada.

Subitamente, Joe percebeu do que ela estava a falar. E ficou bastante confuso por ela saber daquilo, uma vez que estava a nadar na direção contrária.

— Oh, mana. Eu adoro-te. Nós éramos novos e inconscientes.

Joe ausentou-se durante uma hora. Foi buscar as chaves de casa ao senhorio de Nora, emalou algumas roupas dela e pegou no telemóvel.

Nora viu que Izzy lhe tinha enviado uma mensagem.

Desculpa não ter respondido ontem à noite/hoje de manhã. Queria ter uma conversa a sério contigo! Tese, antítese, síntese, tudo e mais alguma coisa. Como estás? Tenho saudades tuas. Oh, e adivinha? Estou a pensar em regressar ao Reino Unido em junho. De vez. Sinto a tua falta, minha amiga. E tenho uma CARRADA de fotos de cachalotes para te mandar. XXX

Involuntariamente, Nora produziu um ruído suave de alegria no fundo da garganta.

Respondeu à mensagem. Era interessante, matutou, como às vezes a vida nos oferecia simplesmente uma perspetiva inteiramente nova, bastava ficar por cá tempo suficiente para a ver.

Foi ao *Facebook* e procurou a página do Instituto Internacional de Investigação Polar. Estava lá a fotografia da mulher com quem partilhara a cabina — Ingrid — junto ao líder de campo, Peter, que manejava uma broca fina de perfuração para medir a grossura do gelo marinho, com um link para um artigo intitulado «Investigação do IIIP confirma que a última década foi a mais quente na região do Ártico». Nora partilhou o artigo e comentou: «Continuem o excelente trabalho!» Depois decidiu que, quando tivesse algum dinheiro, iria contribuir para o trabalho deles.

Os médicos chegaram a acordo e deram alta a Nora. O irmão chamou-lhe um Uber. Quando iam a sair do parque de estacionamento, Nora viu Ash a chegar ao hospital. Devia estar no turno da noite. Nesta vida, ele tinha um carro diferente. Ash não a viu, não obstante o sorriso que ela lhe dirigiu. Nora esperou que ele fosse feliz. Esperou que só tivesse um turno fácil de vesículas biliares à sua frente. Talvez ela aparecesse para o ver na meia-maratona de Bedford, no domingo. Talvez *ela* o convidasse para beber um café.

Talvez.

No banco de trás do carro, o irmão contou-lhe que estava à procura de trabalho como freelancer.

— Estava a pensar em ser engenheiro de som — disse ele. — Ainda só por alto...

Nora ficou feliz por ouvir aquilo.

— Bem, eu acho que devias tentar. Acho que ias gostar. Não sei porquê. É um pressentimento que tenho.

— Está bem.

— Quero dizer, pode não ser tão glamoroso como ser uma estrela de *rock* internacional, mas talvez seja mais... seguro. Talvez até mais animado.

Era um peixe difícil de vender e Joe não estava totalmente convencido, mas sorriu e assentiu com a cabeça.

— Na verdade, há um estúdio em Hammersmith que andava à procura de um engenheiro de som. Fica a cinco minutos da minha casa. Até podia ir a pé.

— Hammersmith? Sim, é isso.

— É isso? Como assim?

— Acho que soa bem, só isso. Hammersmith, engenheiro de som. Soa a uma vida feliz.

Ele riu-se dela.

— Pronto Nora. Está bem. E o ginásio de que te falei, sabes? Fica mesmo ao lado do tal estúdio.

— Ah, que maravilha. Há lá rapazes simpáticos?

— Por acaso até há, um pelo menos. Chama-se Ewan. É médico. E também faz as aulas de *crossfit*.

— Ewan! Sim!

— Quem?

— Devias convidá-lo para sair.

Joe soltou uma gargalhada, achando que a irmã estava a brincar.

— Nem sequer tenho a certeza absoluta de que ele seja gay.

— É, sim! É gay. Ele é *cem por cento gay*. E acha-te *cem por cento* de graça, também. O Dr. Ewan Langford. Convida-o para sair. Tens de confiar em mim! Vai ser a melhor decisão que vais tomar na vida...

O irmão ainda ia a rir-se quando o carro parou em frente ao n.º 33A da Bancroft Avenue. Pagou a viagem, porque Nora não tinha dinheiro na carteira.

O Sr. Banerjee estava sentado à janela, a ler.

Ainda na rua, Nora viu o irmão a olhar espantado para o telemóvel.

— O que foi, Joe?

Ele mal conseguia falar.

— Langford?

— Desculpa?

— Dr. Ewan Langford... Nem eu sabia que o apelido dele era Langford, mas é ele.

Nora encolheu os ombros.

— É intuição de irmã. Adiciona-o. Segue-o. Envia-lhe uma mensagem. Faz o que tiveres de fazer. Bem, menos mandar *nudes* sem ele te pedir. Mas ele é o tal. Estou a dizer-te. Ele é o tal.

— Mas como é que sabias que era ele?

Ela pegou no braço do irmão, consciente de que não havia explicação possível que lhe pudesse oferecer.

— Ouve-me com atenção, Joe. — Lembrou-se da antifilosofia da Sra. Elm na Biblioteca da Meia-Noite. — Tu não precisas de *entender* a vida. Tens apenas de a *viver*.

Enquanto o irmão se encaminhava para a porta do n.º 33A da Bancroft Avenue, Nora olhou em redor para as moradias em banda, para os candeeiros de rua e as árvores sob o mesmo céu e sentiu os pulmões a encherem-se de ar perante a maravilha que era estar ali, a testemunhar tudo aquilo como se fosse a primeira vez. Talvez numa daquelas casas vivesse outro planador, alguém na terceira ou décima sétima versão final de si mesmo. Ela ia ficar atenta.

Olhou para o n.º 31.

O rosto do Sr. Banerjee iluminou-se do outro lado da janela quando viu Nora sã e salva. Ele sorriu e articulou «Obrigado», como se o simples facto de ela estar viva fosse algo por que ele devia dar graças. No dia seguinte, ia arranjar algum dinheiro e passar no centro de jardinagem para lhe comprar plantas para os canteiros. Dedaleiras, talvez. De certeza que o Sr. Banerjee gostava de dedaleiras.

— Não — disse ela, de volta, soprando-lhe um beijo. — *Obrigada eu*, Sr. Banerjee! Obrigada por tudo!

E ele sorriu ainda mais, com os olhos carregados de bondade e preocupação, fazendo Nora recordar o que era cuidar de alguém e ter alguém que cuidasse de si. Seguiu o irmão para o interior do apartamento, para começar a arrumar, e viu de relance os vasos de íris no jardim do Sr. Banerjee. Eram flores que antes não apreciava, mas que agora a enfeitavam com o tom mais deslumbrante de lilás que alguma vez vira. Era como se as flores não fossem apenas cores, mas sim parte de uma linguagem, notas

numa gloriosa melodia floral, tão poderosas quanto Chopin, comunicando silenciosamente a majestade arrebatadora da própria vida.

O Vulcão

É uma enorme revelação descobrir que o lugar para onde queríamos fugir é o mesmíssimo lugar de onde fugimos. Que a prisão não era o sítio, mas sim a perspectiva. E a descoberta mais peculiar que Nora fez foi a de que, de todas as variações extremamente diferentes de si que experimentara, a mudança de sentido mais radical aconteceu dentro de uma mesma vida. Aquela com que começou e na qual acabou.

A viragem mais profunda e significativa aconteceu não por se ter tornado mais rica, ou mais bem-sucedida, ou mais famosa, nem por ter estado entre os glaciares e os ursos-polares de Svalbard. Aconteceu por ter acordado na mesma cama, no mesmo apartamento acanhado e húmido, com o sofá puído e a iúca e os três gatos nos seus vasilhinhos, com as estantes e os manuais de yoga por abrir.

Ali estavam o mesmo piano elétrico e os mesmos livros. Ali estava a mesma ausência triste de um felino e a falta de emprego. Ali estava ainda a mesma incapacidade de conhecer a vida que tinha pela frente.

E, no entanto, tudo era diferente.

E era diferente porque Nora já não sentia que existia unicamente com o propósito de servir os sonhos das outras

peessoas. Já não pensava que só poderia sentir-se plenamente realizada se fosse uma versão imaginária perfeita de filha, de irmã, de companheira, de mulher, de mãe, de funcionária do mês ou de qualquer outra coisa além de um ser humano a orbitar com o seu exclusivo propósito e responsável por si mesma.

E era diferente porque ela estava viva, quando já tinha estado quase morta. E porque tinha sido esta a sua escolha. A escolha de viver. Porque tinha tocado na vastidão da vida e nessa vastidão vira a possibilidade não só do que podia fazer, mas também do que podia sentir. Havia outras escalas e outros tons. Para Nora, havia mais do que uma mera linha plana de depressão suave a moderada, salpicada com acessos ocasionais de desespero. E isso dava-lhe esperança. Dava-lhe também a mais pura e simples *gratidão* sentimental por poder estar aqui, nesta vida, sabendo que tinha potencial para gostar de observar céus radiosos e comédias medíocres com o Ryan Bailey, de ser feliz a ouvir música e a conversar ao ritmo do seu próprio coração.

E era diferente porque, acima de todas as coisas, aquele pesado e doloroso *Livro dos Arrependimentos* tinha sido satisfatoriamente reduzido a pó.

— Olá, Nora. Sou eu, a Doreen.

Nora ficou feliz por ter notícias dela, já que estava a meio de escrever um bonito anúncio para as suas aulas de piano.

— Oh, Doreen! Posso pedir-lhe desculpa por ter falhado a aula de piano no outro dia?

— Isso são águas passadas.

— Bem, não vou poder explicar todas as razões — continuou Nora, ofegante. — Mas gostava só de dizer que não voltarei a estar na mesma situação. Prometo que, no futuro, caso queira continuar com as aulas de piano do Leo, estarei onde é esperado que esteja. Não vos vou desiludir. É claro que compreendo perfeitamente se não quiser que eu continue a ser a professora de piano do Leo. Mas quero que saiba que ele tem um talento excecional. Ele tem sensibilidade para o piano. E pode acabar por fazer uma carreira com esse talento. Pode até ir para a Royal College of Music. Por isso, gostava apenas de dizer que, mesmo que não mantenha as aulas comigo, acho que ele devia continuar a aprender noutro lado. Era só isto...

Seguiu-se uma longa pausa. Só se ouvia a estática arranhada da respiração telefónica. Até que:

— Nora, querida, está tudo bem, não preciso de um monólogo tão grande. A verdade é que ontem fomos os dois à cidade, eu e o Leo. Eu ia comprar-lhe um gel de limpeza para o rosto e ele perguntou «Eu ainda vou continuar com as aulas de piano, não vou?» Ali mesmo, na Boots. Continuamos no ponto onde ficámos na semana passada?

— A sério? Isso é espantoso! Sim, então até para a semana.

Assim que desligou o telemóvel, Nora sentou-se ao piano e tocou uma música que nunca tinha tocado antes. Gostou do que estava a tocar e prometeu lembrar-se dela e compor uma letra. Talvez pudesse transformá-la numa canção a sério e publicá-la algures online. Talvez escrevesse mais canções. Ou talvez devesse

poupar dinheiro para fazer um mestrado. Ou então fazia as duas coisas. Quem sabe? Enquanto tocava, olhou de relance por cima do ombro e viu a revista — a que Joe lhe comprara — aberta numa fotografia do vulcão Krakatoa, na Indonésia.

O paradoxo dos vulcões consistia no facto de serem ao mesmo tempo símbolos de destruição mas também de criação de vida. Quando a lava abranda e arrefece, solidifica e, com o tempo, dá origem a solo — um solo fértil e rico.

Nora não era um buraco negro, decidiu. Era um vulcão. E tal como um vulcão, não podia fugir de si mesma. Tinha de ficar ali e cuidar daquele terreno árido.

Podia plantar uma floresta inteira dentro de si.

Como Tudo Acaba

A Sra. Elm parecia bastante mais velha do que quando estava na Biblioteca da Meia-Noite. O cabelo que antes era grisalho estava agora branco e ralo; o rosto, cansado e tão vincado como um mapa; as mãos, manchadas com a idade. Ainda assim, continuava tão capaz no xadrez como tantos anos antes, quando jogavam na biblioteca da escola de Hazeldene.

O lar de Oak Leaf tinha o seu próprio tabuleiro de xadrez, mas precisava de uma boa limpeza.

— Aqui ninguém joga — disse ela a Nora. — Fico tão feliz por teres vindo visitar-me. Foi uma surpresa muito boa.

— Oh, se quiser, posso vir cá todos os dias, Sra. Elm.

— Louise, por favor, trata-me por Louise. E não tens trabalho para fazer?

Nora sorriu. Apesar de só se terem passado 24 horas desde que pedira a Neil para afixar o seu anúncio na Teoria das Cordas, já tinha sido inundada por contactos de pessoas que queriam ter aulas de piano.

— Eu dou aulas de piano. E ajudo os sem-abrigo terça-feira sim, terça-feira não. Mas terei sempre uma hora para si... E, para ser honesta, também não tenho mais ninguém com quem jogar xadrez.

Um sorriso cansado espalhou-se pelo rosto da Sra. Elm.

— Ah, isso seria maravilhoso. — Então, olhou pela pequena janela do seu quarto e Nora seguiu o seu olhar. Reconheceu a pessoa e o cão. Era Dylan a passear Sally, a sua mastim. A cadela nervosa com as queimaduras de cigarros que se deitara em cima dela. Questionou-se vagamente se o senhorio a deixaria ter um cão. Afinal, deixara-a ter um gato. Mas tinha de esperar até ter a renda em dia.

— Pode ser um bocadinho solitário — disse a Sra. Elm. — Estar aqui, sabes... Sentada sem fazer nada. Senti que o jogo tinha acabado. Que era o rei solitário em cima do tabuleiro. É que, eu não sei como te lembras de mim, mas fora da escola nem sempre fui... — Hesitou. — Desiludi as pessoas. Nem sempre fui uma pessoa *fácil*. Fiz coisas das quais me arrependo. Fui uma má esposa. E também nem sempre fui boa mãe. As pessoas desistiram um pouco de mim e não as posso culpar inteiramente por isso.

— Bem, para mim foi sempre bondosa, Sra... Louise. Quando eu tinha alguma dificuldade na escola, a senhora sabia sempre o que me dizer.

A Sra. Elm inspirou calmamente.

— Obrigada, Nora.

— E agora já não está sozinha no tabuleiro. Chegou um peão para lhe fazer companhia.

— Tu nunca foste um peão.

Fez a sua jogada. Um bispo que avançou para uma posição forte.

Um sorriso ligeiro ergueu-lhe os cantos da boca.

— Vai ganhar este jogo — disse Nora.

Os olhos da Sra. Elm cintilaram subitamente, inundados de vida.

— Bem, a beleza é essa, não é? Nunca se sabe como vai acabar.

Nora sorriu enquanto fitava as peças que lhe restavam no tabuleiro e pensava na jogada que ia fazer a seguir.

Edição original

Título: *The Midnight Library*

Texto: © 2020 Matt Haig

Capa: © Rafaela Romaya

Publicado pela Canongate Books, Edimburgo.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *A Biblioteca da Meia-Noite*

Tradução: Ana Mendes Lopes

Revisão: Teresa Antunes

Paginação eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-564-518-3

ISBN edição ePub: 978-989-564-519-0

1.^a edição: maio de 2021

Versão 1.0 • maio de 2021

© 2021 **Topseller**, uma chancela da **20|20 Editora**.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [f topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá devolvê-lo diretamente à Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas.
Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

A Biblioteca da Meia-Noite é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.